ENA TWIGG MEDIUM

ENNA TWIGG
E RUTH HAGY BROD

TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

Copyright 1972

AO meu marido e amigo, Harry Twigg: Esta é uma pequena tentativa de dizer "obrigada" pelo teu esforço e ajuda ao longo dos anos no estabelecimento da verdade.
AOS meus queridos amigos em ambos os mundos, que tanto ajudaram durante a escrita deste livro,

E A Ruth, alma valente, que trabalhou longa e arduamente na recolha do material e na redação.

PRÓLOGO

por Ruth Hagy Brod

A realidade deste livro sobre Ena Twigg e a minha participação em ajudá-lo a ganhar forma cumpre uma profecia que ela me fez a 21 de junho de 1969. Foi a data em que o meu marido, Albert, e eu conhecemos Ena Twigg pela primeira vez. Nem Albert nem eu alguma vez tínhamos ido a uma médium.

Estávamos em Inglaterra, a participar na Conferência Anglo-Americana sobre Planeamento Urbano em Ditchley Manor, perto de Oxford. Eu representava a cidade de Nova Iorque como assistente do vice-presidente da câmara e diretora do Conselho de Coordenação de Voluntários do Presidente da Câmara. O meu marido, membro da Bolsa de Valores de Nova Iorque, estava presente como consultor económico e financeiro.

Tínhamos alguns dias para passar em Londres antes de tirar umas curtas férias em Espanha, e eu escrevera com antecedência, de Nova Iorque, para marcar encontros com dois ou três médiuns britânicos de destaque. O nosso interesse em conhecê-los tinha sido despertado por relatos que ouvimos de outros membros da Association for Research and Enlightenment—o grupo de Edgar Cayce. Fiquei particularmente impressionada com o relato da minha amiga Lucille Kahn sobre a sua sessão com Ena Twigg e aguardava com expectativa conhecer esta famosa médium, embora não soubesse bem o que esperar.

Apesar de ser jornalista profissional há mais de vinte e cinco anos, com carreira feita em todos os meios—jornais, revistas e televisão—na altura da nossa visita a Ena eu estava profundamente envolvida, havia sete anos, no programa contra a pobreza e nos problemas urbanos da cidade de Nova

Iorque. Por isso, fiquei algo surpreendida quando a senhora Twigg disse: "Esse é um belo livro que escreveu. Vai ajudar muitas pessoas."

Protestei, dizendo que não tinha escrito livro algum. Ela apenas sorriu e disse: "Bem, eu vejo-o bem claramente no braço da sua cadeira. Tome nota disso."

Naquele momento nada podia estar mais afastado da minha mente do que escrever um livro. Mas respondi em tom de brincadeira: "Bem, talvez seja sobre si." Todos rimos.

Dois anos mais tarde, a primeira parte da sua previsão cumpriu-se, e aqui está o livro de Ena Twigg. Foi uma alegria e um privilégio trabalhar nele.

Com a ajuda dos amigos espirituais de Ena, esperamos que a segunda parte da previsão também se cumpra: que este livro ajude muitas pessoas.

AGRADECIMENTOS

As autoras desejam expressar o seu profundo agradecimento a todos os amigos, colegas e participantes que partilharam connosco o seu material para este livro.

Queremos ainda reconhecer e agradecer a ajuda especial de: Maurice Barbanell, editor do *Psychic News*; Peter Grafton, Jimmy Grafton e Stella Richards, em Inglaterra; Rev. William V. Rauscher e Rev. Paul L. Higgins, da *Spiritual Frontiers Fellowship*; Mrs. Kerry Hart Stowell, Mrs. Sue Kaplan, Joy Miller e Albert T. Brod, na América.

Agradecemos também a autorização para utilizar material com direitos de autor das seguintes obras:

- "How I Became a Medium", de Ena Twigg, em *The Psychic Reader*, editado por Martin Ebon (Nova Iorque: World Publishing Co., 1969).
- *This Is Spiritualism*, de Maurice Barbanell (Londres: Herbert Jenkins, Ltd., 1959).
- *Spiritualism Today*, de Maurice Barbanell (Londres: Herbert Jenkins, Ltd., 1969).
- *Religion, Philosophy and Psychical Research*, de C. D. Broad (Londres: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 1953).

- *Swan in the Evening*, de Rosamond Lehmann (Londres: Cox & Wyman, Ltd., 1967).
- *The Sixth Sense*, de Rosalind Heywood (Londres: Chatto & Windus, Ltd., 1959) (*Beyond the Reach of Sense* [Nova Iorque: E. P. Dutton & Co., Inc., 1959]).
- *The Unexplained*, de Allen Spraggett (Nova Iorque: New American Library, Inc., 1967).
- *The Other Side*, de James A. Pike com Diane Kennedy, copyright da New Focus Foundation. Reimpresso com autorização da Doubleday & Company, Inc.
- "Orison", de Terry Wise, do seu *Chanticleer* (Verona, Virgínia: McClure Press). Reimpresso com autorização de Charles C. Wise, Jr.
- "There Is No Death", de William F. Rosenblum. Reimpresso com autorização de Julia Rosenblum.
- "The Happy Medium", letra de Horace Silver, de *The United States of Mind, Phase One* da Blue Note Records. Copyright © 1969 por Ecaroh Music, Inc.

ÍNDICE

Prólogo — Ruth Hagy Brod
Agradecimentos
Introdução — Rt. Rev. Mervyn Stockwood, Lord Bispo de Southwark

PARTE I
Autobiografia de uma Médium
O Povo Nebuloso
Salvadores Espirituais
Sobreviver à Guerra
"O Discernimento dos Espíritos"
Espiritualistas em Conflito
Londres nos Anos 50
Romper a Barreira da Televisão
Lorde e Lady Dowding
As Portas da Igreja Abrem-se
Uma Nova Década—uma Nova Direção

O Valor da Comunicação
Douglas Fawcett—um Filósofo Prova a Sobrevivência
De Fantasmas e Assombrações
Investigação Psíquica
A Primeira Sessão de Bishop Pike
Uma Profecia que Abalou a Igreja
O Prémio "Espiritualista do Ano"
A Morte de Bishop Pike
A História de Bishop Pike Continua
Uma Profecia Cumprida
Conclusão

PARTE II
Dos Participantes
Introdução
O Outro Lado Age
O Regresso de Bert Lahr
Provas de Sobrevivência de Edgar Cayce e David Kahn
Rosamond Lehmann e Sally
O Sermão do Rabi
A Família Smith
Poder de Cura
Mary Frankl
S. A. R. O Rajkumar, Príncipe de Pudukota
Muitos Anos de Vida
O Poeta Póstumo
A Honra de um Escuteiro
Prova de um Universo Desobstruído
As Vítimas
John
Carolyn
Kathy
Os Buscadores
Rev. Cônego William V. Rauscher, Reitor da Igreja Episcopal de Cristo, Woodbury, Nova Jérsia
Rev. Robert J. Lewis, Reitor da Igreja Episcopal de St. Mary's, Haddon Heights, Nova Jérsia

Sir Victor Goddard e Douglas Fawcett
Horace Silver
Dr. Patrick Reilly
Mr. e Mrs. Andrija Puharich
Philip Comunica
Conselhos à *Spiritual Frontiers Fellowship*
O Inexplicado
Os Parentes Gregos
Desenterrando um Esqueleto de Família
O Talão Perdido
O Lenço

INTRODUÇÃO

por Rt. Rev. Mervyn Stockwood,
Lord Bispo de Southwark

A minha amizade com Ena Twigg remonta a muitos anos. Quando estava na Igreja Universitária, em Cambridge, nos anos 1950, proferi quatro conferências sobre Cristianismo e investigação psíquica. Atraíram grandes audiências e, subsequentemente, pediram-me para proporcionar novas oportunidades de estudo e discussão. Tendo recentemente conhecido Ena Twigg no *College of Psychic Science* e estando impressionado com a minha sessão, convidei-a a vir a Cambridge para dar a primeira palestra.

Ao refletir sobre isso quinze anos mais tarde, percebo que deve ter sido uma provação para ela. Era uma noite de inverno amargamente fria, e caíra uma forte nevada. Não esperava mais do que um punhado de pessoas, mas quando abri as portas da Igreja Universitária, estavam várias centenas no exterior.

O Professor C. D. Broad presidiu, o que, só por si, deve ter sido alarmante, pois o seu conhecimento do assunto, aliado à relutância típica do académico em comprometer-se, era proverbial. E, como seria de esperar, a audiência foi crítica e rápida a pressionar pontos. Se Ena Twigg estava nervosa, não o demonstrou. De facto, saiu-se com distinção. O que conquistou a simpatia dos ouvintes, incluindo os cépticos, foi a sua sinceridade. Como alguém disse, havia um timbre de verdade no que afirmava. Sabiamente, não se aventurou em áreas de debate que estavam para além da sua competência; em vez

disso, limitou-se às suas experiências. Falou da sua educação e do desenvolvimento dos seus dons psíquicos, e deixou-nos sem dúvidas quanto à sua crença na realidade de outra dimensão. Deu vários exemplos da natureza dessa dimensão e da sua relação com o mundo do tempo e do espaço. Não houve nada de sensacional: a palestra caracterizou-se pela contenção e pela sobriedade.

Seria falso dizer que Ena Twigg conquistou "convertidos" nessa noite; não era esse o seu objetivo. O seu feito foi trazer a público um tema que tem sido ignorado ou varrido para debaixo do tapete por pessoas que deveriam saber melhor. Por exemplo, nos anos que antecederam a guerra, o Arcebispo da Cantuária, Dr. Cosmo Lang, criou uma comissão para investigar estas matérias. O relatório da comissão nunca foi publicado. A razão oficial para esse destino curioso é que a guerra o tornou inoportuno.

Eu teria pensado o contrário. Em tempos de emergência nacional — e especialmente nessa altura, com as forças destruidoras de Adolf Hitler reunidas contra nós — os homens estão mais dispostos a considerar a perspetiva da morte e o que, se algo, poderá estar além dela. Aconteceu que, há alguns anos, obtive uma cópia do relatório e, tendo-o lido, acredito que a razão da sua não publicação foi a timidez do Arcebispo Lang e dos seus colegas. Preferiram ocultar o relatório a enfrentar as suas implicações.

Esta timidez é característica não apenas de eclesiásticos mas de muitos outros. Temem que, se demonstrarem simpatia, possam ser considerados charlatães. Recordo-me de um distinto fisiologista de Cambridge me ter dito que nada queria ter a ver com investigação psíquica; recusava-se a ler os seus livros, a estar presente nas suas reuniões ou a participar nas suas experiências, pois o assunto era tabu e não destinado a mentes sérias. Suponho que teria dito algo semelhante sobre as aterragens na Lua, se tivesse vivido cem anos antes.

Contudo, os receios de alguns são compreensíveis. O assunto atrai não apenas os de espírito sério mas também os excêntricos e os desequilibrados; pior ainda, pode ser terreno fértil para aqueles que exploram, para ganho comercial, a credulidade dos ingénuos e dos simples. E há vigaristas e fraudes, como em quase todas as áreas da vida. Conheci vários deles na sala de sessões espíritas. E, por isso mesmo, há ainda mais razão, parece-me, para um estudo sério da investigação psíquica e dos fenómenos psíquicos. Foi

precisamente isso que o relatório da comissão do Arcebispo poderia ter feito, ao iniciar grupos de discussão e uma abordagem académica.

Ao olhar para trás, para os trinta anos em que tenho estado ativamente interessado, vejo que este tema tem importância especial por duas razões que preocupam a maioria das pessoas. Primeiro, se a experiência humana vai além dos cinco sentidos, então o mundo é algo diferente do que geralmente se supõe. Não acredito que a aceitação da dimensão psíquica conduza um homem à crença religiosa, cristã ou outra, mas acredito que tornará impossível uma visão estreitamente materialista da vida.

Uma vez compreendidos estes factos, isso pode fazer diferença na conduta e nos objetivos individuais e na cultura comunitária. A sociedade permissiva e abastada do Ocidente é uma de que poucos de nós podemos orgulhar-nos. Estimula os piores traços da natureza humana e pode reduzir a personalidade a uma caricatura de si mesma. Não penso que o Comunismo, na sua forma atual, ofereça uma alternativa satisfatória, e duvido que alguma vez o faça.

De facto, ambas as "culturas" — se podemos usar abusivamente tal palavra para descrever os valores e comportamentos das nossas respetivas comunidades — necessitam da espécie de conversão radical que só pode acontecer quando os homens percebem que a vida é mais do que as definições e limitações da filosofia linguística. A sua significância tornar-se-á insignificante quando se perceber que os seus referenciais são falsos.

Segundo, mais cedo ou mais tarde ponderamos a questão: o que, se algo, existe para além do túmulo? Para alguns, a questão surge acompanhada de apatia, mas para a maioria, suspeito, com esperança ou medo. E, em muitos casos, a questão é colocada pela primeira vez em momentos de luto e de dor. A pessoa que esteve tão intimamente ligada a nós mas que agora morreu ainda existe? Será possível um reencontro aqui ou no além?

A Igreja deveria fornecer a resposta aos seus fiéis, mas duvido que o faça, salvo em casos minoritários. A minha experiência sugere que a maioria dos sacerdotes está mal preparada para fornecer conhecimento, conforto e segurança; em vez disso, contentam-se com um "discurso de morte" rotineiro que aprenderam no seminário. Por inadequado que seja, talvez seja melhor do que nada, e "nada" é tudo o que a maioria das pessoas pode oferecer.

Sustento que, se levássemos a sério os estudos psíquicos, aprenderíamos a apreciar que a nossa experiência neste mundo não é a consumação; vivemos agora *sub specie aeternitatis*. Existem outros mundos e dimensões, e isso deveria ser ensinado nas nossas escolas como parte da nossa educação geral.

Não devemos confundir uma afirmação factual sobre a vida após a morte noutra dimensão com a interpretação que uma religião em particular possa dar-lhe. Como cristão, tenho as minhas próprias opiniões, que, quando a ocasião é adequada, não hesito em expressar. Naturalmente, espero que outros — na verdade, todos — acabem por aceitar essa interpretação, mas reconheço que não pode ser ensinada nas escolas, uma vez que estas devem acolher crianças de todas as fés e de nenhuma.

Devemos, em vez disso, concentrar-nos nos estudos psíquicos na medida em que tocam a vida presente e futura. O que cada um faz com esse conhecimento é assunto seu. Espero que possa afetar os seus valores e comportamento neste mundo, pois de que serve a sobrevivência se aqueles que sobrevivem não estiverem preparados para ela?

Há um princípio que é uma barreira contra toda a informação, que é prova contra todos os argumentos, que nunca deixará de manter o homem numa ignorância eterna; esse princípio é o desprezo antes da investigação.
— Herbert Spencer

I
O POVO NEBULOSO

A capela de St. Chrétien era pequena mas muito bela. Era o meu lugar favorito na escola. Adorava a escola — tudo nela — mas a capela era especial. As irmãs frugais da ordem francesa não eram muito generosas com velas durante a semana escolar, mas havia sempre pelo menos duas grossas velas de cera em cada lado do altar, espalhando as suas chamas trémulas pela penumbra. E havia sempre flores frescas do jardim, misturando a sua doçura com o incenso no altar. Quando o sol atravessava os vitrais, o chão encerado ficava banhado de luz e cor.

Em cada intervalo, enquanto as minhas colegas iam brincar no recreio, eu escapava para o meu canto preferido no fundo da capela, à espera de poder ver a procissão de pessoas que enchiam os bancos, uma a uma, ajoelhando-se para rezar, os rostos irradiando sorrisos de alegria e de amor. Sentia o amor

deles a encher a capela; via-o a elevar-se sobre eles, subindo acima das suas cabeças como uma fita arco-íris de cor. Como conseguia ver através deles, chamei-lhes o "povo nebuloso".

Um dia, enquanto saboreava essa cena e a desfrutava, fui perturbada pelo leve farfalhar de algo a mover-se perto de mim. Senti uma presença — não uma presença do "povo nebuloso", mas uma presença de corpo real. Virei-me e ergui o olhar para o rosto bondoso da Madre Superiora. Obviamente, alguém me tinha denunciado à Ma Mère; porque haveria ela de estar ali, a aproximar-se tão silenciosamente de mim? Perguntei a mim mesma se seria castigada por quebrar as regras.

"O que fazes aqui sozinha, minha filha?", perguntou, a sua voz suave como uma carícia. "Porque não estás lá fora a brincar com as outras crianças?"

"Mas eu estou a ver todas as pessoas a rezar, Ma Mère", respondi.

"Sim, sim, estou a ver", disse, enquanto os seus olhos, por detrás dos óculos de aros de aço, varriam os bancos vazios do meu "povo nebuloso". Acariciou-me a face e sorriu. "Acho que talvez seja melhor ires lá para fora e aproveitares o intervalo ao ar livre com as outras crianças", disse.

Não houve repreensão na sua voz, nem recebi a esperada descompostura por quebrar as regras e entrar na capela sem a minha turma e sem permissão. Mas as visitas não autorizadas à capela terminaram. A partir daí, só brincava com os meus "amigos nebulosos" em casa.

Tive uma sorte singular em criança. Ninguém, na escola ou em casa, me achava excêntrica ou peculiar — e, à superfície, eu era uma menina inglesa perfeitamente normal. Nunca falava do meu "povo nebuloso" aos adultos e, por isso, deixavam-me em paz para os visitar, conversar e brincar com eles. Eram os meus melhores amigos, e, se por vezes a minha mãe ou a ama me apanhavam a falar com eles — ora, muitas crianças têm amigos imaginários, por isso não levavam o assunto a sério. Claro que as pessoas com quem eu brincava não eram visíveis para os outros, mas para mim não havia nada de estranho neles. Não me pareciam imaginários — pareciam bastante reais. Havia adultos e crianças, tal como no mundo real.

Não consigo recordar-me de um tempo em que não fosse psíquica. Descobri, quando tinha apenas dois ou três anos, que podia voar pelas escadas acima e abaixo depois de o meu corpo ser posto na cama. Era muito divertido. Conseguia ver e ouvir o que os adultos faziam em volta das suas chávenas de

chá: a ler, a coser, a conversar, a receber amigos. Nos anos seguintes, tive muitas experiências fora do corpo, mas, sendo criança pequena, tudo isso me parecia natural, e levou algum tempo até eu perceber que havia algo de único ou invulgar nisso.

Apesar dessas experiências, tive uma infância muito normal. Nasci em Gillingham, Kent, a 6 de janeiro, pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Era a segunda dos quatro filhos de Harry e Frances Baker. O meu irmão mais velho era o Frank, depois vinha eu, e a seguir a minha irmã, May, e o meu irmão mais novo, Harry Jr., a quem adorava e gostava de cuidar. Toda a nossa família era psíquica, mas ninguém o queria, ninguém o suportava, ninguém falava sobre isso e nenhum deles prosseguiu por esse caminho.

À superfície, pelo menos, éramos uma família inglesa típica, a viver uma vida inglesa típica, numa cidade inglesa típica. Gillingham era um centro próspero, partilhando com a vizinha Chatham a importância de uma base naval britânica. Também lá estava o exército, e os militares enchiam as caixas das lojas e dos comerciantes locais — incluindo a do meu pai — proporcionando-nos uma vida confortável.

Tínhamos uma ama que cuidava de nós e que agora, nos seus oitenta anos, cuida da geração seguinte. A Nanny veio quando eu era bebé e foi ama de todos nós até crescermos. Era uma mulher muito invulgar e exerceu uma influência moral e espiritual importante sobre nós. Era pequenina, mas governava-nos com uma régua de ferro bondosa. Era a pessoa mais desprendida que alguma vez conheci e dava qualquer coisa e tudo o que tinha.

Impressionava-nos sempre, não apenas com palavras mas também com o exemplo, que viver significava dar. Costumava dizer: "Não podes dar nada se o deres em amor. Se o deres em amor, volta de outra forma." Muitas e muitas vezes ao longo da minha vida tive oportunidade de testar a profunda verdade da sua filosofia. Tentava incutir em nós o espírito de partilha e dádiva, e acredito que enriqueceu as nossas vidas mais do que conseguíamos apreciar quando éramos jovens.

A mãe era galesa, loura e muito bonita. O pai era moreno, e sempre me disseram que me parecia com ele — o que tomava como um elogio, já que sempre achei o meu pai o homem mais bonito do mundo. Adorava o meu pai, e as minhas memórias mais queridas são dos tempos que passávamos juntos

a cavalgar pelas colinas de Kent. Eu aninhava-me na sela à sua frente, aspirando o cheiro de cavalo, couro e tabaco que impregnava a sua roupa.

O pai tinha uma forma especial de lidar com os animais. Possuía uma fantástica capacidade de os compreender. Podia pegar num cavalo, amansá-lo e tê-lo a comer-lhe da mão. Nunca usava uma palavra dura; nunca usava chicote. Parecia capaz de falar com os cavalos, e eles de o compreender. Era o mesmo com os cães ou com qualquer outro animal — conseguia comunicar com eles. Todos herdámos o seu interesse pelos animais ou adquirimo-lo, pois a nossa casa estava sempre cheia de todos os animais de estimação que conseguíamos gerir: cães, gatos, cavalos e cabras.

A minha mãe era clarividente sem saber que o era nem o que isso significava. O meu pai era psíquico de forma marcada. Anos mais tarde, a minha mãe contou-me que, antes da Primeira Guerra Mundial, o meu pai lhe dizia tudo o que ia acontecer antes de acontecer. Tinha um peso de papel grande, de vidro muito espesso. Não tinha valor, era apenas o tipo de objeto que se comprava em qualquer loja. Mas quando ele o segurava nas mãos, o esfregava e o sentia, todas aquelas coisas, como lhes chamavam, vinham a jorrar. A mãe não percebia na altura. Infelizmente, tudo se tornou demasiado claro quando a guerra começou e o que o papá predissera se confirmou nos relatos e nas manchetes dos jornais.

Os meus irmãos e a minha irmã também eram psíquicos, mas não no mesmo grau. Não creio que alguma vez consigamos saber até que ponto tinham potencial psíquico, pois todos levámos vidas muito diferentes. Recordo-me de uma vez em que o meu irmão Harry, que servia na força aérea, me visitou logo a seguir a Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial. Estávamos sentados calmamente na minha sala de estar a tomar uma chávena de chá quando, de repente, uma grande coluna de luz começou a erguer-se diante dele e a figura de um homem começou a materializar-se, tão claramente como à luz do dia.

O Harry levantou-se, muito aflito e zangado. "O que está a acontecer?", gaguejou. "O que estás a fazer? Isso tem de parar — pára já. Pára, ou nunca mais venho aqui ver-te se fizeres coisas destas." Mas, como vês, eu não podia evitá-lo, e ele estava a fazê-lo tanto quanto eu — só que o meu irmão se recusava a reconhecer e a admitir.

A nossa era uma família calorosa, muito unida, cheia de amor, assente numa base religiosa firme mas nunca constrita pela ortodoxia. Éramos anglicanos e

íamos à igreja todos os domingos, mas os meus pais não hesitaram em enviar-me para um colégio de freiras católicas porque oferecia a melhor educação da cidade. Não há dúvida de que o ambiente espiritual e desprendido da escola incentivou o desenvolvimento da minha sensibilidade. Anos mais tarde, o meu marido dizia sempre que "uma educação conventual deixa-nos com uma pele a menos, e ficamos muito mais sensíveis ao mundo". Influencia uma criança nos anos de formação de forma incomum. Para mim, o colégio e a nossa família feliz isolaram a minha sensibilidade natural e permitiram-me crescer mais como uma rapariga normal do que teria acontecido noutras circunstâncias.

Adorava livros — sobretudo os que contavam algo verdadeiro — e a nossa casa tinha uma excelente biblioteca, refletindo a literatura de muitos países. Todos gostávamos de música e honrávamos a nossa herança galesa com animados serões familiares de canto. O pai, em particular, costumava pôr-me ao piano enquanto o resto da família se reunia para cantar velhos hinos com o meu acompanhamento. Foi um tempo muito feliz, e o meu "povo nebuloso" acrescentava-lhe outra dimensão de beleza.

Tinha treze anos quando a família Twigg se mudou para a casa em frente, tornando-se os nossos vizinhos mais próximos. Harry e Beatrice Twigg tinham três filhos: Harry Jr., alguns anos mais velho do que eu, e as gémeas Beatrice e Amy, bastante mais novas. O Sr. Twigg reformara-se do exército e viera para Gillingham para entrar nos negócios.

O Harry diz que me viu do outro lado da rua e que, desde o primeiro momento, soube que queria sempre estar comigo. Suponho que se possa chamar amor à primeira vista, embora não creia que ele desse um nome ao que sentia no início. É extraordinária a forma como recorda a roupa que eu usava da primeira vez que me viu e noutras ocasiões — mas o Harry tem uma memória excecional. Era um rapaz tão prático e objetivo que é estranho que tivesse prestado atenção a uma rapariga, mas era mais velho do que eu e talvez já na idade em que estava preparado para isso.

Eu também fiquei bastante entusiasmada com os nossos novos vizinhos e não era indiferente à admiração do rapaz do outro lado da rua. Nunca perdia uma oportunidade de passar diante da casa deles e, quando apanhava o Harry a espreitar-me por detrás das cortinas, ficava muito satisfeita. Se ele não estava por perto, sentia-me desiludida.

Encontrámo-nos finalmente por causa de um cão Airedale chamado Jack. Os pais do Harry perguntaram à minha mãe se podíamos tomar conta do cão porque iam de férias e, claro, ela disse que sim. Já tínhamos tantos animais que mais um cão não daria trabalho extra — e era um gesto de boa vizinhança. Foi assim que começou, e o Harry e eu estamos juntos desde então.

Depois, quando eu tinha catorze anos, aconteceu uma coisa terrível. Eu tinha ido para a cama nessa noite como de costume, quando ouvi o meu "povo nebuloso" dizer-me: "Não vais ter o teu pai por muito mais tempo." Quase paralisada de medo, perguntei: "Porquê, o que é que ele tem?" Eles não responderam à minha pergunta e, em vez disso, disseram: "Daqui a uma semana ele estará no nosso mundo, connosco."

Em pânico, saltei da cama, tropeçando na pressa de encontrar os chinelos, e acabei a correr pela passagem até ao quarto dos meus pais. Ajoelhei-me ao lado da cama da minha mãe e abanei-a para a acordar. "Mamã, mamã, o que é que se passa com o papá?", gaguejei, batendo o queixo de frio e de medo.

A mãe acordou, levantou-se rapidamente da cama, olhou para o meu pai, que respirava ritmicamente do outro lado, e apressou-me para fora do quarto até ao meu quarto.

"Então, o que é que se passa, Ena?", disse, a ralhar. "Devias ter vergonha, a acordar-me a meio da noite e a assustar-me de morte com as tuas tolices. É só um sonho. Já és uma rapariga crescida e devias saber mais do que isso. Agora volta a dormir como uma menina bem-comportada."

"Mas não foi um sonho, mãe", protestei. "Foi o 'povo nebuloso', e disseram-me que iam levar o papá com eles para o mundo deles. Daqui a uma semana. Para onde o vão levar? Onde é o mundo deles?"

A mãe ficou aborrecida, mas tentou acalmar-me e apaziguar-me. Acabei por adormecer, mas, quando acordei de manhã, lembrava-me de tudo vividamente e não conseguia sacudir a sensação de depressão.

Na sexta-feira seguinte, ouvi os passos do meu pai no patamar de cima, aproximando-se do meu quarto para me dar o habitual beijo de boa-noite enquanto fazia a ronda para nos aconchegar na cama. Em vez de ouvir a porta abrir-se para deixar entrar o meu amado pai, ouvi o mais horrível estrondo e barulho. E depois um grito de dor! O pai escorregou e caiu pela escada abaixo. Tinha o crânio fraturado e a coluna ferida, e à uma e um

quarto da segunda-feira seguinte morreu. Era exatamente uma semana depois da noite em que o "povo nebuloso" viera avisar-me. Infelizmente, a sua previsão cumprira-se.

Os anos que se seguiram à morte do meu pai foram sombrios e infelizes. Estava determinada a banir o "povo nebuloso" da minha vida para sempre. Eles, que me tinham trazido tanta alegria, prazer e beleza — eles, em quem eu confiara e a quem amara mais do que a qualquer outra pessoa, exceto a minha própria família — tinham-me roubado aquele que eu mais amava. Não queria ter nada a ver com eles, nem com mais viagens fora do corpo, nem com qualquer parte de mim que fosse diferente das outras pessoas. A dor da perda era por vezes tão insuportável que eu também queria morrer. Procurei na mãe, no colégio e na Igreja consolo para aliviar a dor, mas só o tempo trouxe algum alívio. Aprendi então como sofrem os enlutados, e desde sempre tenho sido sensível e recetiva para com eles por causa da minha própria experiência.

De sete em sete anos há uma mudança, um despertar, quando todas as células do corpo se renovam. E assim comecei um novo ciclo da minha vida. Durante esse período de infelicidade vivi uma vida interior mais intensa; apesar da minha ânsia de ser normal, a minha sensibilidade e o meu potencial psíquico iam a lançar raízes mais profundas no meu subconsciente do que eu imaginava.

Passados cerca de dezoito meses de viuvez, a mãe voltou a casar. Isto provocou a mais devastadora mudança e perturbação na família. Nós, crianças, adorávamos o pai. Ele era o sol em torno do qual girava todo o nosso amor e as nossas vidas. Amávamos muito a nossa mãe e não lhe invejávamos uma oportunidade de felicidade, mas o novo marido era tão completamente oposto e diferente do pai que tornou a vida extremamente difícil.

Durante os anos sombrios, passei a apoiar-me cada vez mais no Harry. Ele estava lá, uma rocha sólida a que eu podia agarrar-me sempre que as vagas de tristeza e depressão me varriam. Embora não pudesse partilhar nem compreender o estranho mundo invisível que, para mim, era mais real do que o mundo físico dos cinco sentidos, o seu amor e afeto eram sempre inquestionáveis e acolhedores. Ajudou a preencher o vazio doloroso deixado pela morte do meu pai.

Deixei a escola, e estava tão desesperadamente infeliz em casa que pareceu melhor afastar-me de toda a situação e casar. E foi isso que o Harry e eu fizemos. Eu tinha apenas dezassete anos na altura. Fizemos um casamento muito pequeno, com apenas a família imediata presente.

Desde que conhecia o Harry, ele sempre falara em ir para o mar; pouco depois de casarmos, alistou-se na marinha e embarcou para o Extremo Oriente. Tínhamos arrendado um pequeno apartamento e eu tentei ocupar-me a aprender a ser uma boa dona de casa. Tínhamos muito pouco dinheiro, por isso tive de aprender a ser muito económica. Aprendi a cozinhar e a fazer os meus próprios trabalhos, tarefas nada fáceis para uma rapariga criada numa casa com bastante ajuda e uma ama dedicada. E, apesar da emoção e do orgulho de ser noiva, sentia-me só.

A minha PES aparecia de vez em quando, em momentos e lugares inesperados. Eu podia entrar numa sala, uma sala estranha, e imediatamente saber o que ia acontecer ou o que já acontecera. Podia estar a tomar chá com algumas amigas e, enquanto falavam, de repente pensava: Porque é que te dás ao trabalho de dizer tais mentiras? Eu via-as por completo — eram tão transparentes como o meu "povo nebuloso" fora. Não gostava que isso acontecesse e tentava suprimi-lo; mas as nascentes da PES, quando fechadas num lado, borbulhavam noutro.

Não compreendia os meus sentimentos e premonições. Não os podia partilhar com a família porque eles também não os entendiam e apenas se sentiam desconfortáveis ao ouvi-los. Nunca tinha lido nenhum livro sobre o psíquico, o metafísico ou qualquer faceta deste tema, nem tivera contacto com nada de espiritual fora da igreja e da escola, por isso não conseguia dar um nome a esta parte de mim.

Eu já era casada há dois anos e tinha acabado de completar dezanove quando, de repente, tive uma visão clarividente do Harry, que então estava na África do Sul. Andava a "sintonizar-me" com ele cada vez mais, onde quer que estivesse — sabia sempre como estava o tempo, não importava onde se encontrasse, e muitas vezes conseguia dizer o que ele estava a fazer. Nesse dia, tive uma forte sensação de que o Harry e um grupo de pessoas estavam numa montanha, perdidos e em perigo.

Vi uma camisa vermelha e branca no chão, na encosta da montanha. Vi pessoas a procurar. Eu não estava a dormir. Estava bem acordada. Toda a cena se desenrolava diante de mim como um filme em miniatura, a cores,

num ecrã sem moldura. As pessoas mexiam-se com toda a naturalidade e, salvo o facto de estarem em miniatura, tudo era bastante real e nítido.

Sentei-me e escrevi ao Harry imediatamente, descrevendo esta visão. Aparentemente, as nossas cartas cruzaram-se, porque pouco depois recebi uma carta do Harry, expedida por volta da mesma altura em que eu enviara a minha. Nela, o Harry descrevia o incidente que eu vira por via clarividente. Tinha estado na Montanha da Mesa com um grupo de pessoas quando desceu um pesado manto de nuvens e eles não conseguiram encontrar o caminho de regresso. Tinham estendido a camisa de xadrez vermelho e branco que um dos homens vestia como sinal para atrair eventuais equipas de salvamento que os procurassem. Acabaram por ser encontrados e conduzidos em segurança.

Este tipo de clarividência era PES ao nível do mundo físico. Não era contacto com outro mundo, que viria mais tarde, à medida que a minha mediunidade se desenvolvesse. Na altura, porém, eu nada sabia sobre todo este assunto e não conseguia suportar ler nos livros nada a seu respeito.

Não muito tempo depois deste episódio, foi-me dado um sinal mais importante do que estava para vir, através do meu pai, que desde então me tem guiado do Outro Lado. As coisas estavam difíceis para a minha mãe e ela tinha muitos problemas no casamento. Uma noite, veio a minha casa e contou-me uma dificuldade que estava a tentar resolver. Ouvi com simpatia, com o coração apertado por ela. Disse: "Vou tentar ajudar, se puder", mas naquele momento não fazia a menor ideia de como podia ajudar.

Na parede da sala havia um grande retrato do meu pai. Enquanto a mãe continuava a relatar o seu problema, os olhos do meu pai pareciam atrair-me para a fotografia. Pareciam estar a olhar diretamente para mim e através de mim, a dizer, tranquilizadores: "Sim, estou contigo e vou ajudar." Olhei de volta para o meu pai, sentindo-me muito próxima dele, e fui invadida por uma sensação de paz e absoluta confiança de que ele estava muito perto e que ajudaria.

Acompanhei a mãe à porta quando saiu e, ao fechar as portas, aspirei o cheiro estranho que invadia o corredor. Era um cheiro inconfundível de cavalariça. A sala estava cheia do mesmo odor. Olhei à volta para ver o que poderia estar a causá-lo. Não havia absolutamente nada na sala ou no corredor que o pudesse ter produzido — exceto o pai, que sempre cheirara aos cavalos e às cavalariças que tanto amara. Tive a certeza de que ele

estivera ali connosco. Quis desesperadamente contar a alguém, partilhar esta experiência extraordinária, mas sabia que era melhor não confiar na família. Assim, na manhã seguinte, contei ao velho que vinha trabalhar no jardim. Ele olhou para mim de esguelha, abanou a cabeça e continuou a trabalhar.

Mais tarde tive uma experiência igualmente estranha quando o pai do Harry foi acometido de um ataque cardíaco. Quis-nos aos dois à sua cabeceira, dia e noite. Morreu cedo numa manhã de domingo e ouvi uma voz dizer-me: "O Sr. X [nomeando certa pessoa] virá aqui ainda esta manhã e falará de negócios com a mãe do Harry, envolvendo uma soma de dinheiro. Ele fará uma proposta." A voz disse-me o que o homem iria dizer e o que significaria para a mãe do Harry se aceitasse a proposta. Concluiu: "Não será bom para ela aceitar a proposta." Foi algo extraordinário e repeti imediatamente toda a conversa ao Harry.

Às 10h30, o Sr. X chegou e, desde o momento em que apareceu, tudo se desenrolou como a voz previra: usou as palavras exatas que eu ouvira, fez a proposta e indicou a soma de dinheiro que eu fora avisada de que ofereceria. Como já sabíamos o desfecho, o Harry aconselhou a mãe a recusar.

2
SALVADORES ESPIRITUAIS

O Harry foi colocado em Malta, quartel-general da frota britânica do Mediterrâneo e principal depósito naval da zona, e eu iniciei os meus anos de andanças pelo mundo, de posto em posto, para estar com ele o máximo possível.

Adorei Malta. A primeira impressão foi a de ser árida e pedregosa, pois lá não há absolutamente árvores que cresçam naturalmente, mas com o tempo descobri as maravilhosas catedrais e igrejas, os tesouros arqueológicos e arquitetónicos e o belo porto. Mais do que compensavam quaisquer défices cénicos. Sempre me interessou o que faz as pessoas "funcionarem", e achei o povo das ilhas amável, gentil e afável.

Nunca me impressionou tanto o saber intelectual dos livros quanto a sabedoria instintiva e a apreensão das realidades, e admirei o orgulho dos malteses nativos na sua antiga linhagem. Acreditam ser descendentes diretos dos fenícios, os primeiros a dominar os mares. Embora a língua oficial do país

devesse ser o inglês, os malteses falavam um *potpourri* de cartaginês, árabe e italiano. Ainda assim, não tive dificuldade em comunicar com eles.

Como os Cavaleiros de Malta foram os grandes defensores do Cristianismo e como se diz que o apóstolo Paulo naufragou na ilha, suponho que seja natural que a religião se tenha tornado o aspeto mais importante da vida para os malteses. Eu costumava entrar e sair das suas inúmeras igrejas, admirando as gloriosas estátuas. Os malteses parecem ter uma festa religiosa quase dia sim, dia não. É o principal recreio do povo.

Nunca deixei de me espantar com as procissões da Sexta-Feira Santa, em que os penitentes usam correntes e se flagelam, e os homens carregam enormes estátuas em pesados andores pelas ruas, nos ombros em carne viva. Perguntava-me: A religião deve ser assim? Não poderíamos nós ser mais realizados vivendo plenamente as nossas vidas sem castigar os corpos?

Não pude deixar de pensar bastante sobre religião. Era tudo tão omnipresente. Gradualmente, várias convicções tornavam-se cada vez mais evidentes para mim à medida que observava as práticas religiosas dos malteses.

Claro que, numa base naval, havia outros aspetos de vida. Havia muita atividade social e animação. Adorava dançar e, sendo uma mulher bastante jovem e atraente, recebia a minha quota de atenção e elogios dos colegas galantes e sedutores do Harry. Não seria a Marinha britânica sem um pouco de diversão. E havia sempre a cozinha, a roupa e a limpeza da casa para fazer. Tentava lembrar-me do conselho do meu pai e manter o sentido de equilíbrio entre os mundos interior e exterior. Ele costumava dizer: "Minha menina, por muito alto que tenhas a cabeça nas nuvens, mantém sempre os pés no chão."

Fazia viagens pelo Mediterrâneo sempre que possível e, na primeira ida a Chipre, tive uma experiência precognitiva vívida que me perturbou. Estava desejosa de visitar o mítico local de nascimento de Vénus, com as suas belas praias. Todos a bordo do navio iam alegres e tagarelas, como as pessoas ficam quando se aproximam de um lugar novo e de uma experiência nova. De repente, as minhas "vozes" disseram-me: "Quando dobrares a curva, haverá um navio com muitas velas amarelas. Haverá um grande homem negro no convés e uma multidão de pessoas atrás dele." Bem, isto pareceu-me idiota.

E foi então que dobrámos o promontório e se desdobrou a vista completa do porto. Lá estava, à vista de todos, aquele grande navio com velas amarelas.

Mesmo na proa erguia-se a figura imponente de um oficial negro, resplandecentemente trajado, e todo o resto da cena era tal como as minhas vozes me tinham descrito.

A visão daquele navio de velas amarelas vindo de alguma longínqua terra africana abalou-me um pouco porque todo o episódio foi tão bizarro. Hoje sei que os investigadores diriam que recebi uma mensagem telepática; mas quem, naquele navio de velas amarelas, poderia saber ou interessar-se em enviar uma impressão mental a uma obscura esposinha de marinheiro chamada Ena Twigg para anunciar a sua chegada a Nicósia?

O incidente perturbou-me de outra maneira. Eu estava mais recetiva a aceitar como naturais estes "acontecimentos" quando estavam ligados aos meus entes queridos — a minha família ou amigas queridas. Mas agora "aquilo" surgia em lugares estranhos e envolvendo pessoas até então desconhecidas para mim. Foi crescendo em mim, lentamente, a perceção de que eu tinha algo bastante extra — algo que as outras pessoas não tinham, algo como o extra "ímpeto" que algumas marcas de gasolina dizem ter.

Houve curtos períodos de serviço do Harry em Alexandria e noutros portos do Mediterrâneo. Ouvi muitas histórias do oculto, lendárias no Egito. Fiquei fascinada com a variedade de religiões, antigas e contemporâneas, que abundam no Médio Oriente.

Foi, contudo, a nossa estadia na Palestina que me deixou a impressão mais profunda. O Harry estava colocado em Haifa e vivíamos fora da cidade, numa comunidade judaica, Bath Galim, mesmo ao sopé do Monte Carmelo. A maioria dos residentes eram refugiados da Alemanha de Hitler. Pela primeira vez ouvi as histórias de ódio e perseguição que os expulsaram das suas pátrias. A enormidade do que acontecia na Alemanha era apenas vagamente percebida nesses dias, mas, na Palestina, o fio de judeus a emigrar da Europa engrossou até se tornar um rio, e as consequências foram diretas e explosivas.

Em 1936, os árabes desencadearam uma greve nacional e política que lançou três anos de terror. Houve ataques de guerrilha. Explodiam bombas, rebentando com autocarros e passageiros, e, depois de cair a noite, havia atiradores furtivos por toda a parte. Britânicos e judeus uniram esforços para controlar a revolta árabe, e foi nesse período que surgiu a Haganah — que acabaria por se tornar o exército clandestino que conquistou a libertação judaica da Grã-Bretanha e o estabelecimento do Estado de Israel.

Certa noite voltávamos de Haifa com alguns amigos. Ao passarmos pelo Cemitério Inglês, os pneus do nosso carro foram furados por atiradores furtivos. Quando os nossos homens saíram para ver que estragos havia, os snipers por detrás do muro começaram a disparar contra nós. Foi por um triz, e eu pensei que a nossa hora final tinha chegado. Embora o carro tenha ficado cravejado de buracos de bala e os pneus todos arruinados, conseguimos escapar.

Apesar do perigo diário, pude visitar os lugares santos — santuários de judeus, cristãos e muçulmanos. Vibrava como uma corda de violino ao passo que impressões do passado tocavam a minha sensibilidade; recriava e revivia a história desses lugares sagrados. O pleno significado da mensagem e presença de Cristo estava em toda a parte, mas parecia uma verdade bastante diferente daquela que encontrávamos nas nossas igrejas. Apesar de todos os rótulos diferentes, parecia-me claro que todas as religiões diziam a mesma coisa.

A religião Bahá'í pareceu-me a mais próxima da verdade. Em Acre, a seita Bahá'í construíra um magnífico túmulo para o fundador da sua fé. Este santuário era rodeado por um jardim glorioso, sempre regado e verde, onde as pessoas que subiam a estrada poeirenta e quente podiam encontrar refrigério para o corpo e para o espírito. A religião Bahá'í é das mais abrangentes, professando fé num só Deus e reconhecendo a legitimidade de todas as diversas estradas que as diferentes religiões trilham rumo ao único Deus universal.

Os templos Bahá'í são construídos em planta circular, com nove portas, cada uma representando uma grande religião. Gostava do jardim e gostava da filosofia, e muitas vezes subia a estrada poeirenta para me sentar nesse oásis verde. Sentia-me em harmonia ali e em paz. Embora todas as religiões que encontrei no exótico Médio Oriente ensinassem a fraternidade do homem, o homem não estava a escutar — exceto nesse jardim verde, que era regado não só por orações mas também por amor e tolerância universais.

A mensagem decerto não estava a chegar a árabes e judeus; a sua luta aumentou e intensificou-se. Ao fim de um ano, o navio do Harry recebeu ordens para regressar a Malta. O capitão do navio do meu marido estava preocupado com a minha segurança, pois então era demasiado perigoso viajar pelo modo normal, num paquete. Assim, enfiaram-me a bordo de um transporte militar para fazermos o caminho de volta.

Eu estava de regresso a Malta havia apenas alguns dias quando percebi que algo não estava bem comigo. Sofria de náuseas e dores e, após uma semana assim, fui ao médico. Disse-me que tinha uma apendicite aguda e que teria de ser operada imediatamente. Levaram-me para o Hospital King George V, em Floriana. A equipa foi amável e atenciosa, e a enfermeira que me levou de cadeira de rodas ao bloco operatório sorriu, tranquilizadora, e disse-me que não ia doer nada.

Depois o anestesista assumiu, e de repente percebi que uma parte de mim estava na mesa de operações e outra parte de mim, suspensa mesmo por baixo do teto, olhava para a mesa e observava tudo. Tivera muitas experiências fora do corpo desde a infância, por isso aquilo pareceu-me bastante natural e corriqueiro. Conseguia ouvir tudo o que os médicos e a equipa diziam. Quando o bisturi do cirurgião cortou a minha carne, pensei: Minha menina, isto vai doer — mas não doeu nada. Quando regressei ao corpo e à consciência, estava na minha própria cama branca, no quarto do hospital, a olhar para o rosto ansioso do Harry.

Depois de ter alta e voltar para casa a convalescer, parecia que não conseguia recuperar as forças. O médico receitou comida nutritiva, tónicos e medicamentos, mas nada parecia ajudar. Fui ficando cada vez mais fraca. Mal me conseguia arrastar para fazer as tarefas mais simples e, quanto a sair, isso era coisa do passado. Ao princípio, o Harry tentava mostrar-se confiante e bem-disposto, mas vi as rugas de preocupação aprofundarem-se à volta dos olhos e da boca. Por fim, todos decidiram que eu devia regressar a Inglaterra para consultar médicos ingleses. Além disso, o Harry achava que a mudança me faria bem. Suspeitava de que o que pensavam realmente era que eu ia morrer e, se assim fosse, seria melhor estar em Inglaterra para o funeral.

Meteram-me a bordo de um navio iugoslavo — o Alba Julia — que ia para Marselha. Depois de uma travessia horrível, atravessei a França de comboio. Ainda hoje não sei como cheguei de volta a Inglaterra — algo mais forte do que eu deve ter-me ajudado. O pai do Harry recebeu-me na Estação de Victoria e levou-me para casa deles, porque eu não conseguia cuidar de mim.

Agora foram os médicos ingleses a tentar. Um especialista de Londres disse que o meu coração ficara afetado pela operação e pela doença subsequente e que eu devia preparar-me para ser muito cuidadosa se queria continuar a viver.

“Vou ser sempre assim?”, perguntei-lhe.

Ele acenou com a cabeça e respondeu: "Receio que sim."

Era a sentença que me condenava à vida de inválida. Ao longo desse ano, fui ficando cada vez mais fraca. O meu peso desceu até seis *stone* (oitenta e quatro *pounds* nas escalas americanas). Mal conseguia levantar a colcha, que me parecia um peso de chumbo. O Harry recebeu licença para poder estar em casa comigo. Creio que todos tinham a certeza de que eu estava prestes a morrer. Olhando para trás, para esse tempo de pesadelo, acredito que tudo fazia parte de um plano.

Acredito que, antes de estarmos prontos para uma revelação, antes de podermos dar um grande passo em frente, somos confrontados com um problema terrível. Pode ser emocional, material, espiritual ou de sofrimento mental ou físico. A forma como lidamos com essa situação determina como vamos prosseguir. Ninguém que seja confrontado com um grande desafio fica o mesmo depois.

Ou seguimos em frente e nos tornamos uma pessoa muito maior, ou ficamos uma pessoa muito amarga. Ganha-se com essas experiências e absorvem-se no subconsciente se estivermos a procurar compreensão, visão espiritual e evolução. Quem fecha os olhos e se recusa a enfrentar um problema não pode avançar espiritualmente. Nunca se pode relaxar, nunca se pode ficar preguiçoso e confortável e pensar que já se pagou a dívida e, portanto, se está isento de provas futuras. Não se pode pagar a pronto e ficar livre.

Sempre tive uma forte sensação de que temos de fazer as coisas por nós próprios — não podemos esperar que tudo seja feito por nós. E continuo a acreditar que a nossa cooperação consciente com um mundo visto e não visto é um dos meios pelos quais podemos realmente ajudar-nos a superar a maioria das dificuldades.

Decidi que não ia morrer. Ia tentar ficar boa.

Então, certa noite, a porta do meu quarto abriu-se e três pessoas entraram. Um era um homem idoso, outro um homem jovem e a terceira uma mulher, que trazia um tabuleiro coberto com uma toalha. Eram bem reais, mas transparentes. Pensei: Oh, aqui está de novo o meu "povo nebuloso". Suponho que estou prestes a morrer.

Os três visitantes vieram até ao pé da cama e depois ao meu lado, e o mais velho falou comigo: "Queremos que nos contes tudo — todas as doenças que tiveste. Vamos pôr-te boa."

Enquanto eu recitava o meu historial clínico, o jovem escrevia tudo num caderno. Depois, o membro sénior do trio destapou o tabuleiro e vi que tinha uma seringa e várias ampolas. Encheu a seringa a partir de uma das ampolas e introduziu a agulha na base do meu pescoço. Vi a agulha entrar, senti a sensação de enchimento que acompanha uma injeção e, então, perdi os sentidos.

Quando acordei na manhã seguinte, contei ao Harry o que acontecera. Primeiro, ele limitou-se a olhar para mim, coitado, a pensar que eu estava a perder o juízo. "Olha aqui, na base do meu pescoço, e diz-me se há uma marca", insisti, apontando para o local da injeção. O Harry olhou, e de facto havia uma marca que podia ter sido a picada de uma agulha.

Depois dessa primeira visita, os três espíritos passaram a vir regularmente todas as noites de terça-feira. Comecei a recuperar, a sentir-me mais animada. Disse ao Harry que já não precisaria do médico "de cá". O apetite melhorou e comecei a ganhar peso, devagar ao início e mais regularmente à medida que conseguia sair da cama e mexer-me. As visitas continuaram durante seis meses. Depois, os meus amigos do espírito vieram pela última vez e disseram: "O nosso trabalho está feito. Estás boa."

Perguntei-lhes como podia retribuir. Responderam: "Dando aos outros aquilo que recebeste."

"Darei de bom grado o resto da minha vida a vocês, porque vos pertence", disse-lhes com toda a seriedade, querendo cada palavra. "Sem a vossa ajuda eu nunca teria vivido. Estaria morta. Mas digam-me, como posso pagar esta dívida?"

O homem mais velho rasgou uma página do caderno do jovem e escreveu algo nela. "Aqui está uma morada", disse. "Vai a esta casa." E, com isso, desapareceram.

Contei ao Harry essa conversa e mostrei-lhe o papel, com a morada de uma casa numa cidade próxima. "Eu não vou a casa nenhuma de desconhecidos dizer-lhes que foram os espíritos que me mandaram", refilou o Harry. "Vão achar-nos malucos."

"Bem, eu tenho de ir; prometi", retorqui, com um lampejo do meu velho espírito. "Então vou sozinha."

O Harry não gostou da ideia de eu andar por uma cidade estranha à noite sozinha, por isso, contrariado, concordou em ir. Encontrámos a casa e tocámos à campainha. Veio uma senhora à porta. "Não sei o que vai pensar", arrisquei, um pouco tímida, "mas pessoas do outro mundo disseram-me para vir."

A nossa anfitriã não se mostrou nada surpreendida com o que disse, portou-se com naturalidade e respondeu: "Entrem, por favor. É a noite do nosso círculo."

O Harry e eu subimos as escadas, onde vimos um grupo de pessoas sentadas em volta de uma mesa. Deram-nos cadeiras para nos juntarmos ao círculo e informaram-nos de que aquelas boas pessoas tinham acabado de perder a sua médium. Eu não tinha bem a certeza do que queriam dizer, mas não importou porque, quase de imediato, deixei de saber de mim.

Quando voltei à consciência, disseram-me que estivera em transe e que espíritos tinham comunicado através de mim.

"És uma médium — uma médium natural", disseram-me.

Fiquei atónita e confusa. O que significava? A palavra "médium" nada significava para mim naquele momento. Eu tinha experimentado manifestações psíquicas, ou de PES, toda a vida e eram parte de mim — embora uma parte indesejada — a ponto de as aceitar como bastante naturais. Mas entrar em transe e comunicar com espíritos de outro mundo — isso já era outra coisa. Perguntei a mim mesma: Porquê eu? — e a resposta surgiu de imediato. Eu prometera a minha vida às entidades espirituais que me tinham curado. Obviamente, a minha vida fora-me devolvida para ser usada pelo Invisível. Agora que tinha diante de mim este tremendo desafio, sabia que tinha de explorar essa outra dimensão e descobrir o que era aquilo que eu recebia e de onde vinha.

As pessoas daquele círculo — o primeiro que encontrei — perguntaram-me se eu substituiria a médium que tinham perdido. Eu não tinha formação e não fazia a mais remota ideia de como começar, mas as entidades espirituais encarregaram-se do trabalho. Um dos primeiros comunicadores que se manifestou através de mim foi um homem que disse chamar-se Ajax, da Grécia antiga. Submetemo-lo a toda a espécie de testes e ele pareceu passá-los. Permaneceu algum tempo com o círculo a instruir-nos e depois partiu. Vieram outros e pareciam comunicar bom senso — nada de ultrarreligioso ou

místico que não se relacionasse com a vida neste plano. Pareciam bastante sensatos, verídicos e precisos. Tratávamos os nossos visitantes espirituais como amigos reais e com respeito; e eles retribuíam na mesma moeda.*

Quando tomei consciência pela primeira vez da minha mediunidade, eu não fazia ideia da longa e árdua estrada de disciplina, aprendizagem, verificação e humildade que teria de percorrer para desenvolver a minha sensibilidade natural. No início, eu própria não tomava parte no planeamento; deixei que o Outro Lado assumisse o controlo e deixei tudo desdobrar-se à sua maneira.

A mulher de um grande amigo nosso morrera de cancro. Ele estava inconsolável. Numa manhã de domingo veio ver-nos e disse ao Harry e a mim: "A minha vida já não significa nada para mim — nada. Vou matar-me." Distraidamente, pegou no jornal de domingo e foi apanhado por uma manchete que dizia: "PODE FALAR COM OS MORTOS." Era um artigo escrito por Shaw Desmond. Pareceulhe uma resposta ao seu grito de desespero. O nosso amigo escreveu a Shaw Desmond, que o pôs em contacto com Louisa Bolt, uma conhecida médium de voz. Começou a frequentar o círculo dela uma vez por mês e conseguiu comunicar com a esposa.

Um dia telefonou, muito excitado: "Tenho uma mensagem importante do mundo espiritual para a Ena. Ela vai demonstrar clarividência numa tribuna espiritualista muito em breve."

"Isso é a maior piada de qualquer dos mundos", respondi. "Conduzir um serviço, eu? Ora essa, eu não saberia por onde começar. Ficaria petrificada."

Poucos dias depois tocou o telefone e o Harry atendeu. Cobrindo o auscultador com a mão, gritou: "Ena, é da Igreja Cristã Espiritualista. Reservaram o Odd Fellows Hall para amanhã à noite e a médium está doente. Ela não pode ir. Querem saber se tu assumes o serviço. O que lhes digo?"

Devo explicar que era costume, nesses tempos, as igrejas espiritualistas — que raramente eram proprietárias dos seus edifícios — alugarem uma sala para as congregações se reunirem. Muitos dos que assistiam eram atraídos pela médium, que dava mensagens clarividentes do Outro Lado a membros da assistência. Era isto que me estavam a pedir.

Entrei em pânico, apesar de a previsão original ter vindo do mundo espiritual. "Diz-lhes que eu volto a ligar. Tenho de pensar", instruí o Harry, enquanto fugia escadas acima. Tentei falar com os espíritos. Repeti vezes sem conta: "Eu sei que não consigo."

A resposta veio: "Leva apenas o teu corpo ao serviço, rapariga; nós faremos o resto."

E foi assim que aconteceu, e assim comecei. Já lá vão muitos anos desde que fiz demonstrações públicas, mas até hoje lembro-me da sensação. Quando me pus nessa tribuna do Odd Fellows Hall pela primeira vez na vida, perante uma assistência, senti como se do meu cabelo brotasse um emaranhado de fios elétricos ligados a um quadro de comutação invisível perto do teto. Quando uma mensagem chegava ao quadro, o sinal puxava um dos fios, repuxando-me o couro cabeludo. Depois a corrente ligava-se ao destinatário pretendido. Quando a pessoa certa era encontrada, havia um *clique* e eu sabia que a pessoa a quem a mensagem se destinava tinha sido alcançada e que a comunicação do Outro Lado fora consumada.

A reunião deve ter corrido bem, pois as mensagens chegaram espessas e rápidas. Depois fui cercada por pessoas a pedir consultas privadas. Depressa tive uma experiência em que me vi confrontada com a tremenda responsabilidade do trabalho que assumira. Um jovem, que perdera recentemente a esposa, veio ver-me. A esposa comunicava bem e a sessão pareceu trazer-lhe grande conforto e esperança. Ao terminarmos, ele tirou do bolso um frasco e disse-me que estava cheio de veneno. Mostrou-mo, dizendo: "Se eu não tivesse encontrado aqui a verdade de que a minha querida sobrevive, ia engolir isto."

Quão inadequada por vezes me sinto para servir da forma como fui chamada, desde aquele primeiro serviço.

3
SOBREVIVER À GUERRA

Muitas semanas antes de a Segunda Guerra Mundial ser declarada, os espíritos disseram-me que ela vinha aí. Claro que não eram precisos poderes sobrenormais para saber que as nuvens venenosas nazis não seriam mantidas afastadas pelo guarda-chuva de paz de Neville Chamberlain. Fui assegurada, vezes sem conta, pelos espíritos de que o Harry passaria incólume por todos os muitos perigos e regressaria vivo. Isto confortava-nos pessoalmente, mas esse raio de luz não bastava para dissipar o pesado e sufocante pressentimento que me assombrava dia e noite.

Os estaleiros vizinhos de Chatham fervilhavam de atividade. Gillingham era uma colmeia de mexericos, rumores e especulação, pois os homens de tantas famílias ali residentes pertenciam às forças regulares. Estavam habituados a preparar-se para a separação, mas isto era diferente. Como todos os britânicos, eu preocupava-me com o meu país e rezava pela vitória e pela segurança dos nossos entes queridos e vizinhos. Como sensitiva, sofria o peso esmagador do destino por todas as mortes que viriam e por todos os enlutados a consolar.

Fiquei extremamente grata por, afinal, depois de sete anos de dúvidas, o Harry se ter convertido algum tempo antes do alarme de guerra, pois sentia que a sua nova fé o ajudaria a atravessar tudo. Aconteceu de uma maneira algo engraçada e, como eu estava em transe quando sucedeu, deixo o Harry descrevê-lo à sua maneira:

Costumávamos sentar-nos em grupo — três homens e a Ena — e, em geral, ficávamos uma hora. Depois de passada a hora, encerrávamos o círculo. Nessa altura eu não estava convencido. Estava intensamente interessado, mas não era crente. De repente, certa noite, a Ena entrou em transe e alguém começou a falar através dela. Isto era muito invulgar porque ela raramente entrava em transe nessas reuniões do círculo doméstico. Tentámos saber quem falava e disseram-nos que era o meu pai.

Sabendo que a minha mulher sabia tudo sobre mim e sobre a minha família, e sabendo quão crítica ela era e quão cético eu era, disse aos outros dois homens que, se o meu pai estava realmente ali e queria convencer-me, teria de me dar algo que a minha mulher não soubesse; caso contrário, não satisfaria nenhum de nós.

Os meus dois companheiros perguntaram-me que assunto eu consideraria como algo que a Ena não saberia. Pensei um momento e ocorreu-me — o ritual maçónico. A Ena não só nada sabia do ritual maçónico — era, na verdade, contra toda a ideia da Maçonaria.

Ora, o que me interessaria era se essa pessoa, que diz ser o meu pai, me conseguir dar as palavras-passe e os apertos de mão entre o segundo e o terceiro graus. Eu acreditaria certamente, sobretudo porque o meu pai fora a pessoa responsável por essa cerimónia. Além disso, numa dessas cerimónias ocorreu algo invulgar, conhecido apenas por ele, por mim e pela outra pessoa que participou.

Estendi a mão e a Ena deu-me os apertos e as palavras-passe — permanecendo todo o tempo em transe. Depois o meu pai, falando pela Ena, descreveu o incidente invulgar que ocorrera durante a cerimónia, o que para mim foi altamente probatório, já que ninguém o sabia, muito menos a Ena.

Contudo, o traço mais marcante de toda a sessão foi que o meu pai nunca teria transmitido ou exibido segredos ou rituais maçónicos perante pessoas que não fossem maçons. E os outros dois homens do nosso grupo eram maçons. Nós os três éramos maçons e, além disso, a Ena não só não sabia nada do assunto, como não queria saber, porque, como disse, era muito contra "toda essa coisa". Portanto, isto deixou-me completamente sem chão e, desde então, fiquei absolutamente convencido de que a comunicação com o Outro Lado era possível e era um facto.

A 9 de abril de 1940, Hitler atacou a Dinamarca e a Noruega, o governo de Chamberlain caiu e Winston Churchill formou o nosso governo nacional de tempo de guerra. Horas depois, o navio do Harry, o *Renown*, largou.

Eu estava uma tarde na cozinha, a lavar a loiça, quando senti muito fortemente a presença do meu pai. Reparei num disco de luz alaranjada na parede. Olhei em redor para encontrar a fonte, pensando primeiro que seria um reflexo do exterior. Não havia nada. Então soube que só podia vir do Outro Lado. Durante todos os anos da guerra, apareceu — um símbolo de segurança e proteção. Quando não aparecia, eu corria para os abrigos antiaéreos ou para o meu posto de ambulâncias para entrar de serviço, pois sabia que as bombas vinham aí.

A "telepatia de crise" é a forma mais comum de PES e ocorre mais vezes do que qualquer outro fenómeno. Até os investigadores mais cépticos o admitem. Sob a pressão de forte emoção ou tragédia, a comunicação entre entes queridos não conhece tempo nem espaço. Se foi "telepatia de crise" ou uma comunicação intensificada com as minhas entidades espirituais, especialmente com o meu pai, não sei. Admito que o estado emocional que vivíamos — o medo e a ansiedade constantes — desenvolveu e estimulou a minha sensibilidade e recetividade. Nunca houve ocasião em que o Harry estivesse em perigo que eu não soubesse ou não fosse avisada pelo Outro Lado.

***** Ena Twigg, "How I Became a Medium", *The Psychic Reader*, ed. Martin Ebon (Nova Iorque: World Publishing Co., 1969).

A água transporta um poder tremendo para mim, e sou extremamente suscetível à água corrente. Muitas vezes, as visões e comunicações surgiam quando eu estava à pia da cozinha a lavar a loiça.

Eu estava à pia quando ouvi a voz do Harry dizer: "Estou bem, querida, estou bem." Percebi imediatamente que algo estava errado.

Liguei o rádio. Vasculhei o jornal. Nada tinha sido noticiado. Fui ver a minha mãe e disse-lhe que sabia que havia algo errado com o navio do Harry, mas não conseguia perceber o quê. Ela fez o melhor para me consolar. "Há tanta coisa a acontecer com a guerra; pode ser qualquer coisa", disse. "Ao menos sabes que ele ficará bem."

Tentei pôr o sentimento de lado. Nessa noite, ouvi um dos comunicadores dizer: "Agora, aconteça o que acontecer e temas o que temeres, ele está perfeitamente a salvo. Está tudo bem." Eu tinha fé nos meus espíritos e nas suas comunicações, mas uma médium é também uma mulher e um ser humano e, nesse plano, eu estava cheia de ansiedade. Não conseguia "ver" nem "ouvir" o que tinha acontecido, e do mundo comum também não havia notícias.

No dia seguinte saí com amigos. Passámos a tarde juntos e depois fomos todos para minha casa tomar chá. Um dos meus convidados, pai do popular artista de televisão John Bolt, estrela do *Black and White Minstrels' Show*, perguntou se podia ligar o rádio.

Quando rodou o botão, ouvimos a voz de Winston Churchill a dirigir-se à Câmara dos Comuns. Anunciava que o *Renown* estivera em ação ao largo da costa da Noruega, em Narvik, e fora atingido. O navio estivera sem contacto rádio durante quarenta e oito horas, mas o governo acabava de receber uma comunicação dele a dizer que estava em segurança.

O Harry serviu oito meses a bordo do *Renown*, a ensinar mergulho em alto-mar e técnicas de reparação subaquática aos membros da tripulação que eram a primeira linha contra danos de submarinos por baixo do convés e fogo de artilharia por cima. Era um serviço perigoso e, embora ele nunca falasse disso (porque o Harry é excessivamente modesto), eu sabia — e acredito com todo o meu ser — que foi a fé nos espíritos que o trouxe são e salvo.

O Harry foi transferido para o *Arethusa*, o único cruzador a sobreviver a cinco viagens na mortal rota entre Malta e Alexandria. Certa noite vi o Harry na

água, com sangue no rosto, e ouvi o meu pai dizer: "Está tudo bem. Temos-no perfeitamente em segurança. Ele ficará bem."

Depois da experiência anterior, essa palavra do meu pai bastou-me, e aguardei um cabo do meu marido a dizer-me que estava bem. No dia seguinte chegou o cabo esperado, dizendo "TUDO ÓTIMO" — o que, para mim, significava que tudo estava tudo menos ótimo. O *Arethusa* tinha sido torpedeado e devia regressar aos estaleiros de Chatham para reparação. Não havia senão silêncio absoluto quanto ao paradeiro do *Arethusa* e do Harry. Soube que o impacto fora bastante sério e que muitos tripulantes se tinham perdido. Pelo menos eu sabia que o Harry estava vivo, mas onde estava ele?

Como não conseguia obter satisfação nem do meu marido nem do Departamento da Marinha, peguei num mapa-mundo e perguntei às entidades espirituais: "Onde está ele agora?" Eles mostraram-me Charleston, na Carolina do Sul, na América. Achei aquilo estranho, mas, como os espíritos raramente se enganam, sentei-me e escrevi uma carta por via aérea ao meu marido, endereçada ao cuidado do *Arethusa*, U.S. Naval Station, Charleston, South Carolina.

Recebi resposta por via aérea pelo correio seguinte. O Harry estava furioso. "De onde tiraste esta informação?", exigiu. "Vais arranjar-me um conselho de guerra e pôr-nos os dois na prisão. Isto é informação altamente secreta." Respondi que tinha recebido a informação do atlas e dos meus espíritos — uma história verosímil que o Harry teve imensa dificuldade em explicar aos seus oficiais.

Aparentemente, depois de ter sido torpedeado perto de Alexandria, o *Arethusa* iniciara viagem de regresso aos estaleiros de Chatham. A meio do percurso receberam a notícia de que os estaleiros tinham sido bombardeados, e foram ordenados à base americana para reparações. Uma grande parte da tripulação perdeu-se e o Harry sofreu uma ligeira lesão num olho.

Certa noite subi para o meu quarto às escuras por causa do *blackout*. Estava deitada, em silêncio, a pensar como estava inusitadamente sossegado — não havia aviões a passar, nem bombas voadoras, nem holofotes. Dei-me conta de que o quarto inteiro estava a ser iluminado por uma luz rosada e prateada. Depois, estava a olhar para o longe, para um homem ajoelhado diante de um altar numa igreja muito grande. Não sei como comunicámos, mas perguntei-lhe: "Por quem estás a rezar?"

"Estou a rezar pelas almas dos que virão para o nosso mundo amanhã", respondeu.

"Porquê amanhã?", perguntei. "Em que é que amanhã será diferente dos outros dias?"

Ele disse: "Amanhã é o Dia D, o início da invasão da França. Aí está o navio do teu marido. Será um dos primeiros cruzadores a entrar. Será atingido à proa e à popa, mas às oito horas, daqui a uma quinzena, o teu marido estará são e salvo à tua porta."

Vi então todo o desembarque do Dia D desenrolar-se como num ecrã de cinema. Vi os aviões, os planadores; vi homens na água, sangue, tiros. Foi absolutamente aterrador. Acendi o candeeiro da mesa de cabeceira e olhei para as horas. Era meia-noite. Levantei-me, vesti-me, desci. Não havia um único holofote ligado, nem um canhão a disparar, nem o som de um avião a passar. Foi uma das noites mais calmas que tivemos em muitos meses.

Pensei que podia estar a enlouquecer, embora tivesse a certeza absoluta do que vira e ouvira. Não poderia ter imaginado tudo, porque, até essa visão, nunca tinha visto um dos planadores que foram usados na invasão. Fiquei em baixo, a fazer bules de chá, apenas à espera que algo começasse. Às quatro e meia os aviões começaram a passar. Um dos aviões caiu e a explosão das bombas iluminou o céu. Liguei as notícias das seis, mas não havia uma única menção da invasão no rádio. No noticiário das oito disseram-nos que a invasão começara às quatro e meia dessa manhã.

Quinze dias depois, precisamente na terça-feira que fora prevista, às 8h00, à hora que eu tinha apontado, o Harry tocou à campainha da porta da frente. Tudo estava exatamente como os espíritos tinham predito.

Em casa, continuávamos a nossa vida diária com a graça e coragem que conseguíamos reunir. Fazíamos a nossa parte, tentando partilhar as magras rações, cumprindo os *blackouts*, trabalhando em voluntariado. Trabalhei no Corpo de Ambulâncias, tentando aliviar a dor dos feridos com primeiros socorros e orações. Mais tarde fui vigilante de incêndios e patrulhava a rua com o meu capacete de aço.

A nossa casa foi bombardeada duas vezes numa semana. Eu estava ao lado, com uma amiga dos tempos do colégio de freiras, a ajudá-la com as gémeas e um cão histérico. As bombas partiram todos os vidros, mas, nessa altura, eu já a tinha ajudado a levar a pequena família para o abrigo antiaéreo. Quando

soou o "all clear", saí para ver que estragos havia. Um dos nossos vizinhos vinha pela rua e olhou para mim, ansioso. "Está tudo bem consigo, Mrs. Twigg?", perguntou.

"Perfeitamente bem", respondi; depois olhei para mim e percebi que estava coberta de vidro da cabeça aos pés. Ele ofereceu-se para vir comigo ajudar-me a limpar. Mal entrámos, os aviões voltaram e começaram a largar bombas outra vez. Atirei abaixo aquele homem de um metro e noventa e cobri-o com almofadas, tentando protegê-lo com o meu corpo de um metro e cinquenta e sete. Foi realmente muito engraçado, e rimo-nos bem os dois apesar das bombas. Se não tivéssemos mantido algum sentido de humor nesses dias, todos teríamos quebrado.

Durante esses anos difíceis, a lei da Nanny de "dar com amor" demonstrou repetidas vezes, de forma dramática, a sua validade e verdade. Recebíamos uma onça de manteiga por semana, duas onças de carne, um bocadinho de açúcar e talvez um ovo de duas em duas semanas. E, quando eu encontrava alguém que precisava mais do ovo ou daquele bocado de carne ou açúcar do que eu, dava-lho, como aprendera a fazer. Mas descobria sempre que, na verdade, não o conseguia "dar" — porque voltava por outro lado, de algum quadrante inesperado. E assim aprendemos que o que a Nanny dizia era verdade: "Se deres uma coisa por amor e com os motivos certos, ela traz a sua própria bênção."

Depois do Dia da Vitória na Europa, o Harry veio a casa com uma licença de quinze dias. Imaginava que lhe arranjariam algum trabalho num depósito interno em Inglaterra, porque estivera em ação durante toda a guerra, mas, quando se apresentou ao serviço, disseram-lhe: "Estás convocado." Achámos isto muito injusto, mas nada havia a fazer. Disseram-lhe que era urgentemente necessário para "Party Piano", o nome de código de uma missão muito importante e secreta no Extremo Oriente. Claro que a guerra com o Japão ainda prosseguia e o Harry percebeu, pela envergadura dos preparativos que estavam a fazer na intendência, que essa operação "Party Piano" era o prenúncio de uma força considerável que planeavam enviar para o Pacífico.

O Harry chegou a casa do quartel, certa noite, muito abatido, e perguntou-me se eu achava que as entidades espirituais nos poderiam dizer algo sobre o que o esperava — a ele, a nós. Não se pode dar ordens ao Outro Lado, e ninguém pode garantir a ninguém o que virá — se é que virá algo —, mas

concordámos que valia a pena tentar. Mal nos sentámos na sala, entrei em transe, e por isso o Harry continuará o resto da história:

A Ena mal estava na cadeira quando "partiu". Deu-me uma série de factos que fui copiando em pedaços de papel. As entidades espirituais disseram-lhe que eu iria embarcar em Liverpool, num navio chamado *Meloja*, mas que estaríamos a perder o nosso tempo, porque quando chegássemos aos 83 graus de longitude leste e 5 graus de latitude norte, a 6 de agosto de 1945, a guerra teria acabado.

Eu, habitualmente, aceitava as coisas vindas dos espíritos sem questionar nem discutir, mas tinha a certeza de que esta informação não estava certa, porque estávamos a preparar um grande reforço para o Extremo Oriente — iam milhares — e eu seguia na equipa da frente para montar as oficinas. Não mandariam uma força tão grande se a guerra estivesse para acabar tão cedo.

De qualquer modo, cerca de três semanas depois enviaram-nos, tarde da noite, para a estação de caminho de ferro e disseram-nos que íamos embarcar em Southampton. Entrei no comboio à meia-noite. O comboio ficou empancado a noite toda. Quando começou a clarear, olhei pela janela e vi, numa placa, a estação "Aintree". Aintree fica mesmo fora de Liverpool. Apontei um para os espíritos.

Quando descemos aos cais, a primeira coisa que vi foi a popa do navio e, bem visível na popa, o nome *Meloja*. Ora, já tinha confirmado o local de onde partia e tinha o nome do navio. Dois pontos para os espíritos.

Navegámos pelo Suez e chegámos até Ceilão, onde abastecemos de óleo e víveres. Estávamos muito perto da latitude e longitude que me tinham sido dadas na sessão em transe, mas ainda faltavam dois dias para a data. Saímos para o mar e deveríamos seguir diretamente para a Austrália, mas, em vez de prosseguirmos caminho, começámos a patrulhar para cima e para baixo em varrimentos de cerca de cem milhas durante os dois dias seguintes. A 6 de agosto, a telegrafia sem fios deu-nos a notícia de que a primeira bomba atómica tinha sido lançada sobre Hiroxima e de que, para todos os efeitos, a guerra acabara.

O notável desta história é que, na altura em que os espíritos nos deram toda esta informação correta, ninguém sabia — nem sequer o Presidente dos Estados Unidos, que tomou a decisão de usar a bomba atómica — quando ou onde seria usada — se é que seria.

O Harry discutiu isto muitas vezes comigo, e diferimos na explicação da precognição. Ele acredita que tudo isso já estava em marcha — que as tripulações para o lançamento das bombas atómicas já existiam e estavam em treino, que a produção avançava, que tudo estava em movimento. Apenas nós não o sabíamos pelos canais noticiosos ou sensoriais normais. Claro que isso deixa de fora o elemento importante da decisão do Presidente americano e da escolha da data. Mas o tempo é apenas algo que nós, neste mundo, entendemos. No outro mundo não há tempo, embora eles nos possam dar tempo nos nossos termos, se for mesmo necessário.

4
"O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS..."

Finalmente a guerra acabou. O Harry e eu sentíamos profundamente que agora devíamos uma dupla dívida aos nossos amigos espirituais e estávamos determinados a pagá-la. Não íamos pedir mais nada para nós; já nos tinham sido dadas duas vidas. O que nos fora concedido fora dado como prova, como base para o trabalho que eu tinha de fazer pelos outros e para me assegurar de que estava realmente em contacto com uma Inteligência para além de mim própria e que não era apenas a minha própria PES em ação. Eu tinha de saber que havia outras entidades, que não eram apenas camadas da minha imaginação a funcionar, e que as pessoas que eu via e ouvia não eram alucinações.

Toda a minha vida profissional cooperei de bom grado com investigadores psíquicos: submeti-me à análise mais crítica, fui atada com fios e elétrodos como um frango pronto a ir ao forno, fui testada e retestada por cientistas físicos e psíquicos de todo o mundo. Nos primeiros tempos, porém, durante os anos de guerra, quando todos estavam preocupados com a sobrevivência do aqui e agora, eu era desconhecida e não havia investigadores profissionais a derrubar-me a porta para me ajudarem a estudar a minha mediunidade. Fiz o melhor que pude, verificando e reverificando-me sempre que possível.

Aqui está um caso ilustrativo. Eu tinha estado a trabalhar em Londres. O Harry estava no mar. Tinha estado fora alguns dias e, quando voltei a casa, aquilo estava um pandemónio. Liguei o aspirador, peguei no espanador e esfregona, e ia afincada na limpeza quando bateram à porta. Estava lá uma mulher alta. Disse: "Ah, eu queria falar com a Mrs. Twigg." Tinha um lenço

atado à cabeça, um avental por cima de um vestido velho e o aspirador na mão. Devia parecer a mulher-a-dias da aldeia.

"Eu sou a Mrs. Twigg", respondi. A mulher pareceu surpreendida e claramente desiludida. A maioria das pessoas pensa que a vida das médiuns se passa em salas às escuras, com bolas de cristal e cortinados pesados, e que usamos vestes esvoaçantes e toalhas de borlas na cabeça, como ciganas que leem a sina. Nada podia estar mais longe da verdade — e menos ainda com uma sensitiva genuína. O nosso trabalho é vida e dar vida e nova esperança, e eu nunca trabalhei numa sala escurecida. Tudo tem de ser completamente normal e natural e tão real como a vida dos cinco sentidos.

Eu nunca tinha visto aquela mulher e disse-lho. "Não, eu sei que não", concordou ela e, com isso, desatou a chorar.

Estava muito frio lá fora, por isso convidei-a a entrar, onde havia um fogo quentinho na lareira. Fiz-lhe uma chávena de chá. Quando conseguiu controlar o choro, contou-me que a sua vizinha tinha assistido a uma demonstração numa das igrejas espiritualistas e que eu lhe dera uma mensagem. "Um rapaz morreu agora de pólio", eu teria dito à vizinha. "Não é o seu rapaz. É o rapaz da sua vizinha do lado."

Ao que parecia, era verdade: o filho da minha visitante morrera recentemente de pólio. A mulher continuou: "Depois de o nosso filho John morrer de pólio, o meu marido e eu fomos para a Escócia. Acabei de regressar e estava sentada em casa, a chorar até me acabar a alma, a chamar: 'John, John, onde estás?' A minha vizinha ouviu-me e bateu à porta. Disse: 'Eu sei onde o John está', e repetiu a mensagem que recebera de si. Vim só agradecer, mas… é mesmo verdade?"

"É verdade", assegurei. "Testei isto por todas as vias e sei que é verdade. Sei que eles continuam a viver e sei que, se lhes dermos as condições certas, podem comunicar."

No aparador havia uma grande taça de flores que me tinham oferecido depois de uma das minhas aparições públicas. De repente, um ramo inteiro de crisântemos lançou-se pela sala fora e caiu ao colo da mulher. O rosto dela iluminou-se. Mal conseguia falar. Tirou um cartão e enfiou-o na minha mão. "Aqui está o meu cartão. Vai ver-me?"

Expliquei-lhe que isso seria impossível, porque, se começasse a fazê-lo com qualquer uma das minhas consulentes, não teria fim. "Leve as flores", disse,

enfiando-lhe o ramo inteiro nos braços. "Leve o conforto que puder do que viu e viveu hoje aqui. Leia o que puder; há bons livros sobre este assunto. Proceda com inteligência e verá que o rapaz estará muito perto de si. Aposto que receberá muito mais do que já recebeu. Este é o seu ponto de viragem." A mãe, confortada, saiu, e eu voltei à limpeza.

Na semana seguinte estava a tratar da lareira (naqueles dias tínhamos braseiras a carvão), quando olhei para cima — e lá estava o rapaz, de pé, no meio da sala.

"Dás um recado à minha mãe?", perguntou.

"Se for um recado verdadeiro", respondi. "Não vou simplesmente dizer-lhe: 'O John esteve aqui.'"

"Diz à minha mãe e ao meu pai que vi o lago dos lírios que eles fizeram no jardim de trás em minha memória. E, se olhares para o jardim para lá das roseiras, verás por que vim dizer-te isto."

Aqui estava uma oportunidade para um teste a sério e uma verificação real, mas eu não conseguia encontrar o cartão que a mãe do John me dera. Como nunca tencionara usá-lo, atirara-o para uma gaveta cheia de correio e cartões — o meu "baú de esperanças" das consulentes, a recompensa do meu trabalho e a némesis da minha existência. Procurei, procurei, durante horas. Finalmente encontrei o cartão e fui ao endereço nele indicado.

A mãe do John ficou radiante por me ver. "Entre, por favor", disse, hospitaleira.

"Não, primeiro deixe-me dar-lhe esta mensagem antes de mais nada", respondi com firmeza. Tirei o papel onde tinha escrito a hora e a data da visita do seu filho e li: "O seu rapaz veio ter comigo e quis agradecer-lhe, a si e ao pai, o lago dos lírios em sua memória. Disse que fica perto das roseiras, do lado esquerdo do jardim."

A mulher ficou estupefacta. Quando recuperou, disse: "Venha comigo. Quero mostrar-lhe como isso é exato." Atravessámos a casa, passámos pelas portas de sacada e saímos para o jardim. Lá, à esquerda das roseiras, estava o lago dos lírios. Tinha sido concluído no dia anterior. No cimento do fundo estava inscrito: "IN LOVING MEMORY OF JOHN RYAN".

Muitos escritores, académicos e sensitivos escreveram definições de "mediunidade". O meu querido amigo e colega Maurice Barbanell, o

brilhante editor do semanário *Psychic News* e da revista *Two Worlds*, é também um médium famoso e respeitado, o canal de "Silver Birch" (o seu guia índio americano). Definiu o termo muito bem no seu livro *This Is Spiritualism*:

A mediunidade é sensibilidade, a capacidade de registar vibrações, radiações ou frequências que não podem ser captadas por nenhum dos cinco sentidos. O homem construiu uma variedade de instrumentos que lhe permitem aperceber-se de imagens e sons que, de outra forma, se perderiam para os seus sentidos. O telescópio revela a majestade dos céus que o olho não consegue ver. O microscópio permite-nos conhecer formas minúsculas de vida que estão para além da nossa visão. O radar, o raio X, a rádio e a televisão captam para nós vibrações que estão fora do alcance dos nossos órgãos visuais e auditivos.

O médium, como o nome indica, é um intermediário — é, na prática, um rádio ou televisor humano. Ele ou ela — geralmente ela, porque as mulheres são mais sensíveis do que os homens — consegue sintonizar um mundo de atividade que, para o resto da humanidade, é invisível e inaudível. Tal como o rádio ou o televisor, cada médium é limitada no seu alcance de receção. Ao contrário dos seus homólogos mecânicos, porém, os médiuns podem, através do desenvolvimento, aumentar a sua capacidade de receção.[*]

Barbanell, numa entrevista especial com Ruth Brod, desenvolveu o tema:

O que se chama o mundo espiritual não é algum planeta distante, situado geograficamente — é parte do universo em que vivemos. Não há fronteiras rígidas entre este mundo e o que é erradamente chamado de "o próximo". Ambos fazem parte de um só universo, e estes aspetos misturam-se, fundem-se e interpenetram-se o tempo todo. Mas, por causa do materialismo constante e crescente em que o homem vive, ele corta-se, mais ou menos automaticamente, do mundo espiritual, que é tanto parte do seu habitat natural como o mundo físico. Eis uma das razões pelas quais tantos povos primitivos permanecem naturalmente psíquicos — porque vivem perto da natureza. Não se tornaram citadinos forçados a ocupações materialistas para ganhar a vida; por isso estão normalmente acessíveis às vibrações mais subtis do mundo espiritual.

Os médiuns surgem naturalmente em todas as épocas da história, com a

mesma frequência com que aparece um Nijinsky, um Rubinstein ou um Yehudi Menuhin. O talento do médium, como o deles, é natural, e tem de ser desenvolvido com a mesma disciplina rigorosa, treino e humildade. Se dispersarmos as nossas energias, não cuidarmos do corpo ou entupirmos o canal com excessos de comida, bebida, tabaco ou até de trabalho, a mensagem não consegue passar com clareza. Por isso, a verdade, a exatidão e a dedicação total são absolutamente essenciais. A vida do médium não é fácil.

Muitas vezes pedem-me que explique como ouço e vejo as coisas e o que me acontece quando estou em transe ou quando me coloco diante de uma assistência, pelo que sinto que, neste ponto, devo esclarecer um pouco como funciona a minha mediunidade. Há médiuns físicos e médiuns mentais. Os primeiros produzem manifestações físicas: materializações de ectoplasma, *apports*, voz direta através de trompetes ou outros dispositivos, psicocinesia (movimentação de objetos sem contacto físico) e afins.

Os médiuns físicos estiveram muito em voga no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Ainda existem excelentes médiuns físicos, mas estão a tornar-se bastante raros. É fácil a fraude, usando truques de ilusionismo e prestidigitação, infiltrar-se nas suas fileiras, o que ajudou a desacreditar todo o campo durante muito tempo. Contudo, como a Rússia e outros países comunistas começam a subsidiar os seus médiuns físicos, poderemos assistir a um renascimento do interesse e ao desenvolvimento de mais médiuns físicos no futuro.

Eu sou médium mental e médium de transe. Sou clariaudiente e clarividente, ou seja, ouço e vejo psiquicamente. Quando sou clariaudiente, ouço vozes, geralmente a virem de um pouco acima do meu ombro esquerdo. Por vezes, os comunicadores espirituais na sala falam alto o suficiente para que os consulentes os ouçam, e assim a voz direta acontece espontaneamente. Alguns exemplos deste fenómeno serão relatados pelos próprios participantes na Parte II deste livro.

A minha clariaudiência pode funcionar em qualquer lugar. Muitas vezes, aproximo-me de pessoas em autocarros e comboios, e as mensagens começam a chegar clariaudientemente. Já aconteceu em átrios cheios de hotéis, em abrigos antiaéreos durante um bombardeamento, uma vez numa sala de espera de aeroporto — a qualquer hora, em qualquer sítio, muitas

vezes de forma imprevisível. Quando recebo estas mensagens, tenho vontade de me aproximar das pessoas a quem se destinam, e às vezes faço-o.

Quando estou clarividente, vejo formas espirituais, tanto mentalmente como objetivamente. Quando as vejo mentalmente, de olhos fechados, são sempre em miniatura, muito mais pequenas do que quando tenho os olhos abertos e vejo objetivamente. Antes de uma forma espiritual aparecer, vejo uma luz intensamente brilhante e, depois, a forma vai-se construindo sob a luz. Consigo sempre ver através das formas espirituais e foi por isso que, em criança, lhes chamava o meu povo nebuloso.

Vejo frequentemente visões ou cenas inteiras — pessoas em ação, em cores vivas. Estas cenas são frequentemente fora do tempo — precognitivas, coisas que acontecerão no futuro ou que estão a acontecer nalgum lugar distante. É como ver um pequeno ecrã de televisão, sem moldura, do outro lado da sala.

Quando entro em transe, sinto uma sensação na nuca, mesmo no topo da coluna. É como se houvesse um bloqueio. Posso estar sentada, a dar clariaudiência ou clarividência, e sinto-me a ser gradualmente subjugada. O que quero dizer não sai, tudo fica enevoado. Dou por mim a respirar profundamente. Depois "vou-me". É difícil dizer o momento exato em que acontece.

Fico tão dissociada do meu corpo físico (obviamente, outra pessoa está a falar através dele) que uma outra "eu" pode afastar-se — e afasta-se. Nessas alturas, ao que parece, posso falar com outras entidades do Outro Lado ligadas de algum modo ao "consulente". Muitas vezes regresso dessas viagens fora do corpo com informações e provas que recolhi e que nada têm que ver com a pessoa que está a usar o meu corpo e voz para comunicar com o consulente. Lembro-me de ter estado a falar com elas, embora não tenha absolutamente memória do que a pessoa que falava através do meu corpo em transe estava a dizer.

Às vezes é exasperante. Volto à consciência e toda a gente está a discutir o que ouviu e eu não sei do que estão a falar. Um dia, dois queridos amigos estavam aqui — o Cônego John Pearce Higgins, vice-provedor da Catedral de Southwark, em Londres, e o Reverendo William Rauscher, da América. O cônego recordou-nos que, uma vez, quando eu estava em transe, um guia disse: "Não é a Ena que está a falar, não é a médium que está a falar; ela está longe!"

Quando volto à consciência, preciso de alguns momentos para me ajustar e coordenar todas as faculdades. Por vezes, quando a passagem foi muito súbita, violenta ou chocante de alguma forma — como aconteceu no caso do Bispo Pike — posso sentir-me terrivelmente abalada, fraca, doente e transtornada. Mesmo em circunstâncias menos traumáticas, preciso de me afastar de toda a gente por um bocadinho e recompor-me.

Uma vez adoeci terrivelmente porque um consulente interferiu, pousando as mãos nos meus ombros enquanto eu estava em transe. Estava tão comovido — porque a sua esposa falava através de mim — que se esqueceu por completo dos perigos e tentou abraçar-me. O seu toque trouxe-me de volta à consciência demasiado depressa; fiquei em estado de choque e aflita. Demorei muito a recuperar. Por isso tento nunca entrar em transe na primeira sessão com um consulente inexperiente.

Muitas vezes pedem-me que fale dos meus guias. O meu pai ajuda o tempo todo. Muitas vezes encaminha os comunicadores e, frequentemente, uma entidade diz: "O teu pai disse-me como comunicar." Depois há o Philip, um amigo e mestre sábio que tem sido uma presença constante na nossa vida há muitos anos. Está no Outro Lado há 173 ou 183 anos — não tem a certeza de qual, e isso não importa — e temos registado a sua sabedoria e ensinamentos, que esperamos poder um dia oferecer ao mundo.

O Philip não é um guia — não traz entidades nem dá provas de sobrevivência. Ele está num plano espiritual elevado; partilha connosco a sabedoria e a orientação do Outro Lado e, ocasionalmente, revela os seus planos quando acha que estamos prontos para os receber. Partilharei uma das suas profecias mais surpreendentes consigo no ponto apropriado desta história.

[*] Maurice Barbanell, *This Is Spiritualism* (Londres: Herbert Jenkins, Ltd., 1959), p. 11.

Já descrevi as sensações que sinto quando estou a transmitir mensagens clariaudientes perante uma assistência. Há outra manifestação que gostaria de partilhar consigo. Às vezes, sem qualquer forma de comunicação, eu simplesmente "sei" coisas cá dentro. Posso ir a uma casa desconhecida para uma reunião, uma sessão ou uma visita social, e recebo indícios que me dizem muito sobre o que esperar. À chegada, poucas coisas me surpreendem porque já "sei" por uma sensação no plexo solar. Do mesmo modo, sei sempre quando uma mensagem está certa por causa da mesma sensação que tenho no plexo solar.

Costumo conseguir dizer muito sobre uma pessoa — um perfeito desconhecido — pelas cores que ela emite a partir do plexo solar. O vermelho denota alguém bastante bruto e sensual; o cinzento, uma pessoa deprimida; uma pessoa azul tem inclinação espiritual; uma pessoa púrpura ou roxo-azulada é alguém que está a estender a mão para o conhecimento e a compreensão espirituais e, à medida que a cor se torna mais límpida e refinada, denota que a pessoa está a evoluir.

Uma pessoa com castanho está geralmente terrivelmente deprimida, introvertida e confusa. Nunca vi uma pessoa com preto. Não gosto de ver cinzento nas pessoas. Quando surge azul com uma luz prateada ou dourada por cima, sabemos que essas pessoas estão realmente no caminho — são as que servem. Isto é diferente das cores áuricas, que mudam frequentemente, refletindo o estado de saúde mental e física. Quando vejo seres espirituais evoluídos, como mestres e filósofos, fico cheia de assombro; envolve-os uma luz tremenda, e as cores das suas vestes são belas.

Embora eu seja médium mental, já produzi um bom número de fenómenos físicos espontâneos sem tentar conscientemente fazê-lo: materializei e desmaterializei corpos e objetos. Algumas das materializações produziram vozes que ficaram registadas em gravações. Alguns desses episódios serão relatados nas histórias contadas pelos consulentes que os testemunharam.

Claro que muitas condições imprevisíveis regem a qualidade do desempenho de um médium. Já caí em transe durante um ataque aéreo e sob fogo de artilharia, e isso não me afetou. Noutras ocasiões, uma descida ou mudança da pressão barométrica, a atitude do consulente ou condições no Outro Lado — que não conseguimos controlar — afetaram a comunicação. Se alguma vez encontrar um médium que garanta seja o que for — quaisquer resultados —, essa pessoa não é um médium genuíno. Ninguém pode garantir nada. Dependemos inteiramente das condições proporcionadas pelos consulentes, de existir um laço de amor entre este e o Outro Mundo, de haver um sentimento de unidade e de *rapport* — todas estas coisas têm influência.

A Bíblia diz: "Agora vemos por espelho, em enigma; então veremos face a face." Isto é uma descrição de clarividência. Se esse espelho está límpido, vemos com muita clareza; se o espelho está baço com excesso de emoção, fanatismo ou preconceito, o que vemos é confuso e indistinto.

Continuamos sem saber por que motivo podemos sentar-nos com uma pessoa uma dúzia de vezes e obter resultados e, à décima terceira, não obter

nada — ou vice-versa. Mas isso é um médium honesto a trabalhar. Se um médium quiser deitar cá para fora um monte de generalidades, consegue dar uma sessão a uma pessoa todas as vezes, mas isso não é mediunidade.

Sentei-me com um clérigo durante anos, sempre por altura do Natal. Ele tinha uma menina no mundo espiritual. Costumávamos sentar-nos regularmente, talvez duas vezes por ano, mas sempre no Natal. Num desses Natais ele veio como de costume. Sentámo-nos — e não aconteceu nada. Eu disse-lhe: "Lamento imenso, mas não estou a receber nada." O homem chorou, literalmente, de desilusão. Tentei confortá-lo. "Não é culpa sua, não é culpa minha, não é culpa do Outro Lado. É algo que não compreendemos, porque não entendemos o princípio subjacente a tudo isto. Tudo isto é exploratório. Toda a mediunidade é exploratória. É uma aventura e uma descoberta."

Na véspera de Natal, telefonou. Eu estava até ao pescoço com os preparativos da minha própria festa. Ele disse: "Sinto-me horrível." Eu disse: "Bem, entra no carro e vem já, e tentamos outra vez." Sentámo-nos na minha sala — e aquilo simplesmente jorrou.

5
ESPIRITUALISTAS EM COMBATE

A mediunidade teria pouco mais significado ou importância do que os truques de um ilusionista de salão, por mais notável que fosse a atuação, se não fosse o facto de a médium não ser a mensagem — mas a mensageira. E a mensagem que o médium traz de volta contém a resposta à questão mais profunda e provocadora que o homem coloca desde que a vida começou: "Sobreviverei à morte do corpo — é isto tudo o que há?"

Todos os homens, em todas as épocas e culturas, partilham emoções universais: o medo da vida e o medo da morte. Há duas certezas: uma é que nasceste e a outra é que vais morrer. O que significa morrer? Significa aniquilação? A verdadeira mediunidade, praticada no plano espiritual mais elevado, fornece não só provas de sobrevivência, mas também um modo de ser e viver — um padrão e uma filosofia que removem estes medos gémeos.

O Professor C. D. Broad, um dos grandes filósofos e eruditos britânicos e investigador imparcial da parapsicologia, escreveu:

Parece-me que, a menos que alguns homens sobrevivam à morte dos seus corpos, a vida do indivíduo e da raça humana é uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, significando nada. Não consigo entender como alguém, com um conhecimento adequado de física, biologia, psicologia e história, pode acreditar que a humanidade no seu conjunto pode alcançar e manter indefinidamente um paraíso terrestre. (…) Tudo quanto sustento é que [a sobrevivência] é uma condição necessária para que a vida da humanidade seja mais do que uma farsa de segunda categoria.[*]

Enquanto todas as religiões prometem alguma forma de vida contínua, as práticas religiosas modernas rejeitam ou, nalguns casos, proíbem o uso dos meios para a comprovar através da comunicação com o Outro Lado. Felizmente, esta situação está a mudar, mas quando iniciei a minha carreira de médium — procurando cumprir a promessa feita aos amigos espirituais que primeiro salvaram a minha vida e depois a do Harry, e oferecendo a minha vida ao serviço —, as únicas saídas religiosas abertas para mim eram as igrejas espiritualistas.

Maurice Barbanell, a quem chamo Barbie, é conhecido em Inglaterra — e por muitos amigos americanos — como o Sr. Espiritualismo. Ele diz: "A mediunidade é a contribuição única que o Espiritualismo tem para oferecer. Proporciona a base de evidência a partir da qual tudo o resto no Espiritualismo decorre. É, no meu entender, o fundamento de facto demonstrável que o indagador honesto pode verificar por si mesmo."†

Não vou lançar-me agora numa discussão teológica, nem histórica. Mas as condições vigentes na Inglaterra em tempo de guerra e no pós-guerra desempenharam um papel tão importante na formação da minha carreira que vale a pena recordá-las. O Espiritualismo era uma religião sitiada, perseguida, e eu encontrava-me, queiramos ou não, como soldado raso na luta pela liberdade religiosa e jurídica.

A lei vigente no país continuava a ser o *Witchcraft Act* de 1735 e o *Vagrancy Act* de 1824, ao abrigo dos quais os médiuns (as pedras basilares dos serviços das Igrejas Espiritualistas) — juntamente com videntes, bruxas, quiromantes ou "pessoas que fingem ou professam dizer a sorte" — eram considerados "patifes e vagabundos".

A Igreja de Inglaterra não era muito mais benigna. O Arcebispo da Cantuária, Dr. Cosmo Lang, escreveu, em resposta a uma consulta de um pastor sueco,

Dr. Martin Liljeblad, que "o Espiritualismo e os serviços espiritualistas não são aprovados nem encorajados na Igreja de Inglaterra".

Esta atitude inflexível persistiu, embora em 1937 os arcebispos de York e de Cantuária tenham nomeado uma comissão de anglicanos respeitados para investigar o Espiritualismo.* A Comissão passou dois anos a estudar o assunto, visitando e investigando um grande número de médiuns.

Depois apresentou dois relatórios: o relatório da maioria, assinado por sete dos membros mais influentes da comissão, era no geral favorável ao Espiritualismo e à aceitação da doutrina da sobrevivência; o relatório minoritário, assinado por três membros — dos quais um era a esposa de um bispo e outro o secretário de um bispo —, era, no essencial, "em cima do muro" ou desfavorável. Nove anos após a conclusão do estudo, porém, nenhum dos relatórios tinha sido divulgado.

O Barbie, editor e jornalista tenaz, pressionou continuamente primeiro o Dr. Lang e depois o novo Arcebispo da Cantuária, Dr. William Temple, para publicar os relatórios. Manteve uma longa correspondência com o novo arcebispo, mas o Dr. Temple recusou obstinadamente a divulgação. "O Dr. Temple, liberal notável em economia, era ortodoxo na religião", disse Barbanell.

Dois membros da comissão ficaram indignados por o relatório ter sido suprimido e disseram-no publicamente. A batalha continuada com o arcebispo arrastou-se por nove anos. Finalmente, um dos membros da comissão revelou as principais conclusões do relatório maioritário a Maurice Barbanell, que imediatamente publicou a informação. Em 1948, a Psychic Press, Ltd., mandou fazer reimpressões do relatório para distribuição às igrejas ou a quem quer que solicitasse um exemplar.

A publicação causou tal alvoroço na imprensa nacional, que a reproduziu, que o arcebispo exerceu vários tipos de pressão e acusou redondamente os editores e Barbanell de uma variedade de "crimes" por terem tornado os relatórios públicos. Foi, na sua época, algo semelhante ao rebuliço americano em torno da divulgação dos *Pentagon Papers*. Todavia, Barbie e a *Psychic Press* receberam apoio público firme de vários membros da comissão. A exposição do relatório deu ao Espiritualismo uma apresentação justa e favorável, esclarecendo a mente de muitas pessoas sobre o assunto.

[] C. D. Broad, Religion, Philosophy and Psychical Research (Londres: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 1953), p. 114.
[†] Maurice Barbanell, This Is Spiritualism (Londres: Herbert Jenkins, Ltd., 1959), p. 11.
[] Alguns dos membros da comissão eram: Dr. Francis Underhill, Bispo de Bath e Wells; Dr. W. R. Matthews, Deão de St. Paul's; Cônego Harold Anson, *Master of the Temple*; Cônego L. W. Grensted Nolloth, Professor de Religião Cristã em Oxford; Dr. William Brown, psicólogo; Mr. P. E. Sandlands, Q.C., *barrister-at-law*; e Lady Gwendolyn Stephenson.

Um trecho do relatório diz: "Defende-se muitas vezes, com grande significado, que o Espiritualismo, em muitos aspetos, reafirma as mais altas convicções das pessoas religiosas e que trouxe a muitos uma nova certeza da verdade de ensinamentos que tinham deixado de ter qualquer significado para eles."*****

E outro: "É claramente verdade que o reconhecimento da proximidade dos nossos amigos que morreram, da sua presença na vida espiritual e da sua contínua solicitude por nós não pode senão, para aqueles que o experimentaram, acrescentar uma nova imediação e riqueza à sua crença na Comunhão dos Santos."+ O relatório maioritário concluiu aconselhando os representantes da Igreja a manterem estreito contacto com grupos de espiritualistas.

Toda a causa precisa dos seus mártires para inflamar o entusiasmo dos seus seguidores, e nós tivemos os nossos em 1944, quando Helen Duncan, uma médium de materialização, foi julgada, condenada e presa ao abrigo do *Witchcraft Act* de 1735. O julgamento foi uma sensação. O facto de Helen não ser uma fraude, de poder realizar honestamente materializações e de as ter efetivamente realizado diante da imprensa, de advogados e de testemunhas, não teve qualquer peso no processo.

Até Winston Churchill ficou indignado com o julgamento e anotou nas suas memórias que enviou um bilhete ao ministro do Interior, protestando que, em tempo de perigo e urgência, não se deviam desperdiçar fundos e tempo num julgamento por feitiçaria.

Segundo a lei, não importava minimamente que Helen Duncan fosse fraudulenta ou genuína. Isto dramatizou a injustiça da lei arcaica a tal ponto que precipitou uma campanha intensiva para a sua revogação. As igrejas espiritualistas por todas as Ilhas Britânicas uniram-se contra esta indignidade

final e ripostaram com "reuniões de propaganda" realizadas em salões, igrejas, cantinas de trabalhadores, centros juvenis e onde e quando fosse possível reunir uma multidão. Essas reuniões tinham um duplo propósito: primeiro, oferecer um serviço religioso que incluía sempre uma médium a dar clarividência à assistência; segundo, mobilizar a opinião pública para a revogação das leis ignominiosas que discriminavam a nossa religião.

Ao longo de toda essa década, primeiro durante a guerra e, com ímpeto crescente, à medida que os anos avançavam, compareci com frequência cada vez maior em igrejas espiritualistas por toda a Inglaterra, Escócia e País de Gales. Embora nunca deixasse de ter "borboletas no estômago", as minhas atuações de clarividência em tribuna eram muito populares, atraindo públicos cada vez maiores. Claro que havia tantos enlutados e tão poucas médiuns — não chegavam para todos. Depressa fui marcada como "agitadora", mas, com os espíritos a sustentarem-me, consegui enfrentar muitos adversários temíveis em debate em nome da nossa causa.

O serviço memorial de Billy Parish, realizado em fevereiro de 1946, em honra de um dos mais famosos curadores de Inglaterra, marcou um avanço profissional importante na minha carreira. Muitos dos grandes líderes do mundo espiritualista estavam presentes. O Reverendo C. Deeprose presidiu, e o jornalista célebre de Fleet Street Hannen Swaffer, Barbanell, Percy Wilson, a médium Eileen Blaschke e eu estávamos no programa. Conheci Percy e a sua esposa, Dorothy, pela primeira vez em 1942, quando ele era presidente da *Link Association of Home Circles*, e tornámo-nos amigos devotados durante a guerra, enquanto o Harry estava no mar. Os Wilson convidavam-me frequentemente para sua casa em Merton Park, perto de Wimbledon.

Na altura do serviço memorial de Parish, Percy Wilson — um brilhante engenheiro de áudio, reconhecido internacionalmente — exercia funções como secretário-adjunto no Ministério dos Transportes e presidente do Conselho de Londres da *Spiritualist National Union*. Era espiritualista de terceira geração na família. O seu avô, pastor unitário, abandonou esse ministério para se tornar médium e pregador espiritualista.

Depois de terminado o serviço, o Sr. Wilson foi muito elogioso acerca do meu trabalho e previu que eu ficaria assoberbada de convites. Como o Harry se ausentava muitas vezes, ofereceu-se para me ajudar a decidir que compromissos deveria aceitar, entre as centenas de igrejas espiritualistas que reclamavam datas.

O *Psychic News* noticiou muito favoravelmente o meu trabalho no serviço memorial: "NOVA CLARIVIDENTE TEM UMA PERSONALIDADE DINÂMICA", dizia a manchete. O texto continuava:

Onde estão as novas médiuns? Uma pergunta tantas vezes feita foi respondida com eficácia na semana passada pela demonstração de clarividência dada por Ena Twigg, uma recém-chegada relativa.
A Mrs. Twigg tem uma personalidade dinâmica. A sua clarividência é dada em frases rápidas, entremeadas de comentários humorísticos. Embora estivesse nervosa por estar a apresentar a sua mediunidade pela primeira vez perante espiritualistas bem conhecidos e se visse atrapalhada pelo microfone de mão com o cabo que parecia estar sempre no caminho, a sua clarividência foi impressionante.

O que se seguiu ao serviço memorial de Billy Parish foi exatamente o que Percy Wilson previra: mais convites e mais pessoas a pressionar por sessões privadas. Comecei a passar cada vez mais tempo em Londres.

Entretanto, a campanha para pôr fim à discriminação contra as igrejas espiritualistas prosseguia. Gostaria de poder dizer que a nobre causa foi ganha apenas por mérito e justiça; embora a justiça tenha acabado por prevalecer, um fator importante na vitória final ocorreu deste modo.

O gabinete de Percy Wilson no Ministério dos Transportes ficava no mesmo edifício que o da *War Damage Commission*, e os funcionários de ambos os serviços faziam juntos o turno de vigilância de incêndios. Em resultado da sua estreita convivência com os membros da *War Damage Commission* e de conversas em inúmeras chávenas de chá durante o serviço, Percy conseguiu fazer aprovar uma decisão segundo a qual as igrejas espiritualistas destruídas ou danificadas por bombardeamentos passariam a ter igual prioridade às de outras denominações para reconstrução completa, à custa do erário, com indemnização da comissão. Este foi o primeiro avanço jurídico importante.

Dando seguimento a isto, Percy, com a ajuda do filho Laurie, *barrister*, conseguiu que todas as igrejas espiritualistas fossem reconhecidas como instituições de caridade religiosas. Outros passos se seguiram, mas só em 1951 o infame *Witchcraft Act* foi substituído pelo *Fraudulent Mediums' Act*, que estabelecia padrões para separar os médiuns genuínos dos charlatães e conferia respeitabilidade à religião do Espiritualismo.

A *Spiritualist National Union*, que Percy Wilson dirigiu como presidente nacional de 1950 a 1953, merece grande parte do crédito, embora todos quantos participaram na longa luta devam ser lembrados com gratidão. Em 1951, Percy assumiu a direção-geral da Psychic Press, Ltd., e, cinco anos depois, tornou-se presidente do conselho de administração, cargo que ainda ocupa. O Espiritualismo teve, com efeito, a fortuna de contar com a dupla Wilson–Barbanell como seus campeões.

Dois dos filhos de Wilson são hoje distintos professores universitários na América. Recordo um episódio ocorrido quando ambos eram estudantes em Oxford. A mãe deles falecera havia pouco, e o pai vivia em casa com Laurie, então jovem advogado a trabalhar no departamento jurídico da Shell Oil Co. Senti, de repente, um impulso irresistível de convidar Laurie e o pai para jantar. Telefonei a Percy e insisti para que viesse. Quase imediatamente após a sua chegada, entrei em transe, por isso o Percy terá de continuar a história:

Quando recebi o telefonema da Ena, eu estava a trabalhar no jardim e vestia roupa velha. Como foi em cima da hora, limitei-me a lavar-me e, embora tenha trocado a roupa de cima, não mudei a roupa interior, que estava bastante rota. Quando a Ena entrou em transe e a minha mulher falou através dela, ralhou comigo por não deitar fora a roupa interior rota e por negligenciar o meu guarda-roupa.

O Sr. Wilson acrescentou ainda que a comunicadora tinha todas as características distintas da personalidade da sua esposa e que "isso, mais do que os factos, teve grande impacto psicológico".

***** *The Church of England and Spiritualism: Majority Report of The Church of England Committee of Inquiry*. Reimpressão publicada pela Psychic Press, Ltd., Londres, 1948.
+ Idem.

6
LONDRES NOS ANOS 50

Em 1949 o Harry foi desmobilizado da Marinha Real e voltou para casa de vez. Entrou na função pública como engenheiro. Agora que o Harry passaria a estar sempre em casa e tencionava trabalhar em Londres, começámos a procurar uma casa mais adequada.

Encontrámos uma em Abbey Wood. A Lessness House era um grande casarão antigo, parte da abadia original, com um maravilhoso campanário em torre, caves subterrâneas, altas janelas francesas que davam para o jardim — e, como convinha, era assombrada. Viviam lá connosco dois espíritos: um simpático cavalheiro idoso, que fora proprietário da casa e gostava de se manifestar na sala sempre que tínhamos visitas, e uma mulher.

Tínhamos um grande tabuleiro de latão que o Harry trouxera do Extremo Oriente sobre a chaminé da enorme lareira. Uma noite, estando na sala com uma amiga e a falar de certa experiência, disse: "Gostava que isto fosse confirmado." Nesse preciso momento, o pesado tabuleiro equilibrou-se no aro e começou a deslocar-se, constante, na nossa direção. Rolou entre dois ornamentos, evitou cuidadosamente parti-los, tombou pela borda da chaminé e foi aterrar aos pés da minha amiga. Credo, como ela se assustou! Eu sabia de antemão que não faria mal nenhum, porque era apenas o velho cavalheiro a responder ao meu desejo expresso de confirmação: estava a dá-la — e com generosidade!

Às vezes era traquinas, e dávamos por nós trancados num quarto, tendo de sair pelas portas de sacada. Outras vezes, quando tínhamos convidados, ouvia-se música a tocar e gente a rir e a conversar — sem estar lá ninguém. As minhas visitas ficavam quase a morrer de susto.

A nossa senhora-espírito era muito silenciosa e triste. Amava a Lessness House como nós e não queria abandoná-la. O Harry nunca vê espíritos, mas um dia estava no topo das escadas e viu alguém ao fundo. Ao descer a escadaria, que é parcialmente circular, perdeu de vista a figura lá em baixo, que supôs ser eu. De repente, algo lhe roçou por perto. Não havia ninguém — nem em cima, nem em baixo, nem a meio.

Ela pregou um valente susto ao Harry. Mas, claro, estes hóspedes espirituais da casa não me incomodavam. Tenho visto espíritos toda a vida, e alguns são dos meus amigos mais queridos. Nunca lhes chamo "fantasmas" — detesto a

palavra. Falarei mais detidamente de espíritos no Capítulo 13, sobre assombrações.

A minha mediunidade estava a crescer, a lançar ramos novos por todos os lados ao mesmo tempo. Ainda não tinha aprendido a necessidade de nos limitarmos a um trabalho bem feito; por isso, continuei a explorar as várias facetas do meu dom. Estava ansiosa por fazer tudo. Dava consultas um dia por semana na Marylebone Spiritual Association*, passava o máximo de tempo possível na London Spiritual Alliance†, mantinha as minhas demonstrações públicas e reuniões de propaganda, e organizei e dirigi um grupo de dez curadores, para quem eu era a diagnosta e administradora.

Tornara-me muito interessada em cura. Depois de trabalhar com alguns médicos, descobri que conseguia fazer um diagnóstico apenas segurando um objeto pertencente a um doente. Os médicos, naturalmente, verificavam o meu diagnóstico com os resultados dos seus testes médicos e químicos ortodoxos — e o espírito, e a informação recebida do espírito, raramente se enganavam. A mediunidade pode lançar uma luz importante sobre o nosso conhecimento de medicina, psiquiatria e psicologia.

Acredito firmemente que muitas das manifestações de doença que ocorrem no nosso corpo físico têm origem no corpo etérico — o corpo que funciona a três ou quatro polegadas (cerca de 7,5–10 cm) para fora do corpo físico. Estados de espírito, sentimentos e saúde refletem-se na aura, e sensitivos e médiuns têm dito ao mundo, há muitos anos, que a aura sinaliza a aproximação de doença grave ou morte muito antes de os sintomas se registarem no corpo. Agora que os russos têm a fotografia Kirlian, com a qual conseguem fotografar a aura, o mundo começa a acreditar no que sempre lhe dissemos*. O corpo etérico vibra com os efeitos das emoções, fazendo-os repercutir-se no corpo físico.

Às vezes não estamos realmente doentes no sentido em que pensamos que estamos. Muita doença, admitem agora os médicos, é psicossomática. Muito frequentemente, alguém apanha "lombalgia" porque não gosta do trabalho e não quer ir para o escritório. Muitos problemas psicológicos graves, causados por medo, choque, tristeza, arrependimento, remorso ou culpa, ficam soterrados no fundo do corpo etérico e passam para o corpo físico sob a forma de doença física ou mental.

O seu médico pode dizer: "Não há nada de errado consigo organicamente, mas continua doente. Há algo errado consigo, mas não são os pulmões, nem

o fígado, nem o coração." Dada a oportunidade, porém, as entidades espirituais chegarão à origem da doença. Libertarão toda a tensão e permitirão que funcione como funcionaria em plenitude.

Na nossa clínica tratávamos até quinhentos pacientes por semana, e mesmo assim não conseguíamos dar vazão à procura. As nossas "curas" milagrosas propagavam-se pelo passa-palavra e pela imprensa.

Uma Sra. Dorothy Parker relatou: "Quando vim aqui pela primeira vez, a Mrs. Twigg pegou-me nas mãos e, em poucos minutos, fez um diagnóstico 100 por cento de angina de peito. Fiquei espantada." Ao fim de três meses de visitas para cura, disse que "já não tinha nem de longe tantos ataques, e já não eram nada tão graves".

A Sra. Lillian Tyson, de Finsbury Park, cujo lado direito estava paralisado desde o nascimento, contou grande melhoria após tratamento: "Quase já não coxeio. Pela primeira vez consigo mexer o braço direito", disse quando foi entrevistada.

Outro doente veio de longe, da Islândia, com uma aflição conhecida por eczema exsudativo. Três anos de internamento hospitalar tinham trazido pouco alívio. Depois de seis dias de tratamentos diários com os nossos curadores, a face limpou-se e regressou ao seu país sem uma mancha.

Claro que estas e outras curas, ou melhorias dramáticas, foram classificadas de remissões espontâneas pela classe médica. Mas realiza-se tanta cura bem-sucedida por todo o mundo que está na hora de a medicina tirar as palas dos olhos e aceitar da mediunidade e do mundo espiritual a ajuda que têm para oferecer.

Hoje há um número crescente de médicos e psiquiatras que me consultam — a mim e a outros da nossa profissão — em nome dos seus doentes. Chegámos mesmo ao ponto de curadores espirituais poderem visitar doentes nos hospitais. Se um doente não está a responder bem ao tratamento, um psiquiatra pode telefonar-me e perguntar se pode trazer a pessoa para uma chávena de chá, para ver se encontro algo no campo áurico que a esteja a perturbar ou desestabilizar.

Uma médica sueca veio ver-me há pouco tempo. Conhecia-a e sentara-me com ela durante anos. Lamentava o manto de segredo sob o qual precisava de esconder o seu interesse e a ajuda que recebera do espiritualismo. Perguntou: "Tem noção da posição de solidão em que estou? Se eu levasse

isto para a área em que trabalho, certificavam-me como louca." Disse-lhe para parar de se preocupar em levar este conhecimento a mais alguém. "Vive-o apenas, trabalha de dentro para fora a partir do que és. A personalidade forte é a que irradia, não a que suga para dentro."

Com pesar, tive de abandonar este aspeto do trabalho, que me dava enorme prazer, porque o meu trabalho principal estava a crescer de tal modo. Depositei a minha confiança na orientação que recebia do Outro Lado para determinar onde poderia servir de forma mais útil. Continuo, no entanto, vivamente interessada no potencial para a saúde física e mental, e mantenho-me em contacto com os vários grupos de médicos e psiquiatras que estão a explorar e a trabalhar.

Acho muito entusiasmantes as brechas que se estão a abrir nas fileiras da medicina ortodoxa. Aqui em Inglaterra temos um excelente homem que tem cinquenta médicos a analisar os resultados de curas e a acompanhar casos. Na cidade de Nova Iorque, um psiquiatra de renome tem autoridades médicas a estudar auras e o corpo etérico. Estão a decorrer investigações importantes na Europa de Leste, Rússia, China, América do Sul. Há fundações de pesquisa a explorar todo o campo da cura e do psíquico por todo o mundo. Tenho toda a confiança de que tudo isto ajudará a desvendar os mistérios da mente.

Diz-se que Sigmund Freud afirmou que, se voltasse a viver, dedicaria a vida ao estudo da parapsicologia. Creio que poderia ter aprendido mais. Carl Jung diz que o teu cérebro — a tua mente — funciona num nível de consciência de que tens consciência, mas que há todos esses níveis por baixo que só agora estamos a começar a compreender. Muitos amigos americanos dizem-me que há grande interesse nos Estados Unidos em estudar ondas cerebrais alfa, que emanam de um nível mais profundo da mente, abaixo do nível dos cinco sentidos físicos, onde reside grande parte da capacidade psíquica latente do homem. E agora há um Instituto de Sugestologia na Bulgária.

Voltando ao início dos anos 1950, não tínhamos ido tão longe. Nesse período o Harry desenvolveu ele próprio bastante poder de cura. Podia dedicar-lhe pouco tempo, porém, porque, além do emprego, tinha trabalho importante a fazer para a *Spiritualist National Union* e para o nosso amigo Percy Wilson. Recordar-se-á de que, em 1951, foi aprovado o *Fraudulent Mediums' Act*. A união assumiu então uma grave responsabilidade — a de auto-regulação e auto-monitorização. Criou painéis de prova para certificar médiuns antes de

serem admitidos como membros e terem direito a desempenhar funções de ministro, como visitar doentes e realizar casamentos e serviços fúnebres. O Harry usou a sua capacidade de engenheiro e a experiência da Marinha para construir uma "luz negra" que, embora invisível a olho nu, iluminava a escuridão em que os médiuns físicos tinham de trabalhar. Isto tornava impossível a um médium — sobretudo a um físico — falsear o que quer que fosse perante o painel de prova e, assim, eliminava a possibilidade de charlatães serem acreditados.

***** Mais tarde, *Spiritualist Association of Great Britain*.
† Mais tarde conhecida como *College of Psychic Science* e hoje chamada *College of Psychic Studies*.
***** A fotografia Kirlian é um processo fotográfico especial, desenvolvido em 1939 pelo eletricista russo Semyan Davidovich Kirlian, com o qual se podem fotografar campos de energia, ou auras, de organismos humanos, vegetais ou animais.

A "luz negra" era um dispositivo de engenharia muito engenhoso. Era bastante difícil de construir porque a caixa libertava um calor tremendo e, por isso, tinha de ser ignifugada. Como resultado, o Harry andava muito ocupado nos painéis de prova. Estávamos muito orgulhosos do importante contributo que ele estava a dar para ajudar a estabelecer padrões elevados para a mediunidade.

O progresso era lento, mas o interesse pelo Espiritualismo e pela mediunidade crescia de forma constante. Em 1950, o jornal *People* encomendou a um painel de peritos distintos que fizesse e apresentasse um inquérito sobre o Espiritualismo. Hannen Swaffer, um conceituado jornalista britânico, trabalhava no jornal e tornou-se um convertido dedicado ao Espiritualismo depois de ter experienciado comunicação com o seu falecido patrão, Lord Northcliffe, a quem era devotado.

Avisaram o Sr. Swaffer para não divulgar publicamente a sua nova fé, mas ele foi corajoso e honesto. A revelação não prejudicou a carreira dele; antes espalhou a sua fama. Ao longo dos anos e ainda hoje, quando assiste apenas em espírito, o *Home Circle* de Hannen Swaffer tem sido um dos mais célebres de Inglaterra. O íman que tem atraído a elite do mundo para escutar é "Silver Birch", o guia índio americano que trouxe tanta sabedoria simples do Outro Lado através do seu médium, Maurice Barbanell.

A 14 de agosto de 1951, eu estava a dar uma sessão à Sra. E. M. C. na London Spiritualist Alliance. O seu filho, Rupert, que se perdera num ataque a submarinos durante a guerra, era um excelente comunicador. A mãe, feliz, ficou encantada com a descrição fiel do filho, que apareceu ao lado da sua cadeira. Seguiu-se uma torrente de pormenores pessoais sobre música, poesia que partilharam — em particular os poemas de Rupert Brooke —, segredos e informações íntimas de família, tudo o que a mãe confirmou, jubilosa. No fim da sessão, o rapaz disse: "Diga-lhe que lhe vou oferecer um São Cristóvão."

O que aconteceu depois é a parte mais interessante da história. A mãe ia a andar na rua quando algo a brilhar num sítio lamacento lhe chamou a atenção. Baixou-se para apanhar o objeto e viu que era uma medalha de ouro de São Cristóvão. Na altura, a Sra. E. M. C. não se lembrava da mensagem final que o filho lhe dera na nossa sessão. De facto, ao descobrir que a medalha era mesmo de ouro de dezoito quilates, comunicou a perda à esquadra de polícia local, para que o legítimo dono a pudesse reclamar. Passaram semanas e a polícia informou a Sra. E. M. C. de que podia ficar com o medalhão, já que ninguém o reclamara.

Certa noite, ela e a filha estavam a ler a transcrição da sua sessão comigo e aperceberam-se do significado da observação final do filho sobre oferecer um São Cristóvão. Na altura, disse, tinha descartado a mensagem como uma generalidade e não a fixara na memória. A mãe telefonou e disse: "Ele cumpriu a promessa à letra."

O *post scriptum* da história é que, mais tarde, a mãe assistiu a uma demonstração pública na Alliance. Uma médium em tribuna recebeu uma comunicação de Rupert, que identificou como um filho desaparecido após um ataque a submarinos. "Ele está a mostrar-me um pequeno objeto, redondo", disse a médium. "Parece ser algo que se prende aqui", acrescentou, apontando para a lapela do casaco da mãe. (De facto, a mãe tinha preso ali a medalha de São Cristóvão com um alfinete de dama.) "Ele diz que outro instrumento [médium] lhe deu uma mensagem sobre isso que não percebeu, mas está muito contente por a ter guardado."

Esta história é um bom exemplo de um ponto que tento incutir nos consulentes. Se possível, gravem as sessões em fita, registem-nas em estenografia ou façam um registo com a máxima anotação. Nunca se sabe quando, no futuro, um detalhe aparentemente trivial pode revelar-se uma

mensagem importante. A história ilustra também outro ponto importante: os nossos entes queridos no Outro Lado podem estar tão ansiosos por comunicar quanto nós.

Outra coisa curiosa que aconteceu exclui telepatia, adivinhação, generalizações. Certa noite, tinha ido para a cama e, de repente, "vi" uma mulher chamada Mary Taylor. Era uma médium que tinha ido para a Austrália. Não sabia mais do que isso. Nada sabíamos da vida uma da outra; nunca nos tínhamos conhecido. Na minha visão, ela disse: "Vem, vem ver", e levou-me a uma praia com a mais maravilhosa areia dourada. Trazia nos braços um bebé pequenino, com cerca de seis meses. "Quero que digas à Helen", disse, "como isto é lindo aqui." E desapareceu. Helen, supus, só podia ser a famosa médium Helen Hughes, uma querida amiga com quem muitas vezes debatia as minhas experiências do Outro Mundo.

Ao que parece, também era amiga de Mary Taylor. Fiquei muito intrigada com a visão; não a conseguia decifrar. Não fazia ideia onde ela estava. Uma semana depois encontrei Harold Vigurs, presidente da *Spiritualist National Union*. Costumava ser presidente do *College of Psychic Science*. Contei-lhe que tivera este sonho ou visão estranha sobre Mary Taylor. Descrevi-a a andar pela bela praia com a criança nos braços. Harold Vigurs disse-me que Mary Taylor tinha morrido na semana anterior, e descobrimos que, anos antes, ela perdera um bebé com cerca de seis meses. Este tipo de coisa é muito desafiante e faz-me parar para pensar.

Outra história de que me recordarei sempre trata da minha primeira experiência direta com a reencarnação. Este é um tema sobre o qual o mundo espiritualista se divide em dois campos: um acredita que a repetição da experiência terrena é desnecessária; o outro — largamente de raiz oriental — defende que voltamos repetidas vezes para saldar a dívida kármica e evoluir neste plano. Quando o seguinte sucedeu, por volta de 1955, eu trabalhava em Londres. Ao olhar para o meu consulente, pensei: Este homem é razoavelmente inteligente. "Sabe alguma coisa sobre este assunto?", perguntei.

Ele disse: "Nada", e acrescentou: "Sou agnóstico." Bem, fomos para a sala de sessão, sentámo-nos — e aconteceu uma coisa muito rara: entrei completamente e de imediato em transe, algo que quase nunca faço numa primeira sessão. Quando voltei, reparei que tinha chorado tanto que o meu vestido estava encharcado. Olhei para o meu consulente, e ele também

chorava. Quando acabei de me limpar e de secar o rosto, tudo o que me ocorreu dizer foi: "Oh, espero que tenha recebido algo que o ajudasse."

Ele disse: "Tive uma experiência extraordinária. Estive a falar com a minha menina, que morreu de pólio. Ela disse-me o nome; contou-me quando morreu e descreveu como morreu num pulmão de aço. Estive a falar com ela durante uma hora. Sou agnóstico, mas a minha menina ia a uma igreja anglicana. Estou tão confuso e abalado que nem sei onde estou. Posso trazer o ministro que era o seu vigário na escola dominical para a ver?"

Eu disse: "Pode trazer quem quiser, mas não posso garantir nada. Eu não consigo 'fazer' isto acontecer." Era uma quinta-feira à noite.

Dez dias após a sessão inicial, num sábado à noite, essa criança voltou a mim. Tinha acabado de me deitar quando vi uma menina ao fundo da cama. Ela disse: "Consegues ver-me?"

Respondi que sim.

Depois mostrou-me o cabelo, entrançado por cima da cabeça com duas fitas bonitas, e disse: "Quero que digas uma coisa ao meu papá. Quero que digas uma coisa ao meu papá. Eu sou a menina que veio há uma quinta-feira atrás. Acende a luz."

Acendi a luz. Era exatamente meia-noite. "Por favor, dá ao meu papá esta mensagem", disse ela. "Esta noite estou a nascer outra vez."

Nessa fase da minha vida, não tinha pensado muito na reencarnação, embora hoje não consiga acreditar que toda a nossa existência caiba numa única vida. Relutantemente, cheguei à conclusão de que é muitas vezes desejável e necessário habitarmos um corpo físico várias vezes para aprender muitas das lições que não aprendemos em uma ou duas encarnações.

Quando a menina me disse que estava a nascer de novo, compreendi que estava a receber uma mensagem importantíssima e quis entregá-la. Na manhã seguinte, contei a história ao Harry e disse: "Não sei como vamos encontrar este homem. O Outro Lado terá de mo encontrar se eu hei de entregar esta mensagem." E assim fiquei, com ela nas mãos.

Três semanas depois, eu estava a trabalhar no mesmo sítio, em Londres, e o meu consulente revelou ser um vigário. Perguntei-lhe se sabia algo sobre este tema — algo que costumamos fazer para percebermos se se trata de um completo estreante ou de alguém que já sabe alguma coisa. O vigário

respondeu: "Nada. Na verdade, esta consulta nem era para mim. Eu vinha cá acompanhar outra pessoa, mas, à última hora, ela não pôde vir."

Quando ele disse isto, "fez-se-me luz". "Por acaso está ligado a uma criança que morreu de pólio e conhece o pai?", perguntei. Era justamente o mesmo vigário a que o homem se referira na sessão anterior.

Contei-lhe então a história da visita da menina e da mensagem que me pedira para entregar ao pai. Tirei a minha agenda e dei-lhe a data e a hora em que ela me tinha aparecido. A resposta do vigário deixou-me atónita.

A mãe da menina tivera uma bebé, nascida com dois meses de antecedência, pouco depois da meia-noite, na noite em que a menina aparecera para anunciar a sua reencarnação. A menina nunca mais se manifestou desde então.

7

QUEBRAR A BARREIRA DA TELEVISÃO

O ano de 1957 marcou o início de um novo ciclo memorável na minha vida. Tive o privilégio de fazer parte de outro "salto gigante em frente" para o Espiritualismo: quebrámos a proibição de o transmitir. Fui convidada a participar, como estrela convidada, no programa de 30 minutos da BBC-TV Press Conference, que se descrevia como um programa em que "as pessoas que fazem as notícias enfrentam perguntas das pessoas que escrevem as notícias". O acontecimento foi manchete no Psychic News e na Two Worlds como "O NOSSO MAIOR AVANÇO NA BBC — FAMOSA MÉDIUM TEM 5 MILHÕES DE ESPECTADORES DE TV".

O editor Barbanell, numa entrevista recente com a minha coautora, Ruth Hagy Brod, recapitula assim a história da proibição de transmissão:

A televisão neste país [Inglaterra] é regulada por uma lei do Parlamento, que determina que a nossa Autoridade de Televisão deve aceitar, em matéria religiosa, a orientação oferecida pela Religious Advisory Committee. Esta é composta exclusivamente por representantes das denominações ortodoxas, que não nutrem qualquer afeição pelo Espiritualismo. Nos primórdios da rádio e da televisão, conseguiram excluir o Espiritualismo do rádio e da televisão com o argumento de que "não está na corrente principal da tradição cristã".

Philip Paul, um eminente investigador psíquico e escritor com quem eu já trabalhara bastante, ajudou o produtor, Hugh Burnett, a montar a emissão. Confiou-me que tivera de prometer de antemão que não haveria absolutamente nenhuma discussão das implicações religiosas do Espiritualismo. Ainda assim, fui apresentada como clarividente, médium e ministra da Spiritualist National Union; e assim a proibição de transmissão foi quebrada.

Os quatro jornalistas foram duros e inquisitoriais. A experiência foi um bom treino para os meus futuros duelos com repórteres, e nunca mais voltei a ser tão ingénua como nesse primeiro direto. Os membros do painel eram Francis Williams, editor do Forward, antigo editor do Daily Herald e antigo responsável pelas relações públicas do primeiro-ministro; Wolf Mankowitz, dramaturgo e jornalista; Peter Black, crítico de televisão do Daily Mail; e o Sr. Paul.

Tinha piores "borboletas" no estômago do que o habitual quando, pela primeira vez, enfrentei os meus interrogadores, as luzes quentes e as câmaras. Originalmente, o produtor quis que eu incluísse no programa uma demonstração de psicometria ou clarividência, mas isso acabou por ser excluído, já que, em 30 minutos, não haveria tempo para gerir tanto o bombardeio de perguntas como uma demonstração.

Os repórteres fizeram muitas das mesmas perguntas que o público tem feito ao longo dos anos, pelo que me parece útil reproduzir aqui alguns excertos da entrevista:*

WiLLIAMS: Mrs. Twigg, percebo que acredita, com toda a sinceridade, que vê frequentemente o que eu chamaria de fantasmas e o que a senhora chama de espíritos. São sólidos ou nebulosos? Que tipo de roupas usam? Andam no chão e têm pés?

TwIGG: Fez imensas perguntas de uma vez só.

WILLIAMS: Eu sei, mas são sobre o mesmo ponto.

TWIGG: Bem, raramente lhes vemos os pés. Costumam manifestar-se com as roupas a que estão habituados ou de que gostam muito, para poderem ser reconhecidos. Não precisam de mostrar os pés. Têm aspeto nebuloso. Uma pessoa ainda no corpo pode manifestar-se por uma forma-pensamento, mas essas são imóveis, ficam paradas… Os espíritos movem-se.

Excerto do Psychic News, nº 1315 (17 de agosto de 1957), p. 1.

Peter Black pediu-me que descrevesse os meus poderes mediúnicos, já que ouvira dizer que há médiuns com uma variedade de capacidades. Tentei descrever como funciona a minha mediunidade mental: "Objetivamente, vê-se a forma espiritual na sala e reconhece-se como forma espiritual. Subjetivamente, ela apresenta-se como uma pequena imagem mental algures junto ao terceiro olho, no meu caso."

MANKOWITZ: Mrs. Twigg, diria que há alguma possibilidade de essas visões e vozes terem para si, enquanto médium, o mesmo tipo de relação que teriam para uma esquizofrénica como, por exemplo, Joana d'Arc?

TWIGG: Oh, diria que Joana d'Arc era esquizofrénica?

MANKOWITZ: Sem dúvida que diria.

TWIGG: Bem, todos podemos ter a nossa opinião, não podemos?

MANKOWITZ: Quando fala de uma visão objetiva, quer dizer que nós também veríamos essa manifestação se estivéssemos presentes?

TWIGG: Não… só se fosse sensitivo…

MANKOWITZ: Então não tem objetividade para nós?

TWIGG: Se eu fosse uma médium física em vez de mental, então teria objetividade para si também — e vocês veriam-nos também.

WILLIAMS: Reconhece realmente vozes como sendo de pessoas mortas?

TWIGG: Sim.

WILLIAMS: Recebe as vozes pelo ouvido ou pela mente?

TWIGG: Bem, esse é um ponto muito debatido. Já foi debatido vezes sem conta, mas eu sustento que ouço essas vozes mesmo aqui [apontando para o ombro esquerdo]…

PAUL: Aceita a abordagem da investigação psíquica de que a mediunidade deve ser sujeita a um tipo de análise crítica?

TWIGG: Acho que ninguém é mais crítico da mediunidade do que os próprios médiuns.

MANKOWITZ: Eu diria que pessoas que não são médiuns tenderiam a ser mais críticas do que os próprios médiuns, não lhe parece?

TWIGG: Não, de todo. Nós queremos a verdade, Sr. Mankowitz. Não queremos ser enganados, nem enganar ninguém.

MANKOWITZ: Mas concorda que têm algo em comum: veem e ouvem algo que o resto de nós não vê?

TWIGG: Pode muito bem ser que tenha possibilidades latentes dentro de si, mas não se deu a oportunidade de as libertar.

Depois o Sr. Mankowitz pediu-me que descrevesse como descobrira os meus dons. Repeti as histórias contadas anteriormente neste livro. Quando disse que tinha visto animais no mundo espiritual — cavalos, cães e gatos —, Mankowitz perguntou: "E ratos?" Ao que respondi: "Não. Nunca vi ratos."

Houve mais discussão sobre a proibição de transmissão e sobre o facto de demonstrações de clarividência serem televisionadas na Austrália e noutros lugares, mas de os espectadores não terem oportunidade de as ver em Inglaterra. O Sr. Paul perguntou-me se eu achava que a clarividência devia ser transmitida.

"Definitivamente", respondi, e assinalei que produtores, atores de TV, técnicos e maquinistas sabiam sempre onde encontrar uma boa médium, e que eu tinha muitos clientes da área da radiodifusão.

BLACK: Porque é que há tantos guias índios americanos?

TWIGG: O meu pai, que muito me ajuda, não é índio americano. O índio americano pode ensinar-nos, em certas coisas, mais do que um homem branco.

MANKOWITZ: Qual é a diferença entre cura pela fé e cura espiritual?

TWIGG: A cura espiritual vem do espírito. O curador procura restaurar o equilíbrio porque, muito frequentemente, as doenças começam na mente ou no corpo etérico.

WILLIAMS: Recebe conselhos diretos do mundo espiritual sobre estados e diagnósticos? Pode um curador espiritual curar qualquer tipo de doença?

TWIGG: Eu nunca limitaria o poder de Deus. Depende inteiramente da Sua vontade se a pessoa vai continuar neste mundo ou ser promovida ao próximo.

WILLIAMS: Na cura espiritual, acredita que está a atuar como agente de Deus?

TWIGG: Em toda a mediunidade genuína, tenta-se agir de acordo com a vontade de Deus.

WILLIAMS: Onde vivem as pessoas do espírito e o que fazem… o que andam os espíritos a fazer?

TWIGG: Está a preparar a sua casa agora mesmo, com cada ação e pensamento. Está a condicionar o seu próprio futuro.

MANKOWITZ: Quer dizer que o Francis Williams continuará a ser editor do Forward?

TWIGG: Mais ou menos, com uma extensão.

MANKOWITZ: Este tipo de fenómeno é simplesmente uma questão psicológica. A psicologia explicou-o como libido ou repressão sexual. Há esses casos de poltergeists, e são sempre com adolescentes e pessoas de baixa inteligência.

PAUL: Qual é a sua impressão sobre os fenómenos de poltergeist que investigámos em conjunto?

TWIGG: No meu entender, trata-se de pessoas que têm uma razão forte para regressar ao mundo. Talvez tenham partido obcecadas por alguma pulsão insatisfeita e voltem para a cumprir através de outra pessoa.

WILLIAMS: O que considera ser a função da mediunidade?

TWIGG: O principal trabalho de um médium é confortar o enlutado, provar a sobrevivência e a realidade da comunicação entre os dois mundos… Todos os bons médiuns tentam fazer a vontade de Deus.

WILLIAMS: Toda a gente tenta fazer a vontade de Deus, não é?

TWIGG: Toda a gente? E o homem que tenta chegar ao topo da árvore e passa por cima de quem lhe aparece no caminho — estará a fazer a vontade de Deus?

MANKOWITZ: Qual foi a coisa mais importante que ouviu um espírito dizer?

TWIGG: Amai-vos uns aos outros.

Depois deste primeiro batismo de fogo, disse aos membros do painel e aos produtores: "Fizeram-me isto uma vez, mas nunca mais o farão." É por isso que, quando estou na TV, luto como uma tigresa pelas coisas em que acredito.

Logo após a emissão, o telefone começou a tocar. Estelle Roberts, uma das mais distintas e famosas médiuns de Inglaterra, telefonou a dizer, em tom de brincadeira: "Esta pequena esquizofrénica gostaria de falar com um guia índio." A minha querida amiga Helen Hughes, outra das nossas médiuns ilustres, telefonou a dizer que tinha estado a observar a aura de Francis Williams (que, aliás, eu próprio lhe li depois da emissão); o que ela viu não foi muito lisonjeiro, por isso não o repetirei aqui.

Na segunda-feira, cartas, telegramas e chamadas telefónicas de todo o país, com pedidos de pessoas a perguntar onde poderiam ir para tratamentos ou sessões, inundaram a nossa casa. A BBC recebeu uma grande quantidade de correio e de chamadas telefónicas e afirmou que tinha sido o maior volume de respostas que alguma vez tinham recebido para qualquer programa daquela época.

A afirmação de Wolf Mankowicz de que Joana d'Arc era esquizofrénica chamou consideravelmente a atenção da comunidade científica. No ano seguinte, o Dr. Jan Ehrenwald, um respeitado parapsicólogo americano, falando na conferência anual francesa patrocinada pela Parapsychology Foundation de Eileen Garrett, refutou a teoria. Disse ele: "A sensibilidade telepática não parece manifestar-se mais frequentemente entre esquizofrénicos do que entre não esquizofrénicos."

Philip Paul e eu já tínhamos tido outra experiência com a imprensa algum tempo antes da emissão, quando trabalhámos juntos num projeto de investigação tão insatisfatório quanto a experiência televisiva. Não me surpreendeu a atitude negativa dos jornalistas. Estava a aprender a aceitar o facto de que nenhuma quantidade de discussão ou de provas convencerá quem não estiver preparado para receber a verdade.

Aprendi ao longo dos anos que as experiências dos outros não são tão convincentes nem tão relevantes como a experiência pessoal de cada um com o Invisível, seja por contacto direto ou através da comunicação de um médium.

Por mais ocupado que estivesse com o pesado programa que tinha em mãos, procurava sempre disponibilizar-me para algum trabalho de investigação, um tema que abordarei em profundidade no capítulo 14. Philip Paul pediu-me para fazer uma demonstração para repórteres do *Daily Sketch* e do *News Chronicle*. Tudo o que me foi dito sobre o projeto foi que seria levada a uma casa para ver alguns quadros.

Harry e eu fomos instruídos a encontrar o Sr. Paul e o seu colega investigador na estação de Oxford Circus, na hora de ponta, quando toda a Londres se apressa em direção aos comboios de regresso a casa. Apesar disso, comparecemos à hora marcada. O Sr. Paul insistiu em vendar-me os olhos. Devo ter feito uma bela figura, a ser conduzida vendada por aquela estação apinhada; Harry estava terrivelmente embaraçado.

Depois da viagem de comboio, fui levada para um automóvel e conduzida em círculos, de modo a que não pudesse saber onde estava. Finalmente, chegámos a uma casa. Ainda vendada, fui levada por um longo corredor até a um quarto. Retiraram-me a venda e vi uma sala repleta de homens com blocos de notas e lápis, o ar carregado de fumo de cigarros — as piores condições possíveis para uma sensitiva trabalhar.

Os investigadores disseram: "Há aqui uma história, nesta sala, sobre um quadro. Consegue encontrar o quadro e a história?"

A sala tinha sido bem preparada para o teste. Estava coberta de pinturas do chão ao teto. Tinham sido trazidas de muitas galerias para me confundir. Pensei para comigo: "Minha rapariga, isto vai dar algum trabalho", mas a minha fé no Outro Lado sustentou-me e, em poucos instantes, localizei a pintura. Era um retrato a óleo, desvanecido, de uma jovem casada, envergando um vestido de veludo vermelho-escuro. Não só identifiquei o quadro certo, como também comecei a reconstituir a tragédia a ele associada, embora a história que me chegava fosse tão maléfica, assustadora e pessoal que hesitei em contá-la diante de um grande grupo de repórteres.

A nossa anfitriã, a Sra. Dorothy Jenkins, tinha comprado o quadro, cerca de cinco anos antes, numa loja de velharias em Londres, em troca de alguns frascos de compota usados. O retrato esteve primeiro pendurado no seu quarto, mas ela sentia que os olhos da mulher na tela a seguiam constantemente, pelo que acabou por pendurá-lo no quarto do filho. O filho, Adrian, que tinha trinta e poucos anos, adoeceu gravemente.

A sua doença começara na altura em que o quadro fora colocado no quarto dele. Claro que os médicos desdenharam qualquer ligação entre o doente e o quadro como sendo "superstição de velhas", mas o retrato estava possuído por um espírito maligno e trouxe grande tragédia aos seus proprietários.

Identifiquei o quadro envolvido no projeto com bastante facilidade e comecei a relatar o essencial da história aos repórteres. À medida que avançava,

percebia que havia ali muito mal e que a nossa anfitriã não queria realmente que eu prosseguisse, por isso respeitei os seus desejos e não contei tudo. Sugeri, em vez disso, que me fosse ver em privado. Nunca o fez.

Os repórteres, no entanto, não ficaram nada impressionados com a exatidão da minha atuação — a correta seleção do quadro e a história associada. Na sua maioria acreditavam e diziam que "alguém devia tê-la informado de antemão." Para certas pessoas, não importa que se traga o sol, a lua e as estrelas e se coloque tudo na sua rotação própria. Continuariam a duvidar.

Houve pouco tempo para refletir sobre as consequências da minha estreia televisiva, já que estava mergulhada na preparação para uma apresentação na Federação Espírita Internacional, em Paris, no mês seguinte, setembro de 1957. Delegados de vinte e três nações estariam presentes, e os maiores líderes espiritualistas e médiuns de todos os continentes constituiriam a plateia mais crítica do mundo para um médium.

Foram escolhidos médiuns de seis países — Bélgica, França, Holanda, Suíça, Estados Unidos e Grã-Bretanha — para fazer demonstrações no palco. Eu representaria a Grã-Bretanha. Como sempre, quando enfrentava uma grande prova, limitava-me a "levar o corpo e deixar o resto para o Outro Lado."

Recebi aplausos entusiásticos da audiência quando transmiti uma mensagem a uma mulher da parte de Charles, um comunicador espiritual que lhe disse que ela usava ao pescoço um crucifixo que ele próprio lhe dera. A mulher confirmou a veracidade da mensagem. Outra mensagem, reconhecida por uma delegada, dizia respeito a um rosário que ela tinha enrolado ao pescoço da mãe quando esta morreu.

Os dois convidados de honra daquela conferência foram o antigo marechal-do-ar Lord Hugh Dowding, herói da Batalha da Grã-Bretanha que, após a guerra, se tornou um dos grandes líderes do Espiritualismo, e Mme. Adrienne Boland, uma célebre aviadora francesa. Mme. Boland disse que devia a própria vida ao Espiritualismo e contou como uma mensagem espiritual, transmitida por uma mulher desconhecida, a ajudou a atravessar com êxito a Cordilheira dos Andes até Santiago do Chile. Todos previam que o voo terminaria em tragédia, já que o avião só conseguia alcançar uma altitude de 6 000 pés e os cumes da cordilheira atingiam 7 500 pés.

A mulher dirigiu-se ao hotel de Mme. Boland e disse que tinha sido instruída a entregar uma mensagem de espíritos através de um médium. A mulher

descreveu então o único plano de voo que permitiria à piloto encontrar uma passagem de apenas 6 000 pés através das montanhas. A rota revelada pelo espírito permitiu a Adrienne Boland realizar o voo sem mapa, bússola ou qualquer informação meteorológica e estabelecer um recorde mundial.

O tema do discurso de Lord Dowding no banquete de encerramento da conferência internacional foi a política da *Society of Psychical Research* de "ortodoxia do agnosticismo." Criticou os responsáveis que acreditavam que, ao rotular velhos mistérios com nova linguagem, os explicavam. "O medo de serem considerados crédulos e não científicos é a causa subjacente", disse Lord Dowding.

Lord Dowding não poupou também a Igreja e a ciência. Acusou clérigos e cientistas ortodoxos da sua falta de vontade em estudar as provas psíquicas, com receio de que os seus próprios alicerces fossem abalados. "O último inimigo não é a morte, mas o medo", disse ele. "A morte é um amigo. O medo faz a morte parecer o inimigo do homem." A audiência aplaudiu entusiasticamente.

Como sinal adicional dos progressos que estávamos a fazer rumo à respeitabilidade e aceitação, o congresso recebeu uma receção cívica na câmara municipal, onde Lord Dowding foi presenteado com uma placa representando acontecimentos notáveis da história francesa. David Bedbrook, presidente da ISF, e Rolf Carleson, secretário, foram inscritos como "Amigos de Paris" e receberam certificados honorários.

Para mim, pessoalmente, o desenvolvimento mais importante do congresso foi uma promessa extraída por Rolf Carleson, que, além de secretário da ISF, era também dirigente da União Espiritualista Sueca, de que eu faria uma digressão de palestras pela Escandinávia no ano seguinte. Creio que o seu entusiasmo em levar-me à Suécia foi despertado por um episódio curioso que, embora não importante, ilustra o modo imprevisível como a mediunidade por vezes se manifesta.

Estávamos em plena entrada de um hotel durante a convenção. Centenas de pessoas circulavam. Rolf Carleson mostrou-me uma fotografia. De repente, uma torrente de comunicação começou a fluir através de mim, vinda do Outro Lado, sobre a pessoa na fotografia. O Sr. Carleson ficou literalmente atónito, e eu não conseguia interromper. Era um momento e um local nada prováveis para uma comunicação. Mas, quando tem de vir, vem — independentemente das circunstâncias.

No final da conferência de Paris, estava exausta. Creio que nunca chegámos a dormir mais de duas horas por noite. Harry conseguiu ver as atrações turísticas, mas eu só trabalhei. Estávamos todos reunidos no Aeroporto de Orly, em Paris, à espera do avião. Conversava com a Sra. Hibbs, do Sul do País de Gales, quando de repente comecei a ver e a ouvir coisas sobre o homem sentado ao meu lado.

Pensei: "E agora, o que faço?" Esse homem teve uma sessão completa ali mesmo, naquela sala de espera apinhada do aeroporto, e durante anos depois, sempre que o encontrávamos a ele ou a qualquer membro desse grupo do Aeroporto de Orly, gozavam sempre comigo por causa desse episódio. É uma espécie de piada privada. Basta dizerem "Aeroporto de Orly" e todos desatamos a rir.

Mas, afinal, um sensitivo não anda sempre com a cabeça nas nuvens. O significado da mediunidade é equilíbrio — equilíbrio entre os dois mundos — e tu és a roda de equilíbrio no meio.

8

LORD E LADY DOWDING

Foi o meu trabalho de cura que trouxe Lord e Lady Dowding à minha vida, por volta de 1953 ou 1954. Vieram em busca de ajuda para uma rapariga perturbada, aluna da mesma escola que o filho de Lady Muriel, David, frequentava. Tem sido a minha alegria e privilégio conhecer muitas pessoas notáveis — essa tem sido uma das grandes recompensas do meu trabalho —, mas ficarei especialmente grata pela oportunidade que tive de partilhar amizade e interesses com este casal extraordinário.

Há muitos historiadores que acreditam que a própria sobrevivência da Grã-Bretanha se deve à intuição e à determinação inabalável de Lord Hugh Dowding, que foi o nosso chefe marechal-do-ar durante a Segunda Guerra Mundial. Desafiando o próprio Winston Churchill, que queria enviar a nossa força aérea para o Continente em operações de ataque, o Marechal-do-Ar Dowding, guiado pela convicção de que a nossa ilha poderia ser destruída a partir do ar, insistiu em manter a força aérea em casa para defender os nossos céus e assim travou e venceu a Batalha da Grã-Bretanha.

Lady Muriel Dowding, que possui por si própria notáveis talentos psíquicos e de cura, escolheu dedicar-se à causa do bem-estar animal. A organização que fundou e dirige, *Beauty without Cruelty*, está ativa em muitos países; além disso, exerce funções na *International Association against Painful Experiments on Animals*, na *Anti-Vivisection Society* e noutros grupos semelhantes.

Depois da guerra, quando estas duas pessoas notáveis se conheceram e casaram, uniram os seus interesses conjuntos: a sobrevivência no Outro Lado e a sobrevivência animal neste plano — causas que não estão assim tão afastadas. Muitas histórias foram escritas sobre como Lord e Lady Dowding se tornaram espiritualistas, algumas mais fantasiosas do que factuais, por isso vou deixar Lady Dowding contar a história com as suas próprias palavras:

O meu filho David frequentava uma escola algo invulgar, onde o diretor, John Guinness, tinha um profundo interesse pessoal em todos os alunos — não apenas nos estudos, mas também no desenvolvimento pessoal. O diretor e os pais de uma das alunas — uma jovem rapariga — estavam profundamente preocupados porque ela parecia sofrer de algum tipo de perturbação emocional. Rompia em lágrimas ao mais pequeno pretexto e parecia encaminhar-se para sérias dificuldades mentais.

O diretor perguntou ao meu marido e a mim se poderíamos sugerir uma forma de ajudá-la. Levámo-la até à Ena para tratamento. Levámo-la várias vezes, e a Ena fez um trabalho maravilhoso com ela. A rapariga melhorou imenso, e claro, o pai, a mãe e também o diretor ficaram radiantes. Ficámos muito gratos à Ena e perguntámos se havia algo que pudéssemos fazer por ela.

Ela expressou o desejo de conhecer Dorothy Kerin, uma famosa curadora em Kent, que nós conhecíamos muito bem. A Dorothy tinha um centro de cura em Speldhurst, perto de Tunbridge Wells; na verdade, é o mesmo local onde Ronald Beesley tem agora o seu *College of Psycho-Therapeutics*. Conheci a Dorothy durante vinte anos e até a ajudei de tempos a tempos. Então convidámos a Ena para almoçar, convidámos também a Dorothy, e as duas conheceram-se.

Não me recordo de ter havido uma ligação especial entre elas. Mas depois de a Dorothy partir e de a Ena estar a tomar chá comigo, de repente disse: "Tenho de lhe dizer isto. Você e o seu marido estão a depender de médiuns." (Note-se, isto foi lá por 1953 ou 1954.) "Agora têm de trabalhar por vós próprios", disse a Ena, e aconselhou-nos a continuar com o nosso círculo

caseiro, que então se reunia em nossa casa, mas a conduzi-lo quase como um grupo de meditação e ver o que daí resultava.

Para compreender o significado da mensagem que recebi da Ena, é preciso recuar no tempo. O meu marido não tinha absolutamente nenhum interesse no Espiritualismo durante a guerra. A sua primeira mulher morreu após uma operação de apendicite em 1920, deixando-o com um filho de apenas um ano e uma filha de oito ou nove anos.

Ele não fez qualquer tentativa de contactar a esposa. Tinha uma carreira ativa e ocupadíssima ao serviço militar e, mais tarde, foi convidado para cargos de direção em várias empresas, mas isso não o atraía. Era um homem muito vital, parecia e agia como se tivesse trinta anos, e sabia que tinha ainda muitos anos ativos pela frente. Finalmente, decidiu estudar matemática avançada.

Uma das preocupações que lhe pesavam na mente eram as mortes prematuras dos jovens que tinham sido mortos na Batalha da Grã-Bretanha — rapazes de dezoito, dezenove, vinte anos. Como comandante, escrevera às mães, esposas e namoradas deles. Mas não conseguia esquecê-los. Sonhava frequentemente com eles. E assim começou a ler livros sobre sobrevivência. Passou dois anos inteiros em investigação — sem recorrer a médiuns nem a sensitivos.

Foi uma pesquisa puramente académica sobre as provas da sobrevivência — o grande material clássico produzido pelos fundadores da *British Society of Psychical Research*. Quando reuniu provas suficientes sobre a sobrevivência para se convencer, escreveu um livro, *Many Mansions*. Nunca tinha tido uma experiência psíquica — este trabalho foi o produto da inteligência e da investigação intelectual.

O livro fez com que todos os espiritualistas do país o procurassem. A filha do seu antigo professor levou-o a uma médium em Wimbledon que não era profissional, mas conduzia um círculo caseiro. O Hugh frequentou este círculo regularmente durante dois ou três anos, e foi através dessa médium que ele contactou, presumimos, os seus rapazes da Batalha da Grã-Bretanha e conseguiu ajudá-los. Com base nesse testemunho escreveu o seu segundo livro, *Litchgate*.

Foi então que se juntou à sociedade Teosófica local, onde eu o conheci. Eu também era teosofista, secretária da sociedade local e estava profundamente envolvida em atividades espiritualistas e de cura.

O meu percurso era bastante diferente. Sempre fui mais ou menos psíquica. Em criança via fadas com toda a clareza. Eram pequenas criaturas, a sua textura quase como bolhas, e as cores vivíssimas, com traços humanos — mas as mãos e os pés pareciam afunilar. Não pareciam usar qualquer tipo de roupa, mas eram banhadas em luz. Para mim eram tão normais como pássaros, abelhas, borboletas e flores.

O meu primeiro marido foi morto na guerra, deixando-me com o meu pequeno filho, David Whiting. Tive uma visão extraordinariamente vívida de comunicação do meu marido no momento exato da sua morte, e isso também estimulou o meu crescente interesse pelo Espiritualismo. Aprofundei o meu interesse pela astrologia, trabalhei com a sociedade Teosófica local e participei num círculo com uma médium dedicada a trabalho de resgate, quando conheci Lord Dowding e, pouco depois, casámos.

Continuei com o meu círculo após o casamento, mas Lord Dowding não tinha nada a ver com isso. Ele continuou com o seu próprio círculo, em Wimbledon, contactando os seus aviadores, até que a médium e o marido emigraram para o Canadá e o círculo se desfez. O trabalho no nosso círculo, que durou sete anos — vulgarmente chamado de trabalho de resgate — concentrava-se em pessoas que, por crimes cometidos nesta vida, iam para as esferas cinzentas (suponho que a Igreja lhe chamaria inferno), onde tinham de permanecer antes de poderem prosseguir e evoluir.

O papel do círculo era persuadir esses espíritos a tentar, a não perder a esperança, a seguir em frente. Não há muitos médiuns dispostos a este trabalho, porque é bastante desagradável. Foi precisamente nessa altura que conheci Ena Twigg. Tínhamos perdido recentemente a médium do meu círculo e o círculo do Hugh também se estava a desfazer, quando a Ena, coincidentemente, sugeriu que iniciássemos o nosso próprio grupo. Fizemo-lo durante os cinco ou seis anos seguintes.

Na verdade, comecei a desenvolver alguma mediunidade, e muita coisa começou a manifestar-se através de mim. Mas a última coisa que queria era motivar ou influenciar o meu marido, e isso fez-me afastar de todo o assunto. Então desisti e dediquei os meus esforços ao outro interesse que partilhávamos — a nossa preocupação pelos amigos animais. Em 1959 fundei

a *Beauty without Cruelty*, e o meu marido partilhou plenamente esse interesse.

Claro que continuámos a ver a Ena em várias conferências e encontros, e ocasionalmente ela visitava-nos em nossa casa. Há uma coisa que nos ficou gravada sobre a Ena, porque creio que foi algo realmente notável. Ela era uma das melhores, senão a melhor médium deste país. Aparecia nas maiores salas, sempre cheias a abarrotar, e deixou todo esse trabalho público para se dedicar mais à investigação e a ajudar as pessoas. Uma vez disse-me que, quando estava em palco, sentia pequenas ondas a subir até ela vindas de várias pessoas. E, se se ligava a uma dessas ondas, conseguia dizer tudo sobre essa pessoa: o que tinha comido ao pequeno-almoço, a cor da porta da frente, o chapéu que não usou na reunião mas pensou em usar.

Não tinha a certeza se recebia isso da própria pessoa ou de um ser desencarnado, por isso, para manter os seus canais limpos, abandonou esse tipo de trabalho. Penso que muitos médiuns hoje não são tão honestos como a Ena, ou não são suficientemente conhecedores, e não percebem quando estão a ser apenas telepáticos. Ela merece crédito pela sua honestidade. Enviei muitas pessoas até ela, e sei que era sempre honesta.

Apareci muitas vezes em público com Lord Dowding, e partilhámos muitas tribunas e experiências. Ele nunca se cansava de contar as histórias dos seus aviadores. Em 1958 foi nomeado vice-presidente honorário da *Spiritualist Nationalist Union*, uma honra que aceitou com a sua habitual graça e humor.

A reunião realizou-se em St. Andrew's Hall, em Norwich, e Lord Dowding, depois de falar de forma eloquente contra a crueldade do homem para com os animais, contou uma experiência que tivera no seu próprio círculo caseiro. Nessa noite, sete aviadores, a tripulação de um bombardeiro da RAF abatido durante um ataque ao Ruhr, visitaram a sua casa em espírito.

A médium descreveu como os aviadores inspecionavam os quadros e os móveis, e um deles atravessou a sala até ao piano de cauda. Lord Dowding, esquecendo-se por um momento de que os seus visitantes espirituais não o podiam ver, aproximou-se do piano e levantou a tampa do teclado. A médium relatou que o aviador recuou, surpreendido, e disse: "Caramba, esta casa deve ser assombrada."

Lady Muriel Dowding revelou-se uma estratega tão eficaz e brilhante na sua guerra contra a crueldade do homem para com os animais quanto o seu

marido fora como marechal do ar. Em 1959, Lady Dowding, juntamente com Sylvia Barbanell (esposa de Maurice), uma hábil escritora cujo livro sobre a sobrevivência animal, *When Your Animal Dies*, tem sido um êxito de vendas há trinta anos, fundou a *Beauty without Cruelty* em associação com a Compassion in World Farming.

O duplo propósito da organização é "fornecer informação sobre as crueldades envolvidas na obtenção de ingredientes de origem animal para vestuário, alimentação, cosméticos e outros produtos e disponibilizar alternativas a quaisquer mercadorias assim obtidas de modo imoral". O génio de Lady Dowding reside em fornecer as alternativas. Mandou fabricar e comercializar, através da *Beauty without Cruelty*, uma linha completa de cosméticos; recrutou as modelos e os estilistas mais famosos da Grã-Bretanha para encenar desfiles de moda com casacos de tecido e de imitação de pele; incentivou o desenvolvimento e a comercialização de substitutos da carne e de livros de culinária para promover o vegetarianismo, que, aliás, pratica exemplarmente em casa. Ela e Lord Dowding atraíram pessoas famosas e glamorosas para a sua causa e, hoje, a *Beauty without Cruelty* tem centros na Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá, Japão, Rodésia e África do Sul.

Sylvia Barbanell afastou-se da organização nos primeiros anos, mas manifestou o seu contínuo interesse pela causa através dos seus livros e noutros grupos. Ajuda também a publicar a edição anual do *Psychic News* dedicada ao bem-estar animal. O facto de o seu livro *When Your Animal Dies* ter sido reimpresso sete vezes ao longo de trinta anos é um pequeno indício do interesse que existe entre os donos de animais pela sobrevivência destes.

Porque se alguém pensa que os animais amados e acarinhados nesta Terra se apagam simplesmente quando termina a sua breve permanência terrena, vai ter uma grande surpresa quando passar para o outro mundo. Os animais sobrevivem e, no decurso de sessões, tenho trazido de volta póneis, burros, macacos, inúmeros cães e gatos aos seus donos enlutados.

Consigo dizer imediatamente, pelo campo áurico de uma pessoa, se ela é extrovertida, bondosa e amorosa para com pessoas, animais e plantas, ou se é negativa, com cores turvas e baças na aura. Não encontro muito em comum com pessoas que não amam os animais, porque sinto que, se amas Deus, tens de amar todos os seres vivos. Estamos todos interligados pela mesma força vital.

Os animais são frequentemente mais sensíveis do que os humanos. Os animais veem muito frequentemente as pessoas do espírito. O velho cão querido da minha mãe, que agora vive connosco, o nosso amado Chummy, é uma grande fonte de poder em muitas entrevistas privadas. Consideramos os animais, especialmente os domesticados, como nossos irmãos menores e tratamo-los em conformidade. Na minha opinião, é muitas vezes possível determinar quão evoluída é uma pessoa pelo grau do seu cuidado com os animais.

Investigadores têm realizado experiências com polígrafos em plantas, mostrando que as plantas têm emoções e sentimentos e reagem ao medo e ao amor. Sabes que podes encostar as costas a uma árvore e, conscientemente, captar a força vital dessa árvore? No verão, podes descalçar os sapatos e as meias, pôr os pés na relva e captar a força vital. Podes entrar no mar e captar a força vital do mar. É tudo energia.

Nas experiências com plantas, pegaram em dois grupos de plantas e flores e colocaram cada grupo em situação comparável. A um grupo dizia-se todos os dias que era odiado. Ao outro grupo dizia-se que era amado. As odiadas morreram todas.

Cleve Backster, o conhecido investigador da consciência e das emoções nas plantas e diretor da Backster Research Foundation, conduziu muitas experiências com polígrafo que provaram, para além de qualquer dúvida, que as plantas, as amibas — de facto, todos os tipos de células vivas — respondem emocionalmente à apreensão, ao medo e ao prazer. As suas palestras são frequentemente intituladas "A Unidade da Vida".

Tive algumas experiências pessoais com plantas e realizei algumas experiências que penso serem equivalentes às que os russos têm feito. Uma envolveu indiretamente Lady Dowding, por isso é apropriado contá-la aqui.

Durante o período em que Lady Dowding ainda estava ativa e interessada no seu trabalho de cura, pertencia a um grupo que fazia muita investigação. Tinham ouvido falar de uma inglesa que fora curada de diabetes na América do Sul por curandeiros nativos que usaram uma planta que crescia ao longo do rio. O grupo importou algumas dessas plantas. Quando chegaram, alguém que não percebeu que vinham de um país tropical deixou-as cá fora, na varanda, e o frio queimou-as de tal maneira que pareciam mortas. Ora, os membros ficaram muito aflitos. Em desespero, levaram as plantas à Divisão de Investigação dos Kew Gardens para ver se se podia fazer alguma coisa

para as salvar. Os responsáveis das estufas não estavam muito esperançosos. Miss Ruth Plant sugeriu que me chamassem, e todos concordaram que valia a pena tentar.

Cheguei àquelas estufas magníficas, a transbordar de plantas maravilhosas por todo o lado. A Ruth Plant, que eu conhecia, apresentou-me ao diretor, de nome Woodhouse. Portanto, lá estávamos nós — Plant, Twigg e Woodhouse — a consultar sobre a sobrevivência de umas plantas sul-americanas. Foi bastante engraçado. Mostraram-me as plantas e elas pareciam realmente paus secos. Coloquei as mãos por cima e disse: "Acho que talvez não estejam mortas; consigo sentir-lhes a força vital." Falei com elas e envolvi-as com as minhas mãos durante alguns minutos e, em três meses, dispararam em caules altíssimos e foram usadas nas experiências.

Quando a mãe do Harry morreu, guardei uma rosa que estivera sobre o seu caixão no serviço de cremação. Trouxemo-la para casa e, todos os dias, eu colocava as mãos sobre a rosa até ela ficar num estado de petrificação. Em mais de dez anos de preservação, nunca perdeu um fio de cor, nem as pétalas caíram. Fizemos isto por amor à Nan Twigg, mas é uma área em que gostaria que mais investigadores se envolvessem, pois diz muito sobre a energia que pode preservar uma rosa — e quem sabe o que mais poderá fazer?

9
AS PORTAS DA IGREJA ABREM-SE

Havia agitações importantes — as primeiras pequenas fendas no muro de granito de silêncio erguido pela Igreja ortodoxa entre si e o Outro Lado. Em 1954, foi fundada a *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*, "para trazer o psíquico e o místico de volta à Igreja e explorar a sua relevância para a fé e a vida cristãs".

A irmandade, embora chefiada por um leigo, o tenente-coronel Reginald Lester, atraiu muitos clérigos notáveis, como o reverendo cónego Mervyn Stockwood, hoje bispo de Southwark mas então cónego da Great St. Mary's University Church, em Cambridge; o reverendo G. Maurice Elliott; e John D. Pearce-Higgins, então vigário de Putney, que mais tarde se tornaria cónego e vice-provisor da Catedral de Southwark. Em 1958, trinta clérigos de destaque, incluindo dezenove bispos, serviam como patronos ou trabalhavam ativamente em comissões. Além disso, muitas figuras não clericais de

prestígio, como o físico australiano Dr. C. Raynor Johnson, o Dr. Robert Crookall, a condessa de Lichfield, Sir George Trevelyan, o juiz de paz Edward J. Allsop e outros, figuravam entre os patronos.

Foi meu privilégio e honra trabalhar com estes homens e mulheres esclarecidos, ajudando a construir novas pontes de comunicação entre a Igreja ortodoxa e o Outro Lado. Por sua vez, tiveram uma enorme influência na minha vida e no meu trabalho.

A minha participação como oradora convidada, em 25 de fevereiro de 1958, na Great St. Mary's University Church, em Cambridge, a convite do reverendo cónego Stockwood, foi um verdadeiro ponto alto — um reconhecimento significativo não só para mim pessoalmente, mas também para o trabalho que eu fazia com o Outro Lado. O Dr. Stockwood teve a amabilidade de se referir a essa ocasião no seu Prefácio a este livro, e nada mais preciso dizer a não ser que foi uma das provas mais difíceis que tive de enfrentar. Sou-lhe grata por acreditar que passei na prova com a ajuda dos meus guias espirituais.

O bispo Stockwood, o coronel Lester e o cónego Pearce-Higgins deixaram marcas indeléveis na Igreja de Inglaterra e desempenharam papéis muito importantes na minha vida. Em 1959, quando o Dr. Stockwood se tornou bispo de Southwark e passou a ocupar um lugar na Câmara dos Lordes, cumpriu-se uma profecia que uma cigana lhe fizera. Na altura, o jovem clérigo vestia roupas não clericais — sabem, o tipo de coisas que os jovens usam nas férias — e parecia muito pouco clerical. A cigana disse-lhe que ele regressaria a Cambridge (a universidade onde se formara) e que acabaria na Câmara dos Lordes, sentado perto do trono.

Disse o bispo: "Nessa altura, não havia qualquer possibilidade de uma mudança para a minha velha universidade e, mesmo que, como jovem clérigo, eu tivesse sonhado com a púrpura episcopal, nunca tinha ido à Câmara dos Lordes, nem sabia que o banco dos bispos ficava perto do trono."

Ao longo dos anos, o bispo, que serve como vice-presidente da *Churches' Fellowship*, tem sido um dos mais firmes e eloquentes defensores das verdades psíquicas. Em 1967, creio que ele chocou verdadeiramente a Grã-Bretanha ortodoxa quando apareceu num programa de televisão popular, *Looking for an Answer*. Disse ele: "Aconselhei pessoas a irem a sensitivos ou

médiuns. Graças a Deus por eles — são capazes de confortar os enlutados. Há também pessoas com dons de cura; graças a Deus por elas."

Maurice Barbanell, no seu livro *Spiritualism Today*, disse, ao comentar essa emissão:

Ena é em grande parte responsável por o Dr. Mervyn Stockwood, bispo de Southwark, ter tornado pública a sua declaração sobre as provas de sobrevivência que estão disponíveis.

O bispo foi questionado: "Existe vida após a morte e voltarei a encontrar o meu querido marido?" O Dr. Stockwood disse que tinha duas razões para responder: "Sim." A primeira porque é cristão; a segunda porque, há muitos anos, se interessa por investigação psíquica, que, observou, não tem necessariamente de ter a ver com religião.

Depois declarou ousadamente: "Estou convencido de que algumas pessoas sobrevivem à morte, porque tive provas tão convincentes. Recebi mensagens delas." Usou uma frase marcante para ilustrar a relação entre a vida aqui e no além: "Este mundo é o ventre do próximo mundo."

Explicou a mediunidade dizendo: "Certas pessoas têm um sentido psíquico que lhes permite comunicar com pessoas do Outro Lado."

Aqui fez uma referência pessoal, sem dúvida com a Ena em mente, ao acrescentar que conhecera alguns desses médiuns cuja integridade aceitava. Tinham-lhe dado "mensagens daqueles que estão mortos mas que dizem estar mais vivos do que nós."*

Barbanell disse também à minha coautora, Ruth Brod, que o bispo me enviou muitos enlutados, e é verdade.

Depois, em 1969, quando foi pedido ao bispo que escrevesse um artigo sobre a mensagem da Páscoa para o *London Times*, ele escreveu um ensaio em duas partes, com oito mil palavras, descrevendo as suas próprias experiências psíquicas e comunicações, através de médiuns, com o Outro Lado. Isto poderá parecer a alguns uma escolha estranha de tema para um ensaio pascal; contudo, um querido amigo americano, o reverendo cónego William V. Rauscher, reitor da Christ Episcopal Church em Woodbury, Nova Jérsia, explica: "Sem a experiência da Ressurreição, nem sequer teríamos uma Igreja. A Igreja primitiva era a comunidade da Ressurreição." O cónego Rauscher é ex-presidente da *Spiritual Frontiers Fellowship*, a congénere

americana da *Churches' Fellowship*, que surgiu em 1956, dois anos após o grupo britânico ter começado. Ambas as organizações têm filosofia e propósito semelhantes: procurar ampliar os horizontes da Igreja e restaurar as suas verdades originais.

- *Spiritualism Today* (London: Herbert Jenkins, Ltd., 1969), pp. 107–108.

A literatura da *Churches' Fellowship* declara:
A Igreja ensina a vida eterna, mas é muito vaga quanto aos factos da sobrevivência. No entanto, a natureza da vida seguinte tem de ser objeto de preocupação cristã...

Pode haver informação de fontes psíquicas que possa ajudar a Igreja no seu ensino sobre a preparação para a próxima etapa da vida. A Ressurreição permanece um mistério total no ensino da Igreja e é um enigma para muitos cristãos. Para que espécie de vida ressuscitamos e quando? Com que corpo ressuscitamos? Quem são os anjos (mensageiros)? O que é a "Comunhão dos Santos"? Os estudos psíquicos sugerem respostas razoáveis a essas questões, respostas que ajudaram muitos cristãos a uma fé mais positiva e inteligente no Além. A irmandade oferece ajuda nestes estudos no contexto da fé e comunhão cristãs.

A irmandade declarou também a sua preocupação com a cura espiritual e o misticismo, ambos com um elemento psíquico e ambos relevantes para a fé e a vida cristãs.

Após a minha participação em St. Mary's, fui convidada para o jantar anual da *Churches' Fellowship* em maio. Um dos oradores do jantar foi o reverendo John D. Pearce-Higgins, vigário de Putney, com quem eu viria a trabalhar de perto em muitas ocasiões nos anos seguintes. O convidado principal, o coronel Lester, fundador e presidente da *Churches' Fellowship*, apresentou-me, acrescentando que "a cooperação de médiuns espiritualistas experientes é inestimável."

Foi uma mensagem do espírito que levou o coronel Lester, um destacado jornalista, a fundar a *Churches' Fellowship* — uma missão religiosa à qual tem sido fiel ao longo dos anos. O coronel saiu da Segunda Guerra Mundial com todas as suas crenças religiosas tradicionais desfeitas. Durante a guerra, para além de todas as outras experiências, a sua mulher morreu. Um dia deu de caras com o marechal-do-ar Lord Dowding, que o manteve cativado durante duas horas com histórias de comunicações, no mundo do espírito, com os

seus "homens-pássaro" da Batalha da Grã-Bretanha. Isto levou Lester a iniciar as suas próprias investigações e, depois de se sentar com meia dúzia de médiuns e de comunicar com a esposa, ficou convencido de que a sobrevivência era real. Escreveu um livro sobre as suas sessões, intitulado *The Search of the Hereafter*. Tornou-se um êxito de vendas. Depois, Lester recebeu uma mensagem espiritual a orientá-lo a reunir um grupo de clérigos e leigos interessados na investigação psíquica e na sua relevância para a fé e a vida cristãs.

Vários meses após o jantar anual, o incansável secretário da irmandade, o reverendo Maurice Elliott, muitas vezes chamado o moderno São Paulo do Espiritualismo, partiu aos setenta e cinco anos. Durante cinquenta e três anos utilizou a sua pena e a sua voz "para difundir a verdade da sobrevivência comprovada." Oito semanas após a sua passagem, eu estava a visitar o coronel Lester na sua casa em Torquay, quando ouvi um sussurro noutra parte da sala. Eu não estava em transe, mas consegui ouvir a voz sussurrada dizer que o reverendo sr. Elliott estava a tentar falar em voz direta. Entrei em transe e o reverendo assumiu.

O coronel Lester relatou que o Maurice abordara uma série de questões administrativas relativas à irmandade, de que eu não tinha absolutamente conhecimento, e passou a ler das suas notas alguns dos seguintes trechos:
Não é só o preconceito, mas o verdadeiro medo do desconhecido que o homem comum tem, que temos de vencer. O trabalho que estão a fazer deste lado, ajudando a prosseguir a missão da irmandade, terá êxito para além de todas as vossas expetativas. Mas devemos mantê-la sempre numa base religiosa.

Nunca consigo compreender a atitude daqueles espiritualistas que não põem os seus dons a melhor uso. Simplesmente não pensam quando deitam Jesus fora. Continuo a acreditar que a Igreja tem de desempenhar um grande papel na coordenação das pessoas.

Comentando um serviço memorial que a irmandade planeava realizar em St. Martin's em sua honra, disse o reverendo sr. Elliott:
Acharei o meu serviço memorial em St. Martin's bastante divertido. Vejam lá que mantenham uma nota alegre do princípio ao fim. Nada de "querido defunto". [Aqui, riu-se.]

Como estou melhor agora, sem o meu cansativo velho corpo físico. Agora que aqui estou, percebo como sabia tão pouco, na verdade. Tantas coisas que fizemos na Terra tinham de ser de segunda mão.

É interessante notar que todos estes grandes líderes, que se tornaram campeões da verdade do Outro Lado, foram impulsionados por alguma experiência pessoal. Quem conhece o cónego John D. Pearce-Higgins — cujo zelo e coragem frequentemente o meteram em trabalhos com a autoridade instalada — poderia pensar que ele sempre foi um crente convicto. Mas não é assim, segundo a sua própria história.

Diz ele que, quando era estudante,
Eu tinha, de certo modo, rejeitado com alguma mágoa o tipo de religião em que fui educado, porque não conseguia aceitar todas essas coisas miraculosas à luz da ciência. Um dia, enquanto vagueava pela biblioteca em Cambridge, deparei com uma estante de livros psíquicos. Penso que o livro de Frederick Myers foi um dos que abri, e ali estava caso após caso de provas de sobrevivência. Fiquei fascinado.

Não sabia absolutamente nada sobre investigação psíquica e, nesse momento, acendeu-se uma luz no meu coração, e pensei que talvez, quem sabe, talvez Jesus realmente tivesse reaparecido. Não tencionava tornar-me um investigador psíquico frenético porque estava ocupado a estudar filosofia. Descobri que Platão era muito psíquico — e acreditava na reencarnação e em todo esse tipo de coisas. E depois aconteceram-me toda a sorte de coisas, e o meu progresso foi guiado por livros de segunda mão que fui apanhando, livro após livro.

Uma das primeiras experiências psíquicas do cónego Pearce-Higgins ocorreu em Nápoles durante a guerra:

Eu estava a descer a rua principal de Nápoles, no dia vinte e um de julho de 1944, e dois camiões americanos colidiram no meio da estrada. Um deles guinou para o outro lado da via; eu é que não saltei para o lado certo e fiquei prensado contra a parede. Pensei que tinha a coluna partida quando me tiraram e me deitaram no chão. Uma perna ficou muito mal fraturada. A outra também ficou fraturada, mas foi atrás. Eu não tinha dores. Estava apenas dormente, e sabia que a ambulância havia de chegar passados uns minutos. Era mesmo no centro de Nápoles. Enquanto ali estava deitado, de repente ouvi esta voz interior a falar-me solenemente. Disse: "Isto é muito desagradável, mas tinha de acontecer. Não deves preocupar-te; tudo acabará

por correr bem." Ora, não foi só ouvir a voz — todo o meu ser foi inundado por uma paz incrível. E a memória disso ficou comigo… está comigo agora. Foi uma espécie de ordem — não que não te deves preocupar, mas que não consegues preocupar-te. Dez minutos depois, a ambulância apanhou-me. Levaram-me para o hospital e os médicos trataram-me.

O cónego tem dedicado grande parte do seu tempo à investigação psíquica, trabalhando com a *British Society for Psychical Research*, escrevendo, fazendo palestras, e assistindo os muitos casos — assombrações, possessões, aparições — que lhe são trazidos para ajuda, casos que precisam de auxílio do Outro Lado. Recentemente, o cónego disse à Ruth: "Eu não dirijo um gabinete oficial, mas sou uma espécie de responsável por todos os fantasmas na diocese de Surrey." Reformou-se há pouco como vice-provisor da Catedral de Southwark para dedicar mais tempo a estudar "a natureza do homem à luz do Evangelho e do conhecimento moderno e a ministrar às necessidades das almas individuais. Espero passar mais tempo a mergulhar no mundo do espírito."

É sempre espantoso para mim que cristãos assumidos e a própria Igreja se oponham ativamente ou rejeitem a comunicação com os que partiram, uma vez que supostamente nos foi prometida a vida eterna pelo próprio Cristo. O Novo Testamento está tão cheio de fenómenos psíquicos que, se fossem removidos, pouco restaria. Jesus escolheu os Apóstolos porque tinham capacidades psíquicas, embora fossem simples e sem instrução. O próprio Jesus era um psíquico extremamente poderoso, talvez o mais poderoso que o mundo alguma vez conheceu — clarividente, clariaudiente, um grande curador. Era também um grande médium físico, o que explica como podia realizar milagres de materialização e como podia caminhar sobre as águas — um feito de levitação.

A Transfiguração no Monte foi uma sessão espírita durante a qual Jesus materializou Moisés e Elias, enquanto os seus Apóstolos, frequentemente descritos como sonolentos, provavelmente estavam em transe profundo (Lucas g: 28-36). Depois da Crucifixão, Jesus apareceu a Maria. Parece ter sido uma materialização, mais do que uma visão. Jesus conseguiu aparecer aos seus Apóstolos porque eles eram psíquicos e mediúnicos e, assim, o podiam ver. Segundo São Paulo, porém, ele também apareceu a "mais de quinhentos irmãos de uma só vez" durante os quarenta dias após a Crucifixão. Isto sem dúvida exigiu a sua materialização, uma vez que não é provável que todos fossem psíquicos. Jesus considerava os seus poderes psíquicos como prova

de que Deus estava a operar através dele. Creio que assim é hoje e que todo o poder psíquico é poder de Deus.

São Paulo prometeu-nos "os dons do espírito… Alguns recebem os dons de profecia, outros de cura, outros o discernimento dos Espíritos" (I Cor.: 11-12). O médium tem o dom do "discernimento dos Espíritos".

Há milhares de anos, antes de o mundo se tornar comercial e materialista, as pessoas aceitavam a existência de espíritos como algo natural. Nas religiões e culturas do Extremo Oriente as pessoas não choravam pelos seus entes queridos noutro mundo. A Igreja cristã primitiva estava cheia de misticismo. O Senhor concedeu as faculdades de ver, ouvir, transe e cura a homens e mulheres comuns não pelo que eles tinham alcançado no mundo, nem pela sua formação ou conhecimento teológico, mas pelas potencialidades que via neles. A Igreja, porém, via essas pessoas como uma ameaça e alimentou contra elas ressentimento. Finalmente livrou-se dos místicos, videntes, profetas e profetisas, e curadores.

A pessoa comum tem tido o seu pensamento religioso feito por outrem. Prometeram-lhe um atalho para o céu se fizer isto e não fizer aquilo, e ele espera uma salvação pronta da sua Igreja. Hoje, muitas pessoas rejeitam a religião ortodoxa. O pregador médio não consegue encher a sua igreja. Ele não lida com a vida, lida com a morte, e as pessoas querem saber como viver. Se a Igreja atualizasse o seu pensamento, começaria a tratar a morte como um incidente. Ensinaria as pessoas a viver e, portanto, saberiam como morrer.

Todos descobrirão, quando chegarem ao Outro Lado, que subscrever um certo credo ou um conjunto de orações não lhes dará um abre-te sésamo para o reino dos céus. Quanto ao inferno, podes estar no inferno na Terra. Há estados infelizes no Outro Lado, mas ninguém está perdido para sempre.

Quando lá chegares, ninguém te vai dizer: "Quem eras tu quando estavas na Terra? De que cor era a tua pele? A que igreja ias? Qual era o teu estatuto na sociedade?" Mas perguntar-te-ão: "O que és tu?" E então olharás para ti próprio e muitos de nós, infelizmente, teremos de responder com verdade: "Caramba, não fiz grande coisa disto, mas tentei." Então conheceremos a unidade de toda a vida, olharemos para a corrida de ratos em que transformámos a vida na Terra e veremos quão tola ela é.

E que espécie de vida vais ter no Outro Lado? Não gravitas para o céu ou para o inferno só por perderes o teu sobretudo físico. Vais precisamente para a situação que preparaste para ti mesmo pelas tuas próprias ações, pelo teu próprio pensamento, pela forma como conduziste a tua vida e pelos teus motivos.

Quando morres, não és recebido por hostes de anjos, mas por pessoas que te amaram e que te podem acolher — pessoas que te podem ajudar a superar o medo do que acabaste de experienciar. A morte nem sempre é dolorosa, mas às vezes pode ser muito angustiante, tanto para quem sabe que está a partir como para os que ficam. Uma vez que te ajustaste ao facto de estares noutra dimensão, e depois?

Depois encontras-te numa situação criada pelo teu próprio viver. Isso não significa que não haja esperança se tiveste uma vida totalmente egoísta. Os que estão mais adiantados no caminho, os mais esclarecidos, estarão perto de ti. Necessariamente, tens de sentir a necessidade de te ajustares e remediares a situação em que te encontras. Ajustas-te mentalmente pedindo ajuda aos esclarecidos, assim me dizem, e eles podem automaticamente ajudar-te a repensar e a tornar-te mais feliz.

Não importa se dizes que acreditas que continuarás a viver ou não (exceto que estás a perder uma boa parte de viver por teres tais pensamentos negativos).

10
UMA NOVA DÉCADA – UMA NOVA DIREÇÃO

No outubro seguinte cumpri finalmente a promessa feita a Rolf Carleson na conferência de Paris, e o Harry e eu embarcámos numa digressão de dezassete dias e quatro cidades pela Suécia e pela Finlândia. A digressão foi organizada pela Federação Espírita Internacional, pela União Espiritualista Sueca e por grupos espiritualistas na Finlândia. Voámos de Londres para Copenhaga, pernoitámos e, de lá, voámos para Malmé, Suécia.

Nunca vi nada tão bonito como o outono na Escandinávia, visto de um avião. A paisagem lá em baixo era um tumulto de cor, indo dos amarelos e dourados mais pálidos até aos vermelhos e cor-de-cereja mais profundos. Foi afortunado poder apreciar a paisagem na viagem de ida, pois nunca mais, nas

semanas frenéticas que se seguiriam, teria tempo, força ou energia para saborear as belezas dos nossos países anfitriões.

Fiz onze reuniões públicas em Estocolmo, Gotemburgo, Malmé e Helsínquia, dei inúmeras sessões privadas e passei o tempo restante com repórteres. Somando-se ao esforço do programa carregado estava o esforço adicional de trabalhar em línguas estrangeiras — receber nomes, lugares, em sueco ou finlandês. O Rolf Carleson foi um excelente intérprete nas reuniões públicas; ainda assim, os nomes vinham em catadupa, e a minha desajeitada língua inglesa enrodilhava-se nos sons estranhos que me eram comunicados. Tivemos de limitar as sessões privadas a pessoas que falassem inglês.

Foi notável como o espírito consegue ultrapassar barreiras linguísticas, e isso prova que o pensamento não tem limitação. O intérprete transmitia à pessoa na assistência a mensagem que eu estava a receber para ela e, antes que a pessoa pudesse responder, eu já recebia a parte seguinte. Estava a ligar-me ao que a pessoa ia pedir ao tradutor que me interpretasse na pergunta seguinte. O Rolf e a imprensa pareceram particularmente impressionados com este fenómeno, e os jornais noticiaram: "Por duas vezes, antes que o seu intérprete pudesse traduzir perguntas feitas pelos destinatários de mensagens do espírito, Ena Twigg surpreendeu todos dando-lhes as respostas em inglês."

Disse Rolf a um repórter: "Um assistente experiente disse que tinha sido a melhor sessão espírita que alguma vez tivera, por causa dos nomes suecos e das datas apropriadas que foram comunicadas." Numa outra entrevista, o Rolf salientou "que esta demonstração por uma médium que nunca visitou Estocolmo é de grande valor porque os críticos não podem argumentar que a informação fornecida se deveu ao seu conhecimento prévio." Ele próprio disse-me que 98 por cento dos factos dados, mesmo a alguns dos seus amigos pessoais, lhe eram desconhecidos.

A receção na Finlândia foi esmagadora e uma grande surpresa para mim e para o Harry. Eu não fazia ideia de que havia um interesse espiritualista tão forte naquele país. Os finlandeses são as pessoas mais maravilhosas — calorosas, afetuosas, entusiastas e expansivas. Não conseguimos fazer caber toda a gente na primeira reunião que fiz lá. As multidões eram tão grandes que tivemos de sair de uma sala comum para um enorme anfiteatro. A imprensa, os fotógrafos, as revistas e os radialistas literalmente fervilhavam. Quando a reunião terminou, eu não conseguia sair, e tiveram de nos levar por

uma porta lateral. Tentando iludir os repórteres, metemo-nos em carros à espera para seguir para a festa que nos ofereciam.

Os repórteres souberam onde estávamos e vieram bater com força à porta do nosso anfitrião. Acabámos por ter de lhes dar as entrevistas, com lâmpadas de flash a estalar como bombinhas chinesas na Véspera de Ano Novo. Uma repórter-fotógrafa foi tão ousada que nos seguiu toda a noite e acabou por encurralar o Harry, exigindo saber como era ser casado com uma médium, querendo saber o que ele pensava de tudo aquilo, enquanto me punha a posar para mais doze fotos exclusivas.

Quando a digressão terminou, eu estava tão rouca que só conseguia falar em sussurros, e tão exausta que mal me mexi por todo o caminho de volta. Antes de partirmos, os patrocinadores e as muitas pessoas que conhecemos pressionavam-me para prometer uma visita de regresso e outra digressão. Não me comprometi então, mas, quando me afundei, exausta, no assento do avião para a viagem de regresso, o Harry e eu olhámos um para o outro e dissemos ambos: "Nunca mais." Decidi que, se as pessoas querem ver-me, podem vir a Inglaterra. Muitas ainda vêm, todos estes anos depois, e eu recebo-as em sessão pelo menos uma vez por ano ainda hoje.

Podes imaginar o estado em que eu estava quando finalmente entrámos pela nossa porta dentro. Casa nunca me parecera tanto um refúgio. Tudo o que queria era um pouco de paz e sossego e descanso — muito descanso. Não estávamos em casa havia uma hora — as malas nem sequer tinham sido desfeitas — quando se ouviu uma forte batida à porta da frente. O Harry foi ver quem era. Um homem de meia-idade, transtornado e histérico, entrou a correr, clamando: "Tenho de ver a Sra. Twigg. Tenho de ver a Sra. Twigg. O Maurice Barbanell mandou-me." O Harry explicou que tínhamos acabado de voltar de uma longa viagem, que eu estava exausta e que me era impossível ver alguém naquele momento.

Enquanto isto se passava no rés do chão, eu estava no quarto a mudar de roupa de viagem e ouvi uma voz dizer: "Vê-o, vê-o." Muitas vezes, os do Outro Lado exercem grande influência sobre mim para garantir que a comunicação se realize, especialmente quando há uma necessidade urgente, quer neste mundo quer no deles. Por vezes usam força, como no caso do filho do bispo Pike, recorrendo a atividade poltergeist, "assombração" ou outros fenómenos físicos. Outras vezes a pressão recai sobre o médium — por exemplo, consigo ouvir a urgência do Outro Lado a impelir-me, a ajudar e

a influenciar-me a escolher aqueles com maior necessidade. Isto é particularmente verdade em grandes conferências, onde todos pedem sessões de uma vez. Invariavelmente, não só os escolhidos são os que têm a necessidade mais urgente desta comunicação, como o seu ente querido do Outro Lado também me está a impelir.

Nesse dia de novembro, porém, eu decididamente não queria dar uma sessão a ninguém, por maior que fosse a sua necessidade. O meu próprio esgotamento físico era tão grande que sentia que não me podiam pedir mais nada naquele momento. Mas o Outro Lado empurrou-me para a sala de estar e, quando vi o rosto do homem, ouvi-me a dizer Sim, embora o meu corpo cansado clamasse Não. O contacto foi feito imediatamente com o irmão dele — a sua primeira comunicação —, e o consulente recebeu os conselhos e a orientação de que tão desesperadamente precisava, bem como encorajamento e elevação moral.

O homem era o reverendo Bertram Peake, um ministro que estabelecera um albergue para antigos prisioneiros, onde recebiam roupa, comida, abrigo e amizade gratuitos, além de um esforço organizado para os ajudar a encontrar trabalho. O reverendo sustentava esta iniciativa com o magro salário que ganhava como escriturário — mal suficiente para sustentar a esposa e os filhos gémeos. Também solicitava contribuições para o albergue a pessoas interessadas. O esforço de trabalhar a tempo inteiro, angariar dinheiro para o albergue e gerir o seu programa tinha exaurido o pobre homem.

Agora ficara sem dinheiro e, em desespero, colocara um anúncio que custou dez libras numa publicação religiosa ortodoxa, pedindo donativos. Não recebera uma única resposta. O albergue estava sem comida e sem combustível, e ele não via como poderia dar aos homens a sua festa anual de Natal, que sempre se realizava a 19 de dezembro. Estava tanto frio no edifício que o reverendo dera, a contragosto, ordens para queimarem os bancos como combustível no sábado seguinte. Não via outra saída senão fechar o refúgio e tentar recuperar a sua própria saúde arruinada.

Maurice Barbanell aconselhou o reverendo a vir ter comigo para uma sessão, a fim de procurar ajuda do Outro Lado. Na sessão, o irmão de Peake aconselhou-o a manter o albergue aberto: "Continua, meu velho; tudo há de ficar bem." Pareceu ser um ponto de viragem, inspirando o homem atormentado com nova esperança e determinação para prosseguir a sua nobre missão de reabilitação.

Entretanto, Barbie publicou a história do reverendo Bertram Peake no *Psychic News* e no *Two Worlds* e, dois dias depois, o reverendo recebeu uma contribuição de cem libras de um leitor espiritualista. Continuou a chegar um fluxo constante de cartas, algumas com contribuições em dinheiro, outras prometendo roupa e comida para a festa de Natal. Não só a festa como também o futuro do albergue ficaram assegurados. Peake, esmagado pela resposta e pela resposta às suas orações, não se cansava de admirar a generosidade dos espiritualistas, pois até pensionistas enviaram meia-coronas dos seus parcos bolsos.

Depois do Natal, visitei o albergue na Golborne Road Free Church, no oeste de Londres, e dei clarividência aos antigos condenados de Peake. Foi comovente ver como estes homens ficaram surpreendidos e satisfeitos com a minha presença — o simples facto de eu me importar o suficiente para dar uma noite do meu tempo causou-lhes profunda impressão. Um dos homens, a receber a sua primeira comunicação espiritual, ficou tão emocionado que desatou a chorar.

Muitas incidências da sua vida, particularmente o seu serviço de guerra em Itália, foram-lhe recordadas pelo seu comunicador espiritual. Outro homem não conseguia acreditar que estava a receber uma mensagem. "Mas eu sou católico romano", protestou. O Outro Lado não tem denominações. A reunião estimulou muita discussão e os homens iniciaram algumas aulas, um grupo de debate e meditação.

Disse o reverendo sr. Peake aos homens: "Fui educado para acreditar que os espiritualistas eram do Diabo. Só queria que houvesse a bondade nas igrejas ortodoxas que encontrei entre os espiritualistas, que continuam a ser um corpo muito mal compreendido."

Pouco tempo depois, o Harry e eu tivemos novamente ocasião de provar a lei da Nanny de dar com amor. Enfrentávamos um problema familiar que exigia angariar uma grande soma de dinheiro. Não era realmente nossa responsabilidade, mas o Harry e eu sabíamos que mais ninguém iria pegá-lo, por isso eu disse ao Harry: "Não pensemos no assunto. Eu passo o cheque e esquecemos." Passei o cheque e ficou arrumado. Seis semanas passaram. Uma manhã, entre a correspondência, encontrei uma carta de um advogado a informar-me de que uma mulher tinha morrido e me deixara uma quantia no seu testamento, igual ao último cêntimo ao montante pelo qual eu passara o cheque.

A mulher fora fisioterapeuta num hospital de Londres. Telefonou-me um dia e disse-me que uma sua amiga cirurgiã estava a morrer e pedia para me ver. Eu disse-lhe que não conhecia a sua amiga. "Não", respondeu a minha interlocutora, "mas a minha amiga foi a várias das suas reuniões e palestras e está a morrer e gostaria muito de a ver."

Então eu disse: "Está bem."

A fisioterapeuta apanhou-me no carro e levou-me ao hospital, onde a mulher estava num quarto particular, a morrer de cancro. Eu levava comigo um pequeno opúsculo, chamado *In Tune with the Infinite*, escrito por Ralph Waldo Tryon. A doente era-me absolutamente estranha. Sentei-me à sua cabeceira e falei-lhe suavemente enquanto estava consciente. Disse: "Pergunto-me se poderíamos mergulhar neste livro e encontrar algo que nos vá ajudar." Deixei-lhe o livro e voltei a visitá-la várias vezes.

Numa segunda-feira de manhã, por volta das cinco e meia, vi-a no meu quarto e disse: "Oh, deixaste esse teu velhinho corpo cansado." Mais tarde naquela manhã liguei à amiga, a fisioterapeuta, e disse-lhe que a cirurgiã partira. "Ela veio ter comigo às cinco e meia desta manhã."

Ao princípio, ela não conseguia acreditar. "Oh, não, o hospital teria telefonado", disse. Contudo, o hospital confirmou mais tarde que a cirurgiã morrera às cinco e meia.

Há valor em saber que podes voltar. A fisioterapeuta nunca esqueceu isto. Anos depois, adoeceu, e eu fui ao seu leito. Visitei-a ao longo de toda a sua doença. Depois pareceu melhorar e eu perdi o contacto. Passaram-se vários anos durante os quais, sem eu saber, ela me incluiu no seu testamento. Após a sua morte, mandou o advogado entrar em contacto comigo e lá estava o cheque precisamente pelo montante que eu tinha dado. Como a Nanny sempre dizia: "Não consegues dar coisas se dás com amor e com o motivo certo."

O começo de uma nova década é uma altura de fazer balanço. Ao enfrentar os anos sessenta, olhei para a minha sala desarrumada — súplicas urgentes para fazer uma digressão pela Austrália, para visitar os Estados Unidos, para regressar à Escandinávia, para ir a França; pedidos de sessões privadas; convites para falar em conferências — e senti que me estava a tornar um dervixe rodopiante. Era impossível fazer tudo e, por mais que me esforçasse, havia sempre mais por fazer do que eu podia. A esgotar todas as minhas

forças, estava a trabalhar-me até à doença, a ponto de já não conseguir comer nem dormir.

Em desespero, clamei para o Outro Lado. "Sei que devo uma dívida tremenda, mas quanto tenho de pagar por ela? Quero ajudar todos, mas não consigo. Que hei de fazer?"

Veio a resposta: "Nunca te pedimos isto. Dissemos que um trabalho bem feito vai longe, mais longe do que cem trabalhos feitos pela metade."

Um amigo americano que eu conhecera numa conferência internacional disse: "Ena, não podes pôr o mundo inteiro em ordem. Só podes ajudar algumas pessoas devidamente, mas, se as ajudares devidamente, elas espalharão a mensagem. É como uma pedra a cair num lago — as ondulações vão muito, muito longe."

Fui instruída pelo espírito a tentar progredir para uma nova dimensão no meu trabalho. Ao princípio não estava muito claro como ou qual era o propósito. Segui o plano, passo a passo, à medida que se ia desdobrando. Primeiro comecei a deixar de aceitar marcações com muita antecedência, como até então era meu hábito; por vezes tinha a agenda preenchida com três anos de avanço. Depois, comecei a trabalhar cada vez mais na sala de sessões.

Voltei a demonstrar clarividência uma vez mais numa tribuna pública — para o programa *British Night* da conferência da Federação Espírita Internacional, que se realizou em Londres. Desde então não voltei a fazer demonstrações públicas de clarividência.

O Harry e eu tínhamos comprado a nossa casa atual na East Acton Lane, uma acolhedora moradia geminada de dois andares, com um pequeno jardim onde podíamos cultivar as nossas rosas e um bom quintal para um cão brincar. É despretensiosa mas confortável, e a maioria dos visitantes concorda connosco em que é muito caseira.

Reservei um dos quartos do andar de cima como sala de sessões para os clientes que se dispusessem a chegar ao afastado bairro de Shepherd's Bush, onde então vivíamos. Tive o cuidado de manter a decoração do quarto nondenominacional: estão representados os símbolos de todas as grandes religiões do mundo, pois eu não pergunto, nem me interessa, o que cada um é — católico, protestante, judeu, muçulmano, hindu. Tudo o que preciso de saber é que é um ser humano que precisa de ajuda.

Um médium pode retirar grande satisfação de ajudar os outros, especialmente quando, ao dar consolo, também pode ser instrumento de trazer esclarecimento a pessoas cujo mundo até então fora regido por valores puramente materiais. Uma das coisas mais tristes que me foi dita foi dita por um multimilionário para quem eu fizera uma série de sessões. No fim da série, disse ele: "Sabe quem eu sou?"

Respondi: "Para mim, é o sr. Harold. Isso basta-me."

Então disse-me o seu verdadeiro nome e acrescentou: "Sra. Twigg, dava tudo para ter o que a senhora tem. Eu tenho tudo o que o dinheiro pode comprar, mas não tenho uma coisa de valor."

Eu disse-lhe: "Bem, a culpa é sua, porque o dinheiro é uma ferramenta que pode ser usada. Se te fores sentar como o rei Midas a olhar para o ouro, a respirar ouro e a pensar ouro — bem, é só isso que tens. Mas sai. Há um grande mundo faminto lá fora. Sai e usa o teu dinheiro pelos outros, e encontrarás os teus valores. Se estenderes a mão e disseres: 'Quero servir; quero servir com honestidade e verdade, de forma dedicada', és atendido — não em palavras, mas em situações com que és confrontado."

Numa noite eu estava deitada na cama e, de repente, comecei a ouvir uma batida tremenda. Pensei: Será o meu coração? E então todo o quarto começou a pulsar como um coração enorme, e tornei-me consciente da humanidade inteira, todos — homem, mulher, criança, negro, branco, amarelo, castanho. Eu tinha consciência de todos, e cada um estendia os braços — cada homem, mulher e criança tinha os braços estendidos, a alcançar. A batida ficou cada vez mais forte, pulsando em ritmo como um coração gigante. Pensei: O que estará a acontecer? Estarei a morrer? E ouvi uma voz dizer: "Toda a gente está a esforçar-se por alguma coisa. Por vezes os seus esforços não valem a pena; não estão a olhar na direção certa."

O pensamento ocorreu-me: Não seria maravilhoso se pudesses pôr algo que valha a pena em algumas dessas mãos! Depois tudo começou a esvanecer e eu regressei e estava na minha cama. Não me refiz da experiência durante dias. Ficou comigo. Aconteceu mais duas vezes depois disso, mas não com a mesma intensidade nem com o mesmo grau de impacto da primeira vez. Tirou-me literalmente o fôlego.

Estava a falar com o bispo de Southwark um dia e perguntei-lhe o que achava que tinha acontecido.

"Creio que tiveste uma autêntica experiência mística", disse ele.
Acredito que estive muito perto da totalidade da vida.

11
O VALOR DA COMUNICAÇÃO

Precisamos de educar as pessoas para que abordem o tema do Outro Lado com a atitude certa — com inteligência e as suas faculdades analíticas e com simpatia e compreensão pelo médium. Têm de começar a perceber que elas próprias condicionam, consciente ou inconscientemente, os resultados de uma sessão. Muitas pessoas entram com uma atitude de superioridade e condescendência. Isto, claro, enfurece-me, porque essas pessoas não estão a fazer um favor ao outro mundo. Se investigarem corretamente, são elas as beneficiadas. O outro mundo fica encantado se puder ajudá-las.

Depois há aqueles que vêm à procura de "previsões" para se libertarem da responsabilidade de decidir e entregarem tudo ao Outro Lado. Se surgir uma previsão e se eu sentir que estou a receber algo genuíno que não é um facto conhecido, transmiti-lo-ei certamente; no entanto, uma sensitiva genuína faz o que o outro mundo lhe imprime fazer, não o que o público quer que ela faça.

Se tentares condicionar o médium ou o Outro Lado tendo uma coisa específica em mente, isso pode ou impedir qualquer resultado, ou produzir o tipo errado de resultados. Uma sensitiva não desenvolvida pode muito facilmente ser apanhada desprevenida e, pelo pensamento forte projetado pelo indivíduo, ser condicionada a fornecer a resposta que a pessoa quer ouvir — não a resposta que é.

Não acredito que tudo esteja predestinado; foi-nos dado o livre-arbítrio. Todos nós somos personalidades duais. Se operares no lado positivo da tua natureza, descobrirás que o Invisível trabalhará contigo de forma mais plena, mas se estiveres sempre negativo e desesperares de tudo, não podes esperar senão negação. Estás a fazê-lo assim. Muitas vezes as coisas são reveladas pelo Outro Lado fora do tempo — tal como virão a ser no futuro —, mas isso porque não há tempo no outro mundo. Tens de condicionar conscientemente as tuas circunstâncias e, então, podes largar e deixar Deus operar à sua maneira.

Um tipo muito diferente de benefício da comunicação reflete-se na experiência de Paul Beard, um excelente erudito que agora dirige o *College of Psychic Studies*. Paul, um escritor respeitado, tem sido estudante deste assunto durante muitos anos. Em *Survival of Death*, ele diz:

Devo ter sabido pela primeira vez de Ena Twigg há vinte anos, mas calhou que, embora eu tivesse presidido quando ela fazia uma palestra, o meu primeiro contacto pessoal com a sua mediunidade foi no início de 1961, numa sessão privada no *College of Psychic Studies*. Isto causou um impacto considerável; um assistente experiente percebe, nos primeiros cinco minutos, que está perante uma médium de qualidade rara e inequívoca. Isto manifestou-se numa certa espécie de precisão. Não quero dizer 100 por cento de exatidão global, pois nenhum médium no mundo consegue isso, e, se os assistentes o afirmam acerca das suas próprias sessões com médiuns, sei que não estão a avaliar as suas sessões objetivamente. Num campo tão delicado de recetividade como a mediunidade, 100 por cento de exatidão é simplesmente impossível.

A precisão que me interessa na mediunidade da Ena também não é a relacionada com nomes e factos, embora estes sejam muitas vezes dados. Por exemplo, um parente próximo deu-me os nomes próprios de duas governantas que criaram a minha esposa. Um desses nomes eu conhecia bem, mas, tanto quanto sabia, nunca tinha ouvido nem o nome nem sequer a existência da outra. Quando o meu pai falou de férias em Freshwater e de um poço no jardim, dificilmente poderia ter escolhido dois factos que melhor o identificassem para mim. Mas outros médiuns dão factos notáveis, e a qualidade da precisão da Ena, para mim, reside noutro campo — ou melhor, em dois campos.

O primeiro é a capacidade, na sua mediunidade, de exprimir a diferente qualidade da minha relação individual com pessoas diferentes. Por exemplo, o meu amigo Lawrence (Hyde), embora dissesse, com toda a verdade, que eu não tinha podido ir ao seu funeral e aceitasse a razão por que não fui, falou sobretudo das coisas religiosas e místicas que constituíam o verdadeiro laço entre nós. De passagem, criticou também um dos seus próprios defeitos de forma muito justa. O segundo é a sua capacidade, de forma consistente ao longo do tempo, de produzir frases-chave que eram comentários muito aptos sobre os meus problemas espirituais do momento e que também apontavam o caminho para uma solução.

A força da filosofia ensinada pelos seus controlos de transe, como a tenho experienciado, é que está adaptada de modo muito íntimo aos problemas e pontos de crescimento, no lado espiritual, daqueles a quem essa filosofia é expressa. Pelo que sei, ela não produz um corpo de material de caráter geral adequado a uma grande classe, ou, se o faz, eu não o conheço.

Pessoalmente, achei o lado filosófico da sua mediunidade de um valor pessoal muito grande, e tentei dizer algumas palavras sobre isso abaixo. Como a maioria dos outros médiuns de transe, eu diria que a escolha das imagens e da linguagem tem de ser feita pelo controlo — em parte, pelo menos, a partir do conteúdo da própria mente dela —, e isto conduz por vezes a frases ocasionais inacabadas e "desviadas". Estas ocorrem muitas vezes nos textos originais de outros ensinamentos depois preparados para publicação. Esperaria que esta tendência diminuísse se a Ena decidisse dedicar um pouco mais do seu tempo a este lado do seu trabalho.

Em 1965, um comunicador muito próximo fez as suas primeiras aparições em transe para mim, através de Ena Twigg. Subsequentemente demonstrou, sem dúvida, que conhece muitos dos meus atos, bem como os meus processos de pensamento particulares entre uma sessão e outra; mostrou que conhece os meus problemas e frustrações, os meus ideais, as minhas falhas e as minhas dificuldades de trabalho. A história deste comunicador, Peter, não faz sentido exceto para os que estão dispostos a considerar a reencarnação como uma possibilidade.

Peter afirma que temos estado próximos um do outro em muitas vidas e que fizemos um pacto para realizar determinado trabalho em conjunto; estamos tão próximos que, a certa altura, fomos inimigos por causa dessa própria proximidade. Mas ele não quer definir a relação de uma só forma. Diz: "O que somos nós? Somos amantes, somos marido e mulher, somos irmão e irmã, somos pai e mãe, somos irmãos? — pois somos. Isso basta; somos. Não importa, exceto que tu me conheces e eu te conheço." Assim, Peter está a incentivar o crescimento de uma relação espiritual impessoal. Ele dá a entender que partilhámos uma vida como monges em Glastonbury. Na sua primeira fala, disse: "O vínculo dos nossos nomes deveria transmitir algo mais subtil e mais duradouro do que a maioria dos comunicadores te poderia dar."

Ora, ele é Pedro e eu chamo-me Paulo; acontece que a Abadia de Glastonbury era dedicada a S. Pedro e S. Paulo e que a primeira aparição de Pedro teve lugar num dia de festa de S. Pedro e S. Paulo. Não tenho verdadeira

compreensão do que ele pretendia transmitir, mas certamente não foi pretendida qualquer ligação entre nós e os santos.

Peter diz-me muitas vezes as minhas falhas, quer na minha vida atual, quer em anteriores, e percebo que, pelo pecado e pelo erro, tenho um estatuto mais baixo do que tinha antes, e são necessárias muitas encarnações para o recuperar. Peter fala de forma muito franca das minhas falhas por vezes; por exemplo, falando de uma época em que eu tinha tido muitos convidados, disse: "Foram chegando e partindo, e isso foi bastante perturbador, bastante dispersivo, mas, por outro lado, terrivelmente bom para ti, porque te mostrou que, até aprenderes a controlar as circunstâncias pela tua própria mente, não serias útil para fazer mais progressos."

Através da mediunidade de transe da Ena, Peter mostra ser capaz de manter um contacto realmente muito próximo com o movimento da minha mente. Faz também sugestões muito úteis quanto a onde é melhor eu a focar. Mas o valor da mediunidade da Ena não se limita de modo nenhum ao que Peter diz durante o transe, pois, como resultado do contacto em transe, sem dúvida fiquei capacitado a estabelecer um rapport telepático com Peter durante as minhas próprias meditações noutras alturas. Peter mostra muitas vezes quando tive êxito, pegando no tema que entretanto recebi e desenvolvendo-o na sessão de transe seguinte.

Surgiu uma característica muito interessante em resultado destas conversas em transe, que começaram em junho de 1965. Examinando as minhas notas de sessões anteriores sem transe e, num caso, de uma sessão de transe com o principal controlo da própria Ena, torna-se muito claro que, durante bastante tempo — na verdade, desde a minha primeira sessão com a Ena —, Peter foi estabelecendo contacto gradualmente, mas foram precisos quatro anos até conseguir assumir o controlo total do transe. Estava longe de ficar claro, no início, quem era Peter naquela altura.

Acontece que eu tinha apresentado à Ena um consulente que perdera um filho chamado Peter, e pareceu quer a ela no seu estado normal quer a mim que o Peter a quem chamarei "meu" era esse outro Peter que morrera apenas há alguns anos. Depois, o "meu" Peter disse que estava "do lado de lá" há muito mais tempo do que o Lawrence (Hyde) e, mais tarde, a Ena deu o nome como "Irmão Peter, conhecido há muito, muito tempo". Deste modo, o "meu" Peter conseguiu, gradualmente, distinguir-se do Peter terrestre recente. No conjunto, as minhas sessões com a Ena são um exemplo notável

de como uma médium de qualidade pode estar a obter material importante que é essencialmente correto mas que, ao princípio, não é corretamente compreendido nem pelo consulente nem pela médium. É aqui que guardar notas das sessões revela, mais tarde, um sentido que não era aparente no momento. Também me interessa muito, ao ler o registo destas sessões como um todo, ver como o Peter introduziu e reintroduziu certos temas básicos perfeitamente consistentes tanto com as suas declarações posteriores em transe como com as minhas subsequentes meditações telepáticas.

Outra característica destas sessões com o Peter — em que, por vezes, o guia principal da Sra. T, Philip, fala em nome do Peter como seu porta-voz — é a impressão que se transmite gradualmente de que é realmente muito mais fácil, além de mais pertinente para o seu propósito, o Peter falar de problemas e finalidades espirituais do que das minhas preocupações terrenas mais limitadas. Como ele disse uma vez: "De que interesse — quão exatos podemos ser — se descermos a tais coisas? Elas fazem parte da cruz da vida." É claro que o seu verdadeiro propósito é tentar ensinar-me a comunicar com ele.

Como todos os médiuns de elevada qualidade, a Ena tende constantemente a ser vitimada pelos seus consulentes. Há muito mais potenciais consulentes do que aqueles que ela pode satisfazer. É, portanto, um problema muito real saber como repartir o seu trabalho. É difícil para um observador externo julgar, mas talvez o seu calor humano e compaixão a levem a dar sessões, por vezes, a "principiantes" que nem sempre têm uma necessidade premente e que poderiam talvez ser melhor servidos por médiuns menos experientes, com quem poderiam fazer a sua aprendizagem como consulentes. A Ena é muito disciplinada na sua determinação de não "sobre-sessões", e isto é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes que lhe permitiu atingir e manter a sua qualidade de resultados.

Os consulentes regulares precisam, por seu turno, de impor a si próprios uma disciplina, para não exigirem sessões com demasiada frequência. Pessoalmente, sinto que, no futuro, a Ena melhor servirá o espírito concentrando a maior parte (embora não a totalidade) do seu tempo em consulentes das classes eruditas e profissionais, para quem ela tem o poder de obter comunicação a um nível de qualidade por parte de comunicadores que foram e são eles próprios de qualidade, ajudando assim a estabelecer o caráter valioso e sério daquilo que pode ser comunicado, em distinção das meras "trivialidades" evidenciais, que podem ser deixadas a outros médiuns.

Pessoalmente, penso que ela fará mais pela causa com este tipo de trabalho do que ajudando corações enlutados, mas esta é uma opinião com a qual ela pode não concordar totalmente. É muito difícil para qualquer médium, com um temperamento plástico, compassivo e de coração quente, recusar os apelos do coração que reconhece facilmente em tantos que lhe pedem ajuda.

12
DOUGLAS FAWCETT

UM FILÓSOFO PROVA A SOBREVIVÊNCIA

Com frequência ouvimos críticos queixar-se de que recebemos tanta trivia do Outro Lado. A minha resposta é que depende de onde e de quem sintonizas. Se sintonizas um concerto "pop" na rádio, não esperas ouvir música clássica — terás um concerto "pop". Pois bem, quando sintonizamos um grande pensador, muitas vezes recebemos filosofia. Foi um grande privilégio para mim servir de canal para o filósofo e alpinista Douglas Fawcett, que comunicou através de mim com o seu amado amigo, o antigo marechal-do-ar Sir Victor Goddard.

Sir Victor Goddard é um dos heróis distintos da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial. Ganhou a U.S. Distinguished Service Medal sob o almirante Chester Nimitz, no Pacífico, e serviu no Extremo Oriente com Lord Mountbatten. Depois da guerra, foi nomeado para os Combined Chiefs of Staffs, em Washington, D.C., onde tinha muitos amigos — muitos deles antigos camaradas de armas. Não é, porém, a sua carreira militar ou pública que aqui nos interessa, mas antes as suas experiências psíquicas:

Em 1936 eu era comandante de esquadrão na Royal Air Force. Depois de passar o fim de semana na Escócia, voava no meu próprio avião para sul, para a minha base em Hampshire, quando entrei numa forte tempestade. Para confirmar a minha posição, tive a sorte de encontrar um antigo aeródromo da Primeira Guerra Mundial que eu tinha visitado de carro no dia anterior. Nessa altura, verificara que os hangares estavam degradados e os telhados a cair; o "aeródromo" de relva que ali existira estava retalhado em campos com vedações de arame farpado e havia gado e ovelhas a pastar. O local deixara de ser aeródromo e era uma quinta. Mas, no dia seguinte, ao cruzar o limite do aeródromo, voando muito baixo sob chuva torrencial, emergi subitamente da tempestade para um sol brilhante. O aeródromo estava completamente

transformado. Toda a área estava recém-cortada, a pista de alcatrão era nova, os hangares tinham sido renovados. Quatro aviões estavam alinhados na pista; um quinto estava a ser empurrado para fora do hangar e, o que era notável, era um monoplano. Mas nós não tínhamos monoplanos ao serviço nessa altura.

Dos outros quatro, três eram biplanos, que reconheci como aparelhos de treino, mas o quarto era um monoplano. Todos os aviões eram amarelos, mas naquela época não tínhamos aeronaves amarelas. Os mecânicos vestiam fatos-macaco azuis. Todos os nossos mecânicos usavam castanhos. Eu voava tão baixo que tive de subir para passar sobre os hangares, e ainda assim nenhum dos mecânicos olhou para cima. Isto era espantoso, porque nenhum mecânico então resistiria a olhar para um avião a voar tão perto, especialmente um que estava a infringir os regulamentos. Voei ao longo dos hangares e observei várias coisas que eram bastante anómalas naquele sítio. Ao ultrapassar a extremidade dos hangares, estava de novo em chuva e tempestade.

Mais tarde, nessa manhã, quando aterrei em Andover, contei a dois amigos, também comandantes de esquadrão, a minha experiência. Um deles implorou-me que da próxima vez não bebesse tanto uísque naquelas paragens! Eu não tinha bebido nada, mas percebi que não estava a ser acreditado e não disse mais nada a ninguém.

Cerca de quatro anos depois, quando a guerra de Hitler se aproximava, aquele aeródromo, como vários outros, foi reconstruído. Entretanto, as nossas baixas por colisões no ar nas escolas de treino de voo eram tão pesadas que todos os aviões de treino foram pintados de amarelo vivo para serem mais visíveis. E introduziram-se monoplanos. Além disso, ficámos sem fatos-macaco castanhos e foram distribuídos azuis aos mecânicos. Várias outras das anomalias que eu tinha visto também se tornaram norma.

Percebi então que tinha visto uma das nossas futuras escolas de treino de voo quatro anos antes de se tornar realidade. Isto foi um choque para mim, mas racionalizei o incidente, pensando que coisas lógicas acabarão por acontecer, a menos que uma influência totalmente ilógica intervenha. Mas, em anos posteriores, dediquei muito do meu pensamento à questão: O que é a realidade? Na altura, estava demasiado ocupado a estudar as futuras forças aéreas inimigas e não tanto o desenvolvimento das nossas.

Alguns anos após esta experiência de precognição, Sir Victor teve outra vivência invulgar com um sonho precognitivo — não um sonho seu; foi-lhe contado e a força das circunstâncias levou-o a encená-lo. Tratava-se de um acidente de avião que se concretizou em quase todos os seus pormenores. A aventura foi tão notável que foi transformada num filme chamado *The Night My Number Came Up*:

Eu estava no Sudeste Asiático, a caminho de casa pelos Estados Unidos para me despedir e agradecer aos meus amigos americanos. Foi depois da Segunda Guerra Mundial, e eu ia ver alguns amigos em Xangai, particularmente os generais Stratemeyer e McConnell e mais um ou dois. Estava a decorrer um cocktail em minha honra e, enquanto falava com alguns convidados, ouvi alguém descrever um terrível desastre de avião e manifestar surpresa por a festa estar a acontecer porque, dizia a voz, o homem para quem a festa era dada, o marechal-do-ar Goddard, morrera no desastre numa praia rochosa.

Naturalmente, fiquei surpreendido ao ouvir isto e escutei com mais atenção os detalhes do acidente, que, dizia o altifalante, ocorrera numa ilha rochosa. Quando me virei, o homem reconheceu-me e gaguejou: "Sinto imenso… quer dizer, ainda bem… não sei bem o que quero dizer." Evidentemente, reconheceu-me a mim ou ao uniforme. Depois descreveu a aeronave, que transportava uma tripulação de serviço e, como passageiros, a mim, um oficial do meu estado-maior e três civis: dois homens e uma mulher.

Eu disse: "Esse não sou eu — não levo três civis e muito menos uma mulher." Mas, antes de partir na manhã seguinte, fui inevitavelmente levado a dar boleia até Tóquio a três passageiros civis, um dos quais era uma mulher. Estes três incluíam o atual Lord Kemsley (então o Hon. Nigel Berry), o cônsul-geral, com quem eu jantara nessa noite, e a sua secretária. Após um voo longo e perigoso, fomos obrigados, por falta de combustível, a aterrar de emergência numa praia rochosa na costa da ilha de Sadu.

Havia um posto de vigia numa colina próxima. A porta estava aberta e o local deserto. O Nigel Berry, em busca de ajuda, entrou, pegou no telefone e foi imediatamente atendido por um soldado americano. Era uma linha direta desse posto para o continente, que ficava a cerca de oitenta milhas, em Negato. O Berry disse-lhe que tínhamos caído na ilha. O comandante da guarnição americana enviou um barco para nos ir buscar.

Em resposta a uma pergunta, disse Sir Victor:

A verdade é que nunca fui a um médium; nunca tive inclinação para isso. Mas, por circunstâncias bem diferentes, mais tarde ganhei ampla experiência com médiuns psíquicos.

Durante a guerra, perdemos um ator famoso, Leslie Howard, que foi abatido no mar, ao largo de Espanha. Eram aviões americanos — Dakotas —, mas as tripulações eram todas britânicas. As viúvas dos tripulantes que voavam com Leslie Howard receberam todas pensões de "serviço ativo", consideravelmente mais altas do que as pensões habituais. Ora aconteceu que um amigo meu, um alto funcionário público, viajava noutro avião a acompanhar o avião de Howard, e esse também desapareceu, sem nunca mais se saber dele. Provavelmente foi abatido ao mesmo tempo, só que não havia prova, e a viúva do meu amigo não recebeu a pensão mais elevada devida a quem fica viúvo por ação inimiga. Ela pediu-me ajuda.

Confiei o meu dilema ao barão Palmestiera, o embaixador sueco em Londres, que tinha estado estreitamente associado a duas violinistas famosas que também eram psíquicas. O embaixador estava impressionado com a sensibilidade delas, uma vez que as irmãs tinham dito ter recebido uma mensagem de Schubert sobre uma sinfonia que nunca fora publicada. Uma busca complicada acabou por desenterrar a "sinfonia perdida", escondida numa velha mansão, numa caixa de aço que não era para ser aberta durante cem anos. Foi preciso obter uma autorização especial do chanceler da Áustria para abrir a caixa. A sinfonia foi encontrada e tocada no Albert Hall.

Pedi ao barão que nos ajudasse a entrar em contacto com o Outro Lado para determinar se o avião do meu amigo tinha sido abatido e, talvez, produzir alguma prova que eu pudesse usar para que a sua viúva obtivesse uma pensão adequada. Ele convidou-me a integrar um pequeno grupo, hoje chamado *Centre for Spiritual and Psychological Studies*, e foi assim que embarquei no que se pode chamar uma demanda espiritual e psíquica.

Uma das influências mais fortes na transformação de Sir Victor, de homem de ação em homem do espírito, foi a sua amizade com Douglas Fawcett:

O pai de Fawcett era amigo íntimo de Eduardo VII, um grande erudito, atleta, bon vivant completo, muito charme e duas fortunas, que bebeu, gastou e esbanjou em iates, negligenciando um tanto os dois filhos. Um, o coronel Percy Harrison Fawcett, tornou-se um explorador famoso que desapareceu misteriosamente numa expedição ao Mato Grosso, no Brasil; o outro, Douglas, combinava ascensão sobre dificuldades físicas (i.e., montanhismo e,

mais tarde, aviação) com ascensão a estados superiores de consciência. Escreveu uma série de livros de filosofia, introduzindo o novo conceito de *Imaginism* (Imaginismo), coroando a sua obra com o que considerava o seu magnum opus, *The Oberland Dialogues*, escrito na Suíça. O seu trabalho final foi algo inspirado chamado *Light of the Universe*, em verso branco — um livro com cerca de 160 páginas.

A filosofia revolucionária de Douglas Fawcett relacionava-se com a vivacidade da hierarquia dos *Imaginals*, culminando em Deus, criando e sustentando eternamente, de forma progressiva, através da Imaginação Divina. *The Oberland Dialogues* pinta um esplêndido quadro da imortalidade da alma humana. A sua escrita é um ataque à mitologia mecanicista do materialismo.

Esta filosofia do Imaginismo é demasiado importante e complexa para ser resumida aqui. Aparentemente, foi considerada tão importante no Outro Lado que o "Grupo Myers" (alegadamente o conjunto de académicos de Oxford e Cambridge que fundaram a *British Society for Psychical Research*) enviou uma comunicação, através da escrita automática da médium Geraldine Cummins, ao Dr. Raynor C. Johnson, físico australiano, filósofo, investigador psíquico e escritor, orientando-o a escrever um livro sobre o Imaginismo de Fawcett. Esse livro — o seu célebre *Nurslings of Immortality* — procurou alargar o público da filosofia.*****

Douglas Fawcett morreu a 14 de abril de 1960. Tinha noventa e quatro anos. Desde a sua reforma, Sir Victor tem dedicado grande parte do seu tempo ao estudo, à escrita e a conferências. Escreveu recentemente um livro, *All Things Bright*, desenvolvendo a tese apresentada por Douglas Fawcett e incorporando as suas próprias experiências e as de outros em relação ao Imaginismo: "a criação de tudo o que existe, na nossa consciência e em toda a consciência, com aspiração ao equilíbrio entre intuição e intelecto na avaliação da verdade e da realidade, e com grande respeito e reverência pela Divindade", explica Sir Victor.

***** Raynor C. Johnson (Mystic, Conn.: Lawrence Verry, Inc., 1960).

Quando Sir Victor veio ver-me, eu não sabia quem ele era. Foi em minha casa, a 7 de fevereiro de 1961. Mais tarde veio ter comigo ao *College of Psychic Studies*. A primeira vez que ali veio foi a 14 de fevereiro de 1961. Tivemos outras sessões a 31 de agosto de 1961 e a 1 de fevereiro e 26 de novembro de 1962, e outra a 28 de fevereiro de 1963, e depois outras ao longo dos anos, ora em minha casa, ora no colégio. Da primeira vez, Sir Victor estava

incógnito. Ele guardou notas verbatim das suas conversas com Douglas Fawcett, através de mim, e relata-as na íntegra na Parte II.

13
DE FANTASMAS E ASSOMBRAÇÕES

Quando a mãe do Harry partiu, fui eu que conduzi o serviço de cremação. O conselho que dou às famílias que perderam um ente querido é que procurem pensar na pessoa que segue em frente, e não em si próprias. É óbvio que vamos sentir a falta da sua presença — a carta, o telefonema, a visita para um chá, o seu rosto à mesa na ceia festiva —, mas, se conseguires deixar de pensar em ti, isso ajudará tanto os que partiram como os que ficam. A cremação é melhor no sentido em que não há local de enterramento; assim, os que ficam não vão a uma sepultura dizer: "É aqui que está o meu querido." Isto dá libertação de ambos os lados.

Num serviço de cremação enchemos a igreja ou o crematório com belos ramos de flores atados com fitas coloridas. Nunca levamos coroas ou flores aramadas; levamos profusão de flores alegres. Após o serviço, eu falo com o que partiu. Envio-o para a sua nova vida com a certeza de que sabemos que continua a viver. Aquilo a que chamamos morte é, na verdade, um segundo nascimento para uma nova vida.

Se pensares nas condições do nascimento e nas condições da morte, há grande semelhança. Ambos são uma entrada e uma saída dolorosas. Sei que os que partiram estão num mundo melhor, onde há oportunidades ilimitadas e horizontes alargados. Poderão assimilar conhecimento com professores que deles cuidarão. Os seus próprios entes queridos recebê-los-ão e, se necessário, ser-lhes-á dado repouso até ao momento em que queiram retomar atividades.

Depois, volto-me para a congregação e desafio-a a envolver-se nesta grande nova aventura. Digo-lhes que não devem entristecer-se porque estamos a pensar no Ressuscitado. O luto é egoísta, porque choramos a nossa própria perda da sua presença terrena. E para onde esse ente querido foi, nós também iremos, em última análise; mas, no intermédio, é-nos possível estabelecer contacto com ele. O luto é um fator inibidor.

É lamentável que o clero de hoje não saiba como confortar quem sofre. Uma vez fui a Golder's Green celebrar um serviço de cremação. Quando lá cheguei,

o responsável pela capela disse que estaria disponível dentro de trinta minutos e à minha disposição apenas por vinte ou trinta minutos. Respondi, com alguma aspereza, que a capela estaria à minha disposição pelo tempo que eu necessitasse. Não ia cronometrar uma despedida de um ente querido com um cronómetro.

Depois do serviço, fui à sacristia tirar as vestes. Lá estava um rabino. Pedi-lhe desculpa e expliquei que tinha vindo buscar os meus pertences. Olhou para mim com grande curiosidade e perguntou-me a que denominação pertencia. Quando lho disse, não conseguiu esconder o ar de incredulidade no rosto.

"Olhe para os meus enlutados", desafiei-o, "e olhe para os seus." A minha congregação, vestida com cores alegres e bonitas, saía da capela a sorrir, a conversar com amigos e familiares, bem-disposta, inteira e pronta a retomar as responsabilidades da vida terrena. Os enlutados do rabino, envoltos em negro fúnebre, estavam destroçados de dor e em lágrimas. Qual é a melhor forma?

Há uma função ministerial importante que eu, como médium, sou chamada a desempenhar e que é completamente desconhecida ao clero ortodoxo — lidar com aquelas entidades que perderam os corpos físicos mas continuam a assombrar esta vida. São muitas vezes chamadas fantasmas, mas detesto o termo. Esses pobres infelizes não sabem que estão mortos. Podem precisar de contactar alguém na Terra para o informar de que continuam vivos, ou podem estar presos a certas situações e emoções; podem ser pessoas que sentem que algo foi omitido ou negligenciado nas suas vidas.

Uma sensitiva genuína pode, nas circunstâncias certas, comunicar com eles e ajudá-los a encontrar um estado de ser mais feliz. Fazemos isto impressões neles de que faremos o que pudermos para os libertar da condição que os perturba, corrigir qualquer injustiça real ou imaginada e resolver qualquer assunto pendente que os mantém presos à Terra. Depois sugerimos, gentil e bondosamente, que avancem para a sua nova vida com maior compreensão.

Estive envolvida em várias assombrações interessantes. Uma das histórias mais engraçadas envolveu um teatro, embora eu não soubesse que estava a ser levada a um para esta aventura.

Quando começámos, vieram buscar-me, levaram-me para um carro e vendaram-me os olhos. Tudo o que me disseram foi que íamos a um lugar que estava a ter alguns problemas — e achavam que podia tratar-se de uma

assombração. Levaram-me a dar voltas e mais voltas e, por fim, chegámos ao destino. Os nossos acompanhantes disseram que estávamos demasiado cedo, por isso tivemos de conduzir mais um bocado.

Por fim, parámos. Ajudaram-me a sair do carro. O Harry estava comigo, felizmente. Depois pegaram no meu braço e guiaram-me enquanto eu cambaleava. Tiraram-me a venda e lá estava eu em cima de um palco, rodeada por um bando de raparigas quase sem nada vestido. Estávamos num teatro. O espetáculo tinha acabado, mas o elenco continuava por ali, curioso para ver o que ia acontecer. Pensei: Valha-me Deus, o que estou eu a fazer aqui neste lugar estranho com estas raparigas meio nuas?

As raparigas acharam tudo aquilo bastante esquisito — e eu também, já agora. Finalmente, as raparigas foram-se embora. Então eu supostamente tinha de descobrir o que estava mal no teatro. Toda a gente insistia em que havia qualquer coisa errada no palco.

Eu tinha a certeza de que não era no palco. Pedi-lhes, por isso, que me deixassem vaguear pelo sítio e depois dir-lhes-ia de onde vinha o problema. Quando cheguei à galeria, soube imediatamente que tinha encontrado o lugar.

"Ah, é aqui. Está aqui sentado um homem, e ele não sabe que está morto!", gritei.

O homem tinha morrido sentado naquela cadeira do teatro e não sabia que estava morto. Tinha pregado um susto de morte a todo o pessoal. O meu trabalho, então, foi explicar-lhe que o espetáculo tinha terminado e que mais valia pôr-se a caminho da sua nova vida.

Noutro caso de assombração, pediram-me para ir a uma casa com a imprensa. Quando chegámos, a milhas de casa, levaram-me a uma sala. Quando me sentei no sofá, vi um homem. Ele disse: "Fui vigarizado com esta casa." Perguntei: "O que se passa?"

"Roubaram-me no preço desta casa", respondeu.

"Mas já não precisas desta casa", apontei-lhe. "Estás noutro mundo."

Depois transmiti às pessoas na sala o que estava a ouvir. Expliquei pacientemente ao pobre espírito que estava a causar imensa perturbação e aflição às pessoas — elas não conseguiam viver na casa por causa das suas atividades.

“O que realmente me deixou furioso”, retorquiu, “foi terem arrancado a minha estante de carvalho, que construí com estas mãos — arrancaram-na e atiraram-na para o jardim.”

Ora, eu era uma completa desconhecida daquela casa e daquela família. Nunca os tinha visto. Perguntei, então, à família se era verdade o que ele dizia sobre a estante. Disseram que sim. Comecei a raciocinar com o espírito infeliz. “Para que tanto alarido por causa da estante? Eles não precisam dela, e tu também não, então de que é que estás zangado?”

Quanto ao terem-no enganado no dinheiro, os atuais ocupantes apenas arrendavam a casa; não eram proprietários. Além disso, o espírito não precisava nem queria a casa, o dinheiro ou qualquer outra coisa neste mundo. Finalmente, ficou convencido e partiu.

A parte terrível desta história é que a assombração tinha sido tão má, e o espírito tão determinado a que alguém lhe prestasse atenção, que ele se sobrepusera ao filho da família arrendatária, que cometeu um ato de violência contra a própria mãe e teve de ser internado num hospital psiquiátrico. Demorou muito a recuperar. Depois de eu falar com o espírito, a assombração cessou e nunca mais voltou a ocorrer.

Outra vez pediram-me para ir a uma casa perto da Kent Road. Era uma noite particularmente horrível — chuva a cântaros, escuro e incrivelmente lúgubre.

Estava lá um casal jovem, absolutamente aterrorizado. O homem era fotógrafo profissional. Disseram-me que irrompiam fogos espontâneos por todo o lado — camas, cadeiras, tapetes pegavam fogo de repente. “Estamos sentados numa sala e começa um fogo no sofá, ou a cadeira começa a arder, as camas, as cortinas, tudo; mas ninguém se queimou. Venha ver a casa.”

Nunca tinha visto nada assim na minha vida. O pessoal da imprensa estava lá, e até eles ficaram surpreendidos. Os peitoris das janelas dos quartos das crianças estavam chamuscados, mas, milagrosamente, ninguém se queimara nem ficara ferido. Era realmente aterrador.

Então sentámo-nos todos na sala de estar e ouvi a voz de um jovem dizer: “Eu sou o Jimmy.”

“Quem és tu?”, perguntei.
“Sou o irmão dela [referindo-se à mulher]. Morri por causa de um incêndio quando tinha três anos.”

Perguntei-lhe então: "Porque é que estás a aterrorizar estas pessoas assim, se és de facto quem está a causar a perturbação?"

"É o meu único meio de os fazer acordar para o facto de que o que se passa na família é demasiado horrível para palavras."

Perguntei-lhe o que estava a acontecer na família que tanto o perturbava, e ele contou-me toda a história. É confidencial, mas envolvia uma zanga familiar que resultara em membros sem se falarem. Disse: "Vou continuar a fazer isto até serem feitas reparações e a paz ser restaurada na família." "Prometes que, se eu pedir às pessoas daqui que ponham tudo em ordem, seguirás então com a tua vida no outro mundo e os deixarás em paz?" "Prometo-te que, se fizerem as pazes com o resto da família, não haverá mais perturbações", disse ele. E não houve mais fogos.

Um caso em que trabalhei com o cónego John Pearce-Higgins, que tem feito muito trabalho em assombrações, envolveu um jovem vigário, a sua mulher e os três filhos. Queixavam-se de uma profunda sensação de depressão na casa. Ouviam passos nas escadas. A jovem esposa sentia-se vigiada quando trabalhava na cozinha. O filho mais novo recusava-se a dormir no quarto do antigo vigário.

O cónego, a família e eu sentámo-nos na sala de estar. Depressa a entidade se manifestou e disse que fora o vigário daquela paróquia durante muitos anos. "Não vejo razão nenhuma para me terem barrado do meu gabinete. Não consigo entrar no meu próprio gabinete. Viraram isto tudo do avesso", queixou-se o vigário.

"Bem, o que é que fizeram? Nunca estive aqui antes, por isso não sei a que te referes." Pedi então à família que explicasse. O novo vigário disse que tinham levantado divisórias e alterado a disposição do edifício.

Falei algum tempo com o antigo vigário, argumentando com ele e sondando a verdadeira razão da sua assombração. Parecia muito ansioso por falar e disse-me que fora um solteirão triste e solitário. Descreveu a igreja e, ao que parece, a sua descrição estava correta em todos os detalhes, segundo o vigário atual. Falou de pormenores dos assuntos dos seus paroquianos. E depois começou a chorar.

"Estou preso a este lugar pela sensação do que deixei por fazer", soluçou. "Não sei para onde ir." Agradeceu-me por ter ido e disse: "Se te tivesse conhecido quando estava vivo, teria dito que eras do diabo."

Rezámos por ele. Deixou de assombrar a casa paroquial, mas, segundo o cónego, que acompanhou o caso, o pobre espírito passou a assombrar a sacristia da igreja. Diz o cónego que era, na verdade, a consciência culpada pela sua homossexualidade que atormentava o "Vigário Assombrado", e só depois de lhe ser dada absolvição pelo próprio bispo é que finalmente partiu em paz.

O cónego envolveu-se noutro caso, muito complicado e difícil, que exigiu nove visitas suas a uma casa paroquial em Nottinghamshire. Parecia que uma curiosa assembleia de almas perdidas se tinha congregado na casa ao longo de séculos. É uma história fascinante que espero que o cónego conte no seu próprio livro um dia. Eu estive envolvida apenas num aspeto do caso.

Entre a congregação de assombradores havia dois monges, a habitar o sótão, que acreditavam ainda viver no seu mosteiro, que fora dissolvido em 1536. Como a casa em si não fora construída antes do século XVII, o cónego ficou curioso com a informação transmitida pelos monges. Numa sessão de transe, consegui corroborar a história dos monges, descrevendo a casa original que existira no local antes de a atual casa paroquial ter sido construída por cima, cobrindo todos os vestígios do antigo mosteiro.

Há dois Natais, uma mulher telefonou-me e disse: "Comprei um apartamento numa casa georgiana e não consigo viver aqui. É realmente horrível. Não consigo viver aqui."

Disse que iria vê-la. O Harry e eu fomos ao seu lindamente convertido apartamento numa bela casa georgiana. Sentámo-nos e contactei uma mulher.

Perguntei: "O que se passa contigo?"

Ela disse: "Odeio todos os homens", e contou-me toda a história da sua ligação ao edifício e porque é que ali estava.

Disse-lhe: "Esta mulher e a sua menininha nunca te fizeram mal."

"Mas isto tudo aconteceu-me nesta casa", retorquiu. Tinha construído um grande ódio e desejo de vingança em torno daquela casa.

"Mas não tens direito de estar aqui", disse-lhe. "Está na hora de continuares com a tua vida e deixares estas pessoas em paz. Esta é agora a casa delas. Vai-te embora e diverte-te no teu novo mundo."

E é assim que tratamos estas coisas: não temos histrionismos nem encantamentos, mas apenas amor e compreensão, e ouvimo-los.

Um dia fui chamada por um vigário para ir ver uma casa que um casal da sua paróquia dizia estar assombrada. Fui e inspecionei a casa. Não havia absolutamente ninguém a assombrá-la. O casal queria apenas outra casa e usava isto como desculpa. Disse ao seu vigário para não lhes dar qualquer atenção. Ele ficou muito agradecido. Uns dias depois telefonou-me e perguntou se eu iria à sua igreja falar às suas senhoras. Seriam todas pessoas relativamente jovens.

Aceitei. Calhou ser um dia terrível; nevava com força, e eu disse-lhe que teria de mandar um carro buscar-me. E mandou. Por milagre, as estradas estavam limpas de neve e gelo, e lá chegámos. Todas as senhoras estavam bem vestidas, mulheres de aspeto inteligente. Uma delas foi ter com o Harry e disse-lhe que era muito céptica.

Assim, quando começámos — nunca peço desculpa pela mediunidade — apresentei os factos e depois perguntei: "Então, o que fazem disto?" No fim da palestra tivemos uma sessão aberta de perguntas, e as senhoras simplesmente não paravam. Algumas até puxaram o Harry de lado, bombardeando-o com um milhão de perguntas: "Isto pode ser verificado?", "É verdade?" Uma jovem aproximou-se de mim e disse: "Vim aqui com grandes receios porque não sabia como ia ser nem o que ia acontecer, mas agora estou pior do que nunca — porque você é completamente normal. Estou mais confusa do que nunca." Acho que foi o maior elogio que alguma vez recebi.

14
INVESTIGAÇÃO PSÍQUICA

Em março de 1964 tive de ser submetida a uma grave operação interna que me manteve hospitalizada durante cinco semanas. Durante a convalescença sofri um violento ataque cardíaco, e os especialistas foram chamados pelo meu cirurgião assistente.

Durante a operação estive fora do corpo, um estado que frequentemente experimento em transe. Encontrei os meus amigos do espírito, e ofereceram-me uma escolha: regressar ao meu corpo físico ou seguir com eles para o Outro Lado. "Ainda tenho muito trabalho a fazer", ouvi-me responder,

escolhendo voltar. A minha escolha foi aceite e, pela segunda vez, o espírito ajudou-me a recuperar.

Três semanas depois, os meus médicos fizeram-me um cardiograma de rotina. Não havia absolutamente qualquer sinal de ataque cardíaco. Estava completamente curada, sem vestígio da cicatriz habitual. Os médicos, intrigados, abanaram a cabeça e voltaram a testar-me. Estavam realmente baralhados — não podiam voltar atrás no diagnóstico anterior e, no entanto, não conseguiam explicar a recuperação milagrosa que não deixou quaisquer marcas habituais.

Abanaram a cabeça e disseram: "É um mistério."

"E quanto à cura? E quanto às orações dos curadores e dos amigos feitas por mim? Não acham que isso pode ter alguma coisa a ver com o caso?", perguntei.

Mas, claro, a minha sugestão foi descartada pelos médicos como disparatada. Admitiram que a oração poderia ajudar numa situação psicossomática, mas não num caso de ataque cardíaco que tinha sido diagnosticado e registado por uma máquina infalível.

Isso é um desafio para os investigadores. Os cientistas modernos e os investigadores psíquicos estão tão enamorados de máquinas, aparelhos e instrumentos que não veem a floresta por causa das árvores. Não sou contra a investigação. Tenho estado perfeitamente disposta a submeter-me às condições de teste mais rigorosas e também a colaborar com cientistas, com ateus, com agnósticos.

Esta verdade é para toda a gente e, se a conseguirmos tornar aceitável, só pode vir daí o bem. Ao longo dos anos, dediquei muito tempo a projetos de investigação, por mais ocupado ou pesado que fosse o meu programa. Já me puseram elétrodos nas mãos; submeti o meu corpo a todo o tipo de incómodos. Porquê? Porque quero saber mais.

Um produtor de TV disse-me um dia: "Vocês têm a ponta do icebergue." Respondi: "Não, nós temos o icebergue, mas temos de o destapar."

Ao fazer análises cuidadosas e meticulosas, ao submeter-me a testes, estamos, espero, a preparar o caminho para que as gerações mais novas possam beneficiar do que aprendemos.

Estou muito grata à minha querida amiga Rosalind Heywood, uma das investigadoras mais respeitadas da parapsicologia em Inglaterra, vice-presidente da *British Society for Psychical Research*. A Rosalind ajudou-me imenso porque tem insistido, vezes sem conta: "Tens isso gravado? Tens isso escrito? Tem data e hora? Tem testemunhas?" Nunca teríamos a gravação da primeira comunicação do bispo Pike após a sua morte no deserto se não fosse a formação da Rosalind. Tem sido infinitamente paciente comigo, e estou-lhe muito grata.

Se pudesse, queria que todos os estudantes interessados em parapsicologia lessem o excelente livro da Rosalind sobre a história da investigação psíquica, *The Sixth Sense*.*

Depois de o ler, o leitor talvez consiga compreender a nossa impaciência com parte da investigação moderna. Na verdade, não avançou muito para além do trabalho dos fundadores originais da *British Society for Psychical Research*, em 1882. A investigação moderna no domínio da sobrevivência ficou muito atrás da dos pioneiros. A prova mais convincente de sobrevivência chama-se *Cross-Correspondence*, um método infalível concebido pelos fundadores para ser executado do Outro Lado após as suas mortes.

A *Cross-Correspondence* é demasiado complexa para explicar em detalhe, mas, em resumo, consistiu em mais de três mil comunicações enviadas pelos fundadores através de mais de uma dúzia de médiuns e automatistas, em locais tão distantes como Inglaterra, América e Índia, ao longo de trinta anos. Os comunicadores, conhecidos como o *Myers Group*, eram todos grandes eruditos clássicos, e as suas alusões eram literalmente grego para os médiuns através de quem enviavam mensagens fragmentárias que constituíam um dos quebra-cabeças literários clássicos mais complicados do mundo — impossível (concordam todos os investigadores) de falsificar.

Os guiões foram enviados para a *Society for Psychical Research* por médiuns e automatistas como a Sra. Leonard Piper, em Boston; a Sra. Alice Kipling Fleming (irmã de Rudyard Kipling), que usava o pseudónimo Sra. Holland, na Índia; e a Sra. Margaret Verrall, Miss Helen Verrall e Sra. Winifred Willett, na Grã-Bretanha. Nenhum dos médiuns compreendia os bocados e retalhos que tinham de ser montados em histórias obscuras da mitologia grega, muitas das quais tinham referências simbólicas a problemas atuais deste mundo. Os homens e mulheres que montaram o puzzle incluíam Lord Balfour, Sir Oliver

Lodge, a Sra. Eleanor Sidgwick, Alice Johnson (secretária da SPR) e J. E. Piddington (ex-secretário honorário da SPR).

Todo o objetivo do exercício, como explicou o *Myers Group* nas suas comunicações, era que, como eles próprios eram investigadores experientes e sabiam quão difícil era provar a sobrevivência, conceberam um método à prova de erro para demonstrar a sua continuação de existência e consciência no Outro Lado. Será difícil igualar o seu feito. Mas porque é que havemos de provar a mesma coisa repetidamente? É como pedir que reinventemos a roda em cada geração.

***** Rosalind Heywood (London: Chatto & Windus, Ltd., 1959). Edição americana: *Beyond the Reach of Sense: An Inquiry into Extra-Sensory Perception* (New York: E. P. Dutton & Co., 1961).

Há tanto mais para saber que devíamos avançar para o que ainda está por explorar. Os investigadores modernos, salvo algumas exceções como o Dr. Ian Stevenson, professor de Neurologia e Psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade da Virgínia, não têm mostrado grande interesse pela sobrevivência. O Dr. Stevenson tem investigado reencarnação e sobrevivência há dez anos, patrocinado pela *American Society for Psychical Research*. O seu livro *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* é um clássico sobre o tema.***** A *American Society for Psychical Research* recebeu recentemente uma grande soma de dinheiro do espólio de um mineiro do Oeste chamado Kidd, deixada para o fim de investigar a alma do homem após a morte.

Allen Spraggett, o célebre escritor e locutor canadiano que fez a sessão televisiva com o bispo Pike e Arthur Ford, disse-me que também tenciona trabalhar num livro abrangente sobre as provas de sobrevivência.

Uma das grandes dificuldades em tentar provar cientificamente a comunicação com o Outro Lado é que realmente não se pode atar a mediunidade a uma roda e fazê-la funcionar devidamente em condições de laboratório. A Rosalind Heywood entende isto muito bem porque ela própria é muito psíquica. As suas numerosas experiências foram relatadas num livro fascinante, *ESP: A Personal Memoir*.† Embora não consiga dar plenamente o salto de fé e descer da cerca do investigador, é uma investigadora extremamente sensível e simpática e muito compreensiva dos problemas do médium.

Disse recentemente a Rosalind a Ruth Brod: "Conheço a Ena há cerca de dez anos, tempo mais do que suficiente para me sentir convencida de que é uma idealista de grande integridade com um sentido de missão. Tenho-a encorajado a manter notas e registos cuidadosos. Percebo quão difícil isto é para uma médium, a quem tão frequentemente recorrem os infelizes e os enlutados, pois tais consulentes quase obrigam a concentrar-se em confortá-los e consolá-los em vez de registar e corroborar peças de evidência.

Quero dizer que o trabalho de uma médium compassiva — e a Ena é profundamente compassiva — quase é levado a ser clínico, em vez de orientado para a investigação, a menos que se sente com experimentadores. E, se assim for, a simpatia e a emoção que, creio, estimulam a mediunidade faltam inevitavelmente. Portanto, no meu entender, ficam numa espécie de dilema, cercadas por pedidos de ajuda e, ao mesmo tempo, desejosas de fazer investigação. Penso que a Ena está nessa posição."

No artigo de Rosalind sobre médiuns, publicado no número de 12 de abril de 1971 da *Man, Myth and Magic*, uma enciclopédia semanal do sobrenatural, ela reconheceu que "por vezes, os médiuns produzem fenómenos em condições controladas para os quais ainda não se encontrou explicação cientificamente ortodoxa. Um bom médium parece estabelecer contacto significativo, de um modo desconhecido, com acontecimentos e personalidades remotas e, ao que tudo indica, até por vezes com os mortos."

***** Ian Stevenson (New York: American Society for Psychical Research, 1966).
† Rosalind Heywood (New York: E. P. Dutton & Co., Inc., 1964).

Em geral, os investigadores psíquicos que estudam um médium estão a tentar descobrir o que é que está a operar. Estão a tentar eliminar a teoria da leitura da aura, da telepatia, da clarividência ou de outras formas de PES que são uma extensão dos sentidos físicos ou das camadas subconscientes da mente. Ao longo dos anos, elaboraram técnicas de teste para eliminar estes fatores, e participei em muitas variantes diferentes.

Um teste muito popular é a sessão por procuração (*proxy sitting*). Aqui entra uma pessoa completamente desinteressada e não envolvida de forma alguma no que vamos fazer. Por vezes dão-lhe pacotes selados para trazer, fechados com lacre ou fita, de modo a que não possa saber nada sobre o conteúdo. Não tem absolutamente nenhum conhecimento do assunto, o que elimina a telepatia. Limita-se a registar o que eu digo num gravador ou em estenografia e, depois, os resultados são levados, verificados e classificados.

Num teste feito no *College of Psychic Studies*, a Denise Hankey, filha de Muriel Hankey, a diretora e secretária do colégio na altura, trouxe um embrulho registado. Abrimo-lo na sala de sessões. Continha uma caixa de óculos. Entrei imediatamente em transe, e o comunicador conseguiu dar provas tão convincentes que o dono da caixa se tornou crente firme no espiritualismo e na sobrevivência.

Noutra sessão por procuração, a Anne Dooley, escritora conhecida em parapsicologia, entregou-me uma folha de papel dobrada a encerrar um pedaço rasgado de uma transcrição dactilografada. Sem eu saber, era parte da sua entrevista com um investigador psíquico americano, Christopher B. Hills. Disse-lhe: "Isto diz respeito a outro país — a América. É alguém interessado na mente — experiências à distância e ligadas pelo pensamento. Pode estar ligado a uma universidade. É uma forma de trabalho paranormal, mas não tem nada a ver com religião. Tem a ver com a mente e com estabelecer contactos à distância."

Continuei com grande detalhe, descrevendo o homem, o seu trabalho, os seus interesses no paranormal. A certa altura disse à sr.ª Dooley: "Não sei o que isto significa, mas vi uma estrela brilhante — *twinkle, twinkle*." (Hills e os seus associados tinham usado luz solar nas suas experiências com espelhos.)

A Anne mostrou ao Hills uma cópia da transcrição da sessão, e ele disse: "Ela acertou em tudo."

Outro tipo de experiência feita em condições de investigação foi conduzido por uma escritora-investigadora eminente. Atirou-me para o colo um maço de cartas e disse: "Veja o que consegue tirar daí."

Fiquei, por um momento, horrorizada. Não via o que ia fazer com um punhado de cartas arremessadas a esmo. Voltei-me para os meus espíritos e perguntei-lhes o que havíamos de fazer com aquelas cartas. Bastaram umas poucas passagens da mão sobre as cartas para as pôr no sítio.

"Estas cartas são de uma mulher — aquelas, de um homem", disse à investigadora. "Este é o marido — esta é a esposa. O marido acabou de partir de cancro." Fui construindo o caso e dei bastantes elementos: o facto de o marido ter estado ligado a certa universidade e muitos outros pormenores que depois se confirmaram. Quando a sessão foi verificada e analisada, dois professores eminentes interessaram-se pelo assunto e têm-no prosseguido desde então.

Realizei várias experiências para canadianos e americanos, bem como para investigadores britânicos, conduzidas do seguinte modo: colocam-me numa sala trancada, sob estrita supervisão, com alguém a guardar a porta. Dizem-me que, a certa hora, alguém, algures no mundo, se irá sintonizar comigo — será o meu "consulente mistério".

Há uma mesa, uma cadeira, um gravador; de resto, a sala está vazia. Dão-me a duração da fita — trinta, trinta e cinco ou quarenta minutos — para registar as minhas impressões. Depois, ainda sob supervisão, levam-me da primeira sala para outra, para ter outra oportunidade. Todas estas experiências são feitas com nomes-código. Os investigadores analisam as fitas e classificam-nas. Algumas das coisas previstas durante sessões de teste há dez anos continuam a concretizar-se.

Fiz experiências sem fim para testar a telepatia, e, na verdade, não tenho jeito nenhum para isso. Já me amarraram com elétrodos e fios nas mãos e na cabeça. Numa experiência deram-me um atraso de quinze segundos para captar uma impressão que estava a ser projetada algures no mundo. Fui um caso perdido nisso; para mim é muitíssimo mais fácil comunicar com o Outro Mundo. O que muitas vezes não se percebe são todos os diferentes níveis de consciência em que a mediunidade opera. É como pedir ao Shakespeare que escreva para o *Daily Mirror*.

Se a telepatia fosse tudo o que operava quando dou uma sessão, eu seria multimilionária, governaria o mundo e já teria posto tudo em ordem: sem guerras, pobreza, ganância, ódio ou preconceito. É que eu encontro pessoas de grande importância, e, se eu pudesse extrair telepaticamente toda a espécie de coisas das suas mentes, seria o ser humano mais rico, poderoso e inteligente do mundo. Em vez disso, sou apenas uma dona de casa inglesa que tem de cozinhar, limpar e lavar a loiça.

Nos anos 1920, William H. Button, presidente da *American Society for Psychical Research*, disse que havia uma "lei da frustração que parece operar no domínio da investigação psíquica". Estava em Inglaterra a trabalhar com Sir Oliver Lodge, a tentar obter prova concreta do poder de certo médium. E, quando a obteve e estava exultante, tudo misteriosamente se desfez. Muitas vezes pensei nessa "lei da frustração" — especialmente em ligação com o seguinte incidente.

Um cientista nuclear quis fazer algumas experiências. Chegou com uma pequena carrinha para conduzir os testes e arrastou para a minha sala todo

aquele aparato — células fotoelétricas, gravadores, fios, engenhocas por todo o lado — literalmente não conseguíamos mexer-nos. E a coisa curiosa que aconteceu foi que, antes de ele conseguir começar a ligar tudo, eu já tinha começado: a comunicação jorrava do Outro Lado. Ele não sabia o que fazer. Não sabia se parava para ligar aquelas coisas todas ou se seguia com a sessão. O Outro Lado simplesmente não se deixou ditar e começou a fornecer material antes de ele se poder preparar.

Esse homem veio ver-me algum tempo depois e disse: "Aceitei a teoria da reencarnação. Com as armas de destruição que temos, podemos destruir o mundo. Se fizermos explodir este mundo e a nós todos com ele, onde é que eu vou reencarnar?"

Respondi: "Amigo, esse é o seu problema — não o meu."

No último ano tenho estado envolvida em experiências muito interessantes com universidades cá em Inglaterra e no estrangeiro. Fiz umas sessões de investigação com um professor holandês numa segunda-feira recente. Telefonou-me no dia seguinte a dizer que havia outra voz na fita que usámos. Era uma fita novinha em folha, e, mesmo a meio, há um fluxo de elementos a surgir e outra voz a dizer: "Isso mesmo, Hans, não é?"

Estamos a funcionar em cerca de 5 por cento do nosso verdadeiro potencial. Há reinos e reinos por descobrir. Há anos que pergunto a pessoas muito eruditas se existe algum instrumento que consiga medir o tipo de descarga que ocorre na sala quando está a ter lugar uma comunicação válida, exata e boa. Algo acontece. O consulente sente; a sensitiva sente. Devia ser identificado. Estamos a perder eletricidade? É alguma espécie de energia — mas qual? Seja o que for que se descarrega nessa sala devia ser mensurável, especialmente se convidarmos o Outro Lado a participar de alguma forma.

Durante vários anos realizei sessões de investigação no *College of Psychic Science* com um patologista de grande mérito de um dos principais hospitais de Londres. Confiava em mim plenamente e começámos por uma abordagem válida. Primeiro, estabelecíamos a identidade das pessoas que vinham: os seus maneirismos, traços, nomes e situações. Depois começávamos a montar um corpo de evidência e passávamos à fase seguinte da comunicação, para ver o que poderíamos aprender com os comunicadores.

Costumávamos discutir com as pessoas do espírito vários assuntos: o que se passava e fazia no mundo deles relativamente aos problemas deste mundo e

assim por diante. Depois o médico levava as fitas para serem classificadas segundo a percentagem de exatidão.

Era um campo exploratório para ele, e era como muitos médicos que vejo oficiosamente: em geral, são incógnitos no início e, mais tarde, dizem-me quem são. Dizem: "Vou utilizar este conhecimento, mas não me posso identificar perante as pessoas à minha volta." Eu compreendo e respeito isso.

Pois bem, num sábado de manhã eu tinha ido às compras e acabava de entrar na cozinha para pousar os embrulhos quando vi a forma espiritual do médico. Não podia muito bem telefonar à esposa e perguntar se o marido tinha morrido. Não sabia o que fazer. No domingo telefonei à Ruby Yeatman, também do *College of Psychic Science*. Ela conhecia-o, e eu disse-lhe que ele me aparecera e que eu acreditava que estava morto. Perguntei se sabia de alguma coisa. Não sabia. Na segunda-feira, alguém telefonou-me e disse-me que o médico tinha de facto partido no sábado.

Ao que parece, veio ter comigo diretamente. Ora, este é o valor de saber da sobrevivência com antecedência: não há período intermédio de não saber, de estar perdido e de perguntar "Onde estou?" O médico trabalhara nesta área da sobrevivência — o interesse dele não era religioso, mas intelectual — e acreditava que a nossa investigação fora válida e verdadeira; portanto, sabia que podia voltar a mim e que eu o veria. E vi.

Nada me daria mais satisfação do que poder dedicar o resto da minha vida a explorar o Desconhecido com uma ou duas boas mentes. O resto desse "icebergue" continua submerso, à espera de ser descoberto e trazido à superfície. Estou convencida de que estamos na beira de uma descoberta que significará um passo gigantesco na evolução do homem e trará benefícios incalculáveis à humanidade.

15
A PRIMEIRA SESSÃO DO BISPO PIKE

Um repórter que investigava uma série sobre o Espiritismo que estava a escrever para um grande jornal provincial veio entrevistar-me. Olhou para mim e depois olhou à volta da sala. Com exceção das recordações das viagens pelo mundo do Harry, é típica das casas inglesas — nada de luxos, mas confortável e alegre.

Depois, meio a gaguejar, disse: "Mas a senhora é uma das médiuns mais conhecidas do país, e disseram-me que entre os seus consulentes há bispos, membros da realeza e membros do Parlamento… e a senhora parece tão normal!" Disse-lhe que me sentia muito lisonjeada com a sua reação.
No seu artigo descreveu-me como "pequena, espevitada, morena e nada sinistra". Muito pouco depois desta entrevista, outro visitante teria a mesma reação.

O cónego Pearce-Higgins telefonou-me e disse que tinha alguém em apuros que queria trazer cá. Marquei-lhe uma consulta para daí a dois dias, 4 de março de 1966, às 15h00, e não pensei mais no assunto.

Enquanto preparava o jantar, pensava num programa de televisão que acabara de fazer para o Canadá. O entrevistador foi o Pierre Berton. Era parte de uma série sobre as "pessoas mais interessantes" da Grã-Bretanha, e senti-me bastante lisonjeada por ser incluída numa tal categoria. Fiquei intrigada com um método novo usado na realização da emissão: em vez de filmarem, usaram um processo chamado "videotaping", e a emissão parecia um programa em direto. Depois da atuação, pensei no que poderia ter dito para ser mais convincente, em vez do que disse.

Na quarta-feira à tarde, o cónego chegou com o bispo James A. Pike e a sra. Maren Bergrud, assistente de investigação e de escrita. Sempre gostei do que o bispo escreveu sobre as suas primeiras impressões desse encontro. No seu livro *The Other Side* disse:

"A casa a que chegámos em East Acton parecia-se com uma centena de outras na mesma vizinhança; modesta, com divisões pequenas e agradáveis e um distinto ar de aconchego doméstico. A sra. Ena Twigg recebeu-nos à porta. Vestia um vestido que lhe assentava bem e parecia-se imenso com a minha imagem de uma dona de casa inglesa de classe média 'como deve ser'…

Convidou-nos a entrar na sala de estar e, ao sentarmo-nos, não pude deixar de pensar como era irónico termos vindo a um cenário tão comum para o que, para mim, era uma experiência completamente invulgar. Embora até então tivesse visto pouco da casa, já tinha a certeza de que nela não havia salas escuras, luzes vermelhas, incensórios ou cortinados pesados. Era obviamente a sua casa — no sentido mais vulgar da palavra."[*]

Creio que ele pensou que eu podia saber quem ele era; eu não podia era estar menos interessada em quem ele fosse. Conheço muitos bispos. Um bispo é apenas um homem, mas, se é uma pessoa em apuros, farei tudo por ele. Sabia, pelo cónego, que o bispo Pike estava em apuros, mas não sabia mais nada.

Falámos, de modo algo disperso, sobre o estado de declínio da Igreja Anglicana, e concordámos praticamente em tudo. Como já expliquei anteriormente, este período de conversa ajuda a ativar o ciclo de poder e de energia para a comunicação. Subimos à sala de sessões. O cónego tinha preparado o bispo para não me dar qualquer informação, de modo que tudo o que surgisse fosse mais probatório. Pedi ao bispo alguma coisa que pertencesse à pessoa do Outro Lado com quem ele tentava contactar, e ele entregou-me um passaporte. Tinha sido do filho. O cónego tomou notas da sessão:

[*] James A. Pike com Diane Kennedy, *The Other Side* (Garden City, N. Y.: Doubleday & Company, Inc., 1968), p. 110.

"A médium começou a mostrar grande aflição. A Ena disse que tinha sido uma passagem muito súbita. Parecia estar a contactar alguém. 'Ele está aqui', disse. 'Está a esforçar-se muito por chegar… Era um rapaz normalmente barulhento e feliz.' Depois pareceu falar por outro. 'Falhei na prova; não consigo enfrentar-te, não consigo enfrentar a vida, estou confuso. Passagem muito súbita — tive de fazer isto — não encontrei ninguém. Meu Deus, eu não sabia o que estava a fazer. Mas quando cheguei aqui, descobri que não era tão fracassado como pensava. O meu sistema nervoso colapsou.'"
O bispo deu a entender que sentia a presença do jovem Jim, e a Ena, falando pelo jovem Jim, continuou: "Não estou no purgatório — mas há aqui algo parecido com o inferno. Contudo, ninguém me culpa aqui… Espero que ninguém me culpe aí."

A Ena, positivamente, não sabia que o filho do bispo se tinha suicidado apenas dez dias antes. Eu própria não o sabia. Quando o bispo Pike me

telefonou certa manhã, disse que tinha coisas horríveis a acontecer em casa — livros a mexerem-se, o cabelo da secretária chamuscado, armários revirados, alfinetes de dama espalhados abertos à hora das 8:15 (que viria a ser a hora da morte do filho), leite a azedar, e por aí fora. Pensei apenas tratar-se de um dos meus interessantes casos de poltergeist.

Eu tinha conhecido o bispo uns nove meses antes, numa conferência do clero da nossa diocese de Southwark. Realizou-se em Clacton-on-Sea, e o bispo Stockwood convidara o bispo Pike para falar. Pois o bispo Stockwood recebeu-me para jantar uma noite para que eu pudesse falar um pouco ao bispo Pike sobre investigação psíquica — assunto em que ele demonstrou pouco interesse e nenhum conhecimento. Conversámos cerca de três horas nessa noite.

Não tive notícias dele depois disso até me telefonar sobre toda aquela perturbação de poltergeist que se passava no seu apartamento e dizer que queria ver uma médium. Mais tarde soube que tinha todas as razões para acreditar que era o seu filho o responsável. Tinham passado apenas pouco mais de oito dias desde que o rapaz se suicidara em Nova Iorque sob a influência de LSD, mas eu não sabia disto na altura.

"Estavas sob pressão ao mesmo tempo. Eu estava preocupado contigo, pai, porque andavam a dar-te pontapés", dizia o Jim Jr., através da Ena.
"Fui ao teu quarto, movi livros, bati à porta — fui à tua cabeceira — sonhaste comigo e falaste comigo", prosseguiu o Jim Jr. Tudo isto era verdade e descrevia a experiência das duas semanas anteriores no apartamento do bispo.

"Eu amo-te muito", continuou Jim. "Tanto amor e nenhum meio de o dar."

No seu livro *The Other Side*, o bispo comentou extensamente a observação anterior: "O Jim era uma pessoa carinhosa, e, no entanto, parecia incapaz de se libertar para exprimir o seu amor. Passara a conseguir exprimir o seu amor por mim em palavras de vez em quando nos últimos três ou quatro meses. Mas, ainda assim, eu tinha a sensação de que estava bloqueado — no geral, não conseguia dizer livremente a ninguém o que realmente sentia."[*]

O Jim Jr. continuou: "Estou preso aos meus remorsos. E, no entanto, estão a mostrar-me a saída, e temos de progredir juntos. Eu tenho de viver pelo meu caminho e tu pelo teu…"

Disse então a sra. Twigg: "Manda amor para a família — duas raparigas, um rapaz. Está a dizer qualquer coisa sobre um portão — portão dourado. Diz que está contente por causa disso. Isso diz-lhe alguma coisa?"
Mais tarde, o bispo disse-nos que, num dia bonito, tinham espalhado as cinzas do Jim na água, mesmo para lá da Golden Gate.

"Este é o caminho para a liberdade; voltar e tentar explicar que não foi intencional", prosseguiu o Jim Jr. "Tudo quebrou — demasiadas pílulas."
O bispo lembrou-se do desejo do Jim de comprar comprimidos de Romilar antes de deixar Nova Iorque para a sua estadia em Cambridge com o pai. Parece que os terá adquirido, ou algum LSD, quando regressou a Nova Iorque.

JIM, JR.: Estou a derrubar o último inimigo — a morte — por isso suponho que venci… Não estou a ser culpado… Fui recebido com compaixão e compreensão — queria escrever — posso ajudar-te com a tua escrita… Lamento tanto que tenha acontecido…

TWIGG: Ele diz para enviar amor para Hillsborough — será que o perdoariam? Ele diz que não queria magoar…

JIM, JR.: Tenho estado tão infeliz porque não tinha voz e tive de arranjar maneira de te dizer. Não consigo acreditar em Deus como pessoa, mas agora acredito na eternidade… Pensei que havia uma saída; queria sair; descobri que não há saída. Gostava de ter ficado para resolver os meus problemas em circunstâncias mais familiares.
Ibid., p. 115.

BISPO PIKE: [à médium] Diz ao Jim que vou voar para Chicago dentro de dias para uma reunião e—

JIM, JR.: E continua a batalha. Não suavizes os golpes.

O bispo Pike estava envolvido numa longa batalha com certos bispos da sua Igreja que o acusavam de ter expressado crenças heréticas nos seus artigos e no seu livro *What Is This Treasure?*[*]

BISPO PIKE: Obrigado, Jim, mas o que eu ia a dizer é que, estando lá, vou telefonar à tua mãe para lhe contar o que se está a passar aqui agora.

JIM, JR.: Ótimo. Quero que ela saiba — saiba que eu realmente a amo — que estou vivo.

BISPO PIKE: Ela acredita nisso, Jim. Sempre acreditou. A propósito, sobre as coisas na tua nova situação: estás… sozinho, ou—

JIM, JR.: Tenho imensa gente à minha volta e mãos a erguer-me, por assim dizer… Estava tão infeliz até poder fazer-te saber.

Fiquei extremamente interessada quando, a meio da sessão, a médium começou a descrever um homem de intelecto poderoso, alguém com sotaque estrangeiro — alemão, creio que disse. "Paul. Está aqui um Paul", disse a Ena. "Diz para não se preocupar com o rapaz. Ele está em segurança. Está rodeado pelo nosso amor, e agradece-lhe por ter dedicado o seu novo livro a mim."

Vi que o bispo ficou realmente abalado. De facto, tinha um amigo falecido com sotaque alemão, a quem dedicara o seu novo livro *What Is This Treasure?*. Era Paul Tillich, um famoso teólogo americano que também acontecia ser padrinho do jovem Jim. Isso foi prova muito forte, porque, como o livro ainda não tinha saído da gráfica, a médium não poderia ter conhecimento disso.

No fim da sessão, o Jim Jr. disse: "Dá o meu amor à mãe… Todos temos de crescer. Sê bondoso, gentil. Diz-lhe que eu voltei. Dá-lhe um beijo da minha parte. Estarei contigo em junho. Estamos para além da dor — derrotámos o último inimigo. E, a propósito, pai, já não haverá mais perturbações, já não haverá mais movimentos." E não houve mais perturbações em Inglaterra. Estou certa de que muito do que surgiu nessa sessão, vindo do filho Jim Jr. e de Paul Tillich, só poderia ter vindo de fontes paranormais.

Há muito mais para contar sobre esta história trágica, mas já foi narrada de forma tão comovente e terna pelo próprio bispo em *The Other Side* que não penso ser necessário repetir aqui todos os detalhes. Gostaria de destacar que uma afirmação na comunicação, que era completamente incompreensível para o bispo, acabou por se revelar correta quando foi verificada após o seu regresso à América.

A dada altura, o Jim Jr. disse (ou eu disse por ele): "Ele diz para enviar amor a Hillsborough — será que o perdoariam? Ele diz que não queria magoar." Esta referência nada significava para o bispo Pike naquele momento. Mais tarde, contou-me que, após verificar com a mãe do Jim, descobriu que tinha havido um incidente infeliz relacionado com levar uma rapariga a casa que morava em Hillsborough, um subúrbio de São Francisco. Ela não chegou a casa nessa noite, e os pais tinham ficado muito perturbados. Tinha sido embaraçoso

para todos os envolvidos. Creio que as circunstâncias deste incidente excluem qualquer possibilidade de leitura da mente, telepatia ou clarividência.

No dia seguinte, o próprio bispo telefonou-me. Tinha sido chamado de volta à América para uma reunião de bispos em Chicago, na sexta-feira, 4 de março (1966), e passou por cá para tomar uma chávena de chá e fazer uma visita a caminho do aeroporto. Regressou a Londres no sábado de manhã e telefonou do aeroporto, passando por nós a caminho de casa, em Cambridge. Dias depois, voltou a telefonar para marcar uma sessão.

Estava de regresso à América e queria entrar em contacto com o Jim Jr. antes de partir. Chegou a minha casa às 10h00 de 14 de março, apenas quatro horas antes da sua partida para os Estados Unidos. Em todas as sessões anteriores eu tinha sido clariaudiente e clarividente. Desta vez, porém, entrei em transe, e o bispo, que nunca antes tinha testemunhado tal sessão, ficou bastante perturbado quando o seu filho começou a comunicar-lhe diretamente através do meu corpo e da minha voz.

Como o bispo não tinha consigo gravador nem alguém para tomar notas, dependemos da sua memória, visto que eu estava em transe. Há alguns momentos que valem a pena repetir: o Jim Jr. disse ao bispo: "Em breve deixarás o teu cargo para continuares os teus estudos. Estarei contigo em agosto." Na altura, o bispo não tinha planos de renunciar ao cargo diocesano, mas alguns meses depois fê-lo e juntou-se ao Center for Democratic Studies para prosseguir uma vida de investigação.

BISPO PIKE: Se eu quiser entrar em contacto, como devo proceder? Não conheço ninguém nos Estados Unidos que seja médium.

JIM, JR.: *Spiritual Frontiers* — um padre Rauscher — sacerdote da igreja em Nova Jérsia. [Mais tarde] Na verdade, vais para a Virgínia.

BISPO PIKE: Não, desta vez, Jim, para além dos sermões ao meio-dia na Church of the Epiphany, no centro, estou a fazer uma série de conferências à noite numa igreja presbiteriana de um subúrbio de Maryland. Com tudo isto, mais compromissos ao fim da tarde, não vou conseguir ir ver [a tia R., o tio S.] e os filhos do outro lado do rio [referindo-se a familiares que viviam na Virgínia].

JIM, JR.: Mas vais para a Virgínia.

O Jim Jr., naturalmente, tinha razão, pois o bispo aterrou no Aeroporto de Dulles, na Virgínia.

Na sessão em transe, o Jim Jr. e Paul Tillich expressaram a sua aprovação pela forma como o bispo estava a lidar com as suas dificuldades com os bispos da sua Igreja. Foi-lhe aconselhado continuar a pregar, falar e dar conferências na linha da reconstrução teológica. No entanto, o Jim Jr. advertiu que "o tempo de dificuldades com os bispos não terminaria tão cedo." Os acontecimentos futuros confirmaram a exatidão deste aviso.

Quando a energia se esgotou e o Jim desvaneceu, permaneci em transe, respirando com dificuldade. O bispo, algo alarmado, administrou a Unção dos Enfermos, ungindo-me a testa com óleo e fazendo o sinal da cruz. Contou que recuperei de imediato. Confessou que ficara um pouco preocupado por eu não voltar à consciência.

Muito do que foi dito na sessão é demasiado pessoal para repetir aqui, e muitas das passagens que o bispo Pike recordou estão em *The Other Side*, mas há uma parte da comunicação que teve um epílogo muito interessante. O bispo, preocupado em encontrar uma forma de comunicar com o filho na América, perguntou ao Jim Jr. como localizar um canal nos Estados Unidos. O Jim Jr. respondeu dando-lhe estas palavras: "*Spiritual Frontiers* — um padre Rauscher — sacerdote da igreja em Nova Jérsia."

Quando saí do transe para a consciência, o bispo perguntou-me se eu podia dizer-lhe algo mais sobre o *Spiritual Frontiers* e o padre Rauscher. Olhei apenas para ele, sem expressão. Expliquei que não tenho absolutamente nenhum conhecimento ou memória do que surge através de mim quando estou em transe. Frequentemente estou noutro lugar enquanto o comunicador usa o meu corpo e a minha voz. O curioso, porém, é que, em julho do verão seguinte, o padre William V. Rauscher, sacerdote episcopal de Woodbury, Nova Jérsia, e presidente da *Spiritual Frontiers Fellowship*, e o seu amigo reverendo Robert Lewis vieram visitar-me.

Pouco depois de regressar de Inglaterra, o bispo Pike pregava em Nova Iorque, quando foi abordado por um desconhecido que o tinha ouvido. Esse desconhecido era o médium americano reverendo Arthur Ford, um dos fundadores da *Spiritual Frontiers Fellowship*. E quando o bispo Pike perguntou ao Ford sobre o padre Rauscher, em Nova Jérsia, foi-lhe dito que o sacerdote era presidente da SFF. Mais tarde, quando o bispo Pike foi encaminhado para um médium na Califórnia, o reverendo sr. Daisley também era membro da SFF

— pelo que as palavras aparentemente sem sentido nessa segunda comunicação do Jim Jr. revelaram-se profeticamente corretas e guiaram o pai até outro canal por meio do qual podia manter a porta aberta.

Mantive contacto com o bispo por telefone e por carta ao longo do ano seguinte. Ele enviou-me um exemplar calorosamente dedicado do seu livro *If This Be Heresy* e as provas tipográficas de *The Other Side* para a minha opinião e comentários.

[*] *What Is This Treasure?* foi publicado em 1966 por James A. Pike.

Acredito que tenha sido um período difícil para Jim Pike. Ele renunciou ao cargo de bispo e mudou-se para Santa Bárbara para seguir uma vida de investigação e escrita no *Center for Democratic Studies*. Partilhava um apartamento com a mãe. Parecia que o bispo estava a ter dificuldades não só com a sua Igreja, mas também com a sua vida pessoal. O jovem Jim começou a entrar muito facilmente, aparecendo em diversas ocasiões junto de mim com mensagens de encorajamento ou de cautela para o pai, e estas, naturalmente, transmiti-as a Jim Pike, na América.

Voltei a vê-lo a 26 de maio de 1967. Desta vez trouxe um gravador. Estava acompanhado da filha Connie, de Diane Kennedy (que em breve se tornaria sra. Pike) e do irmão desta, Scott Kennedy. O bispo decidiu usar a última comunicação do Jim Jr. para encerrar o livro *The Other Side*:

Foi uma comunicação muito gratificante porque o Jim Jr. mostrou quanto progresso estava a fazer e até que ponto tinha evoluído desde a sua morte. O Jim Jr. disse:

"Sabes que cheguei aqui num estado de confusão mental e de grande — não antagonismo em relação ao mundo, mas num estado de incompreensão e quase de medo de confiar em muitas pessoas. E quando cheguei aqui disseram: 'Agora, vamos ao essencial', e percebes, tentámos descobrir quais são as coisas que realmente importam — ter compaixão e compreensão e ser bondoso — sim, é preciso pô-las em prática. E, gradualmente, comecei a sentir um sentido de padrão. Comecei a sentir que esta era uma forma de libertação. Isto era religião, sem que alguém me enfiasse Deus e Jesus pela garganta abaixo, e, trabalhando assim, eu podia encontrar uma filosofia."[*]

[*] Pike, *The Other Side*, "Afterword".

Tivemos de pôr de parte, por algum tempo, os problemas do bispo, pois o Harry teve de ser operado de urgência. Voltei para casa exausta do hospital, tendo ficado lá o mais tempo possível na noite anterior à operação. Não havia mais nada que eu pudesse fazer senão rezar. Subi à sala de sessões. Já tínhamos recebido provas de tantos milagres; poderíamos esperar outro? Quem nunca se voltou para Deus pedindo-Lhe que poupasse um ente querido? Quantas vezes tentámos negociar com Ele? Mas não é assim que se deve rezar.

O que é a oração senão pensamento corretamente dirigido? Não se pede a Deus que faça algo; cria-se a possibilidade de isso acontecer. Pedimos a Sua ajuda, mas é preciso conscientemente condicionar o nosso ambiente, todo o nosso pensamento e motivação. Então, como orar por alguém que amamos e que está prestes a enfrentar a morte?

Uma das mais belas lições sobre oração chegou até nós do Outro Lado através da esposa do Hilary Bray, de Eyethorne, um querido amigo e consulente. O Hilary e a esposa continuaram o seu casamento idílico de trinta e cinco anos, usando o seu amor para construir uma ponte entre os dois mundos. A sra. Bray, numa das nossas sessões em transe, deu-nos esta parábola a que chamou "Uma Intuição sobre a Oração":

E eu disse: "Mostra-me o que tenho de aprender."

E o meu professor disse: "Deixa-me mostrar-te pessoas a rezar." E era como se eu estivesse a olhar para baixo, para muitas, muitas pessoas que rezavam. E ele disse: "Aquela é uma mãe a rezar pelo filho. Mas ela não está a rezar para que Deus o restaure à saúde se for da vontade de Deus. Está a dizer a Deus para o curar. E Deus é lei perfeita, por isso, se não estiver no plano, a criança não pode recuperar. Essa oração não vai muito longe. Embora seja intensa e pura, é condicional."

Depois vi um homem vestido com um saco, e ele rezava, e dizia: "Deus, sou uma parte indigna de Ti. Mas, se eu puder ser usado, usa-me."

E sobre o homem do saco desceu uma grande luz, que envolveu a sua oração — e o meu professor disse: "Essa oração foi aceite."

E depois vimos uma multidão de pessoas em uniforme, a conceber armas de destruição; e rezavam para que as suas armas fossem usadas com sucesso — e uma escuridão caiu sobre eles. E o meu professor disse: "Essas orações não

são aceites, apenas pelas forças das trevas. Não têm validade e não se expandem."

E demos voltas e voltas, e vimos uma velhinha a rezar pelo marido que estava a morrer, e ela dizia: "Ele pertence-Te, Deus, e, embora eu o ame muito, entrego-o a Ti."

Essa oração expandiu-se. E, mais uma vez, uma grande chama de luz desceu. E o meu professor disse-me — eu chorava — e ele disse: "Aprendeste alguma coisa?"

E eu disse: "Oh, quanto aprendi ao observar isto, muito mais do que jamais aprendi com as minhas próprias orações."

O Harry ainda estava em convalescença em julho, quando chegaram dois jovens clérigos vindos da América. Um era o presidente da *Spiritual Frontiers Fellowship*, o reverendo cónego William V. Rauscher, da *Christ Episcopal Church*, em Woodbury, Nova Jérsia — o padre Rauscher mencionado pelo jovem Jim Pike ao pai na nossa segunda sessão. O outro era colega de turma e amigo do padre Rauscher, o reverendo Robert Lewis, da *St. Mary's Episcopal Church*, em Haddon Heights, Nova Jérsia, membro ativo da SFF e sacerdote profundamente interessado nos aspetos místicos da religião. Tinham visitado o cónego Pearce-Higgins e outros líderes da *Churches' Fellowship* para reforçar os laços entre as organizações britânicas e americanas devotadas aos mesmos fins.

16
UMA PROFECIA ABALADORA PARA A IGREJA

Domingo, 12 de março de 1967, é uma data assinalada a vermelho nos anais do Espiritismo. A data marca a primeira vez na história da radiodifusão na Grã-Bretanha em que o Espiritismo foi permitido num programa religioso de emissão regular. A grande estreia foi no *Meeting Point*, transmitido pela BBC, e o tema a discutir em duas partes em domingos sucessivos foi "A morte é o fim?". Os participantes foram o cónego Pearce-Higgins e eu, frente a frente com Jonathan Miller, satírico e produtor de TV formado em medicina, e o reverendo David Edwards, deão do *Kings College*, Cambridge. O jornalista Kenneth Harris foi o moderador.

Havia grande entusiasmo antes da emissão propriamente dita porque estávamos a quebrar a proibição de trinta anos imposta pela BBC contra a nossa participação em qualquer programa religioso. A proibição tinha sido aplicada não só ao Espiritismo, mas também a outras denominações, como a Ciência Cristã. Tivemos muita companhia nas celebrações, e os nossos telefones tocaram dia e noite com chamadas cheias de conselhos e votos de sucesso.

Nessa altura, eu já me tornara uma veterana dos estúdios de televisão, e o olho vermelho da câmara já não me parecia tão ameaçador. Não há dúvida de que vivemos numa era televisiva; é o meio de comunicação mais poderoso. Sinto que o Outro Lado tornou possível usarmos este meio para alcançar mais pessoas.

Em fevereiro, no mês anterior, eu tinha participado no *Late Night Line-Up* da BBC 2. Deram-me os vinte e cinco minutos completos para explicar o Espiritismo, como me tornei médium e em que consiste a mediunidade, bem como para responder às perguntas habituais. A entrevistadora, Joan Bakewell, foi bastante justa e aberta. Depois das perguntas, entregou-me um anel para psicometria.

Vieram dois comunicadores — a sogra da sr.ª Bakewell e uma mulher alta e elegante que a sr.ª Bakewell não conseguiu identificar na altura. A sogra manifestou grande interesse por uma menina, que viria a ser a filha da Joan, e pelo filho, o marido da Joan.

A sr.ª Bakewell teve de fazer bastantes verificações após a emissão, já que parte do material lhe era desconhecida no momento. Fiquei satisfeita por a entrevistadora, a equipa e o público terem ficado muito impressionados com a facilidade e naturalidade da comunicação entre os Visitantes Invisíveis e mim. Não há nada de lúgubre ou bizarro nesse tipo de comunicação, e os chamados mortos estão mais vivos do que nós. O programa produziu uma quantidade enorme de correio que entulhou o meu aparador, bem como a sala de correio da BBC. O telefone, claro, não parou de tocar.

A grande maioria dos pedidos era de pessoas que queriam saber mais sobre o Espiritismo — onde encontrar igrejas ou médiuns. Outro grande lote vinha de enlutados a necessitar urgentemente de prova imediata de sobrevivência, e queriam sessões privadas — sem encaminhamentos. Ainda outro grupo de pessoas queria marcar-me para aparições pessoais em igrejas e noutras

organizações. Tive de dizer a estes últimos que não podia aceitar tais convites.

O programa *Meeting Point* era outra loiça. Não haveria conversa fácil nem demonstração. Tinha a natureza de um debate, e o cónego e eu teríamos de nos aguentar ao nível intelectual. O crítico do *Daily Telegraph* disse: "Jonathan Miller, a representar os cépticos, colocou questões muito pertinentes e Ena Twigg estava pronta com as respostas. Os dois clérigos anglicanos foram irrelevantes e consumiram tempo valioso." Concluiu o artigo dizendo: "Duas coisas emergiram: a incapacidade de Miller em aceitar que a mediunidade forneça prova de sobrevivência ou deduza a natureza de uma vida futura, e que Ena está genuína e honestamente convencida de que comunica com os mortos."

O crítico do *Daily Sketch* disse que eu parecia "apenas uma dona de casa vulgar, daquelas que vivem ao lado, até começar a falar de Espiritismo e do papel do médium". O crítico do *The Sun* disse: "Nem mesmo Kenneth Harris conseguiu controlar este tema animado."

Eu entusiasmo-me quando sou desafiada, e fiz a minha parte de pontos. Todos nós achámos difícil seguir os argumentos de Miller, que eram muitas vezes técnicos e confusos do ponto de vista psicológico. O cónego e eu achámos fácil lidar com as objeções teológicas familiares do deão. "Penso que o Antigo Testamento tinha toda a razão ao proibir as pessoas de irem a médiuns", disse o deão Edwards. "Acho que isto é uma bisbilhotice altamente perigosa em algo que Deus simplesmente nos fechou."

Olhei-o diretamente nos olhos e respondi: "Está a fechar a sua mente ao ensinamento de Jesus e ao dos discípulos. Ele escolheu esses discípulos pelos seus dons psíquicos inatos, pelos seus poderes de cura, pelas obras que ainda haviam de fazer… O Novo Testamento está absolutamente pejado de fenómenos psíquicos."

Como de costume, o cónego Pearce-Higgins pôs toda a gente a rir com o seu humor certeiro. Quando Jonathan Miller se queixou da predominância de "guias oriundos de grupos étnicos exóticos, orientais ou primitivos", o cónego ripostou: "Isso é uma barreira de cor!"

O *Meeting Point* foi saudado como um grande ponto de viragem para o Espiritismo. Mais de duas mil cartas chegaram à BBC, e outra avalanche — chamadas, telegramas, flores, cartas — caiu sobre a nossa casa. Era

impossível dar conta do recado. Fiquei particularmente agradada com as mensagens comoventes de apreço que recebi de colegas médiuns que sentiram que eu tinha defendido bem a nossa causa. Entre eles estavam queridos amigos como Helen Hughes e a sua filha Mary, Nora Blackwood, Sylvia e Maurice Barbanell, Douglas Johnson, Stewart Lawson, Harry Edwards, Olive e George Burton, o *College of Psychic Science* e a *Greater World Christian Spiritualist League*.

Juntamente com as manifestações de boa vontade e elogio, vieram apelos desesperados de ajuda. Em quarenta e oito horas, dei seis comunicações clarividentes por telefone a pessoas em extrema necessidade — uma estava à beira do suicídio. Nem então, nem agora, sei como lidar com a terrível enxurrada de amor e tragédia que uma aparição televisiva produz. O rescaldo arrasta-se por meses, e ainda estou a recuperar, enquanto escrevo este livro, da minha mais recente aventura na *London Weekend Television*, a programação de fim de semana distinta da BBC.

Depois do *Meeting Point*, choveram cartas de médicos, padres, pessoas tituladas e reformados, a agradecer o que eu tinha feito pelo Espiritismo. Mais de metade das cartas veio de pessoas fora do movimento espírita, e isso ajudou a tornar suportáveis a tensão e a provação. Uma mulher que tinha visto um programa da Granada TV no Canadá veio até Inglaterra desde a sua casa; outra veio da Austrália. Nenhuma escrevera antes a marcar hora. Outros iam aparecendo de todo o mundo. Foi realmente assustador.

O verão inteiro foi preciso para as coisas acalmarem e para pôr a correspondência em dia. O Harry acabara de se reformar, e ajudou quanto pôde. Reduzi as marcações e fizemos umas curtas férias. Eu estava bastante debilitada de exaustão, mas nesse ano não houve grande descanso nem alívio para nós.

Depois, a 17 de setembro, rebentou outra bomba televisiva. Num Canadá longínquo, o bispo Pike, no âmbito da promoção do seu livro *If This Be Heresy*, aceitou participar no popular programa religioso dirigido por Allen Spraggett, que nessa altura ainda era editor religioso do *Toronto Star*. O Allen filmou uma sessão real com o famoso médium americano rev. Arthur Ford e o bispo. O Ford, segundo percebi, estava em transe, e o filho do bispo, Jim, comunicou muitos factos probatórios. Como nunca vi a entrevista, não tenho a certeza sobre quem, ou como, se trouxe à baila que a primeira comunicação do bispo com o filho em espírito tinha sido através de mim, mas senti as

repercussões em Inglaterra. A sessão filmada colocou o pobre bispo novamente no olho do furacão de críticas, e eu apanhei com a cauda.

Os repórteres inundaram-me com pedidos de entrevista. Acabei por dar uma ao *The New York Times*. E a crítica, por mais severa que seja, nunca parece dissuadir ou desencorajar os que procuram ajuda, agarrados a uma palha de esperança. Isto pôs tudo outra vez em marcha — correio, telefonemas, gente a vir a casa, todos a implorar consolo e ajuda.

Foi uma grande coincidência o bispo e o Allen Spraggett terem-se juntado para produzir uma emissão que foi um testemunho tão poderoso da verdade da sobrevivência. O Allen tinha vindo ver-me em outubro de 1965. Lembrava-me dele vivamente porque aconteceu algo de extraordinário durante a sua sessão.

Creio que o Allen era então, e continua a ser, o mais destacado escritor e locutor do Canadá no campo religioso. Tem também um forte interesse na investigação psíquica e, nos últimos anos, escreveu vários livros, incluindo *The Unexplained* e *Kathryn Kuhlman: The Woman Who Believes in Miracles*, e, ao tempo em que escrevo, está a trabalhar numa biografia do rev. Arthur Ford, que faleceu no ano passado. O Allen, ministro ordenado, trabalhou como pastor durante vários anos antes de deixar o púlpito pela redação e pelo estúdio de rádio e televisão. Conhece bem a teologia e a Bíblia e tem todo o encanto do intérprete nato e talentoso.

Recorda o Allen:
"Quando visitei a Ena Twigg, andava a investigar a mediunidade de forma bastante extensa e, claro, já tinha ouvido tudo sobre ela. Era a clarividente de topo de Londres. Tinha informações bastante fidedignas de que membros da família real estavam entre os seus clientes, mas, obviamente, não podia usar a história, já que o Canadá ainda faz parte da Commonwealth.

A minha impressão era, e é, que a mediunidade é simultaneamente melhor e pior do que a maioria das pessoas pensa. É paradoxal.

Tive sessões em que vieram à luz as provas mais extraordinárias, específicas, detalhadas e esmagadoras. Tive provas inequívocas (para mim pessoalmente, e é apenas disso que posso falar) de fenómenos supranormais. Se, nesses casos, as comunicações vieram de seres humanos fora do corpo ou se vieram antes do inconsciente do médium é uma questão muito complexa. Mas o

ponto é que alguma faculdade supranormal estava em ação. Não tenho a menor dúvida.

Ora, na sessão com a Ena Twigg, quando ela começou, não houve nada de marcadamente probatório. Não disse nada que estivesse errado — mas as afirmações eram de natureza geral. Contudo, houve um pormenor marcante que ainda hoje está fresco e vívido na minha mente e que nunca esquecerei. Durante a sessão houve uma pausa — e foi num ponto em que a minha mãe, que morrera em 1962, supostamente estava a comunicar.

De repente, ouvi, de um canto distante da sala, o que me pareceu ser uma pequena voz humana. Pareceume, enquanto me esforçava por ouvi-la, que repetiu o meu nome duas vezes. Soava como alguém a uma grande distância a falar por uma ligação telefónica muito má, a lutar para ser ouvido.

De súbito, dei por mim com a Ena Twigg completamente em silêncio e a fitar-me intensamente. Eu olhei de volta para ela. Nada disse sobre a voz.

Ela disse, 'Também a ouviste?', um tanto hesitante e com um sorriso inquisitivo."

E eu disse: "Sim, de facto. Isso acontece muitas vezes?"

E ela respondeu: "Às vezes acontece." Não fez grande caso. Não tentou desenvolver. Depois prosseguiu com a sessão. Nunca me tinha acontecido antes nem desde então — não espontaneamente. Ah, sim, já me sentei com vários médiuns de voz direta fraudulentos, mas eram fraudes palpáveis — a representar, às claras, o papel de espíritos. Mas, neste caso, pareceu-me, inequivocamente, o som de uma voz — uma voz pequena, minúscula, a repetir o meu nome.

Desde então, o Allen Spraggett e eu tornámo-nos bons amigos. Uma coisa curiosa acerca dos jornalistas é que costumam ser os piores consulentes. Penso num jovem que aprecio e admiro muito. É uma figura importante da TV. É um viajante do mundo e um entrevistador absolutamente brilhante. Consegue obter informação, fazer as pessoas falar e dizer coisas que mais ninguém lhes arranca. No entanto, é o pior consulente possível. Está sempre a tentar arrancar informação ao médium em vez de a deixar ao Outro Lado e, claro, não é assim que a mediunidade funciona. Precisamos de serenidade para nos rendermos a uma vontade maior do que a nossa.

Quando as coisas acontecem espontaneamente, porém, têm havido resultados notáveis com jornalistas, lembrou-me o cónego Pearce-Higgins, há dias, de um incidente assim, que eu até tinha esquecido:

Bryan Ingles, locutor da BBC, estava a fazer uma série sobre PES e queria fazer um programa sobre telepatia. Telefonou-me a pedir conselho, e sugeri que fizesse um programa com uma boa médium, alimentando-a com uma série de "cobaias" e vendo que resultados surgiam. Aconteceu que a BBC não tinha estúdio disponível na altura em que o sr. Ingles tinha tudo o resto a postos para a gravação, por isso ofereci-lhe a minha sala de estar.

Ora, quando a jovem secretária telefonou à Ena para marcar a visita, a Ena teve um daqueles lampejos que às vezes tem ao telefone e passou a dar a essa rapariga uma porção de informação sobre o pai falecido. Deixou-a absolutamente arrasada, porque era absolutamente correta.

Pois lá vieram com as câmaras e montaram tudo na minha sala, e eu observei de lado. Tinham três pessoas para a Ena atender — duas mulheres e um homem. A Ena estava a entrevistar uma das mulheres quando um dos operadores de câmara, de repente, parou de rodar a sua câmara. Ficou todo vermelho. A Ena estava a dar à mulher a mesma informação que transmitira à secretária ao telefone. E a consulente era a mãe da secretária. O operador ficou tão abalado que, por um momento, perdeu o sangue-frio profissional.

Algum tempo depois — creio que foi em 1968 — aconteceu um incidente semelhante com Robert Finnegan, que estava a organizar um documentário de meia hora para a BBC Radio, que creio ter chamado "The Crystal Gazers". O Finnegan disse ao Psychic News que, enquanto acertava os preparativos comigo, a mãe dele começou a comunicar espontaneamente, e eu disse-lhe coisas que, segundo afirmou, eram conhecidas apenas de "minha mulher, do meu pai e de mim".

Pouco depois de eu ter participado no programa de televisão do Alan Whicker sobre o Espiritismo, "Is There Anybody There?", recebi uma chamada de Paul Ferris, que escrevia uma série de artigos para o The Observer. Primeiro tentou marcar uma sessão anónima comigo; quando lhe disse que estava demasiado ocupada para o receber, disse-me que queria entrevistar-me para os artigos que estava a preparar.

De repente, houve um fluxo de comunicação a jorrar espontaneamente através de mim, vindo do pai dele, no mundo do espírito. O pai estava de pé

mesmo ao meu lado. O sr. Ferris, que de início era bastante céptico e cínico, escreveu no seu artigo: "Depois deu-me 10 minutos de clarividência, em que talvez 10 por cento do que ela (ou o espírito do meu pai) disse estava errado, 70 por cento era suficientemente verdadeiro mas não excecional, e o restante era interessantemente verdadeiro."

Neville Randall é escritor e cartoonista cujo Focus on Fact sai no Daily Sketch. A mãe do Randall e o pai da sua mulher morreram de cancro com poucas semanas de intervalo. A sua esposa veio ver-me. Estava extremamente nervosa e céptica. O sr. Randall relatou depois na imprensa que

a médium deu pormenores exatos do falecimento do meu pai, nomeou corretamente toda a família — as irmãs da minha mulher, os maridos delas, os seus sete filhos e outros parentes afastados. Depois passou a dar à minha mulher factos sobre a morte da minha mãe, os nomes na nossa família e muitos outros detalhes do conhecimento exclusivo de nós. Mas ainda mais notável: quando o pai da minha mulher (através da Ena) se despediu, falou em neerlandês (a língua materna da minha mulher), língua que a Ena não fala, e chamou à minha mulher o diminutivo preferido por ele desde que ela era pequena — Bollie.

Em outubro de 1967, a minha querida amiga Helen Hughes morreu. O funeral, na Seaham Harbour National Spiritualist Church, em Durham, foi assistido por multidões que tinham conhecido e amado esta maravilhosa médium. Mais de quatrocentas pessoas transbordaram a igreja para o adro. Maurice Barbanell celebrou o ofício e falou, dizendo: "Helen, rezamos para que nos mostres, vezes sem conta, que estás perto de nós."

Por isso, não foi surpresa que, no Natal seguinte, enquanto o Harry e eu visitávamos os Barbanell, a Helen se juntasse a nós. Sempre houve entre nós uma sintonia estreita, um afeto e proximidade invulgares entre médiuns. Uma crítica frequente à mediunidade é que os médiuns nunca parecem ver e ouvir a mesma coisa, mas a Helen e eu víamos.

Uma vez, quando estávamos de férias na Áustria, hospedados perto de uma aldeia nos arredores de Salzburgo, a Helen, o Harry, eu e a Di Hill, uma querida amiga, decidimos descer para comprar leite para o nosso chá da manhã. No caminho, o Harry e a Di iam à frente, e a Helen e eu vínhamos atrás. Passámos por um cemitério. Nem a Helen nem eu sabíamos o que nos deu para entrar naquele cemitério, mas entrámos, vagueando até chegarmos

a uma colunata. As duas, ao mesmo tempo, ficámos esverdeadas. "Sinto-me péssima", disse-lhe.

A Helen disse: "Eu também me sinto horrível. Não sei o que é, mas não gosto. Vamos sair daqui." E fugimos as duas.

Alcançámos o Harry e a Di, que estavam muito zangados, porque tinham procurado por todo o lado e não faziam ideia de onde tínhamos desaparecido. O Harry disse: "Que se passa convosco? Estão com mau aspeto." Explicámos o que acontecera no cemitério, embora nenhuma de nós o soubesse justificar. Voltámos ao hotel, jantámos e falámos do enigma. Nem a Helen nem eu conseguíamos captar nada de concreto, mas sabíamos que ali havia algo. No dia seguinte, regressámos ao cemitério, desta vez com o Harry e a Di. Lá vimos os coveiros a abrir o pavimento para um enterro em jazigo precisamente no local onde a Helen e eu tínhamos começado a sentir-nos tão mal.

A Helen voltou a mim em espírito cinco dias depois de ter aparecido em casa dos Barbanell no Natal. Quis que eu dissesse à Sylvia e ao Maurice Barbanell que tinha com ela o gato deles, Poppet. Era o nono aniversário da partida do seu adorado animal de estimação.

De longe, o acontecimento mais importante de todo aquele ano marcante de 1967 foi a extraordinária profecia que nos foi dada pelo meu grande mestre espiritual, Philip. Devo explicar que o Philip não é um guia. No Outro Lado há entidades altamente evoluídas que vêm até nós para ensinar, ajudar-nos a evoluir espiritualmente e, por vezes, transmitir-nos os planos que estão a ser preparados no mundo deles para o nosso. Mestres como o Philip nunca se envolvem em trazer provas de sobrevivência ou de entes queridos dos consulentes. Amamos muito o nosso mestre, e muitas pessoas eruditas e avançadas — académicos, clérigos, dirigentes governamentais — têm vindo a nossa casa ouvir o Philip. Claro que eu estou sempre em transe, mas temos muitas gravações e transcrições das suas palestras.

O que vou relatar aconteceu em outubro. Eu estava em transe e um pequeno grupo de pessoas estava reunido em nossa casa. O Philip disse-nos que o Outro Lado aperfeiçoara o seu plano e estava pronto para o pôr em execução.

"Vamos fazer um esforço total para alcançar as igrejas ortodoxas", disse-nos o Philip. "Vamos começar pela Igreja de Roma e, no espaço de um ano, verão a Igreja de Roma rachar em dois, com muitos conflitos.

"Depois vamos começar por todas as outras religiões organizadas, e estamos preparados para abalar a própria argamassa entre as pedras dos edifícios para deixar sair o dogma e o ritual e deixar entrar uma nova luz que perdemos — de amor, verdade, humanidade e compaixão."

Ora, as pessoas do nosso grupo acharam esta profecia absolutamente estapafúrdia — não conseguiam acreditar, sobretudo quanto ao plano começar pela Igreja de Roma. No fim da revelação sobre o futuro da Igreja, o Philip rematou com a afirmação de que "a Ena vai falar na Catedral de Southwark".

Quando me passaram a gravação, eu disse: "Bem, isto é realmente qualquer coisa. Nunca nenhuma mulher falou numa catedral."

Não tivemos de esperar muito para ver cumprir-se a profecia do Philip sobre a Igreja — o conflito pareceu, de facto, começar na Igreja de Roma e estender-se a outras denominações. E parece que o plano ainda está em marcha.

A outra parte da profecia — a de que eu "falaria na Catedral de Southwark" — também se cumpriu, mas só três anos depois.

17
O PRÉMIO "ESPIRITUALISTA DO ANO"

Há certos períodos na vida em que tudo começa a desmoronar-se e em que nos vemos postos à prova até ao limite do que conseguimos suportar. É a forma como lidamos com essa situação que determina como iremos prosseguir. Ninguém alguma vez confrontado com uma grande situação permanece igual. Ou se cresce e se torna uma pessoa muito maior, ou se torna uma pessoa muito amarga.

O ano de 1968 foi muito difícil. A mãe tinha caído, partido a anca e sido operada. Eu sentava-me junto à sua cama, de mão dada com ela, dia após dia. Sofria terrivelmente. Finalmente, disse ao meu pai no espírito: "Leva-a — ela está a sofrer." Imediatamente vi duas pequenas asas a pairar no ar. Não estavam unidas, eram apenas duas asas brilhantes a esvoaçar sobre o seu coração. Começaram a subir em direcção à garganta, depois ao rosto, e

quando pousaram na sua testa, a Mãe partiu. Deixou-nos em paz, para começar a sua nova vida no Outro Lado. Eu sabia que o pai estaria lá para a ajudar, assim como outros membros da família.

Celebrei o serviço de cremação da Mãe e trouxe de volta uma rosa das muitas flores que tinham iluminado o crematório. Ainda temos essa rosa, que preservei colocando-a em concha entre as mãos e deixando a energia fluir até ficar petrificada. Nunca perdeu a cor, nem largou uma só pétala — mas, claro, agora parece esculpida numa pedra semipreciosa.

Não surpreende que o Harry e eu não estivéssemos com disposição para festividades, e decidimos que, embora já tivéssemos comprado os bilhetes, não iríamos ao baile anual organizado pelo *Psychic News*. Este é um evento de grande importância, pois é a ocasião em que se nomeia o "Espiritualista do Ano".

Telefonei a um membro da equipa do *Psychic News* para lhe dizer que não iríamos ao jantar. Não quis incomodar o Barbie — já tinha as mãos cheias a gerir todo o evento, e a Sylvia tinha ficado muito abalada num acidente de automóvel e sofria agora de uma grave crise de zona que a impediria de comparecer ao jantar. Expliquei ao Gordon Adams que o meu irmão estava muito doente e que era necessária a minha presença ao seu lado. Percebi que a notícia o perturbara bastante, mas no momento não fazia a menor ideia do motivo.

Poucas horas depois, recebi uma série de telefonemas de vários membros da equipa a instar-me a ir ao jantar. O próprio Barbie ligou, e quando me disse que esperavam que eu entregasse uma garrafa de champanhe em homenagem ao Brother John, um dos meus cronistas favoritos, já não pude recusar. Acabei por aceitar ir.

O baile anual reúne sempre espiritualistas e amigos vindos de todo o lado. Estavam mais de quinhentas pessoas na sala. Fiquei contente por ver Rosamond Lehmann a ser especialmente homenageada pelo seu maravilhoso livro *Swan in the Evening*. Apesar da sua fama como romancista, Rosamond é muito tímida e não gosta de publicidade nem de falar em público. Fiquei profundamente comovida e grata por ter ido quando Rosamond me descreveu como uma das suas mais queridas amigas, a quem devia "uma dívida de gratidão impossível de retribuir." O Barbie, claro, era o presidente da noite e conduziu tudo com o seu habitual espírito e charme.

Depois, Percy Wilson aproximou-se do microfone para anunciar o "Espiritualista de 1967". Este prémio é o segredo mais bem guardado do mundo psíquico.

O vencedor é escolhido por um comité editorial, cada membro votando de forma independente. Todos fazem juramento de sigilo. Ninguém revela o nome, nem sequer aos familiares mais próximos. No ano anterior, a vencedora fora Geraldine Cummins, e ninguém suspeitara de nada até ao anúncio no jantar.

Assim, quando Percy Wilson começou o seu discurso introdutório, eu não tinha mais ideia do que os outros quinhentos e cinquenta convidados de quem seria o vencedor. Quando anunciou o meu nome, fiquei verdadeiramente atónita. Meio cega de lágrimas, caminhei até ao palco. Percy entregou-me uma bela placa de prata gravada com o meu nome e a inscrição "Espiritualista de 1967". Recebi também um rádio portátil gravado. Acho que, pela primeira vez na minha vida, fiquei realmente sem palavras. Faltou-me o fôlego, e tenho a certeza de que o meu "obrigada" mal se ouviu.

Percy Wilson disse:

"Provavelmente sei mais sobre a mediunidade da Ena do que qualquer outra pessoa aqui esta noite. Como sabem, 1967 foi um ano de televisão para o Espiritualismo. A Ena deu duas contribuições importantes para a entrada do movimento no pequeno ecrã.

"Com grande segurança e dignidade lidou com um painel difícil no *Meeting Point* da BBC 1, uma ocasião histórica para o Espiritualismo. Foi a primeira vez que o nosso caso foi debatido num programa religioso.

"No início desse ano teve também uma entrevista de vinte e cinco minutos no *Late Night Line-Up* da BBC 2. Depois de cada aparição foi inundada com cartas e chamadas, muitas de principiantes que queriam saber mais sobre o Espiritualismo. Só após o programa *Meeting Point* recebeu mais de duas mil cartas.

"A Ena esteve ainda indiretamente envolvida na famosa sessão televisiva americana do Bispo Pike. Este corajoso prelado, que testemunhou abertamente as provas de sobrevivência do seu filho, revelou que o rapaz comunicara pela primeira vez através da Ena.

"Não há dúvida de que a Ena fez a maior contribuição ao Espiritualismo no ano passado."

Os aplausos foram verdadeiramente esmagadores. Estava de facto muito orgulhosa, mas humilde perante tamanha demonstração de amor e apreço de tantos amigos e colegas.

Maurice Barbanell, ao comentar o meu prémio, disse a Ruth Brod:

"Agora vou dizer-lhe porque escolhemos a Ena Twigg como Espiritualista do Ano. Quando analisámos todos os espiritualistas e as suas contribuições, decidimos que nesse ano a Ena tinha alcançado mais pessoas com a mensagem do Espiritualismo do que qualquer outro. Foi e continua a ser a médium mais presente na televisão — além disso, conseguiu o feito notável de ver o Espiritualismo e a mediunidade discutidos numa emissão religiosa, o que por si só é um acontecimento único.

"No que toca à Ena Twigg, tenho a maior admiração não só pela sua mediunidade, mas pela dedicação, pela abnegação e completo altruísmo com que encara o dom que sabe ser de origem divina e sagrado na sua prática. A verdade simples é que, perante grandes crises espirituais, não é o clérigo, o filósofo ou o cientista quem nos ajuda a encontrar respostas, mas sim o médium, que pode ser o instrumento humano e canal que nos permite tocar um pouco do infinito armazém de inspiração, verdade, sabedoria e Revelação, sobretudo quando associado àqueles que amamos e que estão agora para além da visão mortal.

Um médium assim pode, primeiro, dar-nos provas de sobrevivência após a morte e, depois, as tremendas implicações de que somos seres espirituais intocados pela morte, significando isso que temos provas irrefutáveis de que a vida e o amor são mais fortes do que a morte. Uma vez que compreendemos que a morte é apenas um episódio no destino humano e que todos somos peregrinos eternos, obtemos uma reorientação tremenda da vida, do seu sentido, do seu propósito — das nossas origens, do nosso destino e do que temos de alcançar nesta escola da experiência terrena antes de estarmos prontos para a etapa seguinte.

"A Ena tem sido, através da sua esplêndida mediunidade, o meio de ajudar centenas a encontrar a verdadeira compreensão espiritual do supremo propósito da vida. Sei que a sua modesta casa em Acton se tornou um santuário onde pessoas de grande importância nos assuntos do mundo

puderam receber não só provas de manifestação contínua para além da sepultura, mas também a compreensão de que fazem parte de um plano divino no qual têm um papel a cumprir. A maior conquista de todas foi a aparição da Ena num programa religioso num domingo, quando antes toda a menção do tema era proibida. Isso levou-nos a decidir que a Ena merecia sem dúvida a palma de Espiritualista do Ano. É preciso lembrar que o clima de opinião mudou consideravelmente nos últimos anos.

"A crescente falta de respeito pela ortodoxia, sobretudo entre os jovens de hoje, que se vêem como herdeiros da confusão criada pelos mais velhos, leva-os a procurar tudo o que seja heterodoxo e não convencional e que lhes possa dar respostas para os problemas que não conseguem resolver. De modo semelhante, a televisão criou um novo clima de opinião, trazendo para casa das pessoas debates sobre uma série de matérias fascinantes.

"A Ena é, sem dúvida, uma mulher do seu tempo — aquilo a que a televisão chamaria uma natural. É completamente diferente do que muitos imaginam ser a aparência de uma médium. Não é excêntrica — não parece tola nem desequilibrada. Para todos os efeitos, é uma pessoa normal, inteligente, equilibrada, e quando demonstra a sua mediunidade na televisão, fá-lo sem o sensacionalismo teatral ou os artifícios que muitos esperam na sua ideia errada da mediunidade.

"Agora, quando surgem clérigos e eclesiásticos como o Dr. Mervyn Stockwood, bispo de Southwark, ortodoxo mas não retrógrado — quando ele é confrontado com uma médium como a Ena, completamente fiável, obviamente dotada de integridade e honestidade, a quem pode enviar enlutados desesperados para os quais a Igreja, infelizmente, nada consegue fazer, então percebemos a sua prontidão em proclamar publicamente: 'Graças a Deus pelos médiuns', reconhecendo que desempenham uma tarefa única e valiosa.

"O bispo tem-se mostrado firme nos elogios à Ena e à sua mediunidade, e naturalmente outros clérigos procuram a sua ajuda quando enfrentam crises pessoais. No passado, o que a Igreja não percebeu foi que a mediunidade é o maior aliado da religião. Afinal, se é certo acreditar, ter fé, esperar por uma vida depois da morte, porque razão será errado prová-lo? Se não há vida depois da morte, então a religião é destituída de sentido, e a forma lógica de viver é comer, beber e divertir-nos, porque amanhã morreremos; e daí nasce o cancro crescente do materialismo, com os seus subprodutos de guerra,

caos e desastre, porque a ganância foi entronizada como o novo Deus a ser adorado."

Agora, uma médium como a Ena, que pode provar que a vida é de facto eterna, dá sentido à religião, confere-lhe um propósito e mostra que o que fazemos aqui é importante, porque o carácter que moldamos é a única posse que levaremos connosco quando deixarmos esta terra. A religião torna-se, portanto, um incentivo para viver o tipo de vida que nos prepare devidamente para a morte.

A essência de todo o Espiritualismo é muito simples: trata-se de uma demonstração, através da mediunidade, de que a sobrevivência à morte é um facto biológico tão natural como o nascimento. Sobrevive-se após a morte porque isso faz parte da lei natural e não temos opção nesse assunto. Não se pode dizer: "Não vou sobreviver", tal como não se pode dizer: "Não vou nascer." Deus determinou que cada ser vivo tem de sobreviver à morte como parte da lei natural.

Sinto-me sempre algo embaraçada quando sou elogiada ou homenageada. Os louros pertencem ao espírito. Suponho que, tal como os reis de antigamente matavam os mensageiros quando traziam más notícias e os recompensavam quando as notícias eram boas, assim o nosso mundo moderno amontoa escárnio ou honras sobre o médium — que é, afinal, apenas o mensageiro, o canal. Por vezes gostaria que o mundo se lembrasse disto e prestasse homenagem a quem de facto é devida. Eu, certamente, nunca o esqueço.

No final do verão, outra tragédia atingiu-nos — um raio em céu limpo. Beatrice, a irmã do Harry, uma das gémeas, não se sentia bem e foi ao médico para ser examinada. O veredito médico após os testes foi cancro do pulmão. Mal conseguíamos acreditar. A Bea tinha pouco mais de cinquenta anos, era diretora de uma escola de arte. Era cheia de vida, vital, bela, criativa e interessada em tudo. Uma das filhas estava prestes a tornar-se uma designer de sucesso.

Fui vê-la um dia para a animar, levando um enorme ramo de crisântemos dourados. A Bea estava em casa da irmã gémea, Amy. Conversámos, tentando manter tudo o mais normal possível. De repente, a Bea virou-se para mim e disse: "Como é morrer? Como é o Outro Lado? Como será quando eu lá chegar?"

A minha cunhada não era espiritualista e, de facto, raramente discutia qualquer aspeto do meu trabalho ou das minhas crenças com membros da família, porque lhes causava embaraço. No entanto, a Beatrice parecia ter aceite a verdade da sobrevivência pessoal.

Numa quinta-feira à noite, algumas semanas depois, acordei sobressaltada ao ver a minha cunhada Bea de pé, ao fundo da minha cama. Eram 5h30 da manhã. Eu conseguia ver o cordão de prata ainda preso ao corpo, por isso sabia que não tinha partido.

Disse-lhe: "Vieste visitar-nos, querida. Eu consigo ver-te." Estava certa de que partiria dentro de vinte e quatro horas. E assim foi. Tinha estado doente apenas durante cinco semanas, e os médicos tinham-nos garantido que o cancro do pulmão evoluía lentamente e que a Bea ainda teria bastante tempo.

Acordei o Harry e disse-lhe que acabara de ver a Bea e que esperava notícias da sua morte. Às 8 horas da manhã seguinte, num claro dia de setembro, o telefone tocou. Mesmo antes de atender, já sabíamos. Era o marido da Amy a ligar para nos dizer que a Bea tinha partido.

A 23 de novembro, participei no *Frost Programme*, de David Frost, e antes do fim da emissão a central telefónica estava sobrecarregada de chamadas de pessoas a pedir o meu número, consultas imediatas ou a tentar falar comigo diretamente no estúdio. A enorme reação do público televisivo parecia provar que as pessoas não recebem nas suas próprias igrejas aquilo de que precisam.

Tive oportunidade, poucos meses depois, de fazer este ponto a um grupo inteligente mas céptico de clérigos que frequentavam um curso de três dias sobre fenómenos psíquicos no *Moor Park College*, em Farnham. Moor Park, a cerca de trinta milhas a sul de Londres, é uma bela casa senhorial do século XVII. O colégio foi fundado após a Segunda Guerra Mundial para oferecer aos membros da Igreja de Inglaterra e de outras denominações religiosas seminários sobre temas seculares. O diretor do colégio, Dr. F. S. Grimwood, incluía há seis anos algum aspeto do campo psíquico nos seus seminários.

Fiquei muito honrada por ser incluída como tutora e oradora no curso chamado "Investigação Psíquica, Psicoterapia e Cura Espiritual". Muitos académicos de elevado nível, com carreiras académicas relevantes, participavam nestas sessões de Moor Park, quer como conferencistas, quer

como instrutores. Nessa altura já aprendera a não me deixar intimidar por diplomas; a educação nem sempre é sinónimo de sabedoria. Se fosse, não haveria mais guerras, preconceito, crueldade, egoísmo ou injustiça do homem para com o homem — pois há muitas universidades no mundo e muitos diplomados.

Quando tenho de enfrentar situações deste género — defender aquilo que sei ser a verdade perante os cínicos e cépticos armados com os seus diplomas — nunca escrevo um discurso nem preparo uma palavra. Limito-me a levar o corpo, como os meus espíritos me disseram para fazer na minha primeira apresentação, anos antes, no *Odd Fellows Hall*, em Gillingham, confiando que eles fornecerão as palavras.

Nesta conferência em particular, expliquei aos clérigos que toda a verdadeira mediunidade, usada corretamente e nas linhas adequadas, é uma forma de cura. O conforto que se dá aos enlutados, a esperança que se dá aos desesperados, cura o espírito, e disse-lhes que tinha a certeza de que em algumas ocasiões, nos seus púlpitos, cada um deles já teria sentido um poder maior do que si próprio. A cura deveria ser praticada facilmente por todos os ministros da religião. Eles deveriam ser capazes de tocar o espírito.

Gostaria de partilhar convosco a excelente resposta que o Dr. Grimwood deu a vários clérigos que me desafiaram com o argumento de que muito do que vem através dos comunicadores espirituais são trivialidades.

Respondi de início que eram precisamente essas trivialidades que se tornavam necessárias para estabelecer a identidade pessoal e que, para o consulente, eram frequentemente a informação mais probatória. Declarações profundas não só seriam desprovidas de sentido na maioria dos casos como também destoariam da personalidade da entidade. Foi então que o Dr. Grimwood me apoiou:

"Quantas vezes já fizeram uma chamada de longa distância e cara apenas para ouvir a voz de alguém, e a única coisa que conseguem dizer é: 'Olá. Está a chover aqui'?", perguntou o doutor. "Porque haveríamos de esperar uma grande proclamação?"

O novo ano (1969) começou de forma animada com um telefonema de um produtor da BBC-TV a convidar-me para participar num documentário televisivo sobre o amor das pessoas pelos animais. O produtor era o conde de

Snowdon — marido da princesa Margarida — e Derek Hart, a quem tantas vezes admirara na televisão, seria o narrador.

Aceitei, por causa do meu interesse de toda a vida no bem-estar animal e, suponho, também por curiosidade em relação ao Lord Snowdon. Embora já me tivesse sentado a poucos metros da rainha e da família real em certos serviços de catedral, nunca tinha visto este membro ativo da casa real no exercício das suas funções.

Duas semanas depois, uma equipa de dezoito pessoas desceu sobre a minha pequena casa como um enxame de gafanhotos, arrastando cabos, luzes, câmaras e parafernália, deslocando móveis de todas as maneiras. Reconheci de imediato Derek Hart e pedi-lhe que fizesse algo quanto ao caos que os seus homens estavam a criar em minha casa. Ele limitou-se a dar-me uma palmada na mão e disse que tudo seria reposto assim que terminassem as filmagens.

Um jovem, com uma câmara ao ombro, que tomei por membro da equipa, começou a mexer numa das nossas lâmpadas chinesas que o Harry trouxera de uma das suas viagens ao Extremo Oriente. Aproximei-me dele e disse: "Não creio que nos conheçamos", segurando firmemente a lâmpada.

"Sou o Snowdon", respondeu de forma casual. Quando o rosto surgiu por detrás da câmara, reconheci-o, claro.

"Bem, como devo tratá-lo?", perguntei, um pouco embaraçada.
"Por que não Tony, naturalmente", respondeu o conde. Foi muito profissional em todo o processo, e admirei a forma como se pôs imediatamente a trabalhar.

Ele e Derek Hart explicaram que o filme seria um documentário de cinquenta minutos a mostrar vários aspetos da relação entre os humanos e os seus animais de estimação. Eu tinha visto o filme do Lord Snowdon sobre os idosos, que achei tratado com grande sensibilidade e compaixão. Esperava o mesmo tratamento neste tema. Os produtores tinham trazido dois consulentes — uma jovem muito bonita e um homem.

Filmaram primeiro a jovem. Ela entregou-me um grande saco. Segurei-o e disse-lhe que tinha pertencido a um cão. Dei-lhe uma série de informações sobre o animal. Ela disse que 75 por cento do que lhe dissera era verdade.

Depois foi a vez do homem. Parecia bastante céptico ao entregar-me uma pequena peça de malha. A minha primeira impressão foi que tinha pertencido a um gatinho, porque sentia algo macio e peludo. Enganei-me. Depois ficou mais claro, e exclamei: "Mas é um macaco." O consulente admitiu que estava correta. Disse-lhe que o macaco de estimação falecido se tinha juntado a outros dois macacos, antigos animais da família, e que estavam agora todos juntos no Outro Lado. O consulente anuiu, confirmando que eu estava certa quanto aos dois outros macacos.

Depois recebi o nome *Tiny* e perguntei-lhe se o reconhecia. Confirmou. *Tiny* era o nome do cão, e o macaco e o *Tiny* tinham sido muito amigos. A comunicação pareceu dissipar o cepticismo inicial do homem, pois perguntou-me se o macaco vivia numa jaula. Quando lhe disse que estava livre, pareceu muito aliviado e os olhos marejaram-se-lhe. Foi verdadeiramente comovente.

Da vez seguinte que encontrei o Lord Snowdon foi em casa do bispo de Southwark, quando ele veio fotografar o bispo e a mim para um artigo da revista *Vogue*. Mostrou-se infinitamente paciente e tirou muitas fotografias realmente belas.

Poucos dias depois das filmagens, um grupo de trinta americanos — o pessoal de Edgar Cayce — chegou a Londres para um simpósio e banquete que durou o dia inteiro. Esta era a sua primeira paragem numa digressão à volta do mundo para estudar temas psíquicos e metafísicos. Hugh Lynn Cayce, filho do famoso médium em transe americano, liderava a delegação, e nesse dia tivemos uma troca de impressões muito interessante. A Inglaterra está a tornar-se mais consciente da obra de Cayce e cada vez mais membros da organização americana dedicada ao estudo dos seus trabalhos, a *Association of Research and Enlightenment*, têm vindo sentar-se com os nossos médiuns. Sei que já tive vários consulentes cujo interesse pela mediunidade foi despertado num grupo da ARE de Cayce.

Após o simpósio de um dia inteiro, concluímos com um banquete, e pediram-me que desse uma sessão a uma das pessoas do grupo que tinha sofrido recentemente uma perda. Veio a revelar-se um caso extremamente interessante; os pormenores são relatados por Lucille Kahn mais adiante neste livro (páginas 222-227).

Parecia ser a altura do regresso de celebridades. Numa noite de março, algumas semanas depois, liguei a televisão para ouvir Coretta King, viúva do

reverendo Martin Luther King Jr., pregar um sermão a partir da Catedral de São Paulo. Senti uma presença ao meu lado e ergui os olhos para o rosto do próprio doutor. O falecido líder dos direitos civis observava a sua esposa, o rosto iluminado de orgulho. Murmurou algo encorajador que não consegui perceber bem.

Soava a algo como:
«Isso mesmo!»

Devo salientar que me habituei a ser muito cautelosa com espíritos que afirmam ser personalidades famosas. Quando não são pura e simplesmente fraudulentos, podem ser entidades traquinas a fazer-se passar por celebridades. Normalmente, afasto-os, pois nunca conheci nenhuma grande figura a manifestar-se sem que existisse um laço pessoal com o consulente — com exceção de mestres como Philip.

Essa prudência quase provocou um incidente embaraçoso envolvendo o falecido Presidente John F. Kennedy. O consulente era uma senhora inglesa de posição social elevada. De repente, o falecido Presidente começou a interromper a comunicação. Primeiro disse-lhe que se fosse embora — porque nem por um instante acreditei que fosse realmente o Presidente. Que possível ligação poderia ter com esta inglesa? Quando o espírito persistiu, disse-lhe que, se tivesse alguma prova da sua identidade, tentaria transmiti-la.

«Mas eu conhecia-o bem em criança», explicou a consulente. «Éramos vizinhos na América.» E foi essa a primeira informação ou indício que tive de que a minha senhora inglesa, a quem conhecia há algum tempo, era na verdade americana de origem.

O Presidente Kennedy disse: «Quando morri, percebi que era possível contactar os que estavam na Terra, mas as minhas crenças religiosas faziam-me sentir que isso não era desejável nem correto. No entanto, cheguei a esta decisão: que poderia progredir espiritualmente e servir o meu país tentando ainda ajudar onde pudesse, aproximando-me daqueles suficientemente abertos para receberem as minhas impressões. Estou dividido por causa do meu amor ao meu país e da minha religião. Estou dividido entre os dois.»

«O que vai fazer?», perguntei-lhe.
«Tenho de chegar a um entendimento com isso», respondeu. «A minha evolução neste mundo terá de ser condicionada pela medida em que o meu povo precise de mim.»

A MORTE DO BISPO PIKE

A verdade sobre o desaparecimento e morte do bispo James A. Pike quase ficou para sempre enterrada num banco onde depositámos a gravação em fita na qual o seu drama ficou registado. Parece quase incongruente que a agonia viva daqueles sete dias cheios de horror, em que o mundo reteve a respiração e rezou por Jim Pike, tenha ficado gravada em metros de plástico — e em bocados e retalhos de papel enfiados numa gaveta ao lado da cadeira em que me sentei para trazer Jim Jr. ao encontro do pai e, de novo, para receber a notícia da morte do bispo três dias antes de o corpo ser encontrado. Mas esse é o invólucro — pedaços e farrapos — em que a verdade muitas vezes se veste até sabermos, enfim, toda a verdade no Outro Lado.

E aqui estão todos eles, os pedaços de papel e blocos de mensagens com números de telefone, datas, horas, locais, nomes de pessoas e apontamentos soltos de conversas com pessoas em Jerusalém, na América, em toda a parte, e com toda a gente. Não sei porque fui escolhida para servir de canal para a primeira comunicação de Jim Pike após a sua morte. Foi demasiado cedo — pouco mais de vinte e quatro horas depois. Espero nunca mais ser chamada a participar em algo tão exigente do ponto de vista emocional. As consequências posteriores trazem exaustão.

Sinto agora que já passou tempo suficiente para contar a história — a verdade. Jim Pike concorda. Veio ter comigo numa noite de junho de 1970 para me dizer isso.

Em justiça para com Jim e o esforço tremendo que fez para comunicar connosco, temos de tentar ao máximo receber e interpretar as suas mensagens. E sinto que a história de Jim Pike pertence ao mundo e ao seu povo — a todo o seu povo — a «grande congregação» a que tantas vezes se referia. Ele amava-os tanto.

Para começar pelo princípio: recebi uma carta de Jim, a dizer-me que ele e a sua recente esposa, Diane, estavam a planear uma peregrinação à Terra Santa e a perguntar se poderiam passar por cá em setembro, a caminho do regresso à América. Esperavam ansiosos por uma sessão e por uma boa visita.

Fiquei muito satisfeita com ambas as notícias. Sabia quão profundamente ligado o bispo se sentia à Terra Santa. Muitas vezes tínhamos longas conversas sobre a Palestina, onde Harry e eu passáramos alguns dos momentos mais felizes nos primeiros tempos da sua carreira na marinha. Sentia que esta viagem era muito importante para Jim, não apenas pela investigação que fazia para um livro sobre as origens do Cristianismo, mas também pela inspiração mística que procurava.

Acima de tudo, aguardava com prazer a oportunidade de o rever e de acolher Jim e a sua esposa em nossa casa. Jim tinha sempre vindo sentar-se comigo quando estava na cidade, às vezes para contactar Jim Jr., muitas vezes apenas para uma chávena de chá e uma conversa.

Na segunda-feira à noite, 1 de setembro de 1969, Harry ligou as notícias tardias, e ouvimos que o bispo Pike estava desaparecido no deserto da Judeia. Enviei de imediato todos os meus pensamentos a Jim Jr., pedindo-lhe que nos ajudasse a encontrar o pai.

«Onde está o Jim?», perguntei. «Por favor, ajuda-nos a encontrar o teu pai.» Não obtive qualquer resultado. Isso era invulgar, pois Jimmy costumava comunicar connosco com facilidade. Concentrei-me antes de me deitar nessa noite. Enviei pensamentos intermitentemente durante todo o dia de terça-feira. Não recebi nada de nada.

Na quarta-feira, sempre que enviava pensamentos, era envolvida por um nevoeiro cinzento. Isso perturbou-me muito. Senti que era um mau presságio.

Harry e eu discutimos a minha incapacidade em captar fosse o que fosse. Ele concordou comigo que era muito estranho.

Na manhã de quinta-feira, 4 de setembro, às 8h30, recebi uma chamada muito cedo do aeroporto de Heathrow. Era Scott Kennedy, a caminho da América para se juntar à irmã, Diane, na busca do cunhado, Jim Pike. Scott perguntou se tínhamos recebido alguma pista de Jim Jr. sobre o paradeiro do bispo ou se tínhamos alguma informação para Diane de outras fontes. Vários médiuns e sensitivos tinham estado a enviar mensagens para Israel, mas até então nenhuma levara à descoberta do bispo desaparecido.

Com o coração pesado tive de dizer a Scott que não conseguira chegar a Jim Jr. Assegurei-lhe, contudo, que iríamos fazer um esforço muito determinado nessa mesma noite com a ajuda de uma ou duas pessoas experientes e que

telefonaríamos a Diane em Jerusalém assim que obtivéssemos alguma coisa. Telefonei ao cónego John Pearce-Higgins, em sua casa, antes de ele partir para uma conferência. O cónego, que originalmente nos tinha posto em contacto, concordou comigo em que devíamos tentar ajudar.

O cónego disse que só poderia vir bastante tarde, mas que talvez conseguisse chegar a minha casa por volta das 20h30. Concordámos ambos que, fosse a que hora fosse, tínhamos de tentar nessa noite. O tempo estava a esgotar-se.

Durante o dia tive de ir ao hospital visitar um amigo em fase terminal, mas o Harry ficou em casa junto ao telefone. Tínhamos vivido alguns anos no Médio Oriente — no Egito, na Palestina — e estávamos perfeitamente familiarizados com os perigos do deserto. Na verdade, preparar-se para uma viagem ao deserto faz parte do modo de vida no Médio Oriente. Pelos relatos fragmentados que tinham chegado pela rádio e pela imprensa, não parecia que o bispo e Diane estivessem de todo preparados para esses riscos. Tudo o que podia fazer era rezar pela sua segurança, e foi o que fiz — em silêncio, intermitentemente ao longo do dia.

Quando regressei da visita ao hospital, o Harry contou-me que Diane tinha telefonado de Jerusalém. Disse-lhe que nessa noite nos sentaríamos com o cónego e que a contactaríamos assim que tivéssemos algo — ou, se falhássemos, também a informaríamos.

Julgo importante, neste ponto, fazer uma pausa para explicar que a verdadeira mediunidade, quando totalmente honesta, é muito imprevisível. Ninguém pode ordenar aos espíritos que comuniquem. Tenho fé absoluta no Invisível. Se for 100% honesta com eles, posso esperar 100% de honestidade em retorno. Nunca finjo, seja para um indivíduo ou para uma audiência, e nunca garanto resultados. É por estas razões que não podia prometer a Diane Pike, de forma definitiva, que teria informações para ela. Tudo o que podia fazer era tentar.

O cónego chegou às 20h30 de quinta-feira, e tomámos os nossos lugares habituais na sala de estar. Eu estava na cadeira junto à lareira, o cónego ficava em frente de mim, na poltrona onde o Jim costumava sentar-se, e o Harry, como sempre, estava mais perto da porta e do telefone.

De repente ouvi uma voz a ordenar-me que ligasse o gravador. O Harry colocou a fita e ligou o cabo; depois estávamos prontos. O cónego fez uma

oração, na qual todos participámos. Sentámo-nos em silêncio, à espera que Jim Jr. viesse. Mais tarde soube que tinha entrado imediatamente em transe.

Quando voltei a este nível de consciência, tremia da cabeça aos pés. Nunca me tinha sentido tão exausta nem tão mal na vida. Todo o meu ser interior tremia. Olhei para o cónego e para o meu marido. Estavam brancos como a morte.

«Meu Deus, o que é que se está a passar?», perguntei.

A única resposta do Harry foi dizer que achava que devia pôr a chaleira ao lume, que todos precisávamos de uma chávena de chá.

E, de facto, os três estávamos num estado terrível — eu pela experiência do transe e os outros dois pelo que tinham ouvido.

Então o cónego contou-me que tinha estado a falar com o Jim. O Jim estava morto; tinha morrido havia pelo menos vinte e quatro horas. A autópsia confirmou-o mais tarde.

Embora os espiritualistas saibam que não existe morte — que é um mito e que continuamos a viver —, o lado humano e egoísta da nossa natureza sofre quando perdemos os nossos entes queridos e amigos. Suponho que me agarrava a um fio de esperança quando perguntei ao cónego se havia alguma possibilidade de ele se ter enganado na interpretação. Seria possível termos estado em comunicação telepática com o subconsciente do bispo, enquanto ele jazia inconsciente algures por lá, em vez de em comunicação com o seu espírito?

O cónego e o Harry estavam absolutamente convictos de que a conversa gravada na fita não deixava margem para dúvidas. Ambos pensavam que eu própria concordaria com o veredito assim que ouvisse a gravação. Mas não estava em condições de a escutar nesse momento. Sentia-me quase morta — exausta, esgotada, a tremer. Rezámos juntos pelo espírito do Jim e pela sua chegada segura à luz do Outro Lado.

Enquanto tomávamos o chá, discutimos o que seria melhor fazer com a informação. Como ministra espiritualista, muitas vezes sou chamada a lidar com os aspetos práticos e espirituais da morte, mas desta vez era diferente. Percebi que teria de ser eu a dar a notícia a Diane. Pensei em como poderia transmiti-la da forma mais suave possível. Nesse momento senti-me pouco preparada para assumir essa missão e devo confessar que as minhas próprias

emoções precisavam de ser reorganizadas antes que pudesse confortar outra pessoa. «Quem mais precisa de saber imediatamente?»

De repente lembrei-me de que a BBC 2 tinha agendado um documentário do bispo Pike sobre o meu trabalho para a noite seguinte, sexta-feira, 5 de setembro. O reverendo Oliver Hunkin, responsável por todos os programas religiosos da BBC, tinha produzido o filme, intitulado *The Other Side*. Fora realizado em junho de 1969, em Santa Bárbara, Califórnia, por Oliver (para quem já tinha feito um programa), e de uma forma estranha eu própria tinha tido mão na sua produção.

O Oliver tinha vindo ver-me muitos meses antes para discutir a sua ideia de um documentário sobre o bispo James A. Pike e para saber como poderia contactá-lo. Dei-lhe a informação necessária e contei-lhe a história dos nossos primeiros encontros e dos primeiros contactos do bispo com o filho, Jim Jr. Depois, quando o Hunkin se preparava para sair, uma das minhas súbitas compulsões levou-me a acrescentar: «Já agora, talvez queira falar também com o doutor Ian Stevenson, professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade da Virgínia, já que vai aos Estados Unidos. Ele está a fazer uma investigação muito interessante sobre reencarnação e sobrevivência.» Aparentemente, Oliver Hunkin seguiu esse conselho, e o filme incluiu uma entrevista e comentários do Dr. Stevenson, além do bispo.

O cónego Pearce-Higgins preparava-se para sair. Já eram 22h30 de quinta-feira, 4 de setembro — três dias antes de recebermos novas notícias sobre o destino do bispo. O cónego concordou que eu deveria telefonar ao reverendo Oliver Hunkin. Fiz a chamada. Trocámos cumprimentos e depois perguntei: «Oliver, o que vais fazer em relação a esse programa de amanhã? — porque o Jim está morto.» O cónego ouviu toda a conversa.
O Oliver suspirou e disse: «Oh, é uma mulher extraordinária.» Disse-me então que, desde o desaparecimento do bispo, tinha estado em contacto com Diane Pike e tinha a sua autorização para avançar com o programa na noite seguinte.

Pedi ao Oliver que esperasse antes de telefonar à Diane, já que sentia que deveria ser eu própria a transmitir-lhe a trágica notícia. Disse-lhe que tentaria entrar em contacto o mais rapidamente possível. Pedi à operadora para estabelecer uma chamada para Jerusalém. Todas as linhas estavam ocupadas, e a operadora informou que teria de esperar indefinidamente. O

Harry salientou que, depois de um dia e de uma noite tão extenuantes, já passava das 23h e eu estava esgotada, devendo deitar-me.

Marcámos o despertador para as 7h da manhã para que eu pudesse ligar à Diane Pike. Às 7h30 da manhã seguinte, sexta-feira, 5 de setembro, fiz uma chamada de pessoa a pessoa para Jerusalém, depois de parar apenas o tempo suficiente para tomar uma chávena de chá. Fiquei à espera que a operadora me devolvesse a chamada.

Estava terrivelmente inquieta. Os minutos pareciam arrastar-se. Telefonei à minha amiga Rosalind Heywood. A minha experiência em investigação tende a manifestar-se mesmo quando não penso conscientemente nisso. É muito importante manter um registo exato de horas, acontecimentos e comunicações e que este seja testemunhado por pessoas responsáveis de imediato — não depois — para acrescentar ao corpo de provas aceitáveis. Assim, por telefone, a Rosalind tomou notas de tudo o que tinha acontecido na sessão da noite anterior, quando tínhamos falado com o espírito de Jim Pike.

Desliguei o telefone, e ainda nada da chamada de Jerusalém. Telefonei à Rosamond Lehmann. Contei-lhe sobre o Jim. Já eram 8h30 — e ainda nada da chamada de Jerusalém.

Às 9h liguei à operadora e pedi-lhe para verificar a minha chamada. Ela confessou que o número se tinha perdido. Então começámos de novo, e refiz a chamada de pessoa a pessoa para Diane Pike. Quando conseguimos ligação com Jerusalém, Diane já tinha partido com o grupo de busca.

A sexta-feira foi o dia mais difícil de que me lembro. De manhã ouvi a gravação. Isto foi o que escutei:

HARRY TWIGG: A seguir está a transcrição literal de uma sessão realizada na quinta-feira, 4 de setembro de 1969, a começar às 20h30, em casa do Sr. e da Sra. Harry Twigg, 58 East Acton Lane, Londres, Inglaterra. Presentes: Ena Twigg, médium, cónego John D. Pearce-Higgins e Harry Twigg.

TWIGG: O cónego John Pearce-Higgins, Harry Twigg e Ena Twigg estão sentados com o propósito específico de procurar provas quanto ao paradeiro de Jim Pike, que está perdido no deserto em Israel.

PEARCE-HIGGINS: [Oração]

TWIGG: [Cai em transe profundo no fim da oração. O seu «ámen» é numa voz diferente da sua em estado desperto.]

TWIGG/PIKE: [Respiração pesada, gemidos] Oh... oh... oh... [Suspiros] Ajudem-me! Ajuuuudem-me! [Soluços, choro, gemidos, arquejos, repetidos gritos de socorro]

PEARCE-HIGGINS: Estamos a tentar ajudar-te.

TWIGG/PIKE: Ajudem-me... oh, Deus, ajudem-me. Ajudem-me, por favor ajudem-me...

PEARCE-HIGGINS: Estamos a tentar ajudar-te... Deus te abençoe... Quem és tu?

TWIGG/PIKE: Oh, tu sabes quem eu sou.

PEARCE-HIGGINS: Tu és o Jim.

PIKE: Ajudem-me... ajudem-me... oh, Deus... por favor ajudem-me...

PEARCE-HIGGINS: Onde estás?... Deus te abençoe...

PIKE: Estou perdido... estou perdido... ajudem-me — estou perdido... Deus, ajuda-me...

PEARCE-HIGGINS: Na Terra — ou noutro lugar?

PIKE: Estou num não-lugar, John.

PEARCE-HIGGINS: Oh, bem, Jim, encontrarás o teu caminho.

PIKE: [A chorar] Estou num não-lugar.

PEARCE-HIGGINS: Sim, sem caminho conhecido...

PIKE: Estou no fim do padrão... tinha de ser... tinha de ser...

PEARCE-HIGGINS: Sim, eu sei... O teu pequeno Jim não está contigo? Tenho a certeza de que todos estão a tentar ajudar...

PIKE: Não sou um cobarde... não morto... não morto, John.

PEARCE-HIGGINS: Estás morto?

PIKE: Morto... sim, estou em lado nenhum...

PEARCE-HIGGINS: O teu corpo está morto... o teu corpo está morto.

PIKE: E eu não pertenço a lado nenhum, pois não?

PEARCE-HIGGINS: Oh, sim, pertences... meu caro rapaz...

PIKE: Onde, onde, onde é isto?

PEARCE-HIGGINS: Pertences às regiões superiores. Estás apenas nas brumas por agora, por onde muitas vezes passamos por algum tempo quando atravessamos, pelo que entendo... Tens a tua fé em Deus.

PIKE: Eu não consigo... eu não consigo [Sons de sufocação]

PEARCE-HIGGINS: Falar?... O que te aconteceu?... Coração?... Garganta?...

PIKE: [Ena começa a bater no peito. Parece estar a sufocar.]

PEARCE-HIGGINS: Oh, Deus! [Visivelmente abalado pelo sofrimento] Também tens os teus caminhos de Deus... Calma... calma...

PIKE: Se acreditava antes, então agora devo acreditar ainda mais.

PEARCE-HIGGINS: Sim, sim, tenho a certeza... E agora já atravessaste a névoa — um pouco, não é?

PIKE: [Continua a arfar]

PEARCE-HIGGINS: Vai devagarinho, devagarinho... Vamos tentar ajudar-te... Tudo se resolverá...

PIKE: É um ciclo completo... Tive de morrer para provar aos outros que era verdade...

PEARCE-HIGGINS: Sim, sim, entendo isso...

PIKE: John, ajuda-me... John, ajuda-me...

PEARCE-HIGGINS: Deus te abençoe, estamos a tentar ajudar-te, meu caro... Rezamos por ti...

PIKE: Pobre rapariga... pobre rapariga.

PEARCE-HIGGINS: [Tranquilizador] Sim, vamos ajudá-la.

PIKE: Sufocado... sufocado...

PEARCE-HIGGINS: Sufocaste? Sim?

PIKE: Ela partiu... amando-me, John.

PEARCE-HIGGINS: Ela partiu, não foi?

PIKE: Não, não, isso estava certo. Sim...

PEARCE-HIGGINS: [Repetindo o bispo] Sim, isso estava certo. Sim...

PIKE: Mas esta névoa...

PEARCE-HIGGINS: Isto é o que chamam o Rio da Morte... É uma espécie de condição temporária pela qual passamos, creio eu...

PIKE: [Com raiva] Não deviam fazer-me isto!

PEARCE-HIGGINS: Penso que todos passam por isso... Viste alguém que conheces, ou ainda estás sozinho?

PIKE: Não, não estou sozinho.

PEARCE-HIGGINS: Os teus amigos...

PIKE: Muitas pessoas aqui, mas não consigo ver ninguém.

PEARCE-HIGGINS: Não, mas lembra-te que isto foi apenas há poucas horas... Pode demorar três dias... Jesus levou três dias a voltar, não foi?

PIKE: Mas eu não sou Jesus.

PEARCE-HIGGINS: Mas é um processo que acontece a toda a gente.

PIKE: Hmm, sim, Ele conseguiu fazê-lo... Se o rapaz conseguiu... eu consigo...

PEARCE-HIGGINS: Mas Ele não voltou tão depressa assim... Não te preocupes... Eles têm sorte em ter-te... Vamos tentar ajudar-te.

PIKE: Vão perder o meu anel, não vão? Vão perder o meu anel...

PEARCE-HIGGINS: Pode ser... Não sabemos onde está o teu corpo...

PIKE: Corpo... é um corpo?

PEARCE-HIGGINS: Sim, não foste assassinado, pois não?... Morreste naturalmente, não foi?... O coração?

PIKE: Sufocado...

PEARCE-HIGGINS: Sim, sufocado... com o quê?

PIKE: Com a garganta, seu tolo...

PEARCE-HIGGINS: Compreendo... Simplesmente sufocaste... Entendo... Era uma das coisas que queríamos saber... mas ainda não encontrámos o corpo... Encontraram o carro...

PIKE: Deus! Oh, rezem todos por nós?... Rezem pela minha querida.

PEARCE-HIGGINS: Sim, sim, sim, com certeza...

PIKE: Tantas esperanças... tantas esperanças...

PEARCE-HIGGINS: [Suspirando] Bem, isso não estava destinado a ser, ao que parece...

PIKE: Vai ser...

PEARCE-HIGGINS: Vai ser algo.

PIKE: O que... o que... o que estou a fazer? Onde estou?

PEARCE-HIGGINS: Estás a ajustar-te... nos átrios exteriores da próxima etapa. Espero que tenhas coisas para aprender... Sabes, não tinhas todas as respostas aqui. Invoca Jesus Cristo para te ajudar... Ele enviará os Seus auxiliares... sabes... Tu acreditas em Deus... acreditas em Cristo...

PIKE: Mas se estás perdido na névoa, meu velho... alguém tem de mostrar a luz...

PEARCE-HIGGINS: Mas tens de a pedir. Pedi e dar-se-vos-á.

PIKE: Eu não pedi isto.

PEARCE-HIGGINS: Não...

PIKE: Sim, pedi, de uma forma estranha.

PEARCE-HIGGINS: Querias ter a plenitude de tudo... compreender tudo, não era?

PIKE: Eu acreditava... eu acreditava... oh, como eu acreditava que era verdade...

PEARCE-HIGGINS: E é verdade!

PIKE: É verdade, mas eu não queria isto... Através de uma confusão...

PEARCE-HIGGINS: Mas olha, querido Jim, isto acontece a qualquer pessoa que morre subitamente.

PIKE: [Indignado] Mas não a um bispo!

PEARCE-HIGGINS: Ora essa, um bispo!... Tu és apenas um ser humano. És apenas um dos filhos de Deus... O filho de George Whitby morreu afogado, e as coisas que nos contou quando comunicou foram sobre a confusão em que esteve durante os primeiros dias... Não desistas; aguenta, sim? e reza para

que a luz te seja enviada. Pede! Isso ajuda-te um pouco? Só te digo isto... mas é o que entendemos de todas as provas de pessoas como tu que regressaram...

PIKE: É sempre difícil no início, não é?

PEARCE-HIGGINS: Sim, é sempre difícil no início quando se parte de repente...

PIKE: Sim, mas o Jim também...

PEARCE-HIGGINS: Mas ele também estava em confusão... Encontrarás o teu nível.

PIKE: Lamento profundamente perturbar a Ena.

PEARCE-HIGGINS: Ah, isso... Ela está habituada.

PIKE: Mas não bem assim...

PEARCE-HIGGINS: Há amigos contigo, não há? Há amigos à tua volta?

PIKE: Oh, muitas pessoas... consigo sentir... mas não ver.

PEARCE-HIGGINS: Sim, consegues sentir mas não ver... Este é o veículo de vitalidade com o qual provavelmente ainda estás rodeado. Ainda não passaram três dias, sabes, desde que atravessaste, e isto é algo que tem de ser abandonado... Cria ilusão na tua mente.

PIKE: Estou a falar?

PEARCE-HIGGINS: Sim...

PIKE: Está demasiado perto... está demasiado perto para tentar...

PEARCE-HIGGINS: Sim, eu sei.

PIKE: [Excitado] Ele trouxe a cruz... Ele trouxe a cruz...

PEARCE-HIGGINS: Quem trouxe?

PIKE: O Jim trouxe a cruz.

PEARCE-HIGGINS: Para ti agora... Ótimo! Muito bem... Ele está perto de ti agora... Vais ver melhor; já estás a ver, não estás?

PIKE: [Com grande excitação] Consigo vê-la.

PEARCE-HIGGINS: Sim, Deus te abençoe, isso é ótimo. Agora, se ele vier ajudar...

PIKE: [Aflito] Como posso andar com Deus quando não o consigo ver?

PEARCE-HIGGINS: Tens de colocar a tua mão na dele, mesmo que não o consigas ver.

PIKE: Prometes-me uma coisa?

PEARCE-HIGGINS: Vou tentar...

PIKE: Prometes-me que acreditas... que acreditas com tudo o que sabes, que continuamos a viver?...

PEARCE-HIGGINS: Eu acredito. Eu acredito.

PIKE: Não creio que eu tenha valido grande coisa... com todo o esforço.

PEARCE-HIGGINS: Oh, tenho a certeza de que és um grande homem... Foste um grande homem de coragem e princípio.

PIKE: Oh, mas eu não esperava a névoa.

PEARCE-HIGGINS: Não, não, mas agora tens o Jim, não tens?

PIKE: Não, não, só tenho a cruz...

PEARCE-HIGGINS: Diante de ti... [Oração] Rasga a treva e aponta-me os céus... Brilha através da treva... e aponta-me os céus.

PIKE: [Em tom de brincadeira] Não imagino que eu valha grande coisa no céu.

PEARCE-HIGGINS: [Ri] Bem, não sei... Vai com calma, meu rapaz. Continua a pedir ajuda e orientação.

PIKE: Não acho que encontrem o que resta de mim.

PEARCE-HIGGINS: Não achas que vão encontrar? Os árabes apanharam-no?

PIKE: Não, foi a areia.

PEARCE-HIGGINS: Afastaste-te do carro a pé?

PIKE: Sim.

PEARCE-HIGGINS: Foste a pé... Sim... e depois sentiste-te mal?

PIKE: Fiquei sufocado.

PEARCE-HIGGINS: Sufocado... na areia?... Na areia?

PIKE: [A chorar] Eu... não sei.

PEARCE-HIGGINS: Não, bem, não importa.

PIKE: Não estou no inferno, pois não?

PEARCE-HIGGINS: Não, não é o inferno... É uma espécie de terra de ninguém por que tantas pessoas passam... e nós podemos ajudar-te com orações aqui, para a luz. Pede luz! É isso... porque luz é alguém vir ajudar-te. Tens de pedir que te seja enviada ajuda... Reza...

PIKE: O que achas que eu estava a fazer?

PEARCE-HIGGINS: Quando? Agora mesmo? Pediste ajuda quando começaste a comunicar.

PIKE: [A chorar] Sim... a qualquer lado... Sim, a qualquer pessoa...

PEARCE-HIGGINS: Sim, mas ela virá...

PIKE: [A rezar] Oh, bom Deus... Andar com Deus, é o que dizem, não é?

PEARCE-HIGGINS: Sim... a tua alma. Vais querer largar as tuas ideias terrenas. Penso que, neste momento... não tens plena consciência... Estás em choque, sabes... Consegues dormir um pouco?

PIKE: Mas continuam a chamar por mim!

PEARCE-HIGGINS: Quem continua a chamar por ti?

PIKE: Todas as pessoas.

PEARCE-HIGGINS: Cá em baixo?

PIKE: Vocês estão a chamar por mim... Todos vocês a chamar por mim... [a chorar] e eu estou cansado.

PEARCE-HIGGINS: Bem, é melhor deixarmos de chamar por ti... Estás a portar-te muito bem, sabes, por conseguires falar connosco assim... Estamos muito gratos a ti...

PIKE: Estou tão grato a vocês de novo... Vou dizer-te: «Deus te abençoe», porque esta é a segunda vez que me ajudaste.

PEARCE-HIGGINS: Oh, não tem importância. Estou muito grato por poder ser usado.

PIKE: [Uivando alto] O que é que vou fazer sem esta mulher? O que é que vou fazer sem ela? Terão de a levar para a minha querida.

PEARCE-HIGGINS: Bem, encontrarás algum consolo e ajuda... Não tens isso em perspetiva.

PIKE: Achas que o marido dela deixaria a Diane ficar com ela?

PEARCE-HIGGINS: Achas que eu...

HARRY TWIGG: [Que tem estado a falar com Diane Pike em Jerusalém] A Diane provavelmente virá para a Inglaterra.

PEARCE-HIGGINS: Sim, ela provavelmente virá para aqui.

PIKE: Ele podia cedê-la? O Harry podia dar a sua mulher à Diane por algum tempo?

PEARCE-HIGGINS: Não sei... não sei... Suponho que ela a verá.

PIKE: Demais... é pedir demais... Mas eu gostaria de a ver... falar com ela, se me permitem... A Diane... Quando ela vier aqui... Eu queria terminar muitas coisas, queria colocar todo este assunto tremendo no mapa a nível académico.

PEARCE-HIGGINS: Sim, compreendo isso... Bem, portaste-te muito bem, sabes. Provavelmente viste uma recensão do teu livro na *American Journal*, não viste? No *Journal* da *Society for Psychical Research*. Foi muito boa e muito justa.

PIKE: Mas isso foi só o início.

PEARCE-HIGGINS: Sim, sim, mas talvez, novamente, sabes... Quando vim aqui pela primeira vez contigo e aqui o Jim disse, o jovem Jim... «Eu tive de morrer para que tu pudesses viver»... Para que tu pudesses viver...

PIKE: Sim, ele disse isso, não disse?

PEARCE-HIGGINS: E talvez possa ser que tu tivesses de morrer para que alguns de nós pudéssemos viver... Pode ser que, quando te organizares, superares o choque e assim por diante e a confusão, consigas voltar e falar connosco e fazer muito mais por nós no Outro Lado do que poderias ter feito aqui.

PIKE: És-me de grande consolo.

PEARCE-HIGGINS: Estou certo de que é assim. Mas tu eras um petrel tempestuoso, não eras? Por uma boa causa. Não achaste que todos os teus

amigos que aqui encontrámos... como o Paul, que comunicou e disse: «John... o Jim está bem. O jovem Jim está bem»?

PIKE: [Interrompendo] Então porque é que ele não veio buscar-me?

PEARCE-HIGGINS: Porque é demasiado cedo...

PIKE: Porque é que ele não veio buscar-me?

PEARCE-HIGGINS: É demasiado cedo. Não leste o teu Crookall e toda esta questão desse veículo ectoplásmico que nos envolve? Especialmente se morremos de repente, e até nos libertarmos dessa coisa, estamos num estado de confusão, pelo que entendo. Deve levar cerca de três dias... Só passaram dois dias, percebes.

PIKE: Treta!

PEARCE-HIGGINS: Treta... Está bem, meu irmão... sabes...

PIKE: Não, mas eu não sei... Ouço, mas não vejo. Quero ver... Quero ver-vos a todos... Não consigo ver.

PEARCE-HIGGINS: Bem, isso é compreensível... mas, por agora, não devias querer ver-nos a todos. Devias querer ver alguém do Outro Lado, presumo. Devias querer ver o Jim, eu diria.

PIKE: Sim, mas terias pensado que eles viriam abrir-me um pouco os olhos, não achas?

PEARCE-HIGGINS: Bem, já viste um sinal — a cruz [a voz esmorece].

PIKE: Bem, tenho de ir porque estão a puxar...

PEARCE-HIGGINS: Sim, bem, querem levar-te de volta. Deus te abençoe!...

PIKE: Vais dizer-lhes que o livro tem de ser publicado?... O livro tem de ser publicado.

PEARCE-HIGGINS: Sim...

PIKE: Ainda não está terminado... mas tem de ser publicado.

PEARCE-HIGGINS: Está bem, dir-lhes-emos... Deus te abençoe!

PIKE: O meu anel.

PEARCE-HIGGINS: Nunca o vão encontrar, pois não? Importa?

PIKE: Não importa... Vou bater, não vou?

PEARCE-HIGGINS: Onde? Na Diane? Na Ena? Em mim?

PIKE: [Sussurrando] Não sei.

PEARCE-HIGGINS: Não faz mal.

PIKE: Vocês vão todos saber que vos amo?... Vão lembrar-se?

PEARCE-HIGGINS: Sim, tenho a certeza de que sim.

PIKE: Vão lembrar-se de que estou a tentar ver mais... e... [murmúrios inaudíveis; depois alto e firme] Sabem, sou um homem do diabo, não sou? [A chorar] Porque o Jim conseguiu melhor do que isto.

PEARCE-HIGGINS: Foi muito mais tarde, sabes. Já tinham passado quinze dias ou três semanas. Ele teve algum tempo para se aclimatar. Acho que é melhor eu voltar mais tarde.

PIKE: O amor é o eixo do universo, não é?

PEARCE-HIGGINS: Sim, sim, tenho a certeza.

PIKE: [Rindo] É melhor arranjar um pouco desse eixo para mim, não é?

PEARCE-HIGGINS: Acho que precisas de ir descansar, não achas? Essas pessoas estão a levar-te; vão ajudar-te.

PIKE: Deus esteja convosco. Eu tentei... [Crescendo] Estou a tentar...

PEARCE-HIGGINS: Portaste-te muito bem.

PIKE: Oh, oh, dormir.

PEARCE-HIGGINS: Deus te abençoe... Tentaremos ajudar-te a dormir com as nossas orações...

PIKE: Obrigado. Obrigado.

PEARCE-HIGGINS: Deus te abençoe. Vai em paz...

19

A HISTÓRIA DO BISPO PIKE CONTINUA

A tensão foi crescendo durante todo o dia enquanto esperava que a minha chamada para a Diane fosse completada. rádio e a televisão transmitiam de hora a hora notícias sobre o progresso da busca pelo corpo do bispo. Muitos dos repórteres e comentadores expressavam esperança de que fosse encontrado vivo. Eu sabia melhor. Pensei muito em como dar a triste notícia da morte do marido à Diane. Como reagiria ela, depois da sua própria provação terrível? Rezei para que o Espírito assumisse novamente o controlo e me enviasse as palavras certas, os pensamentos de consolo que sustentassem Diane e a ajudassem a suportar a dor da sua perda.

Continuava a ouvir as palavras do Jim nessa gravação — palavras de ternura pela sua amada e de preocupação por ela. A sua frase, «tantas esperanças, tantas esperanças... minha querida», tornava a minha tarefa ainda mais dilacerante. Ele e Diane tinham tantas esperanças para a sua vida e o seu trabalho em conjunto e, agora, antes de mal terem começado, tudo tinha terminado.

Enquanto esperava que a chamada se concretizasse, o Harry e eu discutíamos a gravação vezes sem conta. Especulei sobre a qualidade da reprodução da voz, embora os espíritos tenham de usar as cordas vocais do médium através do qual comunicam. Embora a comunicação por voz direta seja rara, já a realizei. Ainda assim, nunca usaria uma palavra como «*baloney*» [asneira].

O Harry contou-me que tinha discutido as diferenças de voz com o cónego enquanto eu ainda estava em transe. O cónego disse-lhe na altura, e mais tarde repetiu a um entrevistador: «A identidade da vocalização não é necessariamente sinal de autenticidade — ou, melhor dizendo, a falta dela. Porque alguém não fala com a sua voz habitual, isso não significa necessariamente que não seja a pessoa. Quando se está a controlar as cordas vocais de outra pessoa, quase tudo pode acontecer.»

O cónego salientou que, quando a sessão começou, «pensei que era uma mulher a gritar por ajuda, e gradualmente a voz tornou-se mais áspera — engrossou. Conseguia ouvir a aspereza a emergir. Disse-me "baloney" a certa altura, o que achei bastante típico da sua maneira de falar.»

Finalmente, às 17h, a minha chamada de pessoa a pessoa passou.

A voz da Diane chegou, tensa de ansiedade. «O que é que tem?» perguntou. «Toda a gente me tem ligado. Dizem-me que o Jim está a salvo, o Jim está numa caverna, o Jim está aqui, o Jim está ali — mas não o conseguimos encontrar. Ajude-me. Ajude-me.» A angústia nessa voz podia ter atravessado até Inglaterra sem fios.

«O Jim tem estado a falar connosco, Diane», disse-lhe da forma mais suave que sabia.

Ela desfez-se em lágrimas. «O quê — o que é que aconteceu? O que é que ele disse?»

Quando o pranto acalmou, contei à Diane o que estava na gravação: que o Jim tinha morrido e já tinha passado para o Outro Lado. Expliquei-lhe que eu tinha estado em transe quando a mensagem chegou, mas que o cónego John Pearce-Higgins estivera connosco e falara com ele.

A Diane disse-me então que continuaria a procurar o corpo do Jim — que ele tinha de ser encontrado. Repetidas vezes só conseguia dizer: «Quero essa gravação — quero essa gravação.» Assegurei-lhe que a teria no momento certo. Diane disse-me que viria ver-me depois de sair de Israel, a caminho de casa para os Estados Unidos.

Tentei ocupar-me a preparar o jantar do Harry, quando chegou Roy Stemman, um jovem repórter do *Psychic News*. Perguntou-me pela sessão e se era verdade que o bispo Pike tinha morrido. Contei-lhe o que sabia sobre o falecimento do bispo.

Estava sentada na mesma cadeira que costumo ocupar durante as sessões. Discutíamos a possibilidade de o bispo ainda estar vivo, mas inconsciente e a morrer em algum lugar, quando de repente «vi» o Jim Pike. Estava a usar um fato azul-claro.

Interrompi o Roy e fiz-lhe sinal para se calar. «Roy, o bispo está aqui, neste preciso momento. Acabou de me dizer que subiu umas rochas e caiu. Está morto. Não há margem para dúvidas. Foi-se.» Eram então 20h de sexta-feira, 5 de setembro.

Às 22h30, a BBC 2 transmitiu o documentário de Oliver Hunkin sobre o bispo Pike, *The Other Side*. No anúncio inicial, Oliver disse aos telespectadores que o filme incluía uma entrevista com o bispo Pike, «agora desaparecido e

presumivelmente morto». Ficava claro nesse anúncio que Oliver aceitara a nossa comunicação como autêntica.

No filme, Jim Pike falava das «primeiras comunicações espirituais do filho falecido através da mediunidade de Ena Twigg». Disse que fora forçado à conclusão de que os fenómenos físicos experimentados após a morte do filho eram genuínos e que era «algo sobrenatural», embora, «eu não acredito no sobrenatural», acrescentou. «Se está a acontecer, é natural, e se não está a acontecer, "sobrenatural" não o torna verdadeiro.»

O Dr. Ian Stevenson surgiu a seguir e respondeu a uma série de perguntas feitas por Oliver Hunkin. O Dr. Stevenson disse estar impressionado com os relatos do bispo sobre as suas sessões comigo. Acrescentou: «Algumas informações poderiam estar no domínio público porque Pike é uma figura bem conhecida, mesmo na Inglaterra. Mas há coisas que é muito difícil ver como ela poderia ter sabido, exceto por algum processo paranormal.»

Bem, esse programa fez o efeito. Todo o alvoroço telefónico recomeçou, tal como acontecia depois de cada programa de televisão. Foi o mesmo após o artigo na revista *Look*, o livro *The Other Side* e as posteriores publicações em série do livro em revistas e jornais. Fui levada quase à exaustão completa pelas chamadas e cartas que chegavam em catadupa naquela altura. Prolongou-se durante meses e meses. E agora parecia estar a começar tudo de novo — mas esta tem sido a minha vida há muitos anos, muito antes de o bispo Pike ter entrado nela.

O telefone começou a tocar e nunca mais parou. Depois da meia-noite arrastei-me para a cama. Mal tínhamos adormecido quando o telefone voltou a tocar. O Harry atendeu sonolento e disse que era Nova Iorque a chamar — o Dr. Douglas Dean, da *American Society for Psychical Research*. (Desde que o bispo Pike entrou na minha vida, aprendi a nunca atender o telefone eu própria. O Harry filtra todas as chamadas.) A América também queria saber se eu tinha estabelecido contacto com o bispo. Contei ao Dr. Dean o que sabia. Depois o Dr. Stevenson entrou na chamada e ficou a ouvir.

Às duas e meia da manhã telefonou-me a Rosalind Heywood. Disse-me que o reverendo Arthur Ford tinha estado duas horas a tentar obter o meu número de telefone através das informações e que os operadores tinham recusado dá-lo. «Ele quer que lhe telefone para a América», disse a Rosalind.

«Eu não conheço o Arthur Ford», respondi. Nunca nos tínhamos encontrado, mas sabia que ele era o ministro e médium que tinha aparecido com o bispo Pike na televisão no Canadá, no programa conduzido por Allen Spraggett. Estava cansada e disse à Rosalind que não ia telefonar ao Arthur Ford nem a ninguém a essas horas impróprias da madrugada. «Diz ao Arthur Ford que, se me quiser, terá de voltar a ligar a uma hora mais adequada», concluí.

Durante todo o sábado o telefone tocou com pessoas que queriam falar comigo. Esperei pela chamada da Diane. Ela tinha prometido ligar de volta, e por isso não me atrevia a desligar o telefone.

No domingo de manhã estava na cozinha a cozinhar quando ouvi uma das vozes espirituais dizer: «Liga o rádio.» Liguei o rádio da cozinha, e ouvi um noticiário de última hora: «Acabaram de descobrir o corpo do bispo Pike no deserto.»

De imediato fiz uma chamada para a Diane. Disseram-me que ela estava a descansar, e pedi que não a acordassem. Às 17h voltei a telefonar-lhe. As primeiras palavras dela foram: «Quero essa gravação. Quero essa gravação.»

Disse-lhe que poderia tê-la mais tarde, mas não agora. Não achava que ela pudesse suportar ouvi-la tão pouco tempo depois da morte do marido, sobretudo a parte que retrata de forma tão vívida a sua agonia final antes de falecer. Era tão angustiante que eu própria não conseguia voltar a ouvi-la. No meu tom mais maternal e ministerial repeti firmemente que me certificaria de que ela teria a gravação mais tarde, «mas agora não a vais ter».

A Diane contou-me que o corpo do Jim seria sepultado no dia seguinte em Jafa e que viria ver-me em Londres na terça-feira. Na terça-feira a Diane telefonou-me da *Ambassador Suite*, no aeroporto de Heathrow. Queria visitar-me, mas achámos que estava demasiado exausta e precisava de tempo para se recompor. Finalmente, a Diane disse-me: «Não vais divulgar nada desta história aos nossos jornais, pois não?»

«A história ainda não está contada, Diane», respondi. «Temos apenas os preliminares.»

Na quinta-feira dessa semana, 11 de setembro, saiu a edição de 13 de setembro do *Psychic News*. A primeira página inteira foi dedicada à história do bispo Pike e a um resumo de todas as histórias antigas sobre ele. A maior manchete dizia: «O REGRESSO DO ESPÍRITO DE BISHOP PIKE RESOLVE MISTÉRIO DO SEU DESAPARECIMENTO TRÊS DIAS ANTES DE O CORPO SER

ENCONTRADO.» O jornal trouxe a minha fotografia na capa, outra história sobre o suicídio de Jimmy Jr. e o seu regresso nas nossas primeiras sessões, a história da emissão de Oliver Hunkin, e assim por diante.

Parecia mesmo que, desde o dia em que conheci o Jim Pike, nunca mais iria ter paz — nem dos vivos, nem dos mortos. Então comecei a receber uma avalanche de chamadas telefónicas de todos os lados — jornais, revistas, rádio, televisão — e a todos respondi: «Sem comentários!»

Na noite de 11 para 12 de setembro fui acordada pela sensação de que alguém estava no meu quarto. Virei-me, e lá estava o Jim, de pé ao lado da cama. Estava quase sólido. Nunca tinha visto uma forma espiritual tão claramente. Estava muito bronzeado. Usava uma camisa clara, cor creme ou bege, sem casaco, com as mangas arregaçadas.

Disse-lhe: «Oh, Jim, assustaste-me.»

Ele respondeu: «Tinha de provar que conseguia fazer isto.»

Desviei os olhos por um instante para olhar para o relógio na mesa de cabeceira. Eram 3h. Quando olhei de novo, o Jim tinha desaparecido.

A notícia seguinte sobre o Jim chegou a 16 de setembro, durante uma sessão com Paul Beard, o presidente do *College of Psychic Studies*. Enquanto eu estava em transe, um comunicador disse-lhe: «Jim Pike está em segurança, envolto nas orações e pensamentos das pessoas de ambos os mundos, e agora está a descansar.»

Não tivemos mais nada até 6 de outubro, às 16h. Estavam aqui presentes vários bispos eminentes, bem como o cónego John Pearce-Higgins e o reverendo Richard Shackell, amigo do bispo Pike nos Estados Unidos. Estávamos sentados a discutir vários aspetos do caso Pike quando, de repente, vi a parede do fundo da minha sala de estar desaparecer. Lentamente transformou-se numa janela de vitral. O peculiar era que as figuras do vitral não eram santos nem figuras religiosas habituais. Em vez disso, eram homens contemporâneos que, na altura, não consegui identificar.

Olhei para os clérigos eminentes que estavam na nossa sala para ver se algum deles partilhava a visão, mas continuaram a falar como se nada estivesse a acontecer. Às vezes fico tão frustrada por outras pessoas não conseguirem ver o que eu vejo ou ouvir o que eu ouço, já que para mim é tão claro.

Finalmente, virei-me para os cavalheiros e descrevi-lhes a visão, incluindo a descrição de dois dos homens que eram figuras centrais no vitral.

A 10 de outubro chegou um recorte de jornal dos Estados Unidos com o obituário do bispo Pike. A notícia mencionava que o bispo Pike tinha mandado instalar duas janelas na *Grace Cathedral*, em homenagem ao padre Karl Rohner, jesuíta, e ao astronauta John Glenn. Isto confirmou em absoluto a visão de 6 de outubro na minha sala de estar.

Foi desta forma que lampejos da consciência desperta na mente do Jim foram surgindo durante algum tempo, e sentimos que só voltaríamos a ouvi-lo indiretamente, durante o seu período de repouso. E assim a história prossegue.

No domingo, 12 de outubro, Diane Pike enviou um telegrama a pedir-me que entregasse a gravação ao reverendo Richard Shackell, que a levaria até ela na Califórnia. O telegrama dizia:

1969 OUT. 12 11:28

ENA Twigg [morada e número de telefone]
MANUSCRITO EM PREPARAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO EM FEVEREIRO CONTA A HISTÓRIA DA JORNADA NO DESERTO DE ISRAEL, MORTE E ACONTECIMENTOS
SEGUINTES PODERIA INCLUIR RELATO DAS SUAS EXPERIÊNCIAS COM O JIM FAVOR INDICAR OS SEUS DESEJOS SE AFIRMATIVO
LIGAREI PARA
DISCUSSÃO
PESSOAL
AGRADEÇO
TER TIDO RESPEITO
PELOS MEUS
DESEJOS AO AINDA NÃO DIVULGAR CITAÇÕES DIRETAS ESTE MANUSCRITO PODERÁ APRESENTAR TUDO COM CUIDADO TAMBÉM SERÁ PUBLICADO EM
SÉRIE NUMA REVISTA EM JANEIRO E FEVEREIRO AINDA NÃO RECEBI
A FITA AGUARDO RESPOSTA AO TELEGRAMA AMOR
DIANE PIKE

No dia seguinte respondi à Diane por telegrama que enviaria a fita pelo Shackell. Mais tarde, nesse mesmo dia, tivemos uma longa conversa

telefónica entre Santa Bárbara e Londres. A Diane queria usar a fita no livro que estava então a escrever, *Search*,* que descrevia a provação dela e do Jim no deserto. Disse-lhe que podia ficar com a fita, mas que não devia usar a história: «Não, ainda não. A história está apenas no começo.»

Poucas semanas depois recebemos uma carta do Richard Shackell:

Caros Ena e Harry,

Estou a enviar-vos uma gravação do sermão da Diane aqui no domingo passado.
Ela ouviu a vossa fita aqui há quatro sábados e comentou como era exata. Especialmente — o anel (ela está a usar o do Jim além do dela e sentiu um desejo muito forte de o ter quando o corpo foi encontrado). E «minha querida» — uma forma de afeto que mais ninguém «recebeu».

A vida na Califórnia tem sido como entrar na 3.ª cena de «Peyton Place» (*Saga dos Forsyte*). Desde que cheguei a casa tenho andado extremamente ocupado. Conheci um «Check», que é ótimo a analisar a personalidade pela forma, etc., das orelhas de cada um. Há tanta coisa que não sabemos. Tenho ficado admirado com o número de pessoas verdadeiramente interessadas em conhecimento intuitivo, mas que têm receio de admitir experiências de PES, etc. Mas o conhecimento cerebral, por si só, não nos dará paz nem uso criativo da agressividade humana.

Com carinho,
Dick

- Diane K. Pike (*Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., Inc., 1970*).

Escrevendo no número de novembro de 1970 da *The Ladies' Home Journal*,* a Diane disse:

Avaliei cuidadosamente a gravação de uma sessão realizada com a Sra. Ena Twigg, de Londres, durante a busca por ele, antes de se saber do seu paradeiro ou de a sua morte estar confirmada. Nessa altura o Jim estava aparentemente num estado de transição — entre dois mundos, por assim dizer. O corpo estava morto, mas ele aparentemente

ainda não tinha passado para o outro lado. Nessa sessão houve referências suficientes que correspondiam às circunstâncias da nossa provação e que exprimiam preocupações que eu sabia estarem no topo da mente do Jim no momento do infortúnio para me permitir afirmar que o Jim comunicou através da Sra. Twigg.

Um ano depois, a edição de 9 de outubro de 1971 do *Psychic News* trouxe uma notícia com a manchete: «A VIÚVA DO BISPO ELOGIA A SESSÃO DE ENA TWIGG».† Dizia:

Diane, viúva do bispo californiano James Pike, presta tardios embora calorosos elogios à mediunidade de Ena Twigg. Entrevistada pela *Psychic*, revista americana bimestral, foi-lhe perguntado sobre as sessões realizadas após a morte do marido.

«Conseguiu avaliá-las melhor?», foi a pergunta específica.

«É uma gravação muito impressionante», disse Diane. «Sinto que a Sra. Twigg esteve de algum modo em contacto com o Jim.»

Considerou como mais notáveis as declarações na gravação em dois pontos onde o marido disse, com uma espécie de urgência: «Não vão conseguir encontrar o meu anel, pois não?»

Quando o corpo do Pike foi encontrado e ela foi chamada a identificá-lo, o braço esquerdo estava por baixo. Disse-lhes que deveria haver um relógio e uma aliança nessa mão.

Quando libertaram essa mão, viu o anel. A Diane não conseguiu explicar o seu desejo premente, que quase a horrorizou por soar tão grosseiro. «Eu gostaria de ficar com esse anel, se faz favor.»

Já tinha dito ao irmão que precisava de ter a aliança do marido. O médico trouxe-lhe todos os pertences do Jim num saquinho.

Mexeu até encontrar o anel. Depois colocou-o no dedo anelar esquerdo, junto à sua aliança. Ao fazê-lo, a Diane sentiu um grande alívio, como se tivesse de ter esse anel no dedo...

Assim, não surpreende que as duas referências ao anel na gravação tenham sido as mais convincentes e probatórias para ela.

Noutras sessões, a Ena obteve os nomes carinhosos pelos quais o bispo a chamava. Embora tivesse recebido dezenas de mensagens de pessoas a

dizer que tinham notícias do marido, nenhuma usou esses nomes. A menção deles por parte da Ena impressionou muito a Diane.

Importa lembrar que a Diane não ouviu a gravação, nem lhe foram contados quaisquer detalhes nela registados, até outubro seguinte — muitas semanas depois de ter visto o corpo e de ter sentido o forte desejo de ficar com a aliança
do bispo.

A Diane veio ver-me em fevereiro, e dei-lhe duas sessões de transe, nos dias 1 e 2 do mês. Falámos bastante sobre o Jim e depois sobre a gravação. A Diane salientou-me que as últimas palavras que o Jim lhe dissera foram: «Segue o teu caminho, gritando: "Ajuda-me!"» e essas foram as primeiras palavras na gravação. Ele gritou «Ajuda-me!» cerca de uma dúzia de vezes. Isso também foi altamente probatório. Foi a última vez que vi ou ouvi a Diane Pike até 12 de fevereiro de 1971, quando ela e o irmão, Scott, acompanharam um advogado e um escritor que nos vieram ver, procurando informações para um livro que estavam a escrever sobre o bispo.

Foi a 25 de junho de 1970 que Jim Pike veio ter comigo e me deu luz verde para contar toda a sua história.

20

UMA PROFECIA CUMPRIDA

A profecia do Philip de que um dia eu falaria na Catedral de Southwark cumpriu-se no domingo, 25 de janeiro de 1970. Fui uma de quatro oradores num painel que discutia o tema «O Mundo e a Eternidade». Foi um acontecimento histórico, pois nunca uma mulher tinha sido autorizada a subir ao púlpito ou à tribuna numa catedral anglicana — e eu não era apenas uma mulher, mas também uma ministra espiritualista.

Os meus colegas de painel foram Paul Beard, presidente do *College of Psychic Studies*, Rev. Richard Hall, presidente da Comissão de Misticismo da *Churches' Fellowship*, e o cónego Patrick Miller, assumido opositor do Espiritualismo. O cónego Pearce-Higgins foi o nosso moderador.

Recuso-me a estar na defensiva quanto à minha mediunidade, porque vejo o que vejo e ouço o que ouço. Há muito ultrapassei o ponto em que importância mundana, posses ou poder me possam intimidar.

O meu irmão Frank tinha morrido na primeira semana de janeiro, e estava muito comigo nesse dia na catedral. Em plena azáfama de Natal, eu tinha visto a minha avó sentada numa poltrona na minha sala de estar. Isso era muito estranho, porque era a única pessoa da família no Outro Lado que nunca me tinha aparecido. Ficou ali sentada cerca de quatro ou cinco horas. Quando não quis ir-se embora, percebi que viera buscar alguém. Viera buscar o Frank.

«O meu irmão morreu há três semanas», disse ao público na catedral. «Não estamos de luto. Sabemos que ele continua a viver. Na noite passada, ele voltou para mim. Eu vi-o. A mediunidade é real; é verdadeira. Pode ser uma força tremenda para o bem no mundo e, acima de tudo, a mediunidade é capaz de confortar quem sofre.»

Paul Beard descreveu o funcionamento da mediunidade em termos de telepatia. «Assim como as mentes podem estabelecer contacto estando a milhares de quilómetros de distância, também podem comunicar quando separadas pela morte. O processo é essencialmente o mesmo», explicou. Fiquei particularmente contente por ele sublinhar que não se pode pôr um médium num laboratório e atrelar poderes psíquicos. Em vez disso, aconselhou, cada sessão deve ser encarada como uma experiência.

O cónego Miller, referindo-se ao conteúdo das mensagens espirituais, perguntou: «Porque é que não ouvimos mais sobre a vontade do Pai?»

Ao que o nosso espirituoso cónego Pearce-Higgins retorquiu: «Porque só me deixam pregar cinco vezes por ano», resposta que fez a congregação rir tanto que não conseguia parar.

Três dias depois, o Cón. e eu estávamos marcados no *Moor Park College* para um simpósio de dois dias, embora em painéis diferentes. O dele era sobre «Experiências Pessoais» e o meu sobre «Sobrevivência». Como de costume, os programas de Moor Park estavam pejados de académicos e oradores distintos de todas as áreas e pontos de vista.

O meu painel tinha alguns dos professores mais eminentes de Inglaterra: Dr. Watson Fuller, docente de Biofísica na Universidade de Londres; H. H. Price, Professor Emérito de Filosofia em Oxford, que foi presidente da *Society for Psychical Research*; Antony Flew, Professor de Filosofia na Universidade de Keele; e John Hick, Professor de Teologia na Universidade de Birmingham.

Um excelente relato do debate saiu na América na revista *Psychic* (edição de abril de 1971) e em várias publicações no Reino Unido. O cónego Pearce-Higgins, ao relatar algumas das suas próprias experiências psíquicas, escolheu falar de um caso em que tínhamos acabado de trabalhar juntos para a *Churches' Fellowship*:

Recebi um telegrama do secretário da *Churches' Fellowship* em Vancouver, no Canadá. Uma menina de seis anos tinha desaparecido misteriosamente. Uma operação de busca extensiva pela polícia e por toda a vizinhança falhou em localizá-la. Perguntaram se poderíamos fazer algo. Pedi que nos enviassem um laço — um pequeno laço branco de cabelo — e pedi à Ena que o psicometrizasse.

A Ena estava certa de que a criança estava morta. Recebeu água — o mar —, descreveu navios japoneses, a areia, marinheiros e um dique comprido — uma espécie de muralha marítima. Pairava por toda a área. Tinha calor, cada vez mais calor. Depois disse uma coisa que foi da maior utilidade: «Capto esta criança — foi algo muito súbito, esta passagem — não houve medo — medo nenhum. Foi simplesmente que, num minuto, ela estava aqui, e no minuto seguinte, tinha ido.»

Pois bem, encontraram o corpo. A descrição da Ena estava certíssima em todos os pormenores. Não longe de onde estavam atracados navios japoneses, o corpo da menina foi encontrado em sessenta centímetros de água — sob essa muralha marítima.

Parece que ela deixou a sua amiguinha na encruzilhada e foi atropelada por um carro. As pessoas pegaram nela, possivelmente tencionando levá-la ao hospital. Depois, ao perceberem que já estava morta, abandonaram o corpo. O conhecimento de que tinha sido uma morte rápida, sem dor nem sofrimento, trouxe consolo aos pais.

Na semana anterior a Ena tivera um caso de uma rapariga que desaparecera e fora assassinada, e ela comunicou em grande angústia. Fora agredida e houve imenso terror. No caso da pequena canadiana, quando a Ena disse: «Não sinto terror nenhum», podia ter-se quase a certeza de que isso era verdade e foi um conforto para os pais. Ou assim espero.

***** *Vol. 87, p. 97.*
† *N.º 2053, p. 12.*

O cónego e eu tivemos outro caso terrivelmente trágico — e bastante próximo dele. Foi apenas algumas semanas antes do caso da pequena rapariga canadiana. Como o cónego o relata:

A minha filha tinha uma amiga cujos pais viram o casamento desmoronar-se. Ela amava ambos os pais e ficou feita em pedaços. A rapariga caiu numa depressão e num estado terrível. Pois bem, caiu nas mãos de um psicanalista muito bondoso que vivia ali perto, e ele envolveu-se emocionalmente em demasia com ela. Ela levantava-se a meio da noite, corria até casa dele e recitava-lhe os seus horrores.

Eventualmente, numa noite, ela saiu assim a correr, e ele disse que a veria mais tarde, já que ela tinha uma consulta oficial marcada para o meio-dia. A mãe, entretanto, tinha feito um curso de formação de professores e estava agora a lecionar, por isso a rapariga estava sozinha em casa. Puxou o sofá para junto do lume e abriu o gás. Tinha apenas dezassete anos.

Ora, a rapariga entrava e saía da nossa casa como se fosse outra filha. Celebrei o funeral, e foi de partir o coração. Esperei cerca de seis meses. Depois pedi à mãe que me desse uma pequena peça de joalharia que ela costumava usar, e fui ter uma sessão com a Ena.

Nunca ousei passar a gravação à mãe porque a Ena captou tudo — a terrível angústia mental, o gás, e a criança a chorar: "Eu não, eu não queria morrer. Eu queria viver. Eu queria casar e descobri que matei o meu corpo e não consegui voltar."

Esta foi uma das sessões mais dramáticas que alguma vez tive. É o que digo sempre sobre o caso do Jim Pike. Aqui estava uma pessoa num estado emocional terrível, e a Ena passou por todo o trauma. Ela acertou na mouche — é sempre tão boa; acerta em cheio.

Temos recebido os casos mais horríveis — há tanta violência. Os jovens morrem por causa de drogas, homicídios, suicídios e, claro, há as mortes trágicas dos jovens que morrem na guerra. Parece que vem em ciclos. Recentemente encontrei uma mulher encantadora, sensível, com uma voz linda e culta. Senti imediatamente que esta mulher precisava de ajuda. O filho dela comunicou e disse-nos que tinha tomado uma injeção de heroína, tomado banho e ido para a cama. De manhã, quando a mãe subiu para lhe levar o chá, encontrou-o morto. Tinha pouco mais de dezasseis anos... Um maravilhoso ministro americano e a sua esposa vieram ver-me; o filho deles

tinha sido assassinado por um amigo sob a influência de drogas... Uma jovem encantadora na Califórnia, agredida e assassinada... Uma ótima jovem, com tudo para viver, que conduziu da ponte abaixo em São Francisco — tinha tomado comprimidos para emagrecer... Antigamente, a maioria dos jovens morria em acidentes de automóvel; agora o novo assassino são as drogas.

Depois há pedidos desarrazoados — às vezes tristes e às vezes risíveis. Uma senhora na casa dos setenta conseguiu contactar os maridos um, dois e três durante a sua sessão. Quando terminámos, perguntei-lhe se estava satisfeita. Queixou-se: «Acho que um deles podia ter-me dito se o marido número quatro está para breve e onde o poderei conhecer.»

Houve o advogado que telefonou da América para marcar uma consulta porque precisava de reunir provas para um cliente, e o casal que queria descobrir o ladrão que lhes assaltara a casa. Houve o juiz — Sr. Olhos de Ardósia, apelidei-o eu, porque tinha uns olhos tão frios e cruéis — que tinha tanto medo de morrer que queria prova de sobrevivência. Disse-lhe logo, sem rodeios: «Não vou sentar-me mais consigo. As suas motivações estão erradas. Está a envelhecer e tem medo de morrer e quer provar a sobrevivência para poder deixar de ter medo.»

As pessoas vão a comprimentos incríveis, viajam grandes distâncias, por alguma palavra de consolo e contacto com os seus entes queridos. Um consulente veio de tão longe quanto a Austrália, ficou apenas um dia e regressou imediatamente a casa. Uma bela maharani, de luto pelo marido falecido, enviou uma mensagem por avião e mandou-a entregar por um mensageiro especial. Quando não pode vir a Inglaterra, telefona da Índia. Uma mãe cujo filho se perdeu quando o submarino americano *Nautilus* desapareceu vem do meio-oeste americano em busca de consolo. Cito estes exemplos apenas para sublinhar quão importante é a comunicação com o Outro Lado no auxílio à reconstrução de vidas despedaçadas, e a que níveis a comunicação com o Invisível é valorizada por pessoas responsáveis e reputadas.

O marechal do ar Lord Dowding morreu em março, e foi realizado um esplêndido serviço memorial em honra da sua «Vitória da Batalha de Inglaterra» na Abadia de Westminster. Foi uma ocasião sem precedentes para um espiritualista ter serviços na abadia. As suas cinzas seriam depositadas sob a Janela Memorial da Batalha de Inglaterra na abadia, mesmo por baixo de um buraco aberto na parede por um fragmento de uma bomba alemã.

A congregação que se reuniu para o serviço memorial incluía marechais do ar, representantes da rainha, da rainha-mãe, do primeiro-ministro e muitas pessoas ilustres. Um piloto da Batalha de Inglaterra transportou as cinzas de Lord Dowding, e ele teve uma guarda de honra completa de pilotos veteranos da Batalha de Inglaterra.

Quando o serviço começou, desenrolou-se diante dos meus olhos uma visão em cores gloriosas. Primeiro vi uma formação de aviões a sobrevoar. Depois, Lord Dowding apareceu entre dois vasos de rosas no altar, em sentido, a saudar. Estava radiante e parecia trinta anos mais novo — como devia parecer durante a Batalha de Inglaterra. Depois, à medida que a música do órgão se elevava, centenas de rostos espirituais pertencentes a antigos membros da RAF formaram-se em nuvens à sua volta.

Algumas semanas mais tarde recebi um telefonema da Sra. Ralph Blenham-Bull, uma querida amiga que acabara de regressar do Egito. Sarah, ou Pinky, como é conhecida por todos os amigos, é filha de Lady Gordon, famosa líder do movimento de proteção dos animais. Lady Gordon fundou o *Brooke Hospital for Animals* em Cairo. A Pinky veio tomar chá, trazendo como prenda uma bela pedra esculpida do templo da princesa Hatchepsut, que remonta à XVIII Dinastia, o primeiro grande florescimento da arquitetura egípcia. A Pinky tinha uma pedra semelhante para si.

As pedras tinham grande significado simbólico para a Pinky porque tanto ela como o marido, Ralph, antigo arquiteto que agora estava no Outro Lado, acreditavam ter tido uma encarnação anterior no Egito durante a XVIII Dinastia, quando o Ralph teria sido um arquiteto notável — facto que lhes foi transmitido originalmente pela médium Geraldine Cummins em escrita automática. A Pinky diz-me que o Ralph confirmou esta reencarnação em sessões de transe comigo. Em todo o caso, fiquei muito contente com a pedra.

Pois bem, tomámos o chá e pusemos a conversa em dia, e, quando chegou a altura de ela partir, a Pinky procurou a sua pedra do templo. Não a encontrámos. Revirámos a sala, procurámos por toda a casa; a pedra tinha desaparecido. Tive de concluir que simplesmente se sumira.

Oito semanas depois, a pedra reapareceu, pousada mesmo no meio da sala, sobre a nossa lareira de azulejo. Telefonei à Pinky e disse-lhe que a pedra tinha voltado. Foi-nos dito numa sessão de transe que a pedra estava agora dotada de propriedades de cura, pelo que ela a levou para casa e

experimentou-a num cão com uma forte coxeira. O cão recuperou. Depois experimentou-a numa pessoa com uma erupção grave, e essa desapareceu. Os resultados do uso da pedra testemunham a verdade revelada em transe.

Em julho, a *Churches' Fellowship* e a *Spiritual Frontiers Fellowship* realizaram a sua primeira reunião conjunta britânica e americana no Kensington Close Hotel. O Rev. Paul Higgins, pastor da *Richards Street United Methodist Church* de Joliet, Illinois, liderou a delegação de cinquenta e três americanos. Para Higgins, o primeiro presidente da SFF e um dos seus fundadores, este encontro das duas associações da Grã-Bretanha e da América foi a realização de um sonho acalentado há muito.

Tive uma longa conversa com o reverendo Sr. Higgins, um pastor sensível e compassivo e um curador dotado, sobre como iríamos lidar com a procura de sessões privadas que certamente surgiria. O programa da conferência apresentava dez sensitivos destacados como oradores convidados, mas apenas um deles era médium, e com apenas nós os dois, antevia que teríamos as mãos cheias.

O Higgins descreveu o grande número de pais enlutados na delegação, alguns dos quais tinham feito grandes sacrifícios financeiros para vir a Inglaterra com a oportunidade de se sentar com um médium e comunicar abertamente com os seus entes queridos. Por fim, definiu um número de famílias e pais individuais que receberiam sessões. Como é habitual, o Outro Lado fez algumas alterações no programa delineado pelo Rev. Sr. Higgins.

Havia, no Outro Lado, aqueles tão ansiosos por comunicar com os seus queridos que abriram eles próprios as portas e arranjaram as coisas de modo a conseguirem passar. Este fenómeno não é invulgar, mas muitas vezes é ignorado. O Outro Lado pode estar tão ávido de comunicar como os enlutados deste lado. Quanto a mim, nestas situações invoco os meus auxiliares espirituais para me conduzirem até aos que mais precisam. Eles nunca me falham.

Cada mês parecia trazer novas surpresas. Em setembro fomos visitados por três senadores que vieram a casa para sessões. Dois quiseram permanecer incógnitos. O terceiro foi o senador Harold Hughes, acompanhado da esposa. O senador declarou, com coragem e abertamente, a sua crença na sobrevivência e disse à imprensa que se sentara com médiuns e comunicara com o seu irmão falecido. Ele e a esposa assinaram o meu livro de visitas. O senador é membro da *Spiritual Frontiers Fellowship* e pertence à nossa *British*

Society for Psychical Research. Já falou na igreja do reverendo William Rauscher e para outras igrejas e grupos da SFF. Que este homem, profundamente espiritual e dotado de sensibilidade psíquica natural, deva considerar estas qualidades como handicaps em vez de ativos ao aspirar à Presidência é um triste comentário sobre o nosso tempo. Afinal, Abraham Lincoln teve um médium sentado com ele na Casa Branca, e George Washington teve visões — e ambos foram grandes presidentes americanos.

O reverendo Robert Lewis conta esta história maravilhosa sobre o poder psíquico do senador Hughes: Tivemos o senador Hughes e um dos seus assessores para jantar em casa do Bill Rauscher antes de ele falar ao nosso capítulo de South Jersey da *Spiritual Frontiers Fellowship*. Depois do jantar, entreguei-lhe uma fotografia da minha avó, uma fotografia que alegadamente chorara lágrimas de água no meu último ano no seminário, quando passei no exame. A minha avó criara-me e éramos muito próximos.

Quando o senador Hughes pegou nesta fotografia e a segurou, disse que esta mulher tinha sofrido uma queda terrível — de um segundo andar. Era verdade: ela caíra por uma escadaria inteira desde o segundo andar. O senador disse que ela era uma mulher que, pensava ele, tinha grande fé e uma alma maravilhosa. Disse também que tivera muito a ver com a minha vida. Tudo isto era verdade. A minha avó era batista galesa e uma mulher muito religiosa, de oração, e teve uma influência tremenda na minha formação. Os galeses são muito psíquicos, e a minha avó e a irmã também o eram. Tenho a certeza de que foi por isso que quis entrar no ministério e tenho estado tão interessado no místico.

Depois, o senador descreveu o meu carrinho e disse que me via a apanhar algo preto — como carvão — e a pô-lo numa caixa. Isto também era verdade. Pois bem, isso foi tão vívido como um dia da minha infância. Eu tinha de apanhar carvão porque éramos muito pobres, e o meu carrinho era uma engenhoca caseira, com uma tampa de caixa. Contou-me outras coisas sobre a nossa família e sobre mim — todas verdadeiras. Foi algo muito espontâneo, e eu diria que o senador tem grandes poderes psíquicos.

Duas semanas depois das visitas dos senadores, voltei um dia das compras, desci do autocarro com os embrulhos e encontrei uma senhora idosa sentada no nosso muro divisório. Ela disse: «Sou a sua consulente.» Bem, eu não a esperava, mas não havia nada a fazer senão convidá-la a entrar. Tinha havido um mal-entendido. A Rosalind Heywood telefonara a pedir-me que visse uma

amiga. Sugeri que a amiga me ligasse. Uma senhora telefonou logo a seguir e pediu uma marcação. Pedi-lhe que voltasse a ligar às cinco horas, pois estava a sair naquele momento. A interlocutora interpretou mal o que eu disse sobre voltar a ligar e veio de táxi.

Claro que eu não sabia quem ela era. É mais fácil trabalhar no que chamo «solo virgem». A sessão correu muito bem, e a senhora perguntou se me podia ver de novo. Marcámos outra sessão, e durante a segunda eu estava em transe. Após a sessão a senhora disse-me que era a Sra. Frances Bolton e assinou o livro de visitas. A Sra. Bolton, que afinal é a antiga congressista do Ohio, disse a Ruth Brod, quando mais tarde foi entrevistada em Washington, D.C., que fora pressionada a ver um médium por Eileen Garrett, a grande médium americana que dirigia a *Parapsychology Foundation*. Eileen falecera a 15 de setembro de 1970. A Sra. Bolton e a Sra. Garrett eram amigas chegadas e a Sra. Bolton tem sido uma importante patrona financeira da fundação.

«A Eileen Garrett tinha morrido havia apenas uma semana quando comunicou através de Ena Twigg», disse a Sra. Bolton à Ruth. «Aparentemente, estava muito ansiosa por me contactar antes de eu deixar a Inglaterra e regressar à América. Tive duas sessões. A Sra. Twigg estava em transe durante a segunda. Foram altamente probatórias e eu soube que era ela. Todos os seus maneirismos, a maneira como falava — tive a certeza de que era a Eileen. Estava muito preocupada com o trabalho e com a fundação — queria assegurar-se de que continuaria.»

A Sra. Bolton desenvolvera o seu interesse pelo psíquico na infância, interesse que partilhava com o pai. O pai conhecera Mme. Blavatsky e Annie Besant e tinha uma grande biblioteca sobre Teosofia. A jovem Frances costumava subir a uma escadinha para ler esses livros e outros sobre temas metafísicos, que estavam guardados na prateleira de cima. Uma vez, quando o pai partia para a casa deles na Flórida, disse-lhe que acreditava na sobrevivência: «Nada se desperdiça no universo.»

Anos depois, Frances conheceu Eileen Garrett, e a amizade reavivou o interesse da Sra. Bolton pelo psíquico e pela mediunidade. «A Eileen Garrett ajudou-me imenso», disse a Sra. Bolton. «Por vezes, quando eu descia ao poço do Congresso, mal sabia o que tinha dito até o ler no *Congressional Record*. As minhas palavras pareciam vir de outro mundo.»

É um facto histórico que a Sra. Bolton deu o voto decisivo ao *Lend-Lease Act* de 1941, medida que tanto ajudou a Grã-Bretanha nas suas horas mais

sombrias durante a guerra. Foi um dos guias de Eileen que ajudou a Sra. Bolton a decidir apoiar o Presidente Franklin D. Roosevelt e votar a favor do *Lend-Lease* em vez de contra, como fizeram outros republicanos.

Parecia ser a semana em que médiuns do Outro Lado queriam comunicar. O Harry e eu visitámos o círculo doméstico de Hannen Swaffer, em que Maurice Barbanell serve de médium, em honra do trigésimo oitavo aniversário de casamento de Sylvia e Barbie, que calhava no dia seguinte. Inesperadamente, entrei em transe, e Helen Hughes deu-nos a mais longa comunicação espiritual que tivemos dela desde que partiu. Helen pôs todos a rir quando disse aos onze participantes que «o vosso trabalho é ensinar as pessoas a viver. Depois, nós tratamos delas quando morrem.» Houve muitas mensagens pessoais, incluindo felicitações para o casal aniversariante.

Depois Helen disse: «Estar morto não é fácil. É como voltar à escola, porque tens muito para aprender... É um trabalho dos diabos. Se pensas que só tens de trabalhar enquanto tens um corpo na Terra, então não sabes o que te espera.» Helen concluiu com a sua bênção: «Peço ao maior de todos os poderes que receba as ofertas dos vossos corações, mãos, mentes e esforços, para que sejam abençoadas e os resultados fluam para o bem da humanidade.»

O ritmo da mudança está a acelerar. Nos últimos anos tenho participado em conferências de igrejas, mas agora chegam convites de escolas de formação de professores, de universidades, de todo o tipo de escolas de braços abertos a dizer: «Venha falar connosco.» Os intelectuais que há pouco tempo troçavam agora dizem: «Venha falar connosco», ou, «Podemos ir falar consigo?» Para mim, isto é muito significativo e importante, e são estes os convites que estou a aceitar, porque é assim que conseguimos chegar a mentes jovens que ainda não ficaram rigidamente fixas em determinadas formas de pensar. Isto não poderia ter acontecido há uns anos.

No ano passado trabalhei com um grupo talentoso que produzia um programa especial de quarenta e cinco minutos chamado «Things Unseen» para a London Weekend Television. Tive o programa inteiro a meu cargo, e isso exigiu muitas reuniões à medida que investigavam o tema. Via-se que eram céticos no início, mas, com o passar das semanas, e à medida que ouviam as gravações da comunicação com o bispo Pike e outros materiais, o cepticismo derretia visivelmente. Disse-lhes: «Nada vai travar isto agora; foi

demasiado longe, demasiado fundo e demasiado amplo. Finalmente, a mensagem do outro mundo começa a ter impacto.»

21

CONCLUSÃO

O que é que estamos a provar através da mediunidade? A sobrevivência da personalidade individual após a morte? Certamente. Mas as implicações desse facto são imensas e deveriam afetar todas as facetas da vida. Temos gosto em ser instrumentos de consolo para os enlutados, dando-lhes provas de sobrevivência; porque, se confortas uma pessoa enlutada, dando-lhe uma perceção da intercomunicação possível entre os dois mundos, ela sente um sentido de responsabilidade. Os efeitos do seu novo pensamento influenciarão outras pessoas em círculos de iluminação cada vez mais amplos.

Tentamos pôr os enlutados de pé e dizer: «Segue em frente e usa este conhecimento.» Quanto mais depressa eu conseguir deixar de ser necessária, mais feliz fico. Não permito que as pessoas usem a mediunidade como muleta; ela tem de ser um desafio. Há um certo número de pessoas que vejo cerca de uma vez por ano e que se sentam por uma questão de cortesia para com o Outro Lado. Pelo menos damos ao Outro Lado uma oportunidade de falar connosco. Mas não há força compulsiva nisto; os consulentes não são dependentes. Tenho amigos queridos que vêm da Nova Zelândia de quatro em quatro ou de cinco em cinco anos e conseguem retomar de onde ficaram na última sessão com os seus entes queridos.

As pessoas tentam prender os sensitivos a uma roda de prova contínua. É essencial, em primeiro lugar, que as pessoas recebam prova, mas depois disso há todo um manancial de informação sobre muitos assuntos que se pode obter usando a mediunidade noutros níveis. O propósito da comunicação é dar às pessoas uma ideia da sua verdadeira identidade e do verdadeiro propósito de viver.

Estamos a procurar levar as pessoas a compreender que não são apenas carne e osso capazes de olhar e ver. Os cinco sentidos vão para além disso. Somos muito, muito mais, e todos temos uma centelha de divindade dentro de nós. Quanto mais funcionarmos num nível mais elevado de consciência, mais sintonizados ficaremos com as forças superiores. O nosso propósito é tornar os homens espiritualmente conscientes.

Vejo isto como a morte de uma certa era — a morte de uma época. A ciência fez o melhor e o pior, sem resolver muitos dos problemas do mundo. Em alguns aspetos, agravou-os. É verdade que os homens agora podem ir à Lua, e alguns são até inteligentes o suficiente para tentar experiências de PES em telepatia durante a viagem. Contudo, ninguém resolveu os problemas dos milhões de famintos; ninguém conseguiu derrubar a barreira entre cor, classe e credo. Isto tem de acontecer. Este é um passo necessário.

E se estiveres a pensar como podes ajudar a curar os males do mundo, partilho contigo uma lição que me foi ensinada durante algumas das minhas experiências fora do corpo. Vi duas enormes montanhas negras e, entre as duas, vi um homem com a cabeça entre as mãos. Era uma visão absolutamente terrível e deprimente. E eu disse ao espírito que estava comigo: «O que se passa com ele?»

E o espírito respondeu: «Ele fez para si essas duas montanhas. São a Dúvida e a Ganância, e até que ele se ajuste, não verá luz nenhuma.» E vi as pessoas do Outro Lado a enviarem os seus pensamentos para esta alma perdida, para que ela voltasse a ver a luz.

E, de novo, foi-me mostrado um grupo de pessoas — cerca de duzentas. E o meu comunicador espiritual disse: «Olha para elas!» Olhei, e raramente vi gente mais triste e infeliz.

«O que é que se passa com elas?», perguntei.

«Vamos enviar-lhes pensamento para que a situação presente possa ser remediada. Todos nós vamos emitir estes pensamentos para que elas se voltem para um novo entendimento.» E, enquanto observava, vi essas luzes como minúsculos fios dourados a serem enviados para aquelas pessoas infelizes que se encontravam num estado muito cinzento e sombrio. Passado um pouco vi pequenos diamantes de luz por cima das cabeças dessas pessoas e, à medida que as luzes se assentavam sobre as suas cabeças, vi os iluminados destacarem-se do restante grupo de pessoas egoístas e aproximarem-se gradualmente dos que, do Outro Lado, tinham estado a concentrar neles os seus bons pensamentos.

O pensamento pode influenciar governos. Se ao menos conseguíssemos agarrar um momento, dois minutos, meia hora, como a preocupação que o mundo sentiu pelos astronautas americanos quando tentavam encontrar o caminho de regresso à Terra! E o que é a oração senão pensamento

devidamente dirigido? Assim, quer as pessoas soubessem quer não, estavam a convidar e a pedir a Deus que trouxesse os astronautas em segurança de volta à Terra, se fosse essa a Sua vontade. Esta é a condição. Depois os astronautas ficaram a salvo e toda a gente respirou de novo, mas no dia seguinte todos voltaram às suas preocupações egoístas, aos seus jogos e aos seus carros. Por um momento, porém, o mundo foi um só.

Se os homens e as mulheres do mundo parassem para respirar e pensassem em algo que não neles próprios, se por um instante conseguissem pensar e sentir que eram um com todas as outras pessoas, plantas, animais, montanhas, ribeiros, estrelas no céu, então poderíamos banir guerras, preconceitos e pobreza. É para isso que aqui estamos — para encontrar uma verdadeira fraternidade humana.

O passo seguinte é livrar o mundo de todos os equívocos e desconfianças, da guerra e dos instrumentos de guerra, e das pessoas que enriquecem fabricando instrumentos de guerra. Vejo a turbulência em que vivemos como o esforço do homem para se purificar e encontrar algo de valor. Ele não quer um rótulo — muçulmano, hindu, cristão, judeu, negro, branco, amarelo ou castanho. Ele quer dizer: «Sou um ser humano — e sou parte de Deus.» O homem precisa libertar-se das amarras que criou para si. De toda esta agitação nascerá a nossa nova era — a Era de Aquário. Creio que já começou.

Creio que a inquietação dos jovens indica a rejeição de padrões que a pessoa comum tem aceite como norma. Acredito que procuram algo de valor. Procuram um nível mais elevado de consciência e, agora, muitos estão a voltar-se para Deus — um Deus sem rótulos, porque os jovens não os querem nem precisam deles. E são estes os que eu vejo para o futuro. A juventude quer saber. E a juventude quer segurança, não em termos de uma boa casa, um carro, um casaco de peles, mas em termos de receber e dar amor desinteressado.

E eu gostaria de dizer aos jovens que possam ler este livro, os jovens que andam à procura de respostas mas às vezes não sabem como fazer as perguntas nem que perguntas fazer — comecem primeiro pela profunda pergunta oriental: «Eu sou. Quem sou eu? O que sou eu?» Meditem e pensem. Leiam os muitos excelentes livros sobre estes temas. Procurem lugares onde possam prosseguir a vossa investigação; formem ou integrem grupos onde estas coisas possam ser discutidas e debatidas e onde experiências possam ser realizadas nas condições adequadas. Estudem as obras de grandes

mentes que investigaram este assunto e que descobriram que tudo isto é verdade.

Conheço muitos jovens fascinados por fenómenos psíquicos, mas aconselho-os a evitar aquelas formas fúteis e por vezes absurdas de contacto, extremamente perigosas, como virar-mesas, tabuleiros Ouija, experiências de alfabeto com copos. Suplico-vos que façam isto da maneira certa. Sempre houve e haverá, em cada geração, algumas pessoas que nascem com um grau operacional de perceção psíquica. Muitos terão esse dom até certo nível, mas, seja qual for o grau, o dom tem de ser cultivado e polido. Verdade, exatidão e dedicação são absolutamente essenciais e vitais.

Se tiverem mesmo de experimentar, pode fazer-se um trabalho muito útil, nas fases elementares, com psicometria. Um grupo de pessoas coloca vários objetos numa bandeja. Ninguém na sala deve saber a quem pertencem esses objetos ou nada sobre a sua história. Liguem um gravador. Depois, cada um no grupo pega num objeto e despeja o que lhe surgir imediatamente na cabeça, sem pensar conscientemente. Mais tarde, passem a gravação às pessoas que colocaram os objetos na bandeja e verifiquem os acertos e as falhas. Este é um meio muito bom de descobrir que pessoas têm um grau de sensibilidade que pode ser desenvolvido e alargado. Muitas pessoas têm capacidades psíquicas latentes que podem estar soterradas pela vida ou pelas circunstâncias, mas, com a compreensão e o encorajamento certos, podem ser desenvolvidas.

Mas não se deixem enganar nem se ocupem demasiado com fenómenos psíquicos. Os fenómenos psíquicos só são importantes se vos conduzirem à busca e ao crescimento espirituais. A pessoa comum, vivendo em níveis correntes de preocupação com quanto dinheiro tem no banco, está a desconsiderar a parte mais importante da sua natureza interior. Somos espírito, mente e corpo — por essa ordem e não ao contrário — e é o espírito que é a essência de Deus e que continuará a viver. Deus ajude quem negar isto, porque todos passaremos, e então descobriremos que continuamos a ser nós próprios e que as nossas almas são a soma total do nosso caráter — das nossas vidas aqui e das nossas vidas anteriores. A única parte que a pessoa perde é a parte terrena que andou tão preocupada com as suas aquisições e apetites. E, quer aceites e acredites nisto ou não, não importa; não podes morrer pela tua própria vida!

A coisa que deveríamos esforçar-nos por ensinar aos jovens é a pensar de forma positiva e construtiva, a pensar em toda a beleza do mundo. Porque todos cocriamos o universo com Deus.

Creio que as mortes que morremos neste corpo são as primeiras de muitas mortes. Creio que, no mundo maior do Outro Lado, passamos por um processo gradual de purificação e, à medida que nos preparamos para largar cada parte negativa da nossa natureza, tornamo-nos cada vez mais conscientes do quanto mais há por que trabalhar. Deixamos parte do eu para trás — o egocentrismo e o interesse próprio — e tornamo-nos gradualmente cada vez mais iluminados.

Foi-me dito por aquele belo espírito Sally (a filha de Rosamond Lehmann) que é como arcadas de luz. Ao passares por cada uma para a arcada seguinte, tornas-te consciente de uma luz mais forte adiante, que te estimula a atravessar a próxima arcada. Para além de cada arcada há sempre mais luz e sempre maior entendimento. Isto traz-te de volta a uma religião universal. Estamos todos ligados, na busca de Deus. Há um belo provérbio índio antigo que diz: «Deus expirou, e o homem foi criado. Deus inspirou, e o homem começou a sua viagem de regresso à sua origem.»

PARTE II

DOS CONSULENTES

INTRODUÇÃO

Um dos grandes obstáculos que têm de ser superados ao escrever sobre a obra de vida de uma médium e ministra é a confidencialidade do material e a sua natureza altamente pessoal. A Sra. Twigg não divulga, em circunstância alguma, as confidências dos seus consulentes. Esse material pertence-lhes.

Foi, por isso, necessário obter tanto a permissão como a cooperação ativa dos muitos clientes agradecidos que nos enviaram as suas gravações em fita das sessões, as suas notas e avaliações para inclusão nesta obra. Estamos-lhes gratos pela colaboração e pelo esforço. Acreditamos que estão a dar uma valiosa contribuição aos anais da investigação psíquica e que estão a promover a compreensão do papel único da mediunidade.

R. H. B.

O OUTRO LADO AGE

Existem muitos casos em que o Outro Lado força a ação — a ocorrência de fenómenos paranormais ou distúrbios que impelem alguém a procurar uma médium e, assim, abrir a comunicação. Foi o que aconteceu com o filho do Bispo Pike, Jim — o rapaz causou uma grande quantidade de atividade poltergeist até que o bispo, em desespero, recorreu à Sra. Twigg. Os exemplos seguintes ilustram este fenómeno.

O REGRESSO DE BERT LAHR

O amado comediante Bert Lahr adoeceu em 1967 durante a rodagem de um filme e foi levado a um hospital em Nova Iorque com gripe. Não se considerava tratar-se de uma doença grave e, quando faleceu treze dias depois, com setenta e dois anos, a sua dedicada esposa, Mildred Lahr, ficou prostrada de dor.

"Quase tive uma quebra nervosa", confidenciou a Sra. Lahr. "E depois, para piorar tudo, começaram a acontecer coisas assustadoras. Cerca de doze vezes, três meses após a sua morte, a cama tremia e eu sabia que era ele. Morria de medo. Depois foi piorando. Houve uma noite em que foi tão violento que tive de me segurar na beira do colchão para não cair da cama. Tudo o que conseguia fazer era rezar o Pai Nosso e fechar os olhos porque estava em pânico.

"Não podia contar a ninguém, porque iam pensar que eu estava louca. Tinha a certeza de que era o Bert. Finalmente contei à minha filha, mas nunca mencionei nada ao meu filho, John. Mais tarde contei à Ena Twigg, quando estava a visitar alguns amigos em Londres. O meu John estudava em Oxford, por isso Londres era como uma segunda casa para mim. Ia e vinha muitas vezes. Não contei nada à Ena da primeira vez, mas contei da segunda. Sabem que ela não nos deixa falar. Temos de nos sentar e ouvir.

"Na primeira vez, entrei a frio, e foi um milagre ela sequer me receber. A Ena não estava a ver pessoas nessa altura. Isto foi em outubro, logo a seguir ao caso do Bispo Pike, e ela tinha pilhas de cartas na secretária, quase até ao teto. Mas a sua amiga Rosamond Lehmann telefonou por mim. Eu tinha conseguido o número na Associação para a Pesquisa e o Esclarecimento. A

Rosamond telefonou ao Harry, marido da Ena, e finalmente deram-me uma marcação. Eles não sabiam quem eu era nem nada a meu respeito.

"Vi a Ena duas vezes: em outubro de 1969 e a 16 de junho de 1970. Ambas as vezes tive contactos maravilhosos. É uma grande perda viver sem o Bert, mas a Ena tornou a vida suportável desde então.

"Houve um dia, em setembro passado [1970], em que fui a uma festa e desmaiei. Andava com alguns problemas de coração e estava deitada na cama, cheia de pena de mim própria, triste. De repente senti o braço dele a envolver-me e a levantar-me, e percebi que não estava realmente sozinha — o Bert estava lá.

"Na primeira sessão, que durou duas horas, a Sra. Twigg disse-me: 'Este homem é muito bem-humorado nas respostas', o que era bem característico do Bert. Houve muitas pequenas coisas que ninguém no mundo sabia… Disse à Ena que estávamos casados havia vinte e cinco anos, o que era verdade, e que me dava sempre rosas vermelhas, o que também era verdade — tudo coisas que ela nunca poderia saber em um milhão de anos.

"Numa gaveta do meu armário tinha o segundo par de dentaduras postiças do Bert. Ele disse para eu me livrar dessas dentaduras que estavam na gaveta do meu armário. Não é espantoso? Ninguém no mundo sabia que eu tinha aquelas dentaduras ali, eu é que não tinha coragem de as deitar fora.

"O Bert disse-me na primeira sessão que não queria deixar-me e que ficou assustado quando partiu. Contou que entrou numa enorme, enorme área, como uma sala imensa, e não sabia o que fazer. Estava assustado e em pânico. Encontrou alguns amigos, amigos em espírito. Perguntei-lhe com quem estava e quem tinha encontrado. Estava com a minha mãe e com a mãe dele.

"O Bert sabia que eu estava muito preocupada com a nossa filha, que tinha grandes infelicidades no casamento. Disse que a Jane era uma rapariga bonita e chamou-lhe 'o seu bebé', o que era muito típico dele. Disse que ela tinha mãos lindas e que as devia usar a trabalhar em sabão. Ele queria dizer escultura, mas eu percebi, porque ele tinha feito uma cena num salão de beleza onde uma rapariga esculpia em sabão, e a nossa filha tem muito talento como escultora. Aconselhou-me a não pressionar a Jane em relação ao casamento, mas a simplesmente dar-lhe a chave do apartamento e deixá-la voltar quando quisesse.

"O Bert gostou do livro que o John escreveu sobre ele, Notes on a Cowardly Lion [*], mas disse que achava que podia ter sido mais longo. Tinha havido algumas discussões sobre cortes com os editores.

"A segunda vez que vi a Sra. Twigg foi quando fui a Inglaterra ajudar uma amiga que tinha perdido o marido. Enquanto lá estava, a irmã da minha amiga, Olga, morreu. A Olga tinha um namorado chamado David. Dois ou três dias depois da sua morte tive a minha segunda sessão com a Ena. Uma voz feminina insistia em tentar passar, disse-me a Ena. 'Conhece alguém chamado David?', perguntou-me.

"A Sra. Twigg disse que a mulher queria dizer ao David que o amava muito, mas que estava tão doente, com um problema no fígado, antes de morrer, que não conseguiu dizer-lhe. Tinha de ser o David da Olga, porque não havia mais ninguém no mundo que pudesse saber disso.

"Depois apareceu a minha mãe, a chamar o nome Helena. Eu disse à Sra. Twigg que a Helena é minha irmã, e ela deu-me uma mensagem da minha mãe para ela.

"A minha vida é hoje mais suportável e já não me sinto tão terrivelmente sozinha. Consegui retomar o meu trabalho e a minha atividade de caridade. Nunca tive pena das viúvas antes, mas digo-vos, agora o meu coração sangra por elas.

[*] John Lahr (New York: Alfred A. Knopf, Inc., 1969).

"Durante a segunda sessão perguntei ao Bert porque é que me tinha assustado tanto, e ele respondeu através da Sra. Twigg que só queria que eu soubesse que estava lá e que estaria sempre ali a cuidar de mim. Ainda nessa sessão — imagino que o Ed Sullivan ficaria surpreendido se eu alguma vez lhe tivesse contado isto — o Bert pediu para lhe mandar cumprimentos.

"Mas a coisa mais maravilhosa de todas que aconteceu foi que, quando o Bert me disse que estava com alguns familiares, perguntei-lhe se tinha visto a Mercedes, a sua primeira mulher, que já tinha falecido há algum tempo. E o Bert disse que não, e de qualquer forma, disse-me, eu é que era a sua escolhida, eu era o seu amor. Disse que estaria à minha espera quando eu desse o meu passo."

John Lahr enviou a Ena Twigg um exemplar do seu livro sobre o pai, com a dedicatória: "Obrigado por ter sido tão amável para com a minha mãe."

EVIDÊNCIAS DE SOBREVIVÊNCIA

DE

EDGAR CAYCE E DAVID KAHN

David Kahn conheceu Edgar Cayce pela primeira vez aos quinze anos, em Lexington, Kentucky. Apesar das diferenças de idade e de percurso, nasceu entre ambos uma amizade para toda a vida e, ao longo dos anos, estavam destinados a desempenhar papéis significativos nas vidas um do outro. Numa leitura em transe, Cayce disse que ele e David tinham estado estreitamente ligados ao Templo no Egito antigo, numa encarnação anterior, e que isso explicava em parte o seu apego quase imediato — um laço que cresceu com os anos e parece ter perdurado para além da morte.

David Kahn prosperou e tornou-se um empresário bem-sucedido. Ajudou a fundar a Associação para a Pesquisa e o Esclarecimento e a Fundação Edgar Cayce, tornando assim possível que o clarividente se dedicasse inteiramente ao seu trabalho de cura em transe.

A esposa de David, Lucille Kahn, que gozava de uma promissora carreira profissional no teatro, contracenando com atores importantes como Otis Skinner e Lionel Barrymore, abandonou a cena, tal como lhe fora sugerido numa leitura de Cayce, e também ela dedicou os seus consideráveis talentos à associação (a ARE). Foi uma presidente, programadora, membro do conselho e anfitriã muito eficaz para os muitos cientistas, filósofos e investigadores interessados em Cayce, na parapsicologia e no metafísico.

Pouco antes da sua morte, já nos setenta anos, há alguns anos, David concluiu a redação do seu livro My Life with Edgar Cayce.

"O David e eu tínhamos combinado", explicou Lucille, "que, fosse qual fosse o que atravessasse primeiro a barreira, o outro registaria nos últimos momentos quaisquer pensamentos ou visões que pudessem ser verbalizados. O David dizia sempre que era a sua 'intenção e propósito', ao partir, se fosse possível, romper a barreira. Ele fê-lo; queria provar a sobrevivência."

"Pouco antes de entrar em coma, disse-me: 'Aponta!'

Depois, com uma voz distante, diferente da sua, uma voz que parecia emanar de outro reino, disse: 'Diz-lhes que é verdade — existe vida depois da morte.'

"Após o funeral do David em Lexington, Kentucky, eu e um dos meus filhos regressámos a Nova Iorque, à casa onde vivêramos durante vinte e quatro anos. O meu outro filho e a família voltaram para a sua casa em Atlanta. A esposa e os filhos do Dick estavam em casa para nos receber. Na manhã seguinte, por volta das seis, o nosso aquecedor a gás, que era automático, ligou-se. Nesse dia, pela primeira vez em todos aqueles anos, foi acompanhado por pancadas nos radiadores. Era tão alto e insistente que me levantei e fui ao quarto ao lado, depois ao piso seguinte, depois subi e desci todos os cinco andares e finalmente à cave. Todos os radiadores batiam. O barulho era alto e insistente. Olhei para a caldeira. Tudo parecia em ordem, e eu estava perplexa, para dizer o mínimo.

"Finalmente, o Dick desceu e perguntou: 'O que se passa?'

"Respondi que não sabia. Ele sugeriu que eu chamasse o técnico da caldeira, o que fiz. O serviço de mensagens disse que ele ligaria mal chegasse. Durante o dia todo o barulho continuou, intermitente, e a certa altura a minha nora Judy disse: 'Sabem, às vezes até parece quase um código.' Concordei — e comecei a ficar consciente disso.

[*] David E. Kahn (Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., Inc., 1970).

"Nessa noite, às sete, o Dick regressou do escritório. O telefone tocou, e o Dick atendeu. Precisamente nesse momento, da cave veio um som agudo e ensurdecedor, que era mesmo doloroso e assustador. Tinha-se a sensação de que uma explosão era iminente. Corri do rés do chão até à cave, o Dick atrás de mim, e quando cheguei ao último degrau percebi que não era a caldeira, mas a máquina de lavar roupa. Estava aos saltos, a dançar pelo chão fora, e parecia prestes a desfazer-se em pedaços. Claro que rodei o botão, e tudo parou.

"O Dick perguntou: 'O que é isto?'

"A máquina tinha uma carga leve de roupa — algumas coisas do David que tínhamos trazido do hospital. De repente fiquei submersa pela emoção e disse: 'Está bem, Dave, conseguiste, e estou feliz, mas não faças tanto barulho.' Deve ter estado a acumular-se em mim todo o dia, e naquele momento senti que o Dave tinha rompido a barreira.

“No dia seguinte, quando os técnicos vieram, um deles deu ao aquecedor um atestado de saúde perfeito. Não tinha nada de errado, nem nesse dia nem nos meses seguintes em que vivi naquela casa. Quanto à máquina de lavar, o técnico explicou que uma máquina pode ficar em desequilíbrio tanto com uma carga demasiado leve como com uma carga demasiado pesada. Isso pareceu-me sensato e válido. Depois de reparada, testei-a com a mesma carga leve, e o ciclo terminou sem incidentes. Repeti o teste com outra carga leve e não houve repetição de nenhum dos comportamentos estranhos que tinha mostrado antes.

“Nunca tinha estado verdadeiramente interessada no Espiritualismo, mas estava familiarizada com a literatura e até frequentara um curso com o Dr. Gardner Murphy, A Survey in Psychical Research, que incluía o estudo da Correspondência Cruzada, supostamente realizada pelos fundadores da Sociedade Britânica para a Investigação Psíquica para provar a sua sobrevivência após a morte. Apesar de a informação me ser familiar, não cheguei a nenhuma conclusão sobre a sobrevivência. Estava preocupada e interessada, mas tinha mais interesse pelo metafísico. É isso que torna os acontecimentos que acabei de relatar e a experiência que tive com a Ena Twigg ainda mais impressionantes.

“Pouco depois destes acontecimentos, a ARE lançou uma viagem à volta do mundo para encontrar os grandes líderes da parapsicologia e da metafísica na Europa, Ásia e Austrália. Fui persuadida a ir; o David e eu tínhamos planeado fazer a viagem juntos. A nossa primeira paragem foi Londres. Lá tivemos um simpósio de um dia inteiro com curadores e médiuns notáveis. Sem que eu soubesse, alguém do nosso grupo pediu à Ena Twigg, que fora oradora no programa, se estaria disposta a dar uma sessão a um membro da comitiva que tinha ficado recentemente viúvo. Depois de me informarem, hesitei por um momento, depois falei com Hugh Lynn Cayce, e ele incentivou-me a aceitar. Então fui ter com a Sra. Twigg e agradeci-lhe por se ter oferecido para o fazer.

“Creio que é importante salientar que ninguém em todo o grupo sabia dos incidentes em torno do estranho comportamento do nosso aquecedor e da máquina de lavar. O livro ainda não tinha sido publicado, e ninguém fora da minha família imediata e do coautor do David, Will Oursler, tinha conhecimento do episódio.

"Após a palestra da noite, a Ena Twigg levantou-se e acenou-me. Fomos para o átrio do hotel, e ali encontrei o Dr. Herbert Puryear, um psicólogo que dirige o departamento de educação da ARE. Pedi-lhe que viesse tomar notas. Assim, subimos ao quarto do Ruben Miller, e a Ena Twigg sentou-se, e eu perguntei-lhe: 'Como é que trabalho consigo? Vai para transe?'

"'Não da primeira vez', respondeu.

"Sempre a imaginei como um passarinho. É uma pessoa muito chilreante. Pediu-me algo que tivesse pertencido ao David, e por um momento não me ocorreu nada. Depois lembrei-me de que, pouco antes de partir, tinha levado uma pequena carteira que pertencia ao Dave. Era tão fina que pensei que podia ser útil, e pus na mala. Entreguei-lha.

"Quase instantaneamente inclinou a cabeça de lado, como um pardal, com o ouvido virado para cima, e disse: 'O que disseste? O que disseste?

"'Oh, partiu rapidamente! Um homem de grande integridade e verdade', disse ela, 'conhecia o Cayce antes de esta organização ser desenvolvida. Era metódico a escrever…'

"Depois veio uma declaração do Dave: 'Quero dizer-te, querida, que é cem por cento verdade… Tu és uma pedra angular da fundação… É verdade sobre a vida depois da morte…' Era a voz da Ena, mas parecia ser o David a falar. Depois a Ena Twigg deu-me uma série de factos — alguns dos quais repeti no epílogo do livro do David, My Life with Edgar Cayce.

"O David disse através da Ena Twigg: 'Quero dizer-te uma coisa. Logo que acabei com o meu corpo, pensei que tinha de voltar para lhes dizer que é verdade… Não chores. Isto é a obra de Deus em ação. Nunca te deixarei. Estou a ajudar-te a organizar os papéis.'

"Já perto do fim da leitura, toda a sua personalidade mudou de repente. Pôs as mãos nos ouvidos e exclamou: 'O que é isto? O que é isto? Barulho! Barulho!', e a sua voz foi subindo cada vez mais. Este crescendo prolongava-se, e de repente ela pousou as duas mãos sobre a mesa ao lado da cadeira. Disse: 'Está a mexer-se! Está a mexer-se! Bang! Bang! Bang!', e segurou a mesa com toda a força. Estava a reviver tudo o que tinha acontecido em casa dois meses antes.

"Eu disse: 'Bem, Dave, o que é que estás a tentar provar?'

"O David respondeu: 'Provar que estive lá. Estava a tentar dar-te o meu nome.' E disse: 'Isto é uma ruptura, e quero que me prometas que, quando voltares, retomarás as atividades psíquicas, porque quero dar-te uma experiência. Esta é a ruptura; observa o próximo passo. Tentei mover alguma coisa no quarto. Terias ficado surpreendida se eu tivesse aparecido?'"

"Senti que a sobrevivência era algo que o Dave desejava apaixonadamente provar; era algo que se vinha a acumular nele ao longo de toda a vida, e tínhamos falado interminavelmente sobre o trabalho desenvolvido pela Sociedade Britânica para a Investigação Psíquica. Sempre planeámos seguir algo chamado teste da combinação de fechadura e registar as nossas palavras-chave com o Dr. Ian Stevenson, mas depois o David adoeceu tão de repente que nunca chegámos a fazê-lo.

"O Edgar Cayce manifestou-se e discutiu os assuntos da ARE com o Dr. Puryear, mas eu não estava em condições de acompanhar a conversa, porque, enquanto a Ena estava a reencenar todo o episódio, a fazer todo aquele barulho, era como se o Dave tivesse voltado a comunicar. Foi uma experiência devastadora.

"Quando regressámos da nossa fascinante viagem, que nos levou pela Índia, pelas Ilhas Fiji e até à Austrália, tive muito pouco tempo ou oportunidade para prosseguir a comunicação com o David, pois tinha de ajudar o Will Oursler a concluir o livro do David. Depois tive de desmontar e vender a enorme casa na East Eightieth Street, organizar a confusão de papéis que ele deixara e encontrar um novo lar. Foi um tempo extenuante e difícil.

"Depois surgiu o livro do David, e os editores e a ARE pediram-me que falasse perante os seus grupos em todo o país e na rádio e televisão para estimular o interesse e a venda do livro. Para onde quer que fosse, os dois últimos capítulos do livro, nos quais conto a história dos fenómenos e a minha sessão com a Ena Twigg, pareciam ser o que mais interessava tanto às audiências como aos entrevistadores. Fizeram-me perguntas sem fim sobre a minha experiência pessoal e muitas perguntas sobre todo o tema da sobrevivência. Estava grata aos fundadores britânicos da Investigação Psíquica e ao curso de Gardner Murphy, ao trabalho do Dr. Ian Stevenson sobre reencarnação e a muitos outros livros que tinha lido sobre o assunto.

"Quando regressei da digressão, a ARE pediu-me para fazer uma nova volta pelo país, cobrindo os estados do sul, e, além disso, para lecionar um curso sobre sobrevivência. E foi isso que fiz em 1971.

"Todos os que conheceram o David Kahn sabiam que ele era um homem de grande energia, determinação, vontade indomável e coragem. Acreditava profundamente nas leituras de Cayce, em Deus, na verdade bíblica e na fraternidade humana. Acreditava na sobrevivência da alma e queria prová-lo. Creio que conseguiu."

ROSAMOND LEHMANN E SALLY

Quando existe amor e as condições são propícias, não há limite para o manancial de informação que pode ser obtido, acumulado e desenvolvido ao longo do tempo entre um consulente, uma sensitiva e um ente querido no Outro Lado. É uma comunicação a três. A Ena tem precisamente esse tipo de relação com uma das maiores romancistas inglesas, Rosamond Lehmann, e a sua filha, Sally. Pode sentar-se com a Rosamond e fá-lo há anos, desde que se conheceram em 1959. A Ena entra em transe, e a Rosamond e a sua filha, Sally, podem falar de um lado para o outro — tão naturalmente como se estivesse presente na sala — porque confiam mutuamente uma na outra. Há total simpatia e total confiança e, consequentemente, tudo pode acontecer.

A Sally consegue comunicar agora com a Ena tão facilmente que muitas vezes vem mesmo quando a Rosamond não está, se está preocupada com a mãe ou deseja transmitir-lhe alguma mensagem. É esta a confiança mútua que foi construída entre as três: a comunicadora, a sensitiva e a destinatária.

A Rosamond vem de uma família literária. O seu pai foi editor da Punch e escritor de poesia ligeira, além de membro liberal do parlamento. Escreveu vários romances de grande sucesso — The Ballad and the Source, Dusty Answer, Invitation to the Waltz, The Weather in the Streets, The Echoing Grove —, várias histórias curtas e uma peça de teatro. Mas tenho a certeza de que o livro que teve o impacto mais importante em muitas vidas, e que viverá para sempre, é The Swan in the Evening: Fragments of an Inner Life [*], um clássico e belíssimo relato do seu desabrochar espiritual após a morte da Sally e a sua descoberta de que a filha sobrevive e continua a viver.

"A Rosamond e a Sally são amigas queridas", diz muitas vezes a Ena. "Enriqueceram a minha vida, e sinto-me feliz por emprestar a minha voz e o meu corpo a esta jovem encantadora, para que ela possa continuar a comunicar com a mãe." Eis a história da Rosamond e da Sally, contada pela Rosamond.

[*] Rosamond Lehmann (New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1968).

"Foi a minha querida amiga Cynthia Sandys quem primeiro sugeriu que eu fosse a uma médium. A minha amada filha, Sally, tinha apanhado o ferry na véspera de São João, em 1958. Estava em Java com o marido — tinham casado havia menos de dezoito meses. Queriam uma vida diferente da da maioria dos jovens casais. Queriam aventura; queriam ir para o estrangeiro e aprender sobre outras terras e outros povos. Lembro-me de como o meu coração se afundava só com a menção da palavra 'Java' (suponho que tenha sido pré-cognitivo), mas havia uma vaga no British Council, e o Patrick e a Sally foram para lá viver. Ele iria ensinar línguas.

"Eu não sabia que ela estava doente — aconteceu tudo de forma tão cruelmente rápida. Tinha regressado da Ilha de Wight, onde estivera a trabalhar nas decorações da nova casa que construíra para a Sally e o Patrick e que estava a preparar como presente para eles — um lugar aonde pudessem regressar, um refúgio sempre à espera dos seus filhos. Cheguei a casa, em Londres, e lá estava o telegrama a dizer-me para ir e outro a dizer: 'NÃO VENHAS — A SALLY PARTIU PARA SEMPRE.' Foi poliomielite — uma doença tão breve.

"Não consigo falar dos dias e noites que se seguiram. Não há palavras para isso. Nunca haverá. Mas, na terceira noite, comecei a ter estas extraordinárias experiências de ruptura, e tudo o que conseguia dizer ao meu filho, Hugo, e às minhas irmãs era: 'Ela está aqui, ela está aqui, está viva.' Eles pensaram que eu enlouquecera, que tivera uma completa quebra de dor.

"Nunca fui, nem me tornei, aquilo a que chamam uma pessoa religiosa — pelo menos, não num sentido teológico ortodoxo ou de frequentar a igreja. No momento da morte da Sally, embora permanecesse teoricamente de mente aberta, tinha cortado de vez com qualquer forma de busca espiritual. Aqueles a quem eu respeitava eram quase todos, se não ateus convictos, então racionalistas, humanistas, materialistas, agnósticos assumidos.

"Por isso foi para mim muito surpreendente sentir que a Sally estava viva… que estava comigo. Embora não a visse de facto, sentia-a. E assim comecei a pensar que a morte não era nada do que eu julgava e que, como sabia que não podia viver sem ela, iria viver com ela noutro plano. Ora, isto foi para mim um choque total, completo e esmagador. Não sabia como lidar com isso. Mas continuei simplesmente a falar com ela. Posso dizer que atravessei a morte com ela porque sabia que estava em grande confusão e escuridão, porque

estava muito agitada e não esperava morrer — tal como eu não esperava que ela morresse.

"Duas semanas depois fui para o campo, e tive a grande experiência mística que descrevi no meu livro The Swan in the Evening."

"Duas semanas após a morte da Sally, uma amiga levou-me de carro até Oxfordshire para passar o fim de semana com amigos íntimos. A noite da nossa chegada foi passada a falar sobre a Sally. Todos a amavam profundamente. Comecei a sentir, algures em mim, um tremor de alívio e de reconforto porque pareciam acreditar em mim — acreditar genuinamente — quando eu insistia em que sabia que ela não estava morta, que estava perto de mim, tão viva como sempre.

"Mas eu não conseguia mencionar os fenómenos que sustentavam a minha insistência urgente na vivacidade da Sally… Foram fisicamente e, no entanto, não fisicamente experienciados. Por exemplo, creio que na terceira noite, enquanto jazia meio acordada, fui erguida, levantada em enormes asas para fora da minha masmorra mortal; ou talvez uma melhor descrição fosse a de que um grande sopro, vindo de uns foles gigantes, me levantou. Eu levava a Sally pela mão e demos um grande salto juntas. Noutra noite, pensei que alguém invisível a trouxera e a deitara serenamente ao meu lado na cama. Não a vi nem lhe falei, mas um sentido alargado do tacto informou-me de que ela estava deitada a meu lado durante algum tempo.

"Durante esse fim de semana, numa tarde, os meus amigos saíram para dar um passeio, deixando-me a descansar na cama. De repente, uma vibração clara e aguda, como o tinido de uma corda de harpa, atravessou-me os ouvidos. Pensei: Isto outra vez… O que será? Lembrei-me de que já o tinha ouvido, muito pouco depois de ter chegado a notícia. Mas desta vez, em vez de ser transitório, o som fixou-se num zumbido forte, ascendente e descendente, como o som de um pião a girar. Ao mesmo tempo, uma espécie de convulsão ou alarme atingiu-me o centro do coração, seguida de uma sensação de violenta tração nessa região.

"Como se estivesse presa a um fio invisível de papagaio de papel que me puxava para fora, para fora, para cima, comecei a ser forçosamente ejetada do centro do meu corpo. Sim, era como um paraquedas a ir no sentido inverso, e algo estava a ser puxado para fora, puxado para fora, e lembro-me de dizer a mim mesma: 'Isto é como um parto ao contrário.' É como trabalho de parto ao contrário. Saía do meu corpo em vez de produzir algo a partir do

meu corpo, e a coisa seguinte de que me lembro, depois de uma espécie de intervalo sem tempo, é que eu estava com a Sally. Ela estava de pé atrás do meu ombro, e conversávamos como sempre. Eu não a via. Ela encostou-se a mim e ria e falava com a sua própria voz — e as duas estávamos a observar o Patrick, o marido dela. Estávamos a olhar o seu rosto, que estava iluminado. Ele parecia muito belo, com o rosto todo luzidio. Estávamos a contemplá-lo e ele parecia adormecido, e lembro-me de pensar: Oh, está tudo bem, ele parece tão sereno; porque é que pensei que estava tão destroçado que não me atrevia a deixá-lo nem por uma noite? E ela estava — oh — a fazer piadas sobre ele, piadas ternas, como fazia muitas vezes. Dizia: 'Ele está numa tal atrapalhação — tem de fazer uma viagem, mamã, tem de fazer uma viagem.'

"E eu disse: 'Mas tu vais com ele, não vais?'

"E ela disse: 'Não, ele tem de ir sozinho e eu não consigo arrumar-lhe as coisas. Ele está numa confusão terrível e tu tens de o ajudar.'

"Ele de facto voltou a Inglaterra, e passámos quase todo o primeiro ano após a morte dela juntos. Ajudámo-nos um ao outro a atravessar isso. Obrigar-nos a pensar em outra pessoa salva-nos, e eu simplesmente tive de o fazer porque ele não teria conseguido — nem eu.

"Depois, por vezes — e cada vez mais à medida que os meses do primeiro ano passavam —, quando eu abria a porta do meu apartamento, um lençol de fragrância incomparável saudava-me. Essas emanações impregnavam todo o ar com uma doçura aromática não terrena, picante e, contudo, delicada e fresca, composta de lírios? cravinho? cravos? frangipani? — e algo de indefinível também.

"Não era só para mim, essa fragrância. Quero dizer que creio que teria sido perfeitamente percetível para outros, só que, tirando o Patrick, eu estava tantas vezes sozinha nesses dias.

"No entanto, lembro-me de que o Laurie Lee, o escritor e poeta, entrou certa noite e, ficando um tempo em silêncio, disse apenas três palavras: 'Agora acredito.'

"Dois meses depois tive a sorte incrível de ouvir falar da Cynthia, Lady Sandys, através de uma amiga comum que lhe escreveu sobre mim e disse: 'Vai sentir compaixão por ela, porque a sua filha também morreu, jovem, recém-casada. Quer ajudá-la?' (A filha da Cynthia, Patricia, morreu subitamente em 1957 e, tal como a minha Sally, tinha sido feliz no casamento

por menos de dois anos.) A Cynthia escreveu-me e convidou-me a ir ficar com ela. Disse que estava a enviar a sua Patricia para procurar a Sally e chamá-la.

"Pouco depois da minha chegada, a Lady Cynthia disse suavemente: 'A Sally já esteve aqui.' Eu não percebi o que ela queria dizer; estava demasiado nervosa e abatida para perguntar. Daí a pouco, colocou nas minhas mãos um maço de escritos e deixou-me sozinha para os ler — para absorver, o melhor que pudesse, a angústia, a convicção de que o que tinha diante de mim era o relato autêntico da partida da Sally da Terra e do seu estado pós-mortem atual. Fiquei estupefacta.

"A Cynthia é um canal mental e registadora de pureza excecional — clariaudiente, não clarividente. Após cinco a dez minutos de preparação silenciosa para escutar, a sua audição espiritual abre-se e ela começa a escrever rapidamente.

"Agora, muitos anos depois, o College of Psychic Studies, que tenho o prazer de servir como vice-presidente, publicou dois folhetos que contêm cartas selecionadas que 'chegaram' na última década de uma ou de outra destas filhas ausentes-presentes, a Patricia e a Sally. Concordámos em omitir todas as referências íntimas e pessoais e concentrar-nos sobretudo naquelas cartas que contêm informação relativa aos seus interesses especiais: no caso da Patricia, a cura nas suas vertentes mais diversas; no caso da Sally, as funções e potencialidades da música em planos extraterrenos da consciência.

"A Sally interessara-se por música neste plano e, a dada altura, eu alimentara alguma ambição pelo seu talento musical — esperando que um dia fosse estudar para Itália —, mas depois apaixonou-se e decidiu casar com o Patrick. Agora, porém, está a fazer pleno uso das suas capacidades musicais, curando através da música e aprendendo 'aos grandes goles', nas suas palavras, a usar tudo o que diz respeito ao som e à harmonia nos planos interiores.

"Foi no ano seguinte, no início de 1959, que consegui finalmente ir a uma médium, como a Cynthia sugerira. Eu tinha aquela ideia ridícula, antiquada, e fui educada a pensar que as médiuns eram todas contas e túnicas e franjas de xaile de piano e, bem, fraudulentas. A mãe de uma amiga minha, a Sra. Constance Sitwell, antiga presidente do College of Psychic Science [agora College of Psychic Studies], sugeriu que eu fosse lá para encontrar uma médium adequada.

"Conversei com a Muriel Hankey no colégio e perguntei-lhe a quem deveria ir. Ela achou que a Ena Twigg era a pessoa certa. Eu estava muito apreensiva, por isso resolvi ter uma espécie de antevisão da Ena antes de ter uma sessão privada com ela. Pedi a um grande amigo meu, o Peter Morris, que viesse comigo a uma demonstração de clarividência no colégio para podermos observar essa Ena Twigg.

"Sentei-me muito quieta e pensava para comigo: Agora, minha menina, não vais receber nada; não imagines que vais, e tentava acalmar o coração descompassado. Via o Peter ao meu lado a tremer, porque pensava que ia receber algo do pai, que tinha falecido anos antes e com quem não se dera muito bem em vida. Tremia de medo de vir a receber alguma coisa, e eu tremia de medo de não receber.

"A Ena Twigg entrou no palco, e vi-a com surpresa e alívio. Suponho que esperasse alguém do género Blithe Spirit, imortalizado por Noel Coward e Margaret Rutherford. A Sra. Twigg era atraente, encantadora, bem vestida e de aspeto cuidado.

"Disse quase de imediato: 'Tenho de me dirigir a esta senhora da primeira fila. Há um espírito muito jovem e belo, alguém cheio de vida, a formar-se atrás de si, minha querida, e ela está a escrever S à volta da sua cabeça… Sabe do que falo?' Descreveu a Sally, que parecia ver de pé atrás de mim. Depois levou as mãos às têmporas e disse: 'Esta é uma mensagem muito estranha… Porque é que ela está a falar do deus da guerra? Está a dizer: "Wotan, Wotan, o deus da guerra." … Está a dizer que desejava que o deus da guerra acreditasse que ela está viva. Consegue perceber?'

"Trémula, eu disse: 'Sim, sim.' O nome do pai da Sally era Wogan, e acenei com a cabeça em sinal de compreensão.

"E então a Ena riu-se e disse: 'Agora ela está a rir-se, e diz que eu não acertei bem; que não acertei bem no nome… mas que você vai perceber o que quero dizer… Compreende?'

"Se algo pudesse ser mais probatório do que isto, não consigo imaginar, consegue? e fiquei a aguardar com avidez a minha primeira sessão privada. Esta teve lugar cerca de seis semanas depois. A Ena entrou em transe logo na nossa primeira sessão, e, na altura, eu não me apercebi de quão invulgar isso era. A Sally, que mais tarde se tornou uma comunicadora muito treinada e perita, estava muito nervosa ao princípio e não tinha a certeza de estar a

conseguir, e isso deixava-a um pouco perturbada, mas acabou por controlar completamente a Ena. Uma das primeiras coisas que disse foi: 'Não fui esperta a conseguir transmitir aquele nome? Eu não sabia como fazer chegar o nome do Wogan. Não encontrava a palavra no cérebro da minha pequena médium. Não conseguia encontrar a palavra e então pensei no deus da guerra e achei que, se dissesse "Wotan", tu compreenderias.'"

«Afinal, não é surpreendente que a Ena não tivesse percebido o nome.

É um nome galês antigo muito estranho — o nome de reis — e uma tribo de antigos reis do País de Gales chamava-se a tribo Wogan. O meu ex-marido, o pai da Sally, recebeu o nome deles. A Sally disse que o pai da Ena teve tanta pena dela e desejava tanto que ela tivesse bons resultados, que a ajudou. A Sally disse: "Tu não sabes o que ele fez por mim — o pai desta senhora. Ele é maravilhoso."

A Ena esteve sempre em transe quando a Sally esteve presente, até mesmo na primeira sessão, o que é invulgar. Agora a Sally entra com absoluta facilidade. É extraordinário como a personalidade da Sally se manifesta — a voz, os gestos, tudo nela não é a Ena; é a Sally. Por vezes, ela visita a Ena quando eu não estou presente, para enviar uma mensagem. A Sally tem muito carinho pela Ena. São grandes amigas.

Por exemplo, um dia a Ena telefonou e disse que a Sally tinha estado lá e estava muito aflita. "Ela diz que estará contigo a dezasseis de Janeiro", disse a Ena. "Isso faz sentido para ti?"

Não fazia. Ora, se ela tivesse dito catorze — esse sim era o aniversário dela. Ter-se-á enganado a Ena? Não, a Sally foi bastante clara quanto à data — dezasseis.

Poucos dias depois chegou o dezasseis de Janeiro, e tive um choque terrível. Uma das minhas amigas mais queridas morreu subitamente nesse dia, vítima de um enfarte. Eu não estava nada à espera. Ia jantar com ela nesse mesmo dia para lhe contar tudo o que sabia sobre a morte — o que acontecia depois. Ela tinha-me telefonado na semana anterior a pedir-me que falasse das minhas experiências. Deve ter pressentido que estava prestes a partir. Disse: "Acho que está na hora de saber, Rosamond. Acho que está na hora de saber o que acontece."

Eu disse: "Bem, ainda estou na escola primária nisto, mas tudo o que sei hei-de contar-te." Nunca lhe tinha falado disto antes, porque era uma anglicana

muito ortodoxa e nunca quisera indagar. E agora, antes que pudesse falar-lhe, ela partiu. Eu sabia que a Sally estava com ela, e isso foi-me de facto confirmado pelas cartas que a Sally me escreveu através da Cynthia. Está no nosso livrinho, Cartas das Nossas Filhas:

Fui avisada de antemão de que esta velha amiga da Mamã estava a chegar. Ela sabia disso — teve uma premonição de que a sua hora estava próxima e pediu ajuda à Mamã para se preparar para esse grande passo. Mas antes que a Mamã pudesse sequer encontrar-se com ela, soou a hora e ela veio. Não importou nada; o facto de saber que não estava preparada abriu o canal da sua consciência. Se não tivesse registado essa premonição, teria lutado contra isso e provavelmente teria permanecido num estado semicônscio durante dias ou semanas.

Prepararam-me lavando a minha aura com ouro e mostrando-me o corpo astral que lá estava, à espera dela. Nunca tinha visto antes um corpo astral vazio: é a concha mais bela que se pode imaginar, e espera o momento da passagem para então envolver a alma, dando-lhe força e acalmando toda a sensação de mudança — ou até de frio.

Estava bastante perto, mal ousando respirar, mas respirando de modo muito rítmico, como me tinham ensinado; e quando chegou o momento de o coração parar e o corpo físico relaxar, o etérico saiu muito livremente e foi graciosamente envolvido pelo astral em dobras de matéria espiritual. Parece uma nuvem de lã, toda quente e acolhedora, para envolver o jovem espírito renascido no estado de vibração adequado. Havia muitos à volta dela, e disseram-me para manter a mão estendida sobre ela e pensar intensamente na Mamã.

Fiz isso, murmurando o nome dela e enviando o teu amor, conforme me instruíram. Ela parecia adormecida, sem registar nada. Depois levantou-se muito depressa e disse: "Estou bem agora." … Disse o nome dela de forma bem distinta. Ela ergueu o olhar e respondeu: "Sim, quem me chama?" Eu disse: "Sally — a filha da Rosamond." Ao ouvir isto, o rosto dela iluminou-se num sorriso e disse: "Oh, Sally! Estava tão ansiosa por entrar em contacto contigo através da tua mãe. Agora estarei em contacto com a tua mãe através de ti." Rimo-nos as duas — e ela ouviu-me e disse: "A tua voz, minha querida! É tal e qual a da tua mãe."

Continuei a falar porque percebi que a minha voz a estava a acalmar. Já sabia que tinha passado e estava a ouvir, mas sem conseguir ver. Depois, assim que

conseguiu vislumbrar a minha aura, o esforço foi demasiado, e ela deixou-se cair e adormeceu.

Nos primeiros tempos, a Ena foi incrivelmente boa para mim. Nunca esquecerei a sua compaixão, a sua simpatia e a sua doçura. Estava sempre receosa de pedir demasiadas sessões. Sabes, ela nunca deixa as pessoas ter demasiadas. Racionava-me, mas acho que me deu mais do que dava a outros, porque também gostava de mim e começámos a tornar-nos amigas. Mas, com o tempo, começou a sugerir que eu devia "ficar de pé pelos meus próprios pés". É isso que ela faz, e é aí que é tão conscienciosa e sábia. Nunca esquecerei isto — ela despejou nos meus ouvidos famintos tanto alento. A Sally fez a sua parte, mas a Ena foi o canal, e devo-lhe uma dívida que nunca, nunca poderei saldar.»

O SERMÃO DO RABINO

O reverendo doutor William F. Rosenblum morreu aos setenta e cinco anos, em Fevereiro de 1968, como a sua viúva Julia exprimiu, "sem qualquer aviso, gozando da melhor saúde". O rabino foi um proeminente líder religioso em Nova Iorque e também no resto dos Estados Unidos. Foi rabino do Templo Israel de 1930 até à sua morte, antigo presidente do Conselho das Sinagogas da América e maçon ativo. Era um homem de fé profunda, com uma forte crença na vida contínua e um interesse em fenómenos psíquicos. O seu poema Não Há Morte tornou-se bastante famoso e foi musicado pela compositora Mana-Zucca. Escreveu também o ofício fúnebre usado pela Grande Loja da fraternidade maçónica.

Rosamond Lehmann e Cynthia Lady Sandys, Cartas das Nossas Filhas (Londres: The College of Psychic Science, 1970).

O seu interesse pela perceção extra-sensorial foi despertado por uma experiência pessoal de cura através de Edgar Cayce, o médium norte-americano. Em 1939, o rabino encontrava-se no Hospital Mount Sinai, em Nova Iorque, com uma afecção renal. Desenvolveu um caso grave de soluços que nenhuma competência médica parecia conseguir parar. Seguraram-lhe a língua, gelaram-lhe o peito, trouxeram-lhe tanques de oxigénio, mas durante dez dias soluçou sem parar.

Em desespero, a senhora Rosenblum telefonou às 7h30 a David Kahn, um amigo íntimo de Edgar Cayce que vivia então em Scarsdale. A esposa,

desesperada, perguntou a David Kahn se podia arranjar que Edgar Cayce fizesse uma leitura para o rabino. Às 10h00, David Kahn telefonou de volta. Disse que tinha conseguido falar com Cayce. A leitura indicou que deviam procurar um psicólogo chamado doutor Samuel Kahn (sem parentesco com David Kahn e até então desconhecido para ele). Encontraram o Dr. Kahn na lista telefónica e ligaram-lhe; pouco depois, ele e David Kahn estavam ao lado do rabino, entretanto já levado para casa do hospital. O médico hipnotizou o rabino, pô-lo a dormir — o primeiro sono que tivera em dez dias. O rabino dormiu doze horas. Acordou sem soluços e nunca mais os teve em toda a vida. Este acontecimento despertou um forte interesse pelo psíquico, e o rabino passou depois a incluir frequentemente material de investigação psíquica nos seus sermões.

No espaço de um ano após a morte do marido, a senhora Rosenblum estava em Londres a visitar o filho Robert, escritor. Robert tinha lido o livro do bispo Pike O Outro Lado e ficou impressionado com o que ele escrevera sobre a Ena. Sugeriu à mãe que, dado o pai ter sido um grande crente na sobrevivência, deviam mesmo tentar comunicar com ele. A senhora Rosenblum concordou. Telefonaram à senhora Twigg, que disse ao Robert estar demasiado ocupada para o receber antes de Janeiro. Era então Julho.

Depois, a senhora Rosenblum teve um forte impulso de tentar novamente. Dessa vez telefonou e explicou que em breve regressaria à América. Finalmente a senhora Twigg aceitou recebê-la, mas apenas por meia hora no dia seguinte.

A sessão durou, na realidade, duas horas e meia. De facto, a Ena deu à Julia duas sessões. O rabino foi muito persuasivo.

«A senhora Twigg sentou-se num canto da sala, na sua cadeira. Disse que o meu marido estava mesmo na sala — ela podia vê-lo. Descreveu-o na perfeição. Disse-me muitas coisas que foram reconfortantes. Disse que eu estava rodeada de amor, e que nunca teria de me preocupar. Disse que ele tinha vivido cinquenta anos à frente do seu tempo e que estava a continuar o seu trabalho lá (no Outro Lado). Era um homem muito valioso, um homem espiritualmente muito desenvolvido. Falou com o meu filho Robert e disse: "Tens de continuar a fazer o que estás a fazer, porque o teu pai tinha grande fé em ti, e terás muito sucesso" — isto foi muito encorajador para um jovem.

A certa altura, a senhora Twigg começou a pedir o nome do meu marido, mas antes que pudéssemos dizer alguma coisa, ela própria disse: "Ah, é William.

Porque não me disseste o teu nome?" Depois riu-se e disse-me: "Sabes o que ele disse? 'Não me perguntaste!'" Todos nos rimos com isso, porque era muito típico. Eu conseguia ver o Bill a reagir com esse ar maroto.»

«A segunda sessão teve lugar em Março seguinte. A senhora Twigg deu-me os nomes das irmãs do rabino, Rose e Gertrude, e falou da minha mãe de forma muito reconfortante. Eu acredito que há qualquer coisa — senti a presença dele nesta casa. A senhora Twigg não o identificou como rabino, mas disse que era alguém a fazer coisas muito importantes pelas pessoas, que alcançava muita gente.

Aconteceu uma coisa muito engraçada nessa sessão. Um amigo da família, com quem trabalhei durante quinze anos, foi comigo nessa segunda visita. Pedi-lhe que esperasse no táxi. Não queria que a senhora Twigg tivesse ideias a nosso respeito. Não queria que ele entrasse, porque pensei simplesmente que, sendo eu viúva e estando com um homem, qualquer pessoa com imaginação podia deixar-se levar, e não queria que as suas ideias fossem influenciadas pela presença dele.

Ora, a visita durou bem mais de uma hora, e lá estava ele, sentado num táxi com o taxímetro a contar. Então a senhora Twigg começou a transmitir-me que o Bill não queria que eu casasse com o homem que eu andava a ver. Eu não tinha a mínima intenção de o fazer, mas o rabino insistia que o homem tinha intenções matrimoniais e que não queria que eu casasse com ele. Disse que estava tudo bem em eu voltar a casar, mas não ainda — e não com aquela pessoa. Foi muito engraçado porque, a meio deste sermão, a campainha tocou e o nosso amigo disse que o motorista do táxi já não queria esperar mais. Acho que todos recebemos a mensagem.»

Na manhã em que o rabino morreu de uma embolia, o correio trouxe o número mais recente da *Empire State Mason*. Nele estava o seu ensaio *Vida e Morte São Uma Só*. «São estas pequenas ironias que nos fazem apertar o coração», disse a Julia.

No ensaio usava o seu poema famoso:

Não há Morte.
O que chamamos Morte
Não passa de uma mudança súbita...
Porque não sabemos

Para onde conduz —
Por isso parece estranha.

Não há Morte.
O que chamamos Morte
Não passa de um sono repousante...
Não despertam cedo
Aqueles que assim dormem —
Por isso choramos... sofremos.

Não há Morte.
O que chamamos Morte
Não passa do cessar da luta...
Não morrem
Aqueles que chamamos mortos —
Passam da vida... para a Vida!

A FAMÍLIA SMITH

Os Ray Smith foram o maior grupo familiar presente na *Spiritual Frontiers Fellowship Conference*, em Inglaterra, nesse memorável Agosto de 1970. Para os Smith, como para muitos dos delegados, a viagem à Europa para o seminário conjunto com a *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies* foi a primeira. Ray, a esposa Roselle e as três filhas, Ramona, Rochelle e Renée, eram membros da Igreja Metodista Unida da Richards Street, em Joliet, Illinois. O seu pastor, reverendo Paul Lambourne Higgins, um dos fundadores e primeiro presidente da *Spiritual Frontiers Fellowship*, fez arranjos especiais para que toda a família pudesse ir. Ramona, que era casada, teve de deixar o marido professor e os filhos em Le Mars, Iowa.

A família tinha tido manifestações tão fortes do filho e irmão falecido, Ray Jr., morto num acidente de automóvel aos vinte e um anos, em 1965, que tinham usado o dinheiro da hipoteca para vir a Inglaterra na esperança de o contactar através de um médium. E ali estavam, tão perto — e sem marcação com nenhum médium.

«Tínhamos mesmo de falar com o Ray Jr. Tantas coisas estranhas tinham acontecido. Viemos até Inglaterra, mas muitos outros do nosso grupo também», recordou Ray Sr.
«Numa das sessões, aproximei-me de um homem que estava a fazer as

gravações e disse que estava muito interessado em conseguir chegar a um médium e se podia recomendar algum. Ele respondeu: "Porque não pede à própria Ena Twigg? Ela está mesmo ali na última fila." Virei-me, e lá estava ela. Tinha cerca de uma dúzia de pessoas à volta. Aproximei-me e fiquei de fora do círculo. Passados uns momentos, ela olhou para mim, estendeu a mão e disse: "Sou a Ena Twigg."

Eu disse: "Sou o Ray Smith."

Ela disse: "Eu sei."

Tinha um bloco de notas, já três quartos cheio de nomes. Eu disse: "Escrevi a pedir uma sessão, mas parece que está bastante preenchido."

Ela disse: "Bem, porque não escreve o seu nome na mesma?"

Depois da reunião, o reverendo Higgins fez vários anúncios e depois disse: "Ray Smith e Carolyn Douglass, não saiam da sala", e disse-nos que a Ena Twigg nos receberia.

Perguntei à senhora Twigg porque é que nos tinha escolhido do fim da lista. Respondeu que "alguém aqui quer tanto falar convosco que insistiu em que vos visse primeiro. Ele é muito ativo."

"Esse é o Ray, sem dúvida; é mesmo ele", disse-lhe, radiante por o Ray ter conseguido manifestar-se.

Disse-lhe: "A minha esposa está aqui, as minhas três filhas estão aqui, e viemos todos com o mesmo espírito, com um único propósito: falar com o Ray. Aceita-nos como família?"

A princípio hesitou, inclinou a cabeça para o lado, mas depois concordou em receber-nos juntos. Fomos para o nosso quarto no *Kensington Close Hotel*, onde decorria a conferência.

O Ray Jr. tinha vinte e um anos quando morreu, em 1965. Voltara uma semana mais cedo para o segundo ano no *Westmar College*, em Le Mars, onde vivia com a irmã Ramona e o marido dela. Tinha um pequeno Austin-Healey inglês. Era o carro que queria. Era descapotável. Eu não gostava dele, mas era o que ele queria.

O Ray tinha uma namorada na escola que queria aprender a conduzir o carro. Foram para o campo, a cerca de uma milha, por uma estrada de gravilha, e perderam o controlo do carro. O Ray levantou-se para lhe tirar o volante das

mãos. Um agricultor vinha atrás e viu tudo. Disse que iam a cerca de cinquenta e cinco a sessenta e cinco quilómetros por hora.

O carro capotou. O Ray empurrou-a para baixo do tablier, e ela não sofreu qualquer ferimento. Ele morreu instantaneamente.

Quando o telefone tocou em casa da Ramona, uma voz do outro lado disse: "Conhece o Ray Smith?"

A Ramona respondeu: "Sim, é o meu irmão."

A voz disse: "Ele está no hospital."

A Ramona perguntou se podia vê-lo, mas já era tarde de mais. Estava morto.

Tivemos dificuldade em trazer o corpo do Ray para casa, já que o transporte entre Le Mars e Joliet é complicado. Como resultado, tudo no funeral ficou confuso e sombrio nas nossas memórias.»

Duas semanas depois, a família estava na igreja. «Uma jovem chamada Nancy estava sentada no banco à nossa frente. Não nos conhecia nem ao meu filho. Depois do serviço religioso, voltou-se para nós e disse: "Vocês são o senhor e a senhora Smith. O vosso filho, o Ray, diz que são os seus pais." Foi tudo o que disse. Mas acrescentou que, quando estivéssemos prontos para conversar com o Ray, tentaria ajudar.

Nessa altura eu andava preocupado, a pensar se, caso a ambulância que veio buscar os dois — o Ray e a rapariga — tivesse chegado um pouco mais cedo, ele poderia ter sido salvo. A rapariga, que não sofreu nada no acidente — apenas um golpe —, contou-nos que, antes de a ambulância chegar, o Ray ainda respirava e que ela tentou tirar-lhe gravilha da boca.

A Nancy disse: "O Ray gostaria que deixassem de se preocupar. Ele diz que a alma dele deixou o corpo antes que pudesse sentir dor."

Acredito que, se não fosse esta tranquilização que nos chegou pela Nancy e o conforto que recebemos do reverendo Higgins, a minha mulher não teria conservado a sanidade, que teria perdido o norte. Assim, aguentou firme e aceitou.

Pouco tempo depois, as comunicações através da Nancy cessaram. Era uma médium natural muito boa, e foi para Chicago estudar. Por isso, quando o reverendo Higgins organizou a viagem a Inglaterra, pensámos e falámos

muito sobre a viagem, para podermos ter algumas sessões com médiuns e contactar o Ray.»

«Depois ocorreram vários acontecimentos estranhos. Um deu-se durante o feriado do Dia de Ação de Graças. A minha mulher e eu conduzimos até Le Mars para passar o feriado com a filha Ramona. A Rochelle ficou em casa.

Às duas da manhã, a Rochelle acordou de repente. Lá estava o Ray, sentado na cama, como se ali estivesse em corpo. Ela falou com ele, e ele respondeu-lhe audivelmente.

— O que estás aqui a fazer? — perguntou ela.

— Vim só ver-te — disse ele.

Ela disse: — A Mãe e o Pai já chegaram a casa da Ramona?

Ele disse: — Não, mas estarão lá dentro de pouco. Eles estão bem.

A Rochelle perguntou: — Porque não estás com eles?

O Ray respondeu: — Mas estou; esta é uma das vantagens de estar aqui. Posso estar nos dois lugares.

— Ótimo — disse a Rochelle. Estendeu a mão para lhe tocar, e ele desapareceu.»

A Ramona também teve uma experiência com o Ray que envolveu o seu bebé de quatro meses. «A Ramona ouviu o bebé a choramingar — disse o pai. — Acordou, olhou, e viu alguém que julgou ser o marido inclinado sobre o berço. O bebé acalmou-se e adormeceu, e ela virou-se e voltou a dormir também. O bebé dormiu a noite inteira.

De manhã, levantou-se, foi ao berço e procurou o biberão. Não havia biberão. Perguntou ao marido se tinha tirado o biberão do berço. Ele disse: "Não."

A Ramona disse: "Bem, tu deste-lho ontem à noite."

O marido olhou para ela e disse: "Eu não me levantei durante a noite."

"Mas eu vi a figura de um homem inclinada sobre o berço. Se não eras tu, quem era? O Ray?"»

«Outra vez, a Ramona ouviu na rádio um aviso de tornado. O céu estava ameaçador, e a rádio anunciou que o tornado tinha sido avistado a cerca de dez milhas dali.

A Ramona estava no piso de baixo com as crianças. Ouviu a porta de cima, que dava para um pequeno alpendre, bater e abrir-se. Correu escadas acima e, quando chegou ao topo, viu alguém fechar a porta e trancá-la, e ouviu-o dizer: "Não te preocupes, Mona, vai ficar tudo bem." O Ray Jr. chamava-lhe sempre Mona.»«Uma noite, a Rochelle teve um sonho muito realista em que ela e o Ray foram dar uma volta de carro. Quando voltaram a casa e ele saiu do carro, ela disse: "Ray, não tens sapatos calçados."

Ele disse: "Não, já não preciso de sapatos para andar no chão. Eu posso andar, posso voar, posso fazer tudo."

Quando o corpo dele foi levado para a agência funerária, descobrimos que os sapatos tinham ficado no hospital. O agente funerário não nos deixou voltar para os ir buscar. Disse que, na maior parte das vezes, nem os punha, e que ninguém notaria a diferença. Concordámos, e ele foi sepultado sem sapatos.»

«Depois disto, já não recebemos nada, e estávamos ansiosos por vir a Inglaterra e ver a senhora Twigg. Tínhamos ouvido falar muito dela e queríamos vê-la, se fosse possível. Escrevemos-lhe, e ela respondeu que não estava a marcar atendimentos antes da conferência. Fiquei muito desanimado com esta resposta, mas decidimos vir na mesma.

Quando a senhora Twigg concordou em dar-nos uma sessão, foi como um milagre. Ela disse: "Vamos. Vamos ver o que conseguimos fazer, mas não prometo nada." Mal tinha terminado a oração introdutória, o Ray Jr. começou tão depressa e tão forte que ela estava a falar com ele e a tentar pôr em ordem o que ele nos estava a dizer... Dava-lho tão depressa, para toda a gente.

A sessão foi uma revelação para nós. Não só pelas coisas que disse — mas porque toda a sua personalidade estava ali. Fizemos uma gravação em fita e avaliámo-la. Havia dez coisas muito evidenciais — embora não houvesse nada incorreto em toda a sessão. Mas estes dez pontos destacam-se.

Um: Quando o Ray esteve em casa durante o verão, trabalhou para comprar um automóvel. Comprou um Ford antigo, e decidimos que o carro era demasiado perigoso para ir e vir da escola. Por isso é que o deixámos ter o

Austin-Healey. Era o único carro que ele conseguia ver. Comprámo-lo com grandes reservas, sob pressão.

Depois da morte dele, ficámos com a máquina fotográfica com filme lá dentro. Mandámos revelá-lo. Havia várias fotografias do meu carro antigo no filme — as únicas que tínhamos dele. Durante a sessão, o Ray disse: "Tiveste problemas com os pneus da frente; andavam sempre a vazar." Era verdade.

Dois: Antes de fazermos a viagem, os cinco tivemos uma grande decisão a tomar: se devíamos liquidar a hipoteca da nossa casa ou fazer a viagem. Decidimos vir a Inglaterra.

Na sessão, o Ray gozou comigo com isto — foi muito evidencial. Disse: "Já pagaste a hipoteca, Pai?" É preciso conhecer o sentido de humor do Ray para perceber o quão evidencial isto foi.

Três: O nosso grupo partiu de Nova Iorque. Estivemos lá no domingo e partimos na segunda-feira. Entrámos na Catedral de São Patrício, em Nova Iorque, e há lá velas por todo o lado. Havia bastantes por acender, e a Rochelle disse: "Vamos acender uma vela pelo Ray."

Na casa da Ena, o Ray disse: "Mãe, não precisas de acender uma vela. Eu vi-te."

Quatro: Quando partimos para a Inglaterra, quisemos deixar flores no altar da nossa igreja no domingo em que partíamos. Afinal, não puderam ser marcadas para colocação senão duas semanas depois. Nessa altura já estaríamos na Inglaterra. Durante a sessão, o Ray disse que "as flores estão na igreja, no altar; queria que soubessem".

Cinco: Disse que a fotografia dele estava na televisão. Estava mesmo.

Seis: Quando a Rochelle começou a dar aulas, não gostou do que estava a fazer. Na sessão, o Ray previu que ela iria mudar e adorar o novo trabalho. Ela está agora a ensinar crianças com paralisia cerebral no Tennessee e adora.

Sete: O Ray disse que viu o Marion. O "Marion" na sessão está correto — é o nome do pai da minha mulher.

Oito: O Ray pediu que fosse criado um memorial em seu nome, não na igreja, mas na sua escola — supomos que se referia à escola secundária —, não para o vencedor, mas para quem mais se esforçasse. Ele participou uma vez num concurso de ciências — a nível estadual — e não foi o vencedor, mas sim o segundo classificado.

Nove: Assegurou-me, na sessão, que eles não estavam prontos para me receber no mundo deles. Penso que isto teve grande influência em ajudar-me a atravessar a grave operação ao coração a que fui submetido no ano passado.

Dez: Durante a sessão, gozou com a Ramona por gostar tanto de chocolates. Ela gosta, e ele costumava sempre trazer-lhe chocolate do seu confeiteiro preferido em Joliet.

Quando a senhora Twigg se referiu à fotografia na televisão, descreveu-a com bastante exatidão e disse que o rapaz estava de uniforme. Na fotografia, o Ray Jr. está a usar a beca e o capelo: era uma fotografia de formatura.»

O PODER DE CURAR

Os casos seguintes são exemplos típicos do poder curativo da comunicação. O médium cura as feridas da alma como o médico cura o corpo, permitindo aos enlutados retomarem as suas vidas e, em muitos casos, vivê-las com uma perspetiva inspirada e alargada.

MARY FRANKL

Mary Frankl, uma advogada de sucesso na função pública, acompanhou uma vizinha que foi ver a Ena Twigg. A Mary também pediu uma marcação, visto que perdera o marido. Queria saber se existia realmente vida depois da morte.

«Logo desde o início da sessão, a senhora Twigg descreveu o meu marido e o aspeto dele, e até descreveu a maneira como costumava segurar os óculos quando falava com as pessoas» — disse a Mary.

«O meu marido, Egon, disse-me que eu tinha comigo algo que lhe pertencera. Protestei de início, mas ele insistiu, e então ocorreu-me que tinha as chaves do carro dele na minha mala. Continuou a dizer-me que eu não devia desesperar por ele ter morrido, que ele estava melhor assim, e que, se tivesse vivido, nunca poderia ter voltado a ser o mesmo» — disse a Mary, explicando que o marido morrera de trombose.

«O meu marido disse depois que gostava das flores azuis do papel de parede do quarto. Achei isso estranho porque só tinha colocado o papel de parede

três semanas antes, e isso mostrava que ele tinha visto o quarto recentemente. O Egon lembrou-me os bons dias que passámos juntos em Viena e depois, segundo a Ena, pôs os dedos num mapa da Europa e apontou para um lugar na fronteira alemã que ela acreditava ser Colónia. Disse que algo ia ser negociado ali e que, embora houvesse dificuldades, tudo acabaria bem. Obviamente, o Egon estava a referir-se a um assunto de negócios que, como ele previu, foi resolvido de forma satisfatória.

«No fim da sessão, o meu marido disse-me para ir para casa e ser feliz, beber um copo com três pessoas e "pensar em mim". Parei para comprar vinho, de forma a seguir à letra a sugestão do meu marido. Depois fui para casa, que partilhava com uma amiga e a mãe dela desde a morte do meu marido. Encontrei a mãe já deitada — eram cerca de 22h30 —, por isso pensei que o grupo de três tinha terminado. Ao contar o episódio à minha amiga, a campainha tocou, e uma vizinha disse: "Oh, senhora Frankl, lamento muito incomodá-la a esta hora tardia, mas acabei de chegar do cinema e há tanto tempo que não a via que quis saber como estava." A vizinha entrou, bebeu connosco, e tivemos o nosso grupo de três para brindar ao Egon.»

«Na segunda sessão com a senhora Twigg, cerca de seis meses depois, disseram-me que o meu pai e a minha mãe estavam presentes, bem como o meu marido, e ela descreveu os meus pais com exatidão. Depois, o meu marido, através da senhora Twigg, perguntou-me pelo acidente que quase tive. Eu não me lembrava de nenhum.

Então a Ena disse que o meu marido perguntava se eu me lembrava de ter derrapado na estrada. Ele disse: "Fui eu quem te impediu de cair na valeta ou de bater contra uma vedação… Eu estava sentado ao teu lado, e fui eu que segurei o volante quando estavas a derrapar."

Então recordei que, certa manhã, ia a trabalhar por uma estrada gelada, a subir. Tentei ultrapassar um camião e derrapei. Rodei duas vezes trezentos e sessenta graus na estrada estreita — de um lado havia uma vedação e do outro uma valeta —, e de repente o carro endireitou-se na direção que eu queria seguir e parou. O condutor do carro atrás de mim veio a correr para ver se eu estava bem. Esse devia ter sido o incidente a que o Egon se referia.»

«Na mesma sessão, a Ena disse de repente: "Há uma senhora que quer falar consigo, e esta senhora vem de uma multidão de pessoas." Subitamente, a Ena empalideceu muito e começou a suar e disse: "Oh, meu Deus, para onde me estão a levar?... Estão a levar-me para um lugar onde matam milhares de

pessoas… e esta senhora está entre milhares e milhares de outras mulheres, e ela sai da multidão, ergue a mão e diz: 'O meu nome é Rose… Diz… diz à Mary que penso nela, e sempre que ela precisar de ajuda, dar-lha-ei. Sofri bastante, mas agora está tudo bem.'" Isso é cem por cento verdade, porque a irmã do meu marido — Rose — foi morta em Auschwitz, o campo de concentração.»

«Perto do fim da sessão, a Ena comentou que o meu marido estava a assobiar uma melodia e que não compreendia as palavras porque eram em alemão, mas ele disse que não fazia mal e pediu-me para ouvir a televisão nessa noite. Fui para casa e fiquei até tarde a conversar com a minha amiga, esquecendo-me da televisão. De repente — a televisão estava ligada, mas não a estávamos a ver em particular — começou um programa de lições de alemão, precedido por uma peça musical chamada em alemão *Muss Ich Denn*.
"O significado inteiro da canção" — explicou a Mary — "é que, se eu tiver de deixar esta cidade e tu, meu amor, tiveres de ficar, no fim nunca te esquecerei e voltaremos a ver-nos; sim, é uma promessa de reencontro."»

«Eu estava tão impressionada com o talento da Ena, nessa altura, que ganhei o hábito de frequentar as várias igrejas espiritualistas onde ela fazia palestras e sessões de clarividência. Ora, a Ena desaconselhou-me e disse que eu devia ficar de pé pelos meus próprios pés. Apreciei a sua honestidade, mas, entretanto, tornámo-nos muito boas amigas e vemo-nos tanto quanto possível — já que ambas somos muito ocupadas.

Uma véspera de Natal estávamos todos juntos em minha casa, a divertir-nos. Durante a noite, a Ena disse-me: "Há uma grande cruz sobre a tua cabeça, e um cavalheiro está a dizer-te: 'Lembras-te que é um aniversário?' E envia-te o seu amor."

Relacionei isso mentalmente com o meu marido e não consegui recordar nenhum aniversário, por isso disse à Ena que devia estar enganada. Mais tarde, depois de ter levado o Harry e a Ena a casa e ao regressar, lembrei-me de um episódio ocorrido no Natal dois anos antes. Um homem que era grande amigo do meu marido visitava-nos frequentemente quando ele era vivo. Continuou a visitar-me depois da sua morte. Nesse Natal, disse: "Tenho de aproveitar esta noite porque será o meu último Natal."

Todos lhe dissemos: "Robert, não sejas tolo."

Pelas uma da manhã, quando tocava música de dança, disse-me de repente: "Vamos, Mary, tenho de dançar a última dança contigo."

Dançámos um pouco, e voltei a dizer-lhe: "Por amor de Deus, não digas a última dança ou o último Natal."

E ele disse: "Oh, eu sei, mas não importa." E foi para casa por volta das duas da manhã e morreu seis horas depois. Tenho de frisar que nem a Ena nem o marido alguma vez conheceram este cavalheiro ou sequer sabiam da sua existência» — concluiu a Mary.

H. H. O RAJKUMAR,

PRÍNCIPE DE PUDUKOTA

«Embora tenha sido casado e tido os habituais amores, senti-me sempre particularmente próximo da minha mãe, a falecida Rani de Pudukota, por ter sido filho único e por ter perdido o meu pai, o falecido Raja de Pudukota, aos onze anos. Quando a minha mãe casou com o meu pai em 1915, era considerada a mais bela rapariga da Austrália — o meu pai era indiano, mas a Mãe era australiana. Não só era uma das mulheres mais belas da sua época, como também era especialmente talentosa e inteligente, e, se não tivesse casado com o meu pai com apenas dezanove anos, teria certamente sido uma grande musicista. Tal como foi, adorava música e tocava piano brilhantemente quase até ao fim.

Nove anos antes de morrer, foi operada a um cancro, do qual nunca recuperou totalmente. Ainda assim, quando o fim chegou, foi muito repentino e um choque terrível. Senti como se uma parte de mim tivesse sido arrancada. Depois de uma doença longa, dolorosa e penosa, de nove anos, o fim chegou de forma inesperada, e em poucos minutos tudo acabou.

Estava desesperadamente infeliz e não sabia para onde me virar ou aonde ir. Cerca de três meses após a morte da minha mãe, tive um sonho muito vívido. No sonho, recebia um telegrama azul e, ao abrir o envelope, lia: "MissINc You. LOVE, MUMMY." Causou-me uma impressão enorme e, de facto, fiquei convencido de que era uma mensagem do outro mundo, o que desde então foi confirmado. Como ainda me sentia muito abatido e deprimido, amigos meus aconselharam-me a tentar entrar em contacto com a senhora Twigg. Já tinha ouvido falar dos seus poderes e escrevi de França ao *College of Psychic*

Science em Londres a perguntar se poderiam organizar um encontro. Finalmente, em Novembro de 1968, fui a Londres consultar a senhora Twigg.

Levaram-me a uma sala acolhedora e quente. Depois, a senhora Twigg entrou e cumprimentou-me com grande cortesia. Pediu-me para me sentar numa cadeira confortável ao lado dela e para tentar relaxar o mais possível. Contei à senhora Twigg que tinha perdido a minha mãe no ano anterior e que, se fosse possível, gostaria muito de entrar em contacto com ela.

Ao fim de cerca de cinco minutos, a senhora Twigg disse: "Tenho a sua mãe aqui connosco. Ela pede-me que lhe diga que deve ter mais cuidado com a sua alimentação, porque não se lembra, mas, em criança muito pequena, quase morreu dessa estranha doença tropical." Pensei um instante e depois lembrei-me de como estivera doente, por volta dos quatro anos, e de como, não me sendo permitido beber água de espécie alguma, costumava sorver a água do banho quando a ama não estava a ver.

Naturalmente, não pensava nisto havia anos. Tinha de ser a minha mãe; não havia mais ninguém que soubesse disso. Fiquei completamente desarmado naquele momento. A senhora Twigg repetiu depois vários episódios conhecidos apenas por mim sobre a morte da minha mãe. A forma de falar e as palavras usadas eram inteiramente as da minha mãe, como se a senhora Twigg transmitisse as palavras de uma terceira pessoa ao telefone. Ninguém pode imitar ou inventar uma conversa assim, nem mesmo hoje em dia com gravações; uma coisa inventada não soaria verdadeira o tempo todo.

Depois de superar o choque inicial de saber que a minha mãe estava connosco na sala, comecei a fazer-lhe perguntas através da senhora Twigg. As respostas eram iguais — como se ela estivesse connosco em carne e osso.

Eu estava em lágrimas quando a sessão começou, mas acabei a rir com a minha mãe. A força, a vivacidade e a maneira única de se exprimir encheram a sala. Disseram-me para animar, para tirar o melhor das coisas, para tentar ajudar os outros, para não conduzir tão depressa como tinha feito, porque já não me importava.»

«Depois perguntaram-me o que fazia eu a guardar uma coleção de vestidos dela que eu trouxera de França. Ela disse que deviam ser oferecidos ao Museu do Traje, em Bath, onde estão agora expostos. No fim da reunião, quase uma hora depois, pediram-me que enviasse o seu amor a duas das suas amigas mais chegadas daqui.

Voltei lá duas vezes desde então para ver a senhora Twigg, e cada visita foi uma nova revelação. Serei eternamente grato pela consolação e esclarecimento que recebi da senhora Twigg, que mudou por completo a minha atitude perante a vida e a morte e me deu a coragem de que precisava para enfrentar o futuro.

O falecido Maharaja de Jaipur era um velho amigo, e a esposa dele e eu conhecemo-nos desde crianças. Ela estava numa situação muito infeliz depois da morte prematura do marido, e tentei ajudá-la como fui ajudado…

Só posso agradecer a Deus por me ter guiado até à senhora Twigg.»

MUITAS FELICIDADES

A senhora Lucile Butterfield, de San Diego, Califórnia, perdeu o filho no Vietname em 1970. Era membro do grupo Spiritual Frontiers que participava na conferência em Inglaterra, mas não estava entre os sortudos com sessão privada marcada com a Ena Twigg; porém, o seu filho em espírito, o Douglas, agiu do Outro Lado para tornar possível a oportunidade de comunicarem.

A senhora Butterfield saiu da sessão da manhã da conferência e, ao descer o corredor, desatou de repente a chorar. A colega de quarto veio por trás e passou-lhe um braço reconfortante pelos ombros. Foram almoçar juntas e voltaram ao quarto do hotel a tempo da marcação da colega, às 14h00, com a senhora Twigg.

A senhora Twigg telefonou do hotel à colega de quarto e pediu que a fossem esperar ao elevador para encontrar facilmente o quarto. A Lucile foi acompanhar a Ena até ao quarto. Ao caminharem pelo corredor, a senhora Butterfield perguntou timidamente se haveria alguma possibilidade de uns minutos com a médium. A senhora Twigg respondeu que lamentava, mas estava preenchida até ao limite e não tinha um momento livre.

A senhora Butterfield, desanimada e abatida, introduziu a senhora Twigg no quarto, apanhou as suas coisas e ia a sair quando, de repente, a médium olhou para ela e disse: «Perdeu alguém. Vejo um despenhamento!» As lágrimas da senhora Butterfield voltaram a correr. Disse então a Ena: «Hei de vê-la de alguma maneira. Telefone-me amanhã de manhã.»

«Quando vi a senhora Twigg — relata a Lucile —, o Douglas disse: "Não acreditaste bem que íamos ter uma conversa, pois não?… Quero que saibas

que agarrei a oportunidade, e tu percebeste isso. … Onde há vontade, há um caminho."

Toda a sessão foi muito evidencial, e houve muitos momentos de exatidão. Sinto que houve um contacto claro com o Outro Lado. Houve tantas coisas que deixaram a personalidade do meu filho transparecer através da leitura.

A senhora Twigg deu pormenores sobre como o meu filho morreu: viu os destroços do avião e disse que o corpo dele estava danificado, mas que tinha uma campa. O avião do meu filho foi abatido no Vietname, mas o corpo foi sepultado na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos, em Colorado Springs.

Disse que o Douglas tinha recebido um aumento pouco antes de morrer, que nunca chegou realmente a usar, e era verdade. O Douglas disse à senhora Twigg que o relógio não fora devolvido, mas que a carteira tinha sido devolvida. (Tive de confirmar com a minha nora quando regressei a casa, e isto era exato.)

Quando a sessão começou, a senhora Twigg disse: "Oh, tenho aqui um jovem entre vinte e cinco e trinta anos, alto, muito bonito, traços vincados, boa tez, olhos muito vivos e cabelo forte. Mãos habituadas a conduzir. Sinto uma fortíssima sensação de queda, e sinto que há restos."»

Um pouco mais adiante, na transcrição gravada da sessão, há esta troca:

Douglas: «Arranjei maneira de voltar até ti porque tu dizes: "Onde estás, filho, onde estás?" E eu dizia: "Aqui estou, Mãe. Dá-me a oportunidade e eu chego até ti." Ouviste-me, não ouviste, a chamar?»

Sra. Butterfield: «Sim, ouvi.»

Douglas: (A voz tornando-se bem masculina) «Então porque não me respondeste? Sei que ficaste sobressaltada, mas preciso de saber que tens a linha aberta.»

Twigg: «Há um aniversário em breve, não há?, em setembro, um em agosto? Dois aniversários próximos — é isso, não é?»

Sra. Butterfield: «É verdade.»

Twigg: «"Não me esqueci", diz ele. "Quero dizer que, se eu pudesse desejar muitas felicidades, não haveria maneira mais feliz de o dizer do que esta, pois não?"»

Sra. Butterfield: «Não.»

Twigg: «Porque são muitas felicidades em ambos os sentidos. "Voltei", diz ele.» Está a fazer muito bons progressos no seu novo mundo.»

Sra. Butterfield: «Eu sinto isso.»

Twigg: «Ele está a ajudar-te nos teus momentos de quietude, na tua meditação, e há uma coisa curiosa: consegues grande alegria ao ar livre, não é?, perto das árvores e das flores? E ele diz: "Estou aí contigo, querida. Nunca sintas que estamos cortados um do outro ou que nunca mais teremos contacto. Estaremos sempre juntos até te juntares a mim."»

O POETA PÓSTUMO

Charles C. Wise, Jr., e a sua esposa, Ruth, faziam parte do grupo da SFF na conferência de Londres. O senhor Wise foi advogado e administrador no governo dos EUA durante mais de trinta anos (é atualmente consultor jurídico-chefe para Segurança Industrial no Departamento de Defesa) e professor da escola dominical, mas só após a morte do filho de vinte anos, o Terry, é que começou a florescer como autor de temas religiosos. O Terry era finalista do segundo ano na Roanoke College, em Salem, Virgínia. Estudava psicologia, era talentoso e ativo como eletricista de palco, artista e ator-cantor. Morreu num acidente de mota a 6 de janeiro de 1967.

«Quando chegámos a casa da senhora Twigg — relata o senhor Wise —, encontrámos a Charlotte Varman a sair. Percebi que tinha sido ajudada porque estava a chorar pela primeira vez. A senhora Twigg pediu-nos que entrássemos e nos sentássemos uns minutos. Disse que precisava de alguns momentos para se recompor porque acabara de passar por uma sessão muito difícil. Percebemos o que queria dizer.

Não visitámos muitos médiuns. Temos confiança numa vida após a morte, mas não andámos ativamente à procura de reafirmação. Não exigimos nada aos nossos queridos mortos — limitámo-nos a esperar para ouvir o que quisessem dizer-nos. E, embora não estivéssemos preocupados com itens evidenciais, ficámos ambos muito impressionados com a vívida exatidão do relato do meu pai sobre o meu acidente, da preocupação da minha sogra com a perda do seu anel e de outros factos que foram surgindo na sessão. Foi uma experiência curiosa ser apresentado a um filho crescido (perdido à nascença)

e ao meu mentor espiritual (irmão Simão). Ficámos inteiramente satisfeitos com a nossa leitura. Sentimos que tínhamos feito novos amigos de ambos os lados do véu.

Três anos antes de morrer, o Terry desafiou-me para um concurso a ver quem conseguia publicar um poema primeiro. O Terry ganhou, com publicação numa antologia universitária e em várias revistas. Eu acabei por colocar um poema numa antologia e, depois, escrevi um livro, Windows on the Passion: Dramatic Moments in the Life of Jesus, que foi publicado no dia do funeral do Terry.

Depois do funeral, encontrámos uma chave de cofre entre os seus pertences e, quando abrimos o cofre, vimos que estava atafulhado de poemas — montes de manuscritos de poemas. Nunca suspeitáramos que o Terry fosse tão sério quanto à poesia. Estava sempre a fazer palhaçadas, brincalhão. Alguns colegas pediram cópias e, quando comecei a revê-los, decidimos que o melhor era reuni-los e publicá-los num livro. Foi publicado pela McClure Press, de Verona, Virgínia, com o título Chanticleer.

Uma das primeiras coisas que surgiu na sessão com a Ena Twigg foi acerca do livro. Perguntei ao Terry se tinha gostado do livro.

O Terry respondeu: "O meu livro? Deliciado! É um livro muito bom. Estou muito feliz com ele."

A senhora Twigg descreveu o Terry na perfeição e disse: "Há um filho de caracóis louros a tomar conta de todos vocês."

Além disso, a senhora Twigg disse que tínhamos outro filho em espírito que morrera à nascença. Era verdade. Disse: "É um conselheiro espiritual. Não tinha nada a desfazer, pois apenas tocou a Terra, por isso continuou a desenvolver-se no seu próprio mundo. Está por detrás da cura." A senhora Twigg identificou-o como Laurence, embora nós nunca o tivéssemos nomeado. Disse que ele e o Terry teriam grande influência no tempo que vem.»

«O meu pai e a minha sogra comunicaram ambos. A certa altura, o meu pai disse: "Bateste com o carro", e atribuiu a si próprio o mérito de ter impedido que o acidente fosse pior do que foi. "Atenção às luzes e às curvas à esquerda", avisou.

Este foi o meu primeiro acidente em trinta anos. Foi exatamente como o meu pai o descreveu através da Ena — causado por uma curva à esquerda ilegal. Poderia ter sido muito pior, mas aparentemente o pai estava lá e salvou-me.

A mãe da minha esposa queria que ela ficasse com o anel de noivado e todos os seus pequenos adornos. Na sessão, expressou a sua mágoa por o anel já não existir.

Isto foi muito evidencial, porque antes de virmos para Inglaterra, um pintor desonesto roubou o anel de noivado da caixa de joias onde era guardado.

O meu pai e o Terry também mencionaram que tínhamos acabado de pagar a hipoteca da casa, o que era verdade. Fizemo-lo mesmo antes de vir para Inglaterra.

Ela também apresentou um irmão Simão, que me está a ajudar com a minha escrita religiosa. "O Simão envia pensamentos como se lhe desse orações — escreva-os num livro — escreva orações — irão ajudar e guiar e instruir. Um poder enorme é canalizado como um triângulo apoiado na ponta por cima da sua cabeça. Faça uma oração por luz e compreensão." Isto é muito curioso porque já escrevi e publiquei vários artigos, o libreto de uma ópera, *Rute e Noemi*, e várias outras obras religiosas. Parece haver uma força que me impele de fora de mim próprio.

Contei isto à senhora Twigg: depois de completar cinquenta anos, comecei a ter estranhos impulsos para escrever poesia. Todos os meus escritos deram-me a impressão de serem forçados. Sei que escrevi coisas que não compreendia. Aceito isso. Não compreendo, mas sei que existe esta sensação de escrever para além da nossa própria compreensão consciente.

A senhora Twigg disse: "Acho que eles estão todos envolvidos nisso." Disse que nunca vira uma família inteira a trabalhar em conjunto num único projeto.

Ora, esta é uma responsabilidade curiosa. Não tenho a certeza de gostar muito disto porque a família inteira insiste que me vai transformar em curador.

"Vieram a Inglaterra como peregrinos, não foi?" — perguntou a senhora Twigg.

Era verdade. Queríamos ir a Glastonbury depois de ler o poema do Terry *Orison*, em que recria o massacre dos monges e o incêndio da abadia.

Perguntamo-nos se o irmão Simão terá sido um deles.»

Terry escreveu (em *Chanticleer*):

As ruínas de Glastonbury erguem-se
Imponentes no seu poder despedaçado.
Em volta, o campo pacífico estende-se
Para lá do que o olhar alcança.
Atraído pela lenda, de terras distantes
Cheguei numa noite.

— de *Orison*

A HONRA DE UM ESCUTEIRO

«O meu nome é Rosella Turner. Todos me chamam Rosie. O meu marido chama-se Clifton, conhecido por Cliff. O nosso filho chamava-se Dale Clifton, nascido a 12 de março de 1953.

Fui a Inglaterra ter uma sessão com a senhora Twigg para tentar comunicar com o Dale, que morreu num acidente de carro.

Vi-a a 13 de janeiro de 1969, e seis meses depois voltei para outra sessão. Gravei ambas em fita. Foram muito evidenciais para mim, e quando o meu filho me disse: "Tu sabias que eu não tinha partido. Mesmo no meu funeral sabias que eu estava vivo em algum lugar — mas tinhas de descobrir onde — e ainda bem que ouviste falar daquele artigo", era tudo verdade, e foi o que me manteve em frente.

O artigo era a história sobre o bispo Pike, e foi assim que soube da senhora Twigg e tive esperança de ser possível alcançar o meu filho. Agora interesso-me por todo este campo e quero investigar o mais que puder — porque estou muito ocupada com este novo projeto.

«Aqui estão alguns dos pontos evidenciais das sessões.»

ENA TWIGG/DALE

É um rapaz jovem e feliz. É um rapaz grande — talvez vinte ou vinte e um anos de idade.

SRA. TURNER

Ele tinha apenas quinze, mas todos pensavam que teria pelo menos dezoito por causa do tamanho. Era uma cabeça e ombros mais alto do que os rapazes da sua idade. Portanto, nisso ela tinha razão.

Isto foi um acidente e a Mãe não estava lá. *[Ena leva as mãos à cabeça]* Oh, a minha cabeça dói! Ela teve de ouvir por outra pessoa.

O acidente de carro que tirou a vida ao Dale magoou-lhe a cabeça. A carrinha embateu de lado no carro do Dale, bateu-lhe na cabeça e partiu-lhe o pescoço.

Este rapaz adorava a água, adorava estar perto da água, e adorava as pessoas e os animais.

Correto.

Há duas coisas no meu quarto tal como as deixei. Ele está a mostrar-me uma cana de pesca — alguém a atirar fora a sua cana de pesca.

Era a cana dele.

Não quiseste vê-lo depois de ele ter deixado o corpo, pois não?... Quem é o Tommy? Dá-lhe lembranças minhas.

Não, não consegui vê-lo. O Tommy era um dos seus amigos dos Escuteiros. Estava no carro na altura do acidente.

Compraste-lhe este anel. Tu deste-lho.

Eu escolhi o anel e paguei-o no México. O Dale usava-o a maior parte do tempo. Dei-o à Ena para guardar durante a sessão.

Ele diz qualquer coisa sobre uma câmara de filmar.

Temos de facto uma câmara de filmar que usávamos frequentemente, mas agora é demasiado triste passar os filmes.

Não quero negócios sobre o meu túmulo. Não quero isso nem qualquer memorial que queiras fazer em minha memória. Quero que faças alguma coisa para ajudar outra pessoa.

O seu túmulo está em Shreveport, Louisiana, ao lado dos avós Turner, e sempre que lá vamos nunca sinto que o Dale esteja no túmulo. Estou convencida de que não está.

Ele está a falar da garagem. Gosta de mexer nas coisas na garagem. *Por vezes ficava preocupado, diz ele.*

Às vezes não arrumava as ferramentas quando andava a mexer na garagem e era repreendido.

Sabes que entraste no meu quarto e apanhaste-me a fumar, e eu não devia.

Eu apanhei-o a ele e aos amigos a fumar.

Ele diz: "A minha mãe sabe que quando o sol se pôs, só se pôs para nascer noutro lugar. Onde quer que o sol estivesse, eu estaria. Nunca me vais perder porque tenho tanto para te dar. Ainda temos tanto para partilhar; vamos continuar nesta grande aventura juntos."

Esta referência foi bastante reveladora para mim, porque desde que ele nos deixou, penso sempre que, cada vez que olho para os raios do sol, o Dale está por trás das nuvens.

Falámos sobre eu ir à Lua. Posso ir à Lua. Posso ir pelo universo se quiser agora. Tu não queres que eu vá à Lua, pois não, Mãe?

Falávamos muitas vezes sobre ele poder ir à Lua durante a sua vida.

Diz ao Pai que ainda digo que ele não está a ficar careca; é só a testa que é grande.

Isto era uma piada de família constante.

O Pai tinha um dente estragado, teve de o arrancar. Diz-lhe que lamento por ele.

O Cliff tinha arrancado um dente pouco antes de eu ter a sessão.

Ele diz que costumávamos ir fazer piqueniques, como churrascos. *Mostra-me que iam para fora cozinhar.*

O Dale era Escuteiro Águia. O pai foi chefe de escuteiros durante oito anos. Foram acampar muitas vezes.

Tu tens as abotoaduras dele numa caixa — as de ouro. Ele tinha um relógio de que gostava muito.

Nunca encontrámos o relógio que o Dale levava. Ele tinha muito apreço por ele.

"Quando sentires um vento frio ou fresco passar por ti, sou eu", diz ele... "Já sentiste algo passar por ti. Vou conseguir aparecer-te. Não olhes diretamente para mim, Mãe. Olha pelo canto do olho, e assim conseguirei permanecer."

Sinto-o à minha volta muitas vezes. Pouco antes de ter esta sessão, enquanto planeava a viagem, senti continuamente teias de aranha na cara ou um cabelo solto na nuca. Tenho a certeza de que era a presença do Dale.

Ele está a falar agora do Robert.

O Robert também ficou ferido no acidente, mas agora está bem.

Tu vives numa colina, e consegues ver a água. *Ele está a mostrar-me palmeiras à volta. O caminho ou entrada não é reto. Vai em ziguezague.*

Isto descreve a nossa casa na altura da sessão.

Ele diz se tu voltarás no próximo ano e se trarás o pai dele?... *Está a falar-me de um serviço memorial que lhe fizeram numa escola. Houve um prémio ou uma entrega, e tu estavas mesmo na primeira fila.*

A cerimónia escolar foi no New Mexico Military Institute, onde nos deram um prémio para comemorar o desportivismo do Dale em provas de tiro que tinha ganho. Durante os quinze anos seguintes esse prémio terá gravado o nome do vencedor anual debaixo do nome do Dale. Foi realmente uma grande honra. É uma escola grande.

Quero que fiques mais envolvida porque há um trabalho para fazermos, e temos de o fazer, não temos, Mãe? Tu pensaste que encontraste isto por acaso. Leste qualquer coisa. Eu pus isso lá. Pensaste que havia algo a que te podias agarrar, e perseguiste-o... *Ele diz que quer que guardes registo desta visita porque isto vai continuar e é maravilhoso que tenhas atravessado o mar e eu continue a aparecer.*

Há muito mais nesta história — páginas e páginas — mas é uma história sem fim. Espero que nunca tenha um.

PROVA DE UM UNIVERSO DESOBSTRUÍDO

A Sra. Pat Kerr, de Locust Hill, Ontário, é membro da Association for Research and Enlightenment e faz peregrinações a Virginia Beach para assistir a seminários sempre que possível. Assim, foi com grande fé e entusiasmo que aguardou a oportunidade de comungar com o marido em espírito quando visitou Ena Twigg em junho de 1970.

“Quando entrei na sala de estar da Sra. Twigg, senti uma coluna de frio a erguer-se atrás de mim, e quando olhei para trás de relance, ela disse: ‘Ah, sim, há um ser de pé no arco da porta.’ Depois disse: ‘Hei de voltar a ver-te.’

“Dei-lhe o anel do meu marido para segurar, e ela disse imediatamente: ‘Ah, o seu marido está em espírito.’

“Uma das coisas que me impressionou foi o conhecimento atual do meu marido sobre tudo em nossa casa — até ao ponto de me dar uma lista detalhada e toda a espécie de informações sobre a quinta. Deu-me o seu conselho sobre a gestão da quinta, a venda e o preço. Disse: ‘Sairás daí, mas não com pressa porque tens de esperar pelo teu preço. Nós trabalhámos por esse lugar; começámos do nada. Agora vale muito mais do que nos custou, exceto pelo nosso trabalho, o que significa que tens de ser compensada. Tens de te lembrar de tudo isso e obter a avaliação correta, mas nunca vás viver mesmo para a cidade.’ (Eu nunca poderia viver numa cidade.)

“O meu marido disse-me que foi bom quando Deus o chamou a casa, que ele estava demasiado doente para viver. Eu estava em coma quando parti [verdadeiro]. Abri os olhos, e lá estava a minha mãe. Ele amava a mãe, que também está em espírito.

“‘O seu marido está a dizer que o rapaz já partiu há algum tempo.’ O nosso filho partiu há quase vinte anos. A Sra. Twigg disse que ele era um espírito lindo. Era um rapaz que nunca pensava em si mesmo, e disse que estava a trabalhar com os pássaros. Gostava de pássaros.

“‘O que é que ele tinha no peito?’ perguntou a Sra. Twigg.

“‘Ele tinha asma’, respondi.

“Depois ela disse: ‘O seu marido costumava adorar música [certo], e vai sempre chegar até si através da música. E ele diz para lhe dizer que está cheia de sol.’

“‘Sabe da maquinaria que o seu marido comprou para a quinta? Ele diz que pagou muito dinheiro por ela e quer que veja que se mantenha limpa.’

“‘Ele também gostava de cavalos. Costumava montar. Tinha uma maneira maravilhosa com os animais, não tinha? [Sim.]

“‘Ele gostava do seu lugar, e sentia-se melhor quando as pessoas vinham a sua casa. Ele não ia a casa de ninguém. “Que venham cá”, costumava dizer [inteiramente verdade].’

"Houve muitas mais coisas evidenciais. Eu diria que cerca de 90% do material estava correto, cerca de 10% ou errado ou vago. Mas, claro, o mais importante na sessão não foi o que foi dito, mas a personalidade que comunicou — a iluminação que me trouxe e a prova de um universo desobstruído."

AS VÍTIMAS

Não há desgosto que iguale a dor da perda por crime ou violência sem sentido. Aqui o médium ou sensitivo tem um duplo desafio: ajudar os enlutados a suportar a sua dor e auxiliar as autoridades policiais (quando possível) na solução do crime, levando à captura do criminoso.

Anteriormente, o Cônego Pearce-Higgins relatou como as pistas da Ena ajudaram as autoridades a localizar o corpo de uma menina de seis anos desaparecida em Vancouver, Canadá. Noutro caso, mais feliz, a Sra. Twigg conseguiu tranquilizar pais de que a filha "desaparecida" estava viva e que iria aparecer dentro de alguns meses — e assim aconteceu.

Numa sessão, a Sra. Twigg descobriu que o consulente tinha comprado uma arma e planeava regressar a casa para matar a mulher. Conseguiu dissuadir o homem perturbado do plano homicida. Há muitos anos, uma sessão revelou a uma mãe americana que a filha falecida tinha na realidade sido assassinada — possivelmente pelo marido. Como toda a informação sobre trabalho com as autoridades deve permanecer confidencial, apresentamos aqui alguns dos casos de crime e violência em que a mediunidade da Sra. Twigg trouxe algum auxílio e conforto.

JOHN

John Tomlinson, adolescente filho de um ministro episcopal, foi assassinado enquanto estava sentado num carro estacionado em Bordentown, Nova Jérsia, a 19 de outubro de 1969. Um colega da universidade, que admitiu ter consumido LSD e haxixe, confessou o esfaqueamento fatal e culpou uma recaída. O jovem foi condenado por homicídio em segundo grau e sentenciado a uma pena máxima de vinte e cinco anos.

No verão seguinte, os pais de John, o Reverendo e a Sra. Edwin S. Tomlinson, da Igreja Episcopal de St. Peter, em Washington, Nova Jérsia, participaram na

Conferência da Spiritual Frontiers Fellowship em Londres. Estando lá, foram escolhidos para uma sessão com Ena Twigg.

O Reverendo Tomlinson relata alguns dos pontos altos da sessão. Incluem os seguintes comentários:

"Ena avaliou corretamente a idade do John em dezanove anos. Falando da sua morte, citou o John a dizer: 'Parti assim [estalido de dedos]. Isto não foi uma doença. Fui morto. A minha cabeça ficou ferida e as minhas costas e o meu ombro.' A autópsia do John revelou que tinha mais de setenta feridas de faca no corpo, e as zonas mencionadas estavam entre as primeiras atingidas. Além disso, o John pode ter batido com a cabeça ao cair, tentando sair do carro.

"Ena disse sobre o John: 'Ele não era um rapaz metido no mundo da droga; com isso quero dizer que não consumia, mas estava envolvido.' E depois citou diretamente o John: 'Foi demais para mim; não consegui endireitá-lo. Dei tudo, Mãe, para tentar pô-lo de pé outra vez.'

"O nosso filho era religioso, e tinha planos de estudar para o ministério. Interessava-se em combater o vício das drogas. Um amigo próximo do John contou-me que ele estava a tentar ajudar o seu assassino e outros que eram conhecidos consumidores de droga.

"Ficámos muito impressionados com o facto de a Ena ter sabido pelo John que o dia seguinte à entrevista era o nosso aniversário de casamento. 'Amanhã estarei convosco,' disse o John. 'Arranjei maneira de vir hoje para vos desejar feliz aniversário amanhã. Façam uma boa celebração, sim? Porque eu estarei envolvido nela. Quero que sejam o mais felizes possível.'

"O John teve várias coisas a dizer sobre a igreja: 'Obrigado pelas orações ditas na igreja em minha memória e pelas flores que colocaram no altar. Agora podes pôr muito mais nos teus sermões, Pai, não podes? Porque percebes? Vou tentar estar atrás de ti agora e soprar-te as minhas ideias sobre o que vai tocar neles.'

"Isto poderia ter sido uma observação geral lançada pela Sra. Twigg, mas soava muito ao John, especialmente a parte dos sermões. O John, noutro momento, exortou-me a continuar o meu trabalho com os jovens e a ajudá-los tanto quanto pudesse.

“John adorava música. Cantava no coro da igreja e nos grupos corais da escola; tocava piano e estava a aprender banjo”, disse Ena Twigg. ‘Ele gostava de música. Enquanto o ouço agora, consigo escutar a música mais linda, e isto era algo que o ajudava. E se fores à tua igreja e tiveres só música de órgão... não precisas de ter congregação... só tu e a mãe juntos, esta é uma forma de chegar até vós. Ele tem a música, mas quer que ouças a tua música terrena, percebes?’

“O John tinha ganho um livro sobre Espanha como prémio de Espanhol quando terminou o ensino secundário. Não havia forma de a Ena saber disso, mas relatou o John a dizer: ‘Podes ficar com os meus livros, Pai... e com o meu único prémio.’ Ela acrescentou: ‘Ele tem um livro como prémio.’

“Através da Ena e do John, contactámos outros membros da família já falecidos. Ena revelou que a avó materna do John o tinha recebido quando ele ‘passou para o outro lado’. (Tinham sido muito próximos em vida.) Também a minha madrasta e os dois avôs do John, incluindo alguém com bigode. Isto poderia ser ou o meu próprio avô ou o meu tio. Enquanto tentávamos perceber a quem pertencia o bigode, Ena disse que o John tentou, a brincar, desenhar-lhe um... uma típica partida, pois gostava de fazer palhaçadas. Ena disse que conseguia ver toda a família — a minha e a da minha mulher — junta, a sorrir, a apertar as mãos e a desejar-nos feliz aniversário.

“Através da Ena, o John falou do carinho pela irmã Lynne; isto era verdade. ‘Eram muito próximos’, disse Ena. Colocou as idades deles como dois anos de diferença. Na realidade são vinte meses, mas à data da sua morte o John tinha dezanove e a Lynne dezassete.

“O John deixou um aviso à Lynne sobre o futuro: ‘Diz-lhe para não experimentar as asas demasiado cedo. Vai magoar-se se se lançar além da sua profundidade. Não quero que ela se magoe. Dá-lhe o meu amor.’ Esta foi a predição mais próxima que surgiu da sessão, mas ainda é cedo para avaliar o seu significado. Ela está atualmente no meio de uma grande decisão que pode ser crítica para o seu futuro.”

“Houve momentos em que parte do que a Ena dizia era pouco claro. Era difícil perceber se era ela quem falava ou o John. Ela parecia funcionar como intermediária, voltando-se de costas para nós e depois novamente para nós, dirigindo-se ao ar como se o John estivesse fisicamente ao seu lado, respondendo às suas perguntas. Tínhamos levado um relógio do John

connosco a pedido da Ena. Ele estava a usá-lo quando foi morto. A Ena não sabia que objeto tínhamos trazido, mas o John irrompeu durante a sessão: 'Ainda bem que trouxeram o meu relógio.'

"Ambos tivemos a sensação nítida da sua presença, mas não o 'vimos' em momento algum. No fim, senti-me emocionalmente abalado e algo entristecido por algumas das memórias que a sessão despertou, mas, no geral, fiquei feliz e aliviado com a experiência e mais tranquilo em relação ao meu filho. A Ena disse-nos várias coisas que nos animaram e reforçaram a profunda relação que tínhamos conhecido com o John em vida, mas era difícil por vezes perceber se essas garantias vinham dele ou dela, reconhecendo a nossa necessidade delas."

CAROLYN

Carolyn Douglass, hoje enfermeira psiquiátrica, conheceu o primeiro marido quando trabalhava num hospital em Chicago. Ele era então paciente de ortopedia. Quando teve alta, casaram. Tiveram dois filhos de olhos azuis: Drake, de cabelo castanho, e Brian, loiro.

O casamento terminou em divórcio e, algum tempo depois, Carolyn voltou a casar. Então, em 1963, quando Drake tinha oito anos e Brian seis, os dois rapazes foram raptados pelo pai enquanto brincavam no quintal de casa.

A princípio, Carolyn tinha esperança de que os três pudessem ser encontrados. O ex-marido tinha algumas características bastante distintivas que a polícia tinha a certeza de que levariam à descoberta. Por exemplo, a perna tinha sido amputada cinco polegadas acima do joelho, pelo que usava uma prótese. Era adepto de alimentação natural e frequentava lojas onde esses produtos podiam ser comprados. Os rapazes tinham cicatrizes identificáveis. Mas pista após pista evaporou-se, e pareciam ter desaparecido sem deixar rasto.

Nos últimos anos, a mãe enlutada encontrou força espiritual e desenvolveu um notável poder de cura, trabalhando com o Rev. Paul Higgins, na Richards Street United Methodist Church em Joliet, Illinois. Assim, naturalmente, quando Higgins, um dos fundadores e primeiro presidente da Spiritual Frontiers Fellowship, organizou o seminário em Inglaterra, Carolyn Douglass também foi. Foi uma das poucas afortunadas escolhidas para uma sessão privada com Ena Twigg.

“Grande parte da sessão tratou do meu próprio desenvolvimento espiritual”, recorda Carolyn. “A Sra. Twigg também falou de alguns aspetos do meu casamento atual. Depois perguntei-lhe se poderia dizer-me alguma coisa sobre os meus filhos, e teve lugar o seguinte diálogo”:

Twigg: Tem de viver na Califórnia.

Douglass: Não, mas eles vivem?

Twigg: Bem, acabei de ver um mapa da Califórnia.

Douglass: Eles estão bem?

Twigg: Não sei, querida. Teve três?

Douglass: Tive dois, e depois adotei um rapaz e uma rapariga.

Twigg: Não se preocupe. Estamos todos nas mãos de Deus. Eles não estão no mundo espiritual. Não estão. Teriam vindo imediatamente. Não estou a receber uma mensagem direta, mas sinto que está tudo bem com eles. Um deles teria agora dezasseis anos?

Douglass: Sim, quinze e meio.

Twigg: Que coisa terrível acontecer. O que aconteceu então?

Douglass: O meu marido tinha problemas mentais. E depois de eu lidar sozinha e cuidar das crianças, conheci este outro homem, casámo-nos. E então ele apareceu e raptou as crianças.

“Saí da sessão com a forte sensação de que as crianças estavam vivas e bem, e isso foi algum consolo, e que, depois de algum tempo — não sei bem quando —, nos voltaremos a reunir. Talvez eu tenha de atingir um certo estádio do meu desenvolvimento espiritual — ou haja alguma razão que não compreendo.

“Mas pouco depois de termos regressado a casa, aconteceu a coisa mais maravilhosa. Recebi uma fotografia recente dos dois rapazes da madrasta do meu ex-marido. A fotografia vinha da Califórnia, mas ela também não sabe onde eles estão. O marido dela pô-la fora de casa quando envelheceu e já não podia trabalhar. Mas foi assim que a fotografia me chegou. O pai dos rapazes enviou a fotografia a familiares na Polónia e eles enviaram-na à madrasta, que ma enviou a mim. Sinto que foi um sinal e que o resto também virá um dia.”

KATHY

A Sra. Kay Greene, de Honolulu, Havai, perdeu a filha de vinte e seis anos, Kathy, num acidente em setembro de 1968, em São Francisco. A única testemunha (num carro atrás do da Kathy) disse que aconteceu tão depressa que não podia acreditar no que via.

"Eu tinha uma relação incomum e muito próxima com a minha filha, e durante dois anos após a sua morte 'comuniquei mentalmente' com ela", diz a Sra. Greene. "A 28 de setembro de 1970 visitei a Sra. Twigg na esperança de conseguir uma comunicação mais direta.

"Antes da sessão, a Sra. Twigg conversou brevemente comigo. Tinha acabado de assistir a um seminário sobre os problemas do Médio Oriente entre o Egito e Israel e disse que vários senadores americanos também lá estiveram. A Sra. Twigg observou que, se nós, no nosso mundo, estivéssemos realmente ansiosos por resolver a situação, ouviríamos quando recebêssemos conselhos do outro mundo. Disse que o ex-Presidente John Kennedy estava muitas vezes nas reuniões, pois ainda se preocupava muito com o que acontecia ao nosso país. No entanto, disse, os conselhos raramente eram seguidos, mas seria apenas uma questão de tempo até terem de ouvir — e ouviriam.

"Quando a sessão começou, a Sra. Twigg indicou que alguém estava ansiosamente a tentar comunicar comigo. 'Oh, Mãe, Mãe, Mãe — querida Mamã — Mãe!' repetia ela vezes sem conta.

"Pela maneira como a Sra. Twigg o dizia, consegui ouvir a minha Kathy a transbordar de alegria para me cumprimentar. Soava exatamente como ela. A partir daí, a conversa foi assim":

SRA. TWIGG/KATHY

Esta é uma rapariga linda, requintada — terá talvez vinte e um anos.

SRA. GREENE

Tinha vinte e sete.

Bem, não parece — parece mais ter vinte e um e é uma rapariga delicada, frágil e bonita; o cabelo é como um halo dourado e brilha como ouro fiado sobre a cabeça... É ligeiramente mais alta do que você. *[À parte, para o ombro*

esquerdo] Sim, querida, sim — basta pô-lo na minha vibração e apanho tudo bem... Estás a fazer bem... Oh, Mamã, amo-te tanto... Não te pude dizer, Mamã; aconteceu tão depressa… Diz para lhe dizer que lamenta tê-la magoado tanto, mas que simplesmente aconteceu tão depressa, que estava cansada e infeliz. *[À parte, para o ombro esquerdo]* Sim, querida, eu sei que esta foi a maior dor que ela alguma vez conheceu — eu vou dizer-lhe. Ela diz que não pôde evitar — que simplesmente aconteceu — e que não quis magoar a mãe nem as pessoas que a amavam tanto.

Excelente descrição.

[À parte, para o ombro esquerdo] Sim, eu sei, querida. Sei que tiveste de a fazer vir aqui. Sei que tornaste possível a sua vinda a Inglaterra.

Usei dinheiro da viagem proveniente da venda de ações que comprei com o dinheiro do seguro que ela me tinha deixado.

Estou tão feliz por estares aqui — tenho falado contigo e sei que me ouves e uma vez vim ter contigo quando estavas a dormir e vieste comigo para veres que eu estava bem, mas tinhas de saber de uma vez por todas.

Cerca de três semanas após a sua morte, quando estava a sentir profundamente a dor, parecia que começava a afastar-me de tudo. Francamente, não queria viver, exceto por ter outra filha, e entes queridos por quem tinha de viver... Não sabia como poderia continuar, e particularmente tinha de saber que a voltaria a ver. Adormeci uma noite, e no meu sonho vi-a. Estava com um vestido de chiffon cor-de-rosa, e as suas faces e olhos pareciam brilhar com uma bela translucidez, como porcelana fina. Fiquei tão feliz por vê-la que disse: "Querida, estou tão contente por teres voltado. Tive tantas saudades tuas." Ela olhou para mim com aqueles olhos lindos e disse: "Não voltei, Mãe; foste tu que vieste ter comigo." Não senti nada senão alegria por a ver, mas ela disse: "Mas tens de regressar, sabes." Segurou as minhas mãos nas dela e olhámos profundamente nos olhos uma da outra e senti o amor total que partilhámos desde o seu nascimento. Quando acordei, as minhas mãos estavam pousadas abertas ao lado do corpo, por cima da colcha, e estava cheia de uma doce paz e soube que o choro desesperado terminaria.

Ela diz qualquer coisa sobre fotografias. São duas fotografias — uma grande e uma pequena — e há rosas. Diz: "Obrigada pelas rosas, Mãe." Diz que há pequenas fotografias dela na sua carteira.

Quando parti para a Europa, levei uma fotografia grande da Kathy e algumas pequenas na carteira. Tinha colocado a fotografia grande da Kathy na cómoda do quarto do hotel em cada lugar onde estive, e naquela manhã tinha comprado um ramo de rosas numa banca de rua e pus ao lado da sua fotografia.

Ela está a falar de um quarto dela que manteve — de algum lugar onde guardou as roupas e coisas dela ainda em casa.

Sim.

Ela diz que está a usar o relógio dela e que trouxe consigo a mala dela e que há alguns lenços que trouxe consigo, e algumas luvas.

Estava a usar o relógio de pulso. Sim. Tinha cinco dos seus lenços e três pares de luvas de cabedal que lhe pertenciam. Sinto-me sempre próxima dela quando uso algo que lhe pertenceu.

Ela está a falar das coisas dela em casa, e de alguns cartões que encontrou.

Enquanto preparava o Natal nesse primeiro ano, senti-me muito reconfortada ao encontrar entre as suas coisas alguns cartões de Natal que ela própria tinha feito.

Ela está a tentar dar-lhe estas coisas para que saiba que é ela que fala consigo. Diz que tem as coisas dela à sua volta em casa.

Quando vendemos a nossa casa e nos mudámos para um apartamento em Honolulu, usei as suas pinturas, cerâmica, escultura e outros objetos de arte como tema básico de decoração para o apartamento.

Ela está a dizer que nunca deveria ter pegado no carro e saído naquela noite. Está a dizer que houve um telefonema para si — e ficou tão chocada que não podia acreditar. Sabia que ela estava ao seu lado com os braços à volta de si quando recebeu a chamada, para que não doesse tanto e para a ajudar a suportar? Sabia que ela esteve consigo o tempo todo?

Eu tinha acabado de chegar à minha secretária no gabinete da Guarda Costeira em Honolulu quando o telefone tocou e um agente da polícia perguntou se havia alguém na sala comigo. Quando me deu a notícia, senti o meu mundo desmoronar-se. Ouvi alguém a soluçar e a gritar; finalmente percebi que os gritos eram os meus e que a minha vida tinha acabado porque a minha Kathy se tinha ido.

Ela está a dizer o quanto ama o pai — mas não o chama de pai. Diz: "Diz-lhe que o amo tanto como sempre e que ele não está a ficar velho só porque o cabelo está a rarear um pouco. Continuo a achar que foi a melhor coisa que alguma vez aconteceu quando casaste com ele, Mamã." Ela está a chamá-lo — sim, querida — ela está a chamá-lo de "querido Robert."

O meu marido e eu casámos em 1963, depois de cinco anos de companheirismo, e a Kathy estava particularmente feliz porque gostava muito do meu marido. Chamava-lhe sempre "querido Robert" e brincava com ele sobre envelhecer.

Ela está a dizer qualquer coisa sobre a água. A Kathy gostava da água?

Fiquei impressionada com o facto de a Sra. Twigg usar o nome dela, que eu propositadamente não tinha mencionado.

Sabe o que ela está a vestir? É apenas uma parte de baixo e de cima brancas. Diz qualquer coisa sobre surf. Está a dizer que alguém estava "demasiado roliça."

Ela tinha um fato de banho branco tipo biquíni. A irmã tentou usá-lo, mas era demasiado pequeno para ela. Ri-me e disse: "Espera até eu lhe contar isso!"

"Oh, Mamã, nem penses em lhe dizer que eu disse isso!"

Isto foi dito com a voz da Kathy.

Ela está a mostrar-me um anel e está a dizer: "Olha — um anel. Ela casou-se na primavera; um anel feliz!"

A irmã, Karin, casou-se felizmente em abril.

Ela diz qualquer coisa sobre você ter netos que a manterão ocupada; não — diz que já há netos e que já tinha estado casada antes. Um dos filhos tem quatro anos?

O Mikey tem quatro; a Brenda tem sete.

Há uma inicial [a Sra. Twigg deu-a]. Há uma sombra sobre esse nome.

Sim, eu entendo. A Kathy tinha estado casada durante cinco anos, mas o casamento terminou em divórcio.

Há outro [a Sra. Twigg deu o nome]. Esse é um feliz. Diz para lhe dizer que nada mudou entre eles, que embora o abismo pareça largo, é apenas um passo, e que está sempre com ele. Envia-lhe o seu amor e diz que — um dia

ele compreenderá — que a deles é uma associação eterna e que nunca o deixará.

Não precisei que me dissessem que esta era uma relação eterna; um incidente com um enorme ramo de cravos cor-de-rosa que se recusaram a murchar quando todas as outras flores tinham morrido levou-me a examinar o cartão e a encontrar o nome dele.

Há um homem — ela diz que este homem diz que deve cumprimentá-la. [A Sra. Twigg deu uma boa descrição do homem.] Vejo um campo de trigo — este homem tem uma grande quinta, e diz para lhe dizer que a encontrou e que ela está com ele. Ela está a dizer: "Oh, Mamã, ele foi verdadeiramente um anjo; encontrou-me e disse, 'Agora estás em casa, querida. Vem comigo e descansa um pouco'; e levou-me para a sua quinta tal como quando eu era menina."

A Kathy adorava o avô. Durante os meses de verão, sempre que possível, ela e a irmã passavam o tempo no rancho dele no norte do Idaho. Ele faleceu em 1952.

Ela está a dizer que teve muito pouco que ajustar por causa da forma como a mãe e os outros entes queridos foram corajosos, e diz que isso a ajudou a crescer e a progredir tão depressa. Ela diz: "Mamã, deram-me logo um trabalho." Diz que está a dar aulas de arte a todas as pessoas que as tinham desejado mas nunca tinham podido ter antes. Está a dizer que está tão feliz e satisfeita com isso.

Isto era típico da Kathy — nunca conseguia estar parada um minuto. Estar sem trabalho, mesmo no céu, seria impensável para ela. A Kathy tinha um mestrado em arte.

Ela diz agora que se mostrará mais vezes à mãe e aos amigos e família, que só pode fazer isto se não assustar nenhum de vocês. Diz que a mãe sabe onde ela está e que o pai da mãe, o avô dela, também sabe, e que, enquanto nenhum de vocês se assustar, ela pode voltar a contactá-los.

Em abril de 1969, o avô da Kathy teve uma experiência fantástica que mudou completamente a sua atitude em relação à comunicação com aqueles que tinham partido. Foi levado a um lugar maravilhoso pela Kathy, que entrou no quarto dele no fim de um longo feixe de luz branca brilhante. Disse-lhe que era lá que vivia; chamou-lhe euforia e depois disse-lhe que não era um estado mas um estado de ser. O meu pai agora sente que um dia a Kathy virá buscá-lo e não tem medo da morte.

Ela está a mostrar-me uma imagem do mar. É de um azul lindo, com um céu azul-escuro e uma grande lua prateada a brilhar sobre ele tão intensamente que as ondas se tornam um caminho, e ela está a dizer: "Isto é o que eu amo — isto é casa, e amo este país."

Esta é a vista do nosso lanai no nosso apartamento em Honolulu, no 12.º andar e com vista para o Oceano Pacífico, como já a vi muitas vezes em noites de luar. A Sra. Twigg não sabia nada sobre mim na altura da sessão. Eu não lhe tinha dito que vinha do Havai, apenas da América.

Diz para dizer ao avô que encontrou o irmão dele — o Alegre, o Jesse.

O meu pai tinha dois irmãos, o Jesse e o Arlie, que já tinham partido. É verdade: o Jesse era o mais alegre.

Diz para dizer ao avô que encontrou o irmão dele — o Alegre, o Jesse.

O meu pai tinha dois irmãos, o Jesse e o Arlie, que já tinham partido. É verdade: o Jesse era o mais alegre.

Ela diz que a ama ainda mais pela bela forma como as coisas necessárias foram feitas, e que não deve pensar no pequeno corpo quebrado, mas saber que ela está completamente livre e que os entes queridos não a prenderam de forma alguma e que está grata à mãe pelo seu progresso.

Pensar no corpo quebrado dela tem sido uma dor imensa para mim.

OS BUSCADORES

Há alguns que recorrem à mediunidade e à comunicação não por razões de conforto ou alívio da dor, mas por iluminação, refrescamento espiritual e desenvolvimento, inspiração criativa ou ampliação do corpo de conhecimento sobre este assunto. Entre eles encontram-se muitos clérigos, professores, investigadores, artistas criativos e homens e mulheres comuns que atingiram um nível de desenvolvimento espiritual que já não exige prova evidencial da sobrevivência. Aqui estão alguns casos típicos.

REV. CÓNEGO WILLIAM V. RAUSCHER,

REITOR, IGREJA EPISCOPAL DE CRISTO,

WOODBURY, NOVA JÉRSIA

"Eu era presidente da Spiritual Frontiers Fellowship na altura em que o Rev. Bob Lewis e eu estivemos em Inglaterra, no verão de 1966. Íamos participar na conferência anual da Parapsychology Foundation em França. Claro que visitámos o meu querido amigo, o Cônego John Pearce-Higgins, que é um dos espíritos ativos da Churches' Fellowship em Inglaterra, e o cônego pensou que poderia organizar para nós uma sessão com a Ena Twigg. Ficámos encantados, claro, pois o Bob e eu acolhemos todas as oportunidades para alargar e aprofundar a nossa experiência com a mediunidade e o paranormal.

"A minha impressão deste casal encantador (Harry e Ena) foi de total sinceridade. A Sra. Twigg captou muitos aspetos do meu caráter que eram bastante exatos, mas uma parte da sessão foi muito evidencial. Primeiro perguntou-me se eu tinha um tio em espírito, e pensei: Bem, não tem toda a gente um tio em espírito? Mas decidi colaborar e disse: 'Sim.'

"Mas então ela lançou-me uma curva. Disse: 'Sinto cheiro a álcool', e depois descreveu o meu tio Bob. 'Ele está a dizer que tem de fazer as pazes porque este homem foi infeliz. Neste mundo,' continuou Ena, 'ele construiu uma prisão para si mesmo.' E depois disse: 'Há três na Terra que ainda se sentem tristes com o efeito que ele teve nas suas vidas. E ele está a pedir-te para pôr isso em ordem, rapaz; consegues? Ele tinha um cérebro muito bom,' disse a Sra. Twigg, 'e ansiava por uma voz e esperava à porta para ser compreendido. Agora está habituado a viver no seu ambiente, mas ainda é cinzento. Sabe que o seu caminho para a bebida foi um erro, mas tornou-se neurótico, e agora sente necessidade de Deus, de amor e de perdão. Manda cumprimentos à Lillian, e tu deves tentar pôr tudo em ordem. A razão pela qual vieste aqui foi para ajudar a libertá-lo.'

"Isto e outros detalhes sobre a família foram notáveis porque descreviam completamente a situação do meu tio Bob, que era o único tio falecido a quem eu era realmente próximo. O tio Bob era muito inteligente, mas nunca teve estudos avançados. Tornou-se um grande peso para a família, vivendo com a minha tia, em constante conflito com as duas filhas dela por causa da bebida. Uma das filhas chama-se Lillian. O meu tio Frank também apareceu — de forma muito evidencial.

"Depois a Ena descreveu um velho eclesiástico que estava presente e me dava a sua bênção. Disse que estava feliz por eu estar a fazer algumas das coisas que ele me tinha ensinado. A descrição da entidade dada pela Ena indicou-me que era o Reverendo Christopher Snyder, que me tinha orientado

para o ministério. A minha avó deu-me uma mensagem para a minha mãe e chamou-a pelo nome, Marie — e o nome da minha mãe é Marie."

"Estou profundamente comprometido com a crença na continuidade da consciência, sobrevivendo à morte do corpo. Não é uma única experiência que me convence disto, mas, quando junto todas as experiências que tive com pessoas como a Ena Twigg, Arthur Ford, Eileen Garrett, Douglas Johnson, James Wilkie, e muitos outros conhecidos e desconhecidos, concluo com uma preponderância de evidências que me conduzem, com factos, juntamente com os estudos parapsicológicos, a um aumento da fé na sobrevivência.

"O meu interesse pelo desconhecido e pelo Invisível foi despertado na infância pelo meu avô, que era um talhante à moda antiga, chapéu de palha e tudo. Mas interessava-se por hipnose, e eu descobri de repente que o meu avô era uma pessoa fascinante porque sabia algo que mais ninguém sabia. E encorajou-me no meu interesse pelo desconhecido. Ia com ele a Newark buscar fornecimentos e, enquanto ele fazia as compras, eu encontrava o caminho para uma loja de magia e o meu interesse pela magia era alimentado. Durante todo o período universitário e até no seminário, ganhei dinheiro extra a fazer magia.

"Fui para a universidade e, enquanto lá estive, interessei-me pelo trabalho do Dr. Rhine, e quando frequentei o seminário episcopal em Filadélfia, fui ouvir o Rev. Arthur Ford e tive a minha primeira experiência com a mediunidade. Isso mudou completamente a minha forma de pensar e enobreceu toda a minha visão da teologia. Ampliou a minha visão de Deus, do universo e das coisas divinas que eu tinha andado a lutar por compreender.

"Quando me tornei padre, entrei na *Spiritual Frontiers* porque penso que a Igreja tem de recuperar toda a sua apresentação da vida interior, da qual sempre se pensou ser a guardiã... A investigação psíquica deu-me uma visão de formas de apresentar isto para permitir às pessoas dar um passo maior na fé. Se a Igreja puder voltar a centrar-se em termos de oração, vida depois da morte e cura, isso dar-lhe-á força e vitalidade. Se as coisas que aconteceram na Igreja primitiva não forem verdadeiras — se não houver curas hoje, se não houver razão para ter um serviço de cura, se a vida após a morte não for verdadeira, se a oração for meramente uma sugestão subconsciente a nós próprios —, então estamos a lidar com um passado morto, um Cristianismo histórico. Ora bem, as pessoas não querem um Cristianismo histórico.

Querem um Cristo vivo, real, um Cristo ressuscitado na sua vida agora. Os problemas das pessoas são os mesmos de sempre. As pessoas estão a reconhecer que a Igreja está espiritualmente falida.

"Há um enorme interesse em PES (*perceção extrassensorial*). Porquê? Porque estamos numa era de interesse pela realidade não física como não tínhamos há muito, muito tempo. Toda a revolução psíquica faz parte de um movimento cósmico subterrâneo em direção a uma nova consciência — a Era de Aquário. E descobri que, introduzindo estes temas, a PES é uma forma de chegar aos jovens e criar neles a capacidade de dar aquele passo além da realidade material e abraçar a ideia de que existe uma realidade não física.

E a mediunidade, se tiver alguma relevância, ajuda a afirmar isso; há uma continuidade de material que surge que eu considero verdadeira. E todo o tema da religião cristã é a revelação de uma compreensão superior da vida após a morte. A história da Páscoa é de importância primordial, e se se remover a história da Páscoa da fé cristã, não se tem Igreja. Jesus teve a capacidade de demonstrar a sobrevivência da personalidade total após a morte, e essa foi a sua grande contribuição.

"O Bob e eu visitámos a Ena e o Harry Twigg novamente em julho de 1971, não para uma sessão mas para chá e conversa e para gravar as respostas a algumas perguntas para o livro e para a nossa própria orientação. O cônego estava connosco.

"Perguntei à Ena: 'Como gostaria que os clérigos tratassem um sensitivo? O que gostaria que a Igreja pensasse de si?'"

Twigg: Vou dizer-lhe como a Igreja deveria usar um sensitivo... Eles poderiam ser usados não necessariamente na igreja — esse não é o lugar deles — mas como parte dela. Se o clero não tem visão espiritual, se não consegue ver e ouvir, porque não consultam alguém que realmente consegue ver e ouvir?

Rauscher: Acha que a situação mudou nos anos em que tem feito este trabalho? E a atitude da Igreja em relação a si?

Twigg: Sim, nunca estou na defensiva agora... Não tenho nada a defender. Tento levar a verdade, tento servir. Não sei como pareço aos outros, mas sou muito humilde por dentro — reconheço as enormes responsabilidades deste trabalho, e reconheço que qualquer coisa que passe por mim pode perturbar uma pessoa para o resto da sua vida, ou pode ajudá-la a refazer a sua vida... Se estivermos na linha certa da vidência, na linha certa da sensibilidade,

estamos em sintonia com mentes inspiradas que nos podem dar a orientação correta. Compreendo bem porque é que a Igreja tem de ser cautelosa quanto a quem e onde usa um médium, mas o que não consigo entender é a cobardia moral de alguns clérigos que utilizam um médium e depois não têm a coragem moral de admitir a fonte da sua ajuda e informação...

Mas, no geral, o clero que conheço tem sido muito franco...
Se não querem dizer que isto veio através de um canal terreno, não me importo, mas se usarem o que chega e isso pode ajudar a remodelar a sua filosofia, consigo compreender isso... Não me importo...

Mas o que não suporto é que as pessoas vão para a televisão ou para a rádio ou escrevam em jornais, revistas, livros, e digam uma coisa quando estão no ecrã e depois algo completamente diferente quando estão fora dele. Isto não é moral; não é correto...

Rauscher: O que gostaria que fosse lembrado a seu respeito?

Twigg: Tenho sido a mensageira, não a mensagem. Não penso que sejamos importantes. Penso que só somos importantes na medida em que estamos completamente dedicados. Há quatro coisas absolutamente essenciais para a mediunidade: uma é o dom, a segunda é a utilização correta do dom e o uso dele no mais alto nível possível, depois dedicação total e disciplina total.

Rauscher: Acredita que Deus lhe deu este dom?

Twigg: Não sei se ele mo deu ou se mo impôs... O que quero ver acontecer é o surgimento de um novo clima em relação à mediunidade. Veja, até agora todos querem tirar do sensitivo, e nós damos e damos de boa vontade. Podemos servir, e se pudermos ajudar alguém em dificuldade, certamente fá-lo-ei... Mas não vou certamente tolerar tolos e peritos de cinco minutos a emitir juízos.

Rauscher: Gosta de pensar, tenho a certeza, que o seu trabalho ajudará a mudar a consciência das pessoas.

Twigg: Sim, mudar a sua consciência, mas também que as pessoas reconheçam o que lhes foi dado e reformulem o seu pensamento e avaliem o que é essencial na vida. Algumas pessoas têm o centro todo errado. Sabe, o Outro Lado diz: *"Mantém-te centrado. Se oscilas demasiado para a esquerda ou demasiado para a direita, então não estás a receber corretamente."*

Rauscher: Não gostaria que alguém passasse a vida inteira a depender de si ou a depender de um médium, pois não?

Twigg: Não permitiria isso... Não permitiria.

Rauscher: Esta é uma visão saudável da mediunidade: que a pessoa é ajudada e apoiada... e não usa o médium como uma muleta para a vida inteira...

Twigg: Nas fases iniciais, se uma pessoa está em sofrimento, eu dou-lhe uma sessão... Faço tudo... e se obtiverem a prova da sobrevivência, digo: "Vão e usem-na." Se tiverem uma gravação, ouçam-na; revejam-na. Descubram onde estiveram absolutamente certos. Façam uma análise. Depois podem voltar passados seis meses, ou às vezes é preciso vê-los ao fim de três meses, e depois sigam o vosso caminho. Vejo-vos uma vez por ano ou de dois em dois anos... Confiem no que receberam e usem isso para reconstruir a vossa vida. Não podem confiar que o outro mundo assuma todas as vossas responsabilidades. Não é uma almofada de penas — é um lugar de onde se pode ganhar força e consolo... e quando precisam de prova da sobrevivência, se o laço de amor lá estiver, terão a vossa prova. E então o desafio fica nas vossas mãos, e têm de fazer algo com o que receberam.

Rauscher: Espero que você e a Ruth [Brod] incluam que a contribuição da mediunidade deve ser a de acrescentar à fé... e ajudar as pessoas a seguir por si mesmas para se ajudarem.

Twigg: Porque é que acha que Jesus escolheu discípulos? Ele viu as suas possibilidades psíquicas latentes... Viu como poderiam ser treinados, reeducados e integrados numa comunidade.

Pearce-Higgins: Um médium preocupa-se em estabelecer contacto com entidades do Outro Lado...

Twice: Não, não, John. ... Ninguém está a explorar as profundezas ou as alturas da mediunidade... Tentaram pressionar-nos para um pequeno compartimento estanque onde os intelectuais nos querem manter, dar-nos uma palmada na cabeça e pegar em nós quando precisam de nós... Porque estou absolutamente certa de que esta rutura na área da produção de provas de sobrevivência que possamos aceitar — que eu posso aceitar, e sou altamente crítica — vai além do facto de haver um nível de consciência noutra dimensão que ainda está intocado. Esta é a área que deveria ser aberta e, se pudesse, dedicaria todo o meu tempo e energia mais plenamente a essa área das profundezas ou alturas inexploradas.

REV. ROBERT J. LEWIS,

REITOR,

ST. MARY'S EPISCOPAL CHURCH OF

HADDON HEIGHTS, NEW JERSEY

"O Bill [Rev. William V. Rauscher] e eu fomos ver a Ena Twigg porque o Cônego John Pearce-Higgins achou que deveríamos ter uma sessão com ela. O Bill e eu somos ativos na Spiritual Frontiers Fellowship e, na altura em que estivemos em Inglaterra, 1966, ele era o presidente da SFF. Estávamos ambos a caminho da conferência anual da Parapsychology Foundation em França e parámos em Inglaterra para visitar o cônego e outros amigos da Churches' Fellowship, que consideramos uma organização irmã.

"A primeira coisa que a Sra. Twigg me disse foi que a minha avó estava comigo e a conversar com alguém que parecia ser a irmã dela. (Isto estava certo, porque eram muito próximas.)

"A Sra. Twigg disse que 'estão tão perto de si, devia ouvi-las a falar — não as consegue ouvir a falar?'

"Infelizmente, não as consegui nem ver nem ouvir, mas eu era invulgarmente próximo de ambas. Cresci em Taylor, a sul de Scranton, Pensilvânia, na região mineira. A minha avó praticamente criou-me. O meu avô morreu três anos antes de eu nascer, e a minha avó achava sempre que eu era a imagem do marido.

"Por outro lado, ela nunca mostrou mais amor por mim do que mostrou pelo meu irmão, que teve pólio quando tinha três anos. Cuidou dele com grande devoção. Ambos os meus pais trabalhavam em Endicott, Nova Iorque, na IBM. Os meus pais gastaram milhares de dólares com o meu irmão. Todas as cirurgias que ele fez em criança foram terríveis até ir ao Hospital Shriner, em Filadélfia, onde foi corrigido e curado.

"Escusado será dizer que a minha avó teve uma influência tremenda na minha formação e no meu pensamento. Era batista galesa e uma mulher muito religiosa, de oração, muito puritana e vitoriana. Os galeses eram muito psíquicos, e a minha avó também.

“Mais tarde, já adulto e a frequentar o Seminário Episcopal de Filadélfia, a minha avó teve uma hemorragia cerebral e viveu seis anos depois disso. Tinha uma fotografia dela tirada no terceiro ano da doença — por isso está numa cadeira com um casaco de cama. Tinha essa fotografia em cima de uma cómoda no meu quarto no seminário.

“No último ano, temos de fazer os exames canónicos perante o bispo e o seu capelão examinador; é um teste escrito e oral. É o machado pendente sobre a cabeça de todos os seminaristas. Era o fim de abril quando apanhei o autocarro para Bethlehem para fazer o nosso exame de dois dias. Depois de terminados os exames, o bispo informou-nos de que tínhamos passado. No regresso a Filadélfia, no autocarro, tive um momento emocional ao pensar em como a minha avó ficaria feliz e orgulhosa por saber que eu iria ser ordenado. Ela tinha falecido dois anos antes.

“Quando voltei ao seminário, faltava cerca de uma hora para o Evensong — eram cerca das quatro — e bebi um batido na drogaria com um dos meus professores. Depois tive de subir a correr e mudar-me para o Evensong às 17h. Lavei-me e troquei de roupa e, quando estava a apertar a gravata, olhei para a fotografia da minha avó — e estava encharcada! O pano sobre a cómoda estava manchado, havia água entre a fotografia e o vidro da moldura, e a parte de trás da fotografia começava a encarquilhar.

“Chamei um colega do outro lado do corredor e perguntei se alguém no seminário tinha ido ao meu quarto brincar com a fotografia da minha avó. Todos concordaram que ninguém tinha estado no quarto.

“Levei a fotografia ao Padre Pottel, professor de Grego e do Novo Testamento. Era um homem muito supersticioso e, quando viu a fotografia, ficou bastante assustado porque tinha a certeza de que ninguém tinha estado no terceiro andar, onde ficava o meu quarto.

“O Bill desceu ao quarto para ver se eu estava pronto para ir ao Evensong. Mostrei-lhe a fotografia, e ele também não soube o que pensar. Durante o Evensong começámos a cantar o hino galês ‘Jesus, Lover of My Soul’. Foi durante esse hino, que tinha sido um dos favoritos da minha avó, bem como meu, que tive esta sensação psíquico-mística de que ela me estava a dizer que sabia dos meus exames e que tinha reagido da forma mais típica dela: chorou. A minha avó chorava de alegria e de tristeza. Fazia-o quando eu discursava na escola, quando estava na banda, sempre que me via no coro, ou qualquer

coisa — chorava. Isto era típico dela. E então percebi porque é que a fotografia estava molhada: tinha chorado de alegria!

"Foi, portanto, bastante natural que a Avó dominasse a sessão em casa da Sra. Twigg. Avisou que o meu irmão David ia ter grandes dificuldades no casamento e até trouxe o sogro do meu irmão em espírito, o Walter, para nos dizer que estavam a fazer tudo o possível para que o casamento resultasse. Quando o Walter apareceu, aquilo bateu mesmo certo, porque ele já tinha exercido influência nesta situação antes, o que nos parecia estranho; chegou até a 'trabalhar' através do meu irmão em maneirismos, e gradualmente o meu irmão foi assumindo muitas características do Walter, particularmente à mesa. Infelizmente, os esforços combinados falharam e o casamento desfez-se.

"Depois a Sra. Twigg disse: 'O Presidente Kennedy está aqui, e ele nunca entra na sala a não ser que o tenha conhecido e tenha estado consigo. Alguma vez esteve com ele?'

"Eu disse: 'Sim, numa ocasião.' Eu era reitor na St. Paul's, em Harrisburg. O Presidente Kennedy vinha ao jantar anual do Partido Democrata do estado e pediram-me para fazer a invocação. Fiquei entusiasmadíssimo. Quando fiz a invocação, o Presidente Kennedy estava à minha direita e o Governador David Lawrence à minha esquerda. O governador tinha-me apresentado ao Presidente antes de a mesa de honra entrar, e tivemos uma pequena conversa. Fiquei tremendamente impressionado com ele. Antes de mais, eu não tinha percebido que ele era tão alto nem tão largo — era uma figura muito impressionante. A Ena captou a presença dele e assegurou-me que ele nunca aparecia a não ser que tivesse estado consigo em algum momento. Deu-lhe um sinal indicando que já nos tínhamos encontrado.

"Houve outros factos evidenciais na comunicação, mas o meu verdadeiro interesse é explorar e aprender. Interesso-me pelo místico, que acredito ser a verdadeira missão da Igreja. Sinto que os fenómenos psíquicos podem ser um degrau tremendo rumo a um nível de consciência mística. Sinto que isto é verdade na maioria das vidas dos cristãos que li e de que tive conhecimento. Tem sido uma ascensão, uma viagem — não é uma teletransportação; não é assim tão fácil. É preciso um enorme desenvolvimento para alcançar um nível místico, embora eu concorde com a maioria dos teólogos místicos que não é o que fazes, mas aquilo que te acontece. Por outro lado, lendo as vidas dos

místicos, todos eles estiveram preparados e num nível em que a graça os podia alcançar."

SIR VICTOR GODDARD E

DOUGLAS FAWCETT

"Quando fui à Ena, nunca tinha ido antes a um médium", disse Sir Victor. "Ela levou-me à sua pequena capela e disse: 'Dê-me algo para segurar.' Dei-lhe um pequeno relógio de ouro com corrente para segurar, sem imaginar qual seria a consequência disso. Era um relógio que me tinha sido dado pela minha mãe.

"A Ena disse então: 'Está aqui uma pequena senhora ao meu lado, muito tímida. Está de pé perto da sua casa, e está a mostrar-me o jardim murado e muito vidro...' Isto deixou-me intrigado. Não reconheci a cena; não percebi, então, que a minha mãe estava timidamente a transmitir à Ena Twigg, não por palavras mas por imagens, o que estava a ver, e a Ena tentava traduzir as imagens em palavras.

Em retrospetiva, reconheci que a minha mãe tinha dado uma descrição completa da grande janela de vidro da sala de estar da minha casa em Brasted, Kent, dos muros à volta do jardim rebaixado — nada disto a minha mãe alguma vez tinha visto; ela morreu antes de eu me mudar para lá. Nem, claro, a Ena Twigg tinha visto o local, e eu estava ocupado a pensar nas casas antigas que a minha mãe conhecera, por isso as imagens que a Ena recebeu não estavam na minha mente.

"Numa outra ocasião, convenci a minha mãe a usar palavras — a falar. Devagar, ao princípio, fê-lo. Depois, muito mais fluentemente, disse-me várias coisas sobre mim que eram bem verdadeiras; algumas não eram totalmente confortáveis, mas afirmou com firmeza ser a minha mãe, e disse: 'Agora que abriste a porta, não a voltes a fechar!'"

"O meu propósito ao ir à Ena não era, contudo, falar com a minha mãe. Nem me tinha ocorrido fazê-lo. Eu queria contactar o Douglas Fawcett. Por isso, quando descemos depois da minha primeira sessão e a Ena me perguntou como tinha corrido, eu disse: 'Fiquei encantado por encontrar a minha mãe, e foi muito evidencial, mas eu estava a contar falar com outro amigo meu.'

"Ela disse: 'Quer dizer um homem grande que tentou irromper o tempo todo e estava muito impaciente porque a sua mãe estava lá e ele não conseguia meter uma palavra?'

"Eu disse: 'Não sabia; não mo disse.'

"'Ele é alto, cerca de um metro e oitenta e oito', disse a Ena, e depois continuou com uma descrição precisa do Fawcett e acrescentou: 'Ele ainda está aqui!'

"Nessa primeira ocasião, a Ena não entrou em transe; manteve-se totalmente consciente. Mas em ocasiões posteriores, confiando em mim, entrava em transe. Então podia recostar-se na cadeira, com as pernas cruzadas e estendidas, e podia fazer o gesto de ajustar o monóculo que o Fawcett usava sobre o olho cego — um maneirismo típico. Podia usar quaisquer dos seus maneirismos e as suas expressões pessoais. Não era tanto a informação transmitida, mas a forma de a transmitir — na fala, na ação e no gesto — que conferia convicção da presença viva do homem tal como eu o conheci. Ela estava em transe, e ele usava, de forma bem evidente, o corpo dela para comunicar os seus pensamentos e a sua presença para mim."

A Ena Twigg deu a Sir Victor uma sessão em 31 de agosto de 1961, no College of Psychic Studies. Sir Victor explicou: "Antes de iniciar a sessão, dei à Ena o relógio de pulso que pertencera ao Fawcett e que ele me deixara quando morreu. Nesse dia em particular, à noite, eu iria fazer uma palestra no College of Psychic Studies sobre 'The Linkup—Preliminary Thoughts on the Psychical Study of Ultraphysical Phenomena'. Expliquei ao 'Douglas Fawcett' que estava convicto de estar presente na Ena que me sentia na obrigação de seguir diretamente o texto que preparara e que não iria depender de ele me soprar como devia falar, como ele sugerira na nossa conversa de 14 de fevereiro. Disse também que tinha a certeza de que ele estaria lá, que esperava não dizer nada que induzisse em erro. Observei ainda que queria verificar algo que acreditava que ele me tinha dito e que incluíra no meu texto."

Seguem-se algumas das partes relevantes das notas de Sir Victor sobre a sessão — notas que fez no próprio dia:

Fawcett: Meu caro rapaz, isto é maravilhoso. Como soubeste fazê-lo? Nunca foi assim antes. Posso falar diretamente contigo. Consegues ouvir-me? [Falou devagar e com maneirismos inconfundíveis.]

Goddard: Sim, Douglas, ouço-te perfeitamente. Fico muito contente por teres vindo.

Fawcett: Mas foi muito inteligente da tua parte teres encontrado esta forma.

Goddard: Douglas, não foi inteligência minha; foi tua! Esta é a senhora de quem te falei na semana passada quando disse que queria falar contigo através dela.

Fawcett: Mas, caramba, o pai dela [isto é, o seu "controlo"] travou-me, não me deixou passar até eu me ter provado. Não aceitou a minha palavra. Tive de me provar, mas consegui, não consegui? — por causa do relógio. [Riu-se e continuou com alguma conversa que era pertinente mas que agora não é recordada. Estava cheio de alegria.]

Goddard: Tenho de fazer essa palestra no colégio esta noite, Douglas, e quero dizer que sou um mortal muito fraco e não confio suficientemente em conseguir tornar-me disponível às tuas indicações.

Fawcett: Não, meu rapaz, não te preocupes; vai correr bem. Estarei aqui atrás de ti. Não devias ficar preocupado com uma audiência tão pequena. És um orador tão experiente a falar para grandes plateias e "fardões".

Goddard: Mas lembra-te de que o Pedro afundou quando tentou pela primeira vez andar sobre a água.

Fawcett: Sim, eu sei; hás de apanhar o jeito a tempo.

Goddard: Quero especialmente confirmar contigo uma coisa que disseste, ou que penso que disseste, através [de certo médium], algo que quero repetir esta noite, mas não quero atribuí-lo a ti se não o disseste. Posso ler-to?

Fawcett: Sim, força.

Goddard: Bem, é sobre essas coisas de radiónica. Primeiro, vou repetir a minha pergunta, que foi: "Mas D. F., é verdade ou não é verdade que alguns desses equipamentos de radiónica foram concebidos por cientistas e engenheiros — ou por um cientista e um engenheiro — no teu plano de vida?" E depois a tua resposta: "Meu caro rapaz, tudo o que chega ao vosso mundo físico que é novo e nunca antes foi feito tem origem num domínio

superior. Os homens não inventam pelas suas próprias forças; são inspirados. Isso aplica-se a tudo, mas a correção do que é feito depende muito da retidão de quem recebe."

Fawcett: É um prazer tão real ter-te a falar comigo assim. Sim, de facto, eu disse tudo isso, e vou acrescentar mais, mas primeiro define-me "ter origem" — "pensamento original", "ideia original". [Era típico do filósofo nele. Era sempre rigoroso com as definições e com o que querias dizer com as palavras que usavas.] O homem na sua oficina a tentar fazer algo novo. O homem no laboratório a tentar descobrir algo novo. O que fazem e o que descobrem não são invenções deles. São dadas a eles. Mas, quando são dadas, quem dá espera que os resultados sejam postos a uso adequado. Não podem impedir que as pessoas usem as coisas para fins errados; só podem tentar influenciar. Há aqui uma vasta acumulação de todos os grandes trabalhadores do passado que continuam a prosseguir os seus anseios mais profundos pelo bem da humanidade, a trabalhar em campos onde é difícil aprender. É necessário que os trabalhadores no vosso mundo aprendam a reconhecer a inspiração daqueles que aqui se esforçam por projetar ideias e métodos para oferecer o depósito de conhecimento de tudo o que alguma vez pensamos ou fizemos, mas podem ser travados, e frequentemente descobrem que as suas ideias são travadas. Se abrirem estes canais de inspiração e aspiração, o que for trazido deve ser dirigido aos fins mais espirituais. Dizes que estás à procura da verdade. Isso é espírito. Toda a verdade é espiritual. Pelo que consigo ver daqui [estava a fazer uma piada por já não precisar dos óculos], verdade equivale a espírito.

Goddard: Obrigado, Douglas. Vou acrescentar esse trecho à minha palestra. [Eu tomava notas à pressa.]

Fawcett: Não precisas de o escrever; não te vais esquecer.

Goddard: Eu não te consigo ver, mas tu pareces conseguir ver-me. Pergunto-me como é que te pareço.

Fawcett: Bastante empoeirado. Isso sacode-se. Há muitas coisas que fizeste e viste que gostarias de não ter feito. Não faz mal; estás a tentar encontrar o caminho, mas é pena não o teres visto mais claramente quando eras muito mais novo. É a ti próprio que tens de encontrar, sabes.

Goddard: É isso que tenho ouvido e nunca compreendi devidamente. A abnegação é suposto ser o estado mais virtuoso, mas agora dizem-me que

devo ser mais autoconsciente. [Isto é, eu sei, uma expressão com dois significados bastante contrários.] Nunca gostei muito da busca do "eu"; a busca da verdade, da sabedoria e da bondade é mais aceitável como objetivo.

Fawcett: Sim, mas não vês que o "eu" é o único instrumento que tens para fazer o bem? Se não conheces o "eu", não sabes como é realmente o instrumento nem como deve ser usado. És potencialmente capaz de fazer um bem imenso aos teus semelhantes assim que te conheceres devidamente. Se o tivesses sabido há anos, poderias ter feito tanto bem a milhares.

Goddard: Obrigado, D. F. És uma grande ajuda para o meu entendimento. Por favor, não te canses de tentar ajudar-me.

Fawcett: Vais safar-te bem, e eu estarei contigo esta noite, mas sabes que eu sou relativamente um "caloiro" também. [Isto mostrou-me que ele lera ou sabia o que estava na minha palestra, pois nela eu escrevera uma dissertação sobre ser "caloiro" no estudo do "novo" mundo.] Ainda não dominei o modus operandi. Tudo o que adquiri, experienciei, desde que deixei o vosso mundo tentei transmiti-lo através de cinco médiuns, com resultados bons, maus e assim-assim, e [isto foi incidental] alegro-me por ter conhecido a tua mãe. Não a teria conhecido não fosse ela estar tão interessada nos teus escritos sobre matéria, mente e espírito. Quando estavas a escrever um artigo sobre isso, encontrei-a a tomar grande interesse no que estavas a fazer. Estás a precisar de um campo de atividade em que possas ser tu próprio um trabalhador. Deverias estudar o desenvolvimento da mediunidade nas suas várias etapas, mas sei que, por agora, tens de gastar muito do teu tempo a obter material para o teu livro. [Falámos de várias outras coisas, e agradeci ao Fawcett a ajuda de cura dada a alguém que nunca se desenvolveu devidamente.] Sabes, Victor, ela pode parecer muito melhor à mãe, mas é um caso muito difícil. Tem um caminho muito longo a percorrer. Vês, ela não está realmente lá. É apenas um eco. Não podes dizer que é muito mais do que um eco."

Goddard: Da mãe dela?

Fawcett: Sim, da mãe dela. Ela está submersa, envolvida, pela mãe. Houve, eu sei, um passado muito difícil.

Goddard: D. F., o facto de teres, na prática, respondido à oração da mãe faz-me querer colocar-te uma pergunta sobre a oração. Sempre me ensinaram a dirigir as orações diretamente a Deus, a Deus Pai, ou a Jesus, Deus Filho, não

a nenhum ser de um plano inferior; mas, vendo que tu e outros no teu plano sois capazes de responder a orações, seria natural supor que é correto orar a ti, ou dirigir-te orações. Perdoa o meu embaraço; de algum modo não me parece correto que façamos as nossas orações a ti em vez de a Deus.

Fawcett: Ora bem, sim, Victor, certamente podes rezar por mim se assim o desejares.

Goddard: [Interrompi-o.] Não, Douglas, não estava a pedir isso. Gostaria que me dissesses algo sobre rezar. O que quiseres dizer.

Fawcett: Bem, não penso que repetição vã seja oração. Não creio que ajudem petições estafadas. Há palavras a mais e lugares-comuns demais a serem papagueados.

Goddard: Mas, Douglas, embora concorde contigo que há demasiada repetição irrefletida, ou mesmo devota, de orações, apesar disso o simples ato de dizer afirmações e orações induz uma consciência mental de um estado de adoração na própria mente, e eu diria que induz em nós próprios um estado mais favorável, mais propício, à oração.

Fawcett: Tu és daqueles que bem poderiam praticar a oração sem palavras. Não poderás fazer como — creio que disse — os anjos fazem, e erguer os braços sobre a cabeça [e a Sra. Twigg ergueu ambos os braços bem alto, com as mãos quase juntas] em forma de "V", com o vértice a ir "para o céu" [disse-o figurativamente, com um sorriso na voz], mostrando que estás a enviar o teu dom de amor a Deus, e depois abrir os braços estendidos em forma de "V" ao contrário para que Deus possa derramar em ti o seu poder, graça e amor? Compreendes? [A médium já demonstrava a atitude de receção com os braços erguidos.] Experimenta assim para rezar. Não precisas de falar. Deus sabe quando estás verdadeiramente arrependido; não precisas de o dizer, e não deves censurar-te pelo que passou. O passado é passado. Podes dar o teu amor a Deus e depois receber o amor de Deus. Pratica desse modo. Verás que ficarás fortalecido e ajudado. Estou a aborrecer-te?

Goddard: Não, Douglas, não conseguirias.

Fawcett: As tuas orações têm valor conforme o seu altruísmo e, além disso, se forem altruístas conduzem-te ao autoconhecimento e ao objetivo inteiro da tua vida na Terra. Quando te conheceres, poderás ajudar milhares.

Goddard: Obrigado, D. F. Agora não devo deixar-te ir? Não estás cansado?

Fawcett: Não, está tudo bem. Irei quando estiver pronto. Estou a gostar imenso de falar contigo, meu amigo. É bom que sejamos amigos.

Goddard: Mas, Douglas, não estou na tua classe. Ainda assim, considero-te um amigo íntimo. Mais do que nunca. Pareces compreender tão bem, mesmo quando desaprovas.

Fawcett: Não te preocupes com os teus defeitos e falhas. Tens uma virtude que admiro muito. Tens um simples desejo de compreender. Isso é bom, e é importante. Mas tens muito a fazer, e há muito que podes fazer, mas seria melhor trabalhares com um grupo. Onde vives agora?

Goddard: A minha casa é em Brasted, onde vieste ficar.

Fawcett: Sim, sim, claro, perto de onde o Winnie vive. [A casa de Winston Churchill fica a cerca de uma milha em linha reta.]

Goddard: Bem, D. F., pergunto-me onde estará o grupo com que devo trabalhar.

Fawcett: Westbourne Grove diz-te alguma coisa?

Goddard: Apenas a Whiteley's, e faliu. [Mas, na realidade, um ano depois, a fraternidade com que eu estava associado adquiriu instalações para uma sala central junto a Westbourne Grove, e trabalhei lá com um grupo.]

Fawcett: Conheces alguém chamado Philip, aqui?

Goddard: Philip?

Fawcett: Sim, Philip; ele intrometeu-se na nossa conversa. Quer cumprimentar-te. Teve trabalho a fazer contigo. Tem estima por ti. Philip Sassoon. [Sir Philip Sassoon foi subsecretário de Estado do Ar quando eu estava a iniciar o Cambridge University Air Squadron, no qual tinha interesse. Mais tarde foi secretário de Estado do Ar. Conhecia-me, mas não de perto. Encontrei-o muitas vezes e fui à sua casa de campo perto de Barnet.] O que fizeram juntos?

Goddard: Diz tu!

Fawcett: Algo ao ar livre. Grandes espaços abertos.

Goddard: Cambridge University Air Squadron, Douglas.

Fawcett: Ora aí está! Estava mesmo a dizer-to. Conheceste-o?

Goddard: Sim, D. F., conheci-o. Ajudou-me. Por favor, manda-lhe cumprimentos meus. É teu amigo, ou está a meter-se de intruso?

Fawcett: Oh, não, é muito bem-vindo. Conhecemo-nos e somos amigos. [Pareceu começar a cansar-se um pouco, ou o "controlo" deve ter indicado que era altura de terminar.] Bem, meu caro Victor, tenho de te deixar agora. Foi esplêndido estar contigo assim. Continua a amar — é a melhor munição. Deus te abençoe, velho amigo. Vem de novo em breve.

Goddard: Adeus, Douglas.

Fawcett: Diz: "Deus te abençoe."

Goddard: Deus te abençoe, Douglas. E quando digo "adeus", quero dizer "Deus te abençoe."

Fawcett: Sim, mas gosto mais de "Deus te abençoe". Deus te abençoe!

Govparp: Deus te abençoe e adeus!

Fawcett: Adeus! [A Ena Twigg começou então a respirar profundamente e a sair do transe.]

O espaço não permite a reprodução integral das conversas de Douglas Fawcett com Sir Victor, que somam centenas de páginas. Aqui, porém, estão duas citações interessantes de sessões realizadas em casa de Ena Twigg. Fawcett afirmou: "Na Terra, deixamo-nos enredar nos nossos próprios conceitos, no nosso dogma e nas nossas próprias palavras... Atribuímos mais importância do que devíamos aos nomes individuais... Os nomes dos grandes iniciados e exemplares quase deixaram de ser os nomes dos homens que viveram. Tornaram-se símbolos. O foco da grande difusão de ideias precisa todo ele de ser respeitado."

Noutra ocasião, disse: "E diz isto à tua conferência em Oxford: Diz-lhes que eu estava enganado no que escrevi nos meus livros sobre a maravilhosa beleza da vida neste mundo para além da vida terrena. Diz-lhes que estava enganado quando tentei descrever o estado muito maior e mais maravilhoso de beleza que encontrei aqui após a morte — enganado porque é muito mais belo do que qualquer coisa que as palavras vos possam transmitir. Neste tempo de medo crescente na Terra, há uma grande e maravilhosa reunião de almas elevadas no céu. Almas de tal excelência, muito acima do mais alto a que eu alguma vez poderia aspirar. Mas elas estão aqui, neste mundo onde vivo. Estou na sua presença. Podemos vê-las e saber que são do nosso

mundo. Estão a reunir-se para gerar luz. Percebes, V. G.? Luz para projetar para os lugares escuros na Terra onde um grande medo está agora a ser gerado. Porque é na Terra, no vosso mundo, que o mal do grande medo está a ser deliberadamente gerado. Mas a imensa reunião e a conjugação da luz aqui para brilhar na vossa escuridão..." A voz de Douglas Fawcett começou a esmorecer um pouco, mas depois continuou: "Não deixes que ninguém te diga, V. G., que o céu é apenas um lugar de repouso. É um lugar de trabalho. Trabalho maravilhoso."

HORACE SILVER

Horace Silver, um conhecido músico de jazz e compositor, interessou-se pelo Espiritualismo há vários anos. Um amigo sugeriu-lhe que fosse ao reverendo Beulah Brown, já que estava em Nova Iorque na altura.

Como Silver, pianista, saxofonista e compositor, contou: "Então fui ao reverendo Brown — na verdade, tenho ido a ela desde então porque me tem sido muito útil — e perguntei-lhe, na sua opinião, quem eram os grandes médiuns do mundo. Ela só nomeou um, e foi a Sra. Twigg. Disse que não só era boa, mas também honesta."

Em novembro de 1968, Silver levou o seu grupo, o Horace Silver Quintet, numa digressão de concertos pela Europa e terminou em Londres para uma atuação de três semanas num clube. Telefonou à Sra. Twigg e, depois de a convencer de que não era um mero caçador de emoções mas alguém sinceramente interessado, ela aceitou recebê-lo.

"Descobri que era uma pessoa linda e calorosa. A Sra. Twigg e o marido fizeram-me sentir em casa de imediato", recordou Silver. Disse que tomou notas mentalmente durante a sessão e as escreveu no papel quando regressou ao hotel.

"Foi como uma reunião em família... Estavam lá a minha mãe, o meu irmão John, o avô e a avó do lado da minha mãe, o meu professor de música, Professor Schofield, e a filha da minha madrinha, que tinha falecido quando tinha cerca de dezoito anos... todas estas pessoas se identificaram para mim", disse Silver.

"A minha mãe, antes de mais, descreveu o meu apartamento em detalhe e disse que me visita de vez em quando, quando estou a praticar e a compor. O

meu irmão disse que estava feliz por eu estar a cuidar bem do meu pai, que se estava a reformar, e que eu olhava por ele." (O irmão de Silver, John, explicou ele em dado momento, "tinha falecido em bebé. Teria sido mais velho do que eu, e nunca cheguei a conhecê-lo realmente.")

A Sra. Twigg disse que viu uma aliança a passar entre eles, e que isso significava que ele se iria casar. "Na altura não esperava isso", disse Silver, "mas casei em setembro de 1970."

Durante a sessão, o Professor Schofield disse a Silver que o estava a ajudar com as suas composições. A mãe disse-lhe que iria escrever uma peça importante de música e que seria publicada. Silver, que já tinha publicado vários êxitos, disse que não sabia se a mãe se referia à peça em que estava a trabalhar, uma obra musical extensa em três partes intitulada The United States of Mind, Phase One, Two, and Three. Explicou que a Fase Um tratava da autoconsciência, a Fase Dois do autocontrolo da mente e do corpo, e a Fase Três da autorrealização — a realização do eu como espírito, não como matéria. A música era uma combinação de gospel, blues, rock e jazz do tipo swing. À medida que completasse cada fase, seria gravada e lançada pela Blue Note Records. Silver disse que planeava apresentar a obra completa em concerto em igrejas, faculdades e auditórios por todos os Estados Unidos.

"No que respeita ao que ela [a Sra. Twigg] previu — o casamento e esta música — concretizou-se. Está tudo a correr bem. Não tenho o meu grupo neste momento porque o dissolvi de propósito para terminar a escrita desta música", disse Silver. "Esta música, para mim, é algo muito importante — não só em termos de a fazer, mas é algo importante para eu estudar a mim mesmo. Ao tentar conhecer-me, controlar-me e chegar a um ponto de autodomínio, que é um trabalho árduo, esta música surgiu através de mim, e estou a tentar partilhar a minha pequena experiência com quem mais estiver interessado.

"Até começar isto, nunca pensei realmente em escrever letras. Foi quase um choque ver todas estas letras surgirem através de mim. Sinto que estou realmente a ser ajudado pelo Outro Lado.

"Depois de a leitura terminar, estávamos todos sentados à volta, a tomar chá e bolachas e a conversar. No decorrer da conversa, a Sra. Twigg mencionou a expressão happy medium. Algo clicou na minha cabeça, e pensei: Isso é um título fixe para uma melodia. Então, usei-o na minha peça. É uma das músicas da Fase Um."

Aqui estão as letras de "The Happy Medium":

This way or that
Which way should I go
To find a happy medium
Would help me I know.
I need someone
To show me the road
To find a happy medium
To lighten my load.
You came along
To show me the way
To find a happy medium
To brighten my day.
Thank you, my friend
For being so kind
I found a happy medium
Right here in my mind.

DR. PATRICK REILLY

O Dr. Patrick Reilly é de uma família de sete nova-iorquinos extraordinários que se tornaram todos fisioterapeutas. O Reilly Health Center, no Rockefeller Center, foi durante anos uma meca para líderes do mundo dos negócios, governo, espetáculo e artes em busca de saúde e boa forma. O Dr. Harold Reilly, o irmão mais velho, que dirigia o instituto, associou-se estreitamente ao falecido Edgar Cayce, que lhe enviava pacientes para tratamentos de "terapia sem fármacos" mesmo antes de conhecer os irmãos Reilly. Central no conceito de saúde Reilly-Cayce está a interdependência entre espírito, mente e corpo. É natural que os Reilly, que são ativos na organização de Cayce, a Association for Research and Enlightenment, se interessassem por todo o campo da parapsicologia.

O Dr. Patrick Reilly visitou Ena Twigg em setembro de 1970.

"A Sra. Twigg começou a falar com alguém que eu não conseguia ver na sala. Disse-me que estava a falar com a minha mãe. A minha mãe dizia-lhe que eu tinha tido de trabalhar muito durante toda a minha vida. Éramos muito

pobres, e eu trabalhava desde criança. Estava muito orgulhosa do sucesso que eu tinha alcançado.

"Depois a Sra. Twigg disse-me: 'Sabe, tem mãos de cura.'

"Respondi: 'É sempre bom ouvir isso.' Depois perguntou-me o que eu fazia para viver, e eu disse-lhe que era fisioterapeuta e que usava as mãos para curar no meu trabalho o tempo todo. Então voltou à minha mãe e a como estava orgulhosa não só de mim, mas de toda a família e do sucesso que alcançámos. Estava também grata por eu ter sido tão bom para ela no fim da vida.

"Depois a Sra. Twigg disse: 'Um momento, agora; há outra pessoa a tentar chegar até si.' Disse que esta senhora tinha falecido há algum tempo. 'Morreu de uma forma muito horrível. Morreu de algo por aqui', e apontou para a parte inferior do abdómen. 'Esta senhora era bastante boa artista. Conhece alguém assim?'

"Eu disse: 'Sim, conheço.' Estava a pensar na minha cunhada, a esposa do Dr. Harold Reilly, que falecera em 1958 e que era bastante boa artista; pertencera à Allied Artists.

"A Sra. Twigg disse: 'Ela está a tentar comunicar consigo. Diz que morreu em coma. Demorou cerca de um ano a morrer.' Isso era verdade. Foi exatamente assim que essa minha cunhada morreu. 'Disse que quer que você e o marido saibam que está bem e que se sente muito bem.' Isso encerrou essa parte da conversa.

"A Sra. Twigg disse-me que a mãe da minha esposa, que tinha morrido em 1934, estava com a minha mãe e que eram bastante amigas. Disse-me ainda que nunca me faltaria nada na vida, mas que teria sempre de trabalhar arduamente com as minhas mãos para obter o que queria."

SR. E SRA. ANDRIJA PUHARICH

Andrija Puharich, formado em medicina, é um conhecido parapsicólogo e investigador. Ele e a esposa, Ann, tiveram uma sessão com a Sra. Twigg em fevereiro de 1970.

Ann Puharich era assistente de César Chávez nos seus esforços para sindicalizar os trabalhadores agrícolas migrantes. Quando Puharich a conheceu, há alguns anos, trabalhava para Stewart Mott, o filantropo,

ajudando a administrar a sua fundação. A irmã de Mott, Mary Ann Meynet, é diretora da Bishop Pike Foundation, e foi através dessa ligação que Ann Puharich conheceu o bispo, que se manifestou para ela na sua sessão com a Sra. Twigg.

Puharich tem um diploma de medicina, embora não exerça prática clínica. Fez muito para dar a conhecer José Arigó, o cirurgião psíquico brasileiro, ao mundo, estudando-o durante sete anos até o curandeiro morrer num acidente de automóvel em 1970, um destino que o controverso sul-americano previra para si próprio.

Durante dez anos, Puharich foi diretor executivo da Round Table, no Maine, uma organização de investigação dedicada à parapsicologia. Escreveu alguns dos primeiros livros sobre mescalina e cogumelos psicadélicos, incluindo Beyond Telepathy e The Sacred Mushroom.

Ele passou a última década a desenvolver uma série de invenções que permitem a pessoas que sofrem de surdez nervosa ouvir ou aprender a ouvir e falar, utilizando outros percursos nervosos até ao cérebro, contornando o ouvido. A maioria destas invenções encontra-se agora em produção.

Seguem-se alguns excertos selecionados e a avaliação do Dr. Puharich sobre a "sessão":

Mrs. TWIGG
Este é um homem que tinha uma mente muito criativa.

PUHARICH
Sim.

Ele está no espírito há algum tempo, e você não estava presente quando ele partiu.

Isso é verdade. É o meu pai.

Ele diz que você se assemelha a ele em certos aspetos. Eu venho à Europa para o ir buscar... Não havia compreensão total.

Verdade, ele veio da Jugoslávia. Verdade quanto à compreensão.

Ele compreende-o muito melhor agora do que antes, e espera que o perdoe e esqueça.

Não há maneira de confirmar.

Sinto que sofreu bastante antes de partir.

Na realidade, tinha cancro da próstata durante muitos anos, mantido sob controlo com medicação.

Ele era muito ligado à mãe, que está aqui agora. Houve uma criança natimorta da sua mãe — outro filho.

Sim.

Quero desejar-lhe felicidades num projeto que já está num estado embrionário, um plano de investigação entre o seu próprio povo sobre este tema. Há um grupo convosco. Quero assegurar-lhe que só pode vir coisa boa disso, se avançarem da forma correta... Devo dizer-lhe que deve entrar no nível mais profundo das coisas para que possa experimentar numa base científica.

Sim, isso é verdade.

Sinto que é uma experiência consigo e com a sua esposa. Consegue compreender isso?

Não.

Vocês os dois devem manter-se unidos e, seja o que for que estejam a investigar, não avancem para o campo psiquiátrico. Trabalhem antes com a pessoa como um todo, não com personalidades perturbadas.

Na verdade, a Ann tem tido algum interesse em trabalho psiquiátrico. Eu não, propriamente.

Quero dar-lhe uma nova área. Quero que trabalhe de mente para mente, telepaticamente. Consegue fazer isto?

Sim.

Há cinco pessoas envolvidas nisto... o núcleo da nova área de pensamento... e quero manter de fora sentimentos religiosos extremos. Quero basear isto cientificamente. Compreende?

Sim, compreendo. Em novembro de 1970, presidi a uma conferência em Wainwright House, "Exploring the Energy Fields of Man", patrocinada pela Life Energies Research, Inc.

Deve viver num apartamento no andar de cima, com uma divisão muito grande. Fica perto de uma esquina de quarteirão.

Sim.

Tem uma divisão muito grande. Parece uma situação ideal para dar início a estes novos projetos... Aí encontramo-nos, podemos conversar, podemos planear e depois experimentar. Isto parece muito significativo.

Isso é muito claro.

E agora vamos fazer algo com isto [referindo-se a esta gravação]. Vamos fazer uma análise das nossas percentagens: erros ou acertos.

Na realidade, a Ruth Brod e eu estávamos sentados numa divisão de um apartamento, muito como a Ena descreveu, a analisar a gravação desta mesma sessão e a contabilizar os acertos e as falhas.

Quero agradecer-lhe por cuidar da Mãe, porque há algo errado com a Mãe.

Ela já partiu.

Havia algo errado na área do coração da sua mãe.

Na região perto do coração, não no coração em si.

A Mãe tem uma personalidade completamente diferente do seu pai. É muito mais simpática. Estou tremendamente orgulhosa de si, porque tudo o que alcançou fê-lo por si próprio... Ela felicita-o, e há um segundo diploma que obteve de que ela se orgulha muito.

Na verdade, eles estavam orgulhosos do meu diploma de medicina, mas desgostosos por eu não o estar a usar de forma convencional... grande consultório, muitos pacientes... por eu estar mais interessado em investigação.

A avó não era austera, mas sim digna e reservada. Não sabia se este casamento iria ser bem-sucedido. Observou-o porque vocês são temperamentalmente tão diferentes. Mas é bom, porque estão a disciplinar-se mutuamente. São bons um para o outro.

[Riso] Concordo.

Têm-no usado no seu próprio trabalho, e teve uma certa medida de sucesso no campo da cura.

Tenho estado interessado em cura há anos.

Penso que ele quer dizer que você vai curar. Agora que olho para o seu plexo solar, está absolutamente a vibrar com luz azul. E compreende: quando está com pessoas muito doentes, sente que vai até elas.

Já tive algumas destas experiências de cura.

Você e a sua esposa têm pela frente cinco anos muito delicados. É como se algo estivesse a ser moldado e formado, mas está tão irregular neste momento que não consigo vê-lo em forma específica. É por isso que digo que estas experiências vão ser terrivelmente importantes. Está ligado a um hospital ou a uma instituição de algum tipo onde há um tremendo preconceito contra isto.

Nos últimos sete anos tenho estudado o trabalho do grande cirurgião e curandeiro psíquico brasileiro Arigó. Antes de Arigó morrer, estavam em curso planos para a construção de um hospital para ele, e existe um enorme preconceito contra a cirurgia e a cura psíquicas.

Deve ser cirurgião.

Não sou cirurgião.

Trabalha com cirurgiões, mas não é cirurgião. Consigo ver bisturis... Quero dizer que mais pode ser feito sem essas facas do que pode ser feito com elas. Só lhe posso dar isto assim, e pode analisar enfermarias. Alguma coisa... é depois... Não sei se consigo analisar a palavra... algo como "fenestração". É uma palavra?

Sim, é uma palavra. Refere-se a uma operação ao ouvido desenvolvida pelo Dr. Samuel Rosen. Não foi bem-sucedida, mas conduziu a um procedimento posterior bem-sucedido. Nos últimos dez anos tenho trabalhado em mecanismos agora a serem fabricados para permitir que os que sofrem de surdez nervosa possam ouvir.

Isto era uma coisa diferente. Sabe do que estou a falar?

Sim, sei.

Ainda bem que sabe, porque eu não. Quero que tente eliminar essa palavra.

Ou talvez eliminar a operação.

Aceite isto como eu lhe dou, porque não quero interpretar. Sinto que quero testá-lo para ver quão recetivo é aos poderes invisíveis no que diz respeito à cura. Quero que seja muito objetivo quando olhar para a cura, mas quero que

a use você mesmo. Já está a fazer isto. Não estou a falar de coisas psicossomáticas; estou a falar de incapacidades reais ou doenças ou enfermidades. Teste isto você mesmo, e se não puder usar as mãos... Continue a falar...

Ele é um homem terrivelmente irritadiço, não é? Você desvia-me quando se irrita comigo. Quero que use este poder. Se não puder utilizá-lo na forma de colocar as mãos sobre os doentes ou sobre qualquer pessoa em grande aflição, tentará esta cura mental? Porque quero envolvê-lo nisto, apanhá-lo no caminho da verdadeira cura, não em coisas de desejo ilusório. O seu pai não é da área médica, e há outra inteligência a falar através dele. Há uma extensão do seu pai.

Sim. Isto é uma característica do meu pai. (Neste ponto, a Sra. Twigg tinha sido interrompida pelo meu pai, que estava irritado e queria atenção.)

Bem, peço-lhe que mantenha registos cuidadosos, como tem feito nos últimos sete anos, porque isso será de grande utilidade no futuro.

Há sete anos que mantenho registos cuidadosos dos casos de Arigó.

Você vai a algum lugar no verão onde é muito, muito quente... Tem algo a ver com cura.

Normalmente ia ao Brasil durante o verão.

Tenho uma dúvida sobre esse lugar quente onde há cura. Não é como parece; compreende isso? Estou a olhar para uma imagem, e a imagem não está completa; há apenas pedaços dela.

Isso eu compreendo. Nem Arigó nem outros investigadores alguma vez puderam compreender completamente o que estava em ação ou porque não havia infeção, nem cicatrizes — como funcionava o poder.

Mas está a crescer algo lá. Parece ter a ver com um edifício de algum tipo... Está a ser construído um edifício para cura.

Isso é verdade.

Entre nisso, mas antes de se identificar com isso, quero que olhe de forma muito fria. Quero que não seja influenciado pelas emoções.

Compreendo isso.

Parece que há financiamento a surgir, mas é o material que quero. Não é o edifício que quero, mas o material.

Não estava interessado na construção do hospital. O meu interesse era nos casos e no seguimento da investigação. Mas não o fizemos. Foi então demasiado tarde porque Arigó morreu num acidente de automóvel antes de podermos lá chegar.

PUHARICH: *O meu pai ainda lhe está a falar?*

TWIGG: Sim, mas há uma inteligência superior a falar através do seu pai, muito mais sábia do que o seu pai. Mas é o seu pai quem transmite a informação, e eu estou a ouvir.

PUHARICH: *Há alguma maneira de descobrir quem é a inteligência superior?*

TWIGG: Alguma vez aprendeu espanhol?

PUHARICH: *Um pouco, mal.*

TWIGG: Consigo ver uma mesa de operações. Alguém com a cabeça rapada de um lado. Consigo ver alguém a serrar ou a fazer algo com uma coisinha horrível de um lado da cabeça, e parece ser num ambiente onde você está a observar ou a fazer algo. O cirurgião parece ser um homem moreno, com traços e coloração de uma pessoa espanhola ou italiana. Consegue ligar isso a esse homem?

PUHARICH: *Observei precisamente uma operação assim e, de facto, tenho uma fotografia disso. E a descrição de Arigó está absolutamente correta.*

TWIGG: Quero dizer-lhe que essa é uma das inteligências que o está a ajudar.

PUHARICH: *Ele está vivo ou no Outro Lado?*

TWIGG: Ele está na terra. Certo, não é? Porque a luz está lá.

PUHARICH: *Sim, é verdade.*

TWIGG: [Mais tarde na sessão] Deve ter conhecido os filhos de Jim Pike. [Puharich abanou a cabeça em sinal de não.] Então irá conhecê-los. Devo estar sem tempo aqui. Porque vi a família dele a ir na sua direção, mas você apertou-lhe a mão.

ANN PUHARICH: *Sim, eu conhecia-o.*

TWIGG: Dê-lhe uma pequena saudação, quer? Ele está aqui.

ANN PUHARICH: *Ele não gostava que eu o chamasse Bispo Pike. Preferia Jim.*

TWIGG: Sim, é sempre Jim. Levei logo um puxão de orelhas da primeira vez que o encontrei. Ele diz para lhe desejar boa sorte no seu trabalho; compreende isso? É gratificante e compensador; compreende isso? Posso dar-lhe a sua bênção e o seu encorajamento? Compreende isso?

ANN PUHARICH: Muito bem.

PUHARICH: *Sim, compreendo.*

TWIGG: Vá lá, Jim, conhece muito bem esta sala. Era a sua segunda casa; costumava entrar e sair. Ele diz: "Gosto dele porque não tem fanatismo religioso nem preconceito," e diz: "Ajudar-te-ei se me deixares." Vamos separar o trigo do joio juntos. Você tem nele um aliado.

Quando a sessão terminou, a Sra. Twigg disse que alguém chamara, "Mary Ann." Os Puharich compreenderam de quem se tratava... Mary Ann é a amiga que trabalha para a Bishop Pike Foundation e faz parte da ligação com o bispo.

PHILIP COMUNICA

É apenas em ocasiões muito raras que Philip, o guia espiritual de Ena, comunica com os seus consulentes. Ele usa o corpo e a voz da médium para transmitir ensinamentos avançados e iluminação àqueles convidados para esta ocasião e propósito especiais. As suas comunicações ao presidente e aos dirigentes da Spiritual Frontiers Fellowship são de interesse acrescido pela sua raridade.

CONSELHO À SPIRITUAL FRONTIERS FELLOWSHIP

Um pequeno grupo de dirigentes da Spiritual Frontiers Fellowship reuniu-se com a Sra. Twigg em agosto de 1970 com o objetivo de receber orientação para a organização. Philip, o guia espiritual de Ena Twigg, tornou a ocasião rara ao vir aconselhar o grupo, que incluía o reverendo Ross Sweeny, pastor da Riverside Methodist Church, em Riverside, Illinois, então presidente da SFF; a sua esposa, Agnes Sweeny; William Holes, vice-presidente da SFF; e Paul Wilkinson.

Disse Philip: "Desejamos que formem pequenos grupos dedicados que se sentem em meditação silenciosa e se abram ao seu Deus, não para benefício

próprio, mas para compreenderem mais plenamente para que Deus os vai usar. Queremos muito ver um lugar situado no vosso país onde as pessoas possam reunir-se, ser instruídas e guiadas. Seriam assistidas por aqueles que são suficientemente sensíveis ao nosso mundo, na capacidade em que esses sensitivos possam servir. Seria muito mais do que uma escola ou uma igreja. Seria como uma universidade."

A bênção já está lá, e o edifício já existe no etérico, disse Philip através da Sra. Twigg. "Há água a correr perto desse terreno e é terreno elevado e há montanhas em algum lugar, certo?" O grupo concordou.

"Meus filhos e minha querida filha, quando tiverem este lugar solidamente na vossa terra, convidar-nos-ão a entrar no interior do edifício para que possamos fortalecer, apoiar, guiar, instruir e dar o que sabemos de sabedoria... e tudo o que temos de amor? Estas coisas são importantes. Mantenham a fé. Mantenham-se em sintonia com a harmonia universal... As pessoas têm sido apanhadas num ritmo de destruição e materialismo, e por isso o nosso mundo deixou-vos cair como estrelas no vosso ambiente para brilharem."

A certa altura, a Sra. Twigg disse: "Vocês sentem o poder à vossa volta. Sentem o sentido de pertença ao vosso Deus, e Philip diz: 'Meus filhos, se soubessem a alegria que nos dão ao dar-nos a oportunidade de vos falar em linguagem simples. Isto é tão precioso para nós. O vosso mundo é tão surdo. Não sente a suave persuasão do nosso mundo. Há um caminho melhor, não há? E Jesus disse que não vos deixaria órfãos, não foi?'"

"Esta é uma alegria no nosso mundo: se encontrarmos aqueles que ouvem, levem a pequena mensagem ao vosso coração e à vossa alma. Sabem o que é a vossa alma? Encontraram as vossas almas. Sabem que é vocês. São vocês. E a alma e o espírito, fundidos, avançarão e subirão para novas dimensões de compreensão."

Numa parte da sessão Philip falou de Agnes Sweeny. "Há alguém que desejaria muito ensinar e dar instrução, e ele estaria por trás da senhora," disse. "Esteja atenta, e as palavras ser-lhe-ão dadas depois da sua oração; e a porta está aberta, e através dela vêm a nova perceção, a nova força, a nova coragem."

De repente, a meio da sessão, surgiu uma voz através da Sra. Twigg, falando com um forte sotaque estrangeiro. Disse: "Eu era um rapazinho que foi

morto na Guerra de Espanha, e esta senhora não me deixou falar antes. Vocês são as primeiras pessoas a quem falo."

AGNES SWEENY: Estamos muito felizes por o receber.

TWIGG/PEDRO: Sou Pedro e muito feliz, muito feliz, muita boa felicidade.

AGNES SWEENY: Você é alegre.

TWIGG/PEDRO: Sim, e vim para vos dizer algo. Vim para me dar a conhecer a esta senhora Tia Agnes. Vim porque quero que me conheça. E não ficarei com esta senhora. Irei consigo.

AGNES SWEENY: Vem comigo, Pedro.

TWIGG/PEDRO: Philip disse-me — ele é um velho sábio — e disse-me: "Vem, pequenino, faz com que eles falem. Fala com eles... porque tu és para o filho da senhora Agnes, e vais ao altar numa igreja, sabes, e pões flores para as crianças. Eu vou ajudar-te, por favor." Quando fui morto, já não tinha corpo, e eu era católico, percebe? ... E não sabia o que fazer sem corpo porque o corpo tinha desaparecido; estava destruído... a grande explosão... e o corpo tinha desaparecido, e por isso tive um grande trabalho em esperar para me recompor. E Philip disse: 'Agora é o momento; aqui estão eles.'... E quero que rezem por mim.

Pedro disse que tinha um burro consigo. "Porque não haveria de haver um burro no nosso mundo? Porque Jesus montou um burro, e se é bom o suficiente para Jesus..."

Pedro disse novamente para ir à igreja e colocar flores lá, e "as crianças do meu mundo virão rezar. É isto que tentamos fazer: tornar dois mundos num só."

Quando Pedro partiu, Philip voltou a entrar e disse: "Isso foi uma surpresa, não foi? Mas era necessário que se aproximassem dele, tê-lo como um dos vossos ajudantes e apoiantes, uma criança que conheceu pouco amor e pouca vida e muita pobreza e muito medo. Ele encontrou agora segurança, e agora está pronto."

O INEXPLICADO

Os cépticos e os não crentes atribuem frequentemente à médium a capacidade de produzir informação que lhe é desconhecida à telepatia ou à

clarividência. Resta, contudo, um vasto corpo de material, desconhecido também do consulente, que desafia esta explicação.

AS RELAÇÕES GREGAS

Há cinco anos, a Sra. Twigg disse a uma consulente que ela teria notícias de um ramo da sua família então na Grécia. A consulente, que vivia em Camberley, insistiu que não havia nenhum ramo da sua família perdido na Grécia nem em lado nenhum. Isto foi registado como uma falha. A 18 de setembro de 1970, a mulher telefonou a Ena a dizer-lhe que o ramo grego desconhecido da família tinha aparecido e que os seus parentes estavam agora de visita.

DESENTERRAR UM ESQUELETO DE FAMÍLIA

A Sra. Serafina Clark, fundadora e gerente do animado restaurante londrino *Nick's Diner*, estava muito deprimida depois de o seu noivo ter morrido pouco antes do casamento planeado. Uma amiga próxima enviou-a à Sra. Twigg em busca de conforto. Em vez do noivo, foi a avó de Serafina que se manifestou com uma mensagem para a mãe desta, que na altura lhe foi incompreensível. "*Diz à tua mãe que não me enganou nem por um instante,*" disse a avó. "*Não há nada de errado com a lápide, mas eu não estou lá — ninguém está.*"

Serafina quase se esqueceu disso, já que o noivo começou a comunicar assim que a avó se afastou. "*Mas fiquei curiosa e perguntei à minha mãe se ela percebia o que a Avó estava a dizer,*" contou Serafina.

"*A minha mãe confessou que a Avó tinha razão e que não estava no túmulo debaixo da lápide com o nome dela e as datas de nascimento e morte. O que aconteceu foi que a Avó morreu durante a guerra e a Mãe mandou cremá-la. Quando a guerra acabou, o irmão da minha mãe, que tinha vivido em África, decidiu vir visitar-nos e disse que queria ver 'a campa da Mamã'. Bem, a minha mãe entrou em pânico porque nunca lhe tinha contado que a mãe tinha sido cremada, por isso correu à aldeia onde o pai estava sepultado, contratou um canteiro e mandou gravar o nome da mãe e todo o resto na lápide. Foi realmente muito engraçado termos descoberto isto através da Sra. Twigg. Eu nunca soubera de nada até então.*"

O RECIBO PERDIDO

A Sra. Allen S. Topping estava em digressão pela Terra Santa em abril de 1962. Entretanto, o marido, presidente da *American Wholesale Hardware Co.*, tinha

voado para Inglaterra. Ele devia levantar um carro em Milão a 19 de abril (embora a esposa nada soubesse disso) e planeava encontrar Gladys Topping em Roma a 23 de abril.
A 16 de abril, a Sra. Topping recebeu um telefonema a informar que o marido tivera um ataque cardíaco em Londres, e prontamente apanhou um avião para o seu leito no Hotel Savoy. Ele morreu a 18 de abril, às 20 horas.

Gladys Topping telefonou a Ena Twigg, que visitara meses antes na sua casa. Enquanto tentavam negociar uma data para uma consulta, mensagens espirituais começaram a chegar pelo telefone vindas de cinco parentes da Sra. Topping no além, incluindo o seu marido recém-falecido. Allen Topping insistiu com a esposa para que olhasse no fundo da sua carteira por um documento relativo a um assunto que requeria atenção imediata. Quando o fez, encontrou um recibo de um depósito de mil dólares sobre um carro que o marido devia receber no dia seguinte em Milão. A Sra. Topping notificou a agência da morte do marido, e o depósito foi devolvido.

O CACHECOL

Stella Richards, da *Floreat Productions*, em Londres, que trabalha para o célebre comediante Harry Secombe, conquistou os aplausos do mundo teatral londrino ao produzir o seu primeiro êxito em Drury Lane quando tinha apenas vinte e três anos. O seu sucesso ficou ensombrado quando o jovem irmão, de quem era muito próxima, morreu num acidente de automóvel na Austrália. Ele tinha apenas dezoito anos. Stella ficou devastada. Não era mais religiosa do que a média dos jovens londrinos, mas, no seu desespero, visitou Ena Twigg.

"O meu irmão comunicou, e isso trouxe-me conforto," disse Stella. *"Disse-me que era melhor assim, pois teria ficado horrivelmente aleijado e não queria viver dessa forma. Contudo, não tenho a certeza de que tudo isto — toda a comunicação — me tivesse impressionado tanto se não fosse por um facto: para me convencer da sua identidade, o meu irmão lembrou-me de um cachecol que lhe tinha dado como presente de aniversário. Ele gostava muito desse cachecol e disse-me que o tinha escondido no fundo de uma certa gaveta de uma cómoda. Disse-me para ir a casa e procurar na gaveta, e lá encontraria o cachecol. E lá estava — exatamente como ele dissera — e como eu não sabia disso, e ninguém mais no mundo sabia, fiquei convencida de que tinha realmente estado a falar com o meu irmão."*